

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

RAQUEL SILVA BARROS

MIDIATIVISMO IMAGÉTICO NAS FANPAGES DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS

RAQUEL SILVA BARROS

MIDIATIVISMO IMAGÉTICO NAS FANPAGES DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Adriana Hoffmann Fernandes

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

Barros, Raquel Silva B277 Midiativismo imagético nas fanpages de ocupações estudantis secundaristas / Raquel Silva Barros. --Rio de Janeiro, 2020. 220

> Orientador: Adriana Hoffmann Fernandes. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

- 1. Midiativismo imagético. 2. Pesquisa online. 3. Narrativa. 4. Ocupação Secundarista. 5. Fanpage. I. Fernandes, Adriana Hoffmann , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH Programa de Pós-Graduação em Educação

TESE DE DOUTORADO

Raquel Silva Barros

Midiativismo imagético nas fanpages de ocupações estudantis secundaristas

Em conformidade com a resolução 5257 de 25/03/2020 e a ordem de serviço PROPGPI n 3 de 2/07/2020 essa folha de aprovação vai somente por mim assinada, atestando que a defesa ocorreu com a participação dos componentes da banca examinadora abaixo listados

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 10 108 120

Prof^a. Dr^a. Adriana Hoffmann Fernandes (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Andréa Rosana Fetzner (avaliadora interna)

Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino (avaliador externo)

> Prof. Dr. Dilton Couto Junior (avaliador externo)

Prof^a. Dr^a. Adriana Rocha Bruno (avaliadora externa)

Prof^a. Dr^a. Eliane Ribeiro Andrade (avaliadora interna)

DEDICATÓRIA

Ao poder do pensamento, da comunicação, da voz... ao protagonismo de todos os sujeitos historicamente silenciados. Aos mortos pelo Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, João (in memoriam) e Celia, que me criaram, me deram todo o amor e carinho durante minha vida e fizeram de tudo para que eu conseguisse estudar.

Agradeço à minha avó Umbelina (in memoriam) que cuidou de mim enquanto minha mãe e meu pai trabalhavam sendo uma segunda mãe para mim. Apesar de não ter tido a oportunidade de se alfabetizar mostrou-me que o caminho dos estudos era o mais importante a seguir.

Agradeço a meu irmão pelo companheirismo. Um irmão de fato, para além do sangue, um amigo.

Agradeço a meus tios Justino e João pela parceria e companheirismo. Tiveram papel essencial como constituição de uma família que toda pessoa precisa.

Agradeço a meu companheiro Hugo que nessa jornada de estudos, tanto minha quanto dele, me deu apoio e força nos momentos em que mais precisei.

Agradeço ao sistema de cotas que o programa oferece, já que, com ele reafirmou a possibilidade de eu, mulher, negra, moradora de região periférica, ingressar no programa de Doutorado em Educação e ser protagonista desta escrita.

Agradeço a minha amiga e companheira Claudia. Uma mulher fantástica que me surpreende a cada dia com sua força e amizade.

Agradeço à Renata, companheira, amiga, companheira para todas as horas que me apoiou em momentos difíceis.

Agradeço à Rosalva, minha amiga, companheiríssima, querida, que me ajudou nessa jornada árdua.

Agradeço à Thamires, minha prima, companheira, pelas fugidas ao cinema quando me encontrava abrigada na casa de meus familiares em alguns momentos em que não conseguia voltar à casa.

Agradeço a meus familiares que me apoiam e compreendem esse momento de que acaba por vezes ser de isolamento nesse percurso.

Agradeço à Vera pela companhia em todas as horas. Agradeço às fugidas para os festivais há anos.

Agradeço à direção escolar de minhas escolas tanto na rede de Mesquita quanto na rede do Rio de Janeiro que me apoiaram quando precisei.

Agradeço a minha orientadora que esteve comigo durante todo esse período, que me ajudou na orientação com diálogos, apoio e atenção. Obrigada!

Agradeço mais uma vez a minha mãe já que mãe é mãe.

Agradeço ao Gea, que desde o mestrado estiveram comigo nos melhores e piores momentos.

Agradeço aos companheiros do Cace, em especial, Vanessa, Erica Rivas, Rosa, Erika Lourenço, Filipe, Daniela e André.

Ao Gpdoc pelo acolhimento desde os tempos de EDAI.

Agradeço a todos aqueles que estão comprometidos com a educação e acreditam que ela seja um meio de resistência!

Agradeço imensamente aos ocupantes que me receberam com entusiasmo quando frequentei as ocupações e suas narrativas midiativistas imagéticas que contam esse movimento tão bonito.

EPÍGRAFE

"Por mais que uma voz hegemônica queira comandar, a água escapole entre os dedos. Você não segura. Não retém a força da água. Então o povo também encontra maneiras de se afirmar, de falar, de dizer".

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de investigar as visualidades temáticas produzidas por jovens ocupantes de escolas secundaristas de três escolas no Estado do Rio de Janeiro e publicadas em páginas do Facebook. Quais são as imagens produzidas pelos jovens? Quais são os principais temas encontrados nas imagens produzidas por eles? O que essas visualidades revelam? O Facebook foi apontado por eles como uma interface onde teciam suas narrativas. O conceito de cultura visual é trazido nesta pesquisa para analisar as produções dos jovens entendidas como visualidades considerando os processos culturais aos quais ela está vinculada. As relações estabelecidas caminham na direção de dialogar com o que essas visualidades nos contam. As imagens que os jovens produzem foram engendradas através de dispositivos digitais e compartilhadas e recriadas online. O caminho metodológico conta a itinerância de uma pesquisa pensada sobre a perspectiva da narrativa visual que se faz em ações midiativistas imagéticas dialogando com autores como (HERNANDEZ, 2007; AGUIERRE, 2013; PLA, 2013; CAMPOS, 2013) que pensam a cultura visual. Através do acompanhamento das fanpages das ocupações e escutas realizadas nos eventos abertos em diálogo com os jovens no espaço simbólico (MARC AUGÉ, 1994; HAMMAM et. al, 2013) das ocupações, investigo os processos midiativistas que nomeio por midiativismo imagético já que suas ações estão atravessadas o tempo todo pela relação com as imagens. Destaco nas análises das produções os principais temas das imagens produzidas pelos jovens nas fanpages das ocupações. Utilizo o campo teórico pautado nos estudos de visualidades através do conceito de cultura visual (SERVIO, 2014, MIRZOEFF, 1998, 2015; CAMPOS, 2012, 2013) compreendendo que a cultura contemporânea está permeada de imagens. Estas produzidas e compartilhadas pelos jovens na atualidade (CARRANO, 2012; BRENNER & CARRANO, 2014) através de dispositivos móveis conectados em rede (CASTELLS, 2013; LEMOS & LEVÝ, 2010; MALINI & AUTOUN, 2013; MALINI, 2016) promoveram ações ativistas através das mídias. O termo midiativismo é pensado a partir dos estudos de Braighi & Câmara (2018), Gomes (2016), Sodré (2018) e Peruzzo (2018) junto ao termo midialivrismo em Malini (2013) que tratam das narrativas ativistas nas redes digitais. Os achados do estudo apontam para um uso de mídias como forma de ativismos que pautam nas visualidades as marcas das ações vivenciadas através de trocas, partilhas, diálogos, autorias e criações. As visualidades foram desenhadas por temáticas que narravam os acontecimentos e tensionavam reflexões sobre a necessidade de participação da comunidade escolar nas tomadas de decisões, questões identitárias, diversidade, apropriação do espaço da escola, possibilidades múltiplas de se pensar as ações educativas, tensões e desafios do cotidiano, quebra de muros e hierarquia. Todas essas relações engendram uma dimensão formativa do pensar a educação.

Palavras-Chave: Midiativismo imagético. Narrativa visual. Redes digitais. Ocupação Secundarista. *Fanpage*.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the thematic of visualities produced by young occupants of secondary schools of three schools in the State of Rio de Janeiro and published on Facebook pages. What are the images produced by young people? What are the main themes found in the images produced by them? What do these visualities reveal? Facebook was pointed out by them as an interface where they woven their narratives. The concept of visual culture is brought in this research to analyze the productions of young people understood as visualities considering the cultural processes to which it is linked. The established relationships move towards dialogue with what these visualities tell us. The images that young people produced were engendered through digital devices and shared and recreated online. The methodological path tells the roaming of a visual narrative research dialoguing with authors such as (HERNANDEZ, 2007; AGUIERRE, 2013; PLA, 2013; CAMPOS, 2013). By monitoring the fanpages of occupations and listening scans held in open events in dialogue with young people in the symbolic space (MARC AUGÉ, 1994; HAMMAN et. al, 2013) of the occupations, it was investigated the media processes named by imagery midiactivism since their actions are crossed all the time by the relationship with the images. I highlight the analysis of the productions the main themes of the images produced by the young people in the fanpages of the occupations. I use the theoretical field based on visuality studies through the concept of visual culture (SERVIO, 2014, MIRZOEFF, 1998, 2015; CAMPOS, 2012, 2013) understanding that contemporary culture is permeated with images. These creations are produced and shared by young people today (CARRANO, 2012; BRENNER & CARRANO, 2014) through networked mobile devices (CASTELLS, 2013; LEMOS & LEVÝ, 2010; MALINI & AUTOUN, 2013; MALINI, 2016) promoting activist actions through the media. The term midiatism is thought from the studies of Braighi & Câmara (2018), Gomes (2016), Sodré (2018) and Peruzzo (2018) and the term midialivrismo is thought in Malini (2013) that deal with activist narratives in digital networks. The findings of the study point to a use of media as a form of activism that guides the visualities of the marks of the actions experienced through exchanges, sharing, dialogues, authorship and creations. The visualities were designed by themes that narrated the events and tensioned reflections on the need for participation of the school community in decision-making, identity issues, diversity, appropriation of the school space, multiple possibilities of thinking about educational actions, tensions and challenges of daily life, breaking walls and hierarchy. All these relationships engender a formative dimension of thinking about education.

Keywords: Imagetic mediactivism. Visual narrative research. Digital network. Secondary Occupation. Fanpage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 – A jovem Ana Julia realiza um discurso durante uma plenária em Curitiba	36
Figura 2 – Jovens encenam durante manifestação no Centro da cidade	37
Figura 3 – Jovem estudante de escola ocupada puxando a cadeira da mão de um policial manifestação de rua.	
Figura 4 – Cadeiraço no Distrito Federal	39
Figura 5 – 'Cadeiraço' promovido por jovens no Ceará	39
Figura 6 – Jovens promovem um 'cadeiraço' em Goiás	40
Figura 7 – Cartaz afixado na parede de uma escola ocupada	41
Figura 8 – Mapa das ocupações estudantis pelo país publicado em 07/11/2016	46
Figura 9 – Mapa Dos países que tiveram protestos no norte da África e Oriente Médio	58
Figura 10 – Mapa das consequências da Primavera árabe no norte da África e Oriente M	
Figura 11 – Mapa digital das manifestações no Brasil em 2013	64
Figura 12 – Manifestação Junho 2013 no Rio de Janeiro	64
Figura 13 – Manifestantes reunidos no Distrito Federal em 17 de junho de 2013	65
Figura 14 – Manifestantes em Salvador em 18 de Junho de 2013	65
Figura 15 – Jovem fazendo um vídeo com seu smartphone em protesto	67
Figura 16 – Número de escolas estaduais ocupadas até 20 de abril de 2016	68
Figura 17 – Rede de páginas do movimento #Ocupatudo que se seguem no Facebook	. 103
Figura 18 – Repertório de mídias nas escolas ocupadas	107
Figura 19 – Cartazes sendo realizados por jovens na fanpage ocupação B	114
Figura 20 – Cartazes com exposição das ações no hall de entrada publicado na fanpage ocupação C	
Figura 21 – Cartazes afixados nas dependências da ocupação C	116
Figura 22 – Cartaz afixado nas dependências da ocupação C	118
Figura 23 – Cartaz afixado nas paredes da escola C	119
Figura 24 – Cartaz confeccionado por jovens da ocupação B	120
Figura 25 – Atividade desenvolvida na ocupação A	122
Figura 26 – Roda de leitura com professores da UERJ na ocupação A	123

Figura 27 – Sarau realizado na ocupação B	124
Figura 28 – Oficina de música nas ocupações A e C	126
Figura 29 – Visita do Orquidário Rio na ocupação C	127
Figura 30 – Debate sobre democracia na ocupação A	128
Figura 31– Cronograma de atividades na ocupação A	129
Figura 32 – Cronograma de atividades na ocupação B	129
Figura 33 – Cronograma de atividades na ocupação B	129
Figura 34 –. Jovens da escola observam experimentos de física de estudante do PIB	ID 131
Figura 35 – Os ocupantes da escola C agradecem as visitas	133
Figura 36 – Pauta de reivindicação da ocupação B	136
Figura 37 – Motivação para ocupação B publicada na página	137
Figura 38 – Pauta de reivindicação da ocupação A	138
Figura 39 – Enquete publicada na página da ocupação C	140
Figura 40 – Assembleia com ocupantes publicada na página C	142
Figura 41 – Esclarecimento publicado na página da ocupação C	144
Figura 42 – Questões esclarecidas pela ocupação C	146
Figura 43 – Manifesto da ocupação A	147
Figura 44 – Ato nas ruas da cidade do Rio de Janeiro	
Figura 45 – Ocupantes da escola A realizam uma chamada para a ocupar o prédio d	
	150
Figura 46 – Jovens da ocupação A realizando Ato no Palácio do Governo e na Alex	
	151
Figura 47 – Atos unificados na Baixada Fluminense	152
Figura 48 – Reunião de responsáveis com os ocupantes	152
Figura 49 – Conselho Tutelar buscando estabelecer diálogo com os ocupantes da es	cola A
	154
Figura 50 – Pedido de ajuda na página da ocupação C	155
Figura 51 – Tentativa de desocupação publicada por ocupantes da escola A	156
Figura 52 – Lista de material para arrecadação de doação – Página A	159
Figura 53 – Lista de material para arrecadação de doação – Página C	159
Figura 54 – Arrecadação de alimentos por ocupantes da escola B	160
Figura 55 – Novo pedido de doação na página da ocupação A	161

Figura 56 – Jovens da ocupação B cuidando das dependências da escola	162
Figura 57 — Trabalho de revitalização do pátio e quadra pela ocupação C	164
Figura 58 – Jovens consertando o reboco de uma parece na ocupação C	166
Figura 59 – Cartaz afixado na parede da ocupação C	167
Figura 60 – Grafites realizados na quadra da escola da ocupação C	171
Figura 61 – Parede da quadra grafitada na página da ocupação C	172
Figura 62 – A arte no processo de ocupação.	176
Figura 63 – Atividades culturais na ocupação B, destaque para a importância	178
Figura 64 – Grupo de arte da ocupação B se apresentando nas ruas de uma cidade de 1	MG
	179
Figura 65 – Ocupação Cultural na ocupação A	180
Figura 66 – Viradão cultural na ocupação C	181
Figura 67 – Coletivo de mulheres negras na ocupação C	183
Figura 68 – Oficina Relatos de um quarto de despejo e cine-debate sobre beleza negra	a na
ocupação C	184
Figura 69 – Nuvem de palavras da tese	192
Figura 70 – Agradecimento dos alunos da ocupação A	206
Figura 71 – Agradecimento dos alunos da ocupação B	206
Figura 72 – Agradecimento dos alunos da ocupação C	207
Lista de quadros	
Quadro 1 – Glossário de termos	134
Quadro 2 – Síntese dos temas tratados no capítulo 5	187

SUMÁRIO

O COMEÇO QUE NÃO SE ENCERRA: RESISTIR MAIS DO QUE NUNCA!!	. 16
De onde surge o tema de pesquisa?	20
Objetivo e questões para pensar a pesquisa	22
Capítulos da Tese	22
CAPÍTULO 1 – CULTURA VISUAL E JUVENTUDE NAS REDES ON-LINE: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS	25
1.1 A Cultura visual como contexto da pesquisa	25
1.2 Juventude e visualidade – ativismos através de imagens	31
CAPÍTULO 2 – UM PASSADO/PRESENTE DE RESISTÊNCIAS – O LUGAR DO	S
MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO	45
2.1 #Ocupa	46
2.2 Resistindo, ressignificando e transformando: alguns casos de resistência pelo mundo.	
2.3 Insurreições no Brasil: 2013, um marco histórico	62
2.1 Ocupações estudantes secundaristas, um mecharo em 2010	00
CAPÍTULO 3 – O CAMINHO CONSTRUÍDO DA PESQUISA	71
3.1 Escolha das <i>fanpages</i> e armazenamento das visualidades	72
3.2 Conhecer as ocupações: participação em atividades abertas	74
3.3 Narrativas imagéticas contadas através de categorias temáticas	
3.4 Pesquisa narrativa visual	80
CAPÍTULO 4 – MIDIATIVISMO IMAGÉTICO: O FACEBOOK COMO ESPAÇO	
REPRESENTATIVIDADE E LUTA	86
4.1 Mídia e midiatização	87
4.2 Midiativismo imagético	
4.3 O <i>Facebook</i> como espaço de luta e representatividade	
4.4 A importância da imagem no Facebook na visão do jovem ocupante	. 108
CAPÍTULO 5 – A OCUPAÇÃO PELOS SUJEITOS E IMAGENS: PRINCIPAIS	
TEMAS ENCONTRADOS NAS FANPAGES	113
5.1 Confecção de cartazes	. 113
5.2 Oficinas e cronograma de atividades	121
5.3 Manifestos, pauta da ocupação, assembleias, passeatas	
5.4 Tentativas de desocupação	
5.6 Oficina de grafite	
5.7 Evento artístico e bem-estar	

COSTURANDO ENREDOS, TRAÇANDO CAMINHOS, AMARRANDO O	\mathbf{S}
PONTOS: A ESCOLA COMO UM ESPAÇO PÚBLICO	192
REFERÊNCIAS	208

O COMEÇO QUE NÃO SE ENCERRA: RESISTIR MAIS DO QUE NUNCA!

Resistir, perseverar, lutar. Palavras que se entrelaçam na composição desta tese e no decorrer de minha trajetória acadêmica e profissional. Nesses quatro anos em que me encontrei imersa nesta escrita, diversos foram os acontecimentos que me fizeram por várias vezes parar para pensar e refletir. Para tentar resumir, elenco a seguir alguns acontecimentos: questões pessoais (falecimento de meu pai e minhas duas avós), impeachment presidencial, eleições conturbadas travadas por tempos em que a polarização ganha cada vez mais terreno, tempos de grandes desastres ambientais como os de Brumadinho e Mariana, assassinato de líderes como Marielle Franco, tempos de pandemia e isolamento físico, entre tantos outros eventos que me marcaram profundamente e que não imaginava que em tão pouco tempo pudesse viver.

Trabalhar e estudar, uma realidade presente em minha vida desde adolescente. Mulher negra, moradora de região afastada do grande centro da cidade. Deixo o meu apontamento inicial onde busco a partir do que Djamila Ribeiro (2017) chama de 'lugar de fala' expressar sim o lugar de onde venho. Filha de pais baianos que migraram para o Rio de Janeiro na expectativa de um futuro melhor, saindo do longínquo Recôncavo Baiano, do pequeno vilarejo quilombola de Santiago do Iguape¹.

Lembro de seus canaviais quando ia visitar os familiares que ali permaneceram. Lembro de embrenhar-me nas plantações de subsistência dos quintais margeados pelo mangue ao leito do grande Rio Iguape, considerado um mar para eles. Lendo o livro Memórias de Plantação de Grada Kilomba (2019), identifico-me com a passagem em que conta a escolha do nome do livro em referência à memória de nossos ancestrais que viveram a Diáspora Africana e que por séculos trabalharam nessas terras.

Trago a pequena autobiografia desse ser em constante construção e transformação, desafiada pela vontade de embebedar-me de conhecimentos e reconhecimento de uma história que não pode ser esquecida. Ela não se resume a um antes e depois, mas faz parte da construção de meu ser.

¹ A Bacia do Iguape é formada por 13 comunidades remanescentes de quilombos: Caibongo, Calembá, Campina, Dendê, Imbiara, Imbiara de Cima, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Kaonge, Opalma, Palmeira, Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu". Fonte: <<u>https://www3.ufrb.edu.br/reverso/caminhos-a-rota-da-educacao-na-bacia-do-iguape/</u>> Acesso em 13 abr. 2020.

Nessa busca pelo novo, encontrei narrativas imagéticas que me fizeram pensar na palavra trazida aqui neste título: resistência! Resistência no dia a dia da escola, resistência no quilombo da cidade natal de meus pais, resistência no dia a dia do trabalhador, resistência em manter-se vivo todos os dias, resistência encarando o racismo e as mais diversas formas de preconceito e opressão. E, nesse encontro feliz, uma resistência outra que me fascinava, tornando-se meu campo de investigação: a resistência de jovens secundaristas ocupando seus colégios.

Dessa forma, a temática de pesquisa que investigo relaciona-se direta e indiretamente ao campo de investigação e atuação a que me encontro familiarizada: a escola. Atuando como professora de escola pública há dez anos, ao mesmo tempo em que vejo a escola como um campo familiar, este torna-se também um campo exótico quando escolho movimentos que acontecem dentro dele para focar meu olhar para a pesquisa como pesquisadora. De conhecido a estranho. O que dizer? Terreno, espaço, ocupação, ambiente on-line que se transforma em CAMPO. Campo de pesquisa. Os envolvidos nessa questão, jovens, ocupantes como SUJEITOS. Como aponta Regina Leite Garcia², o sujeito é aquele que "pensa, que interage comigo e com outros, que me ensina aquilo que eu passo a ver, porque ele me ajuda a compreender aquilo que está acontecendo dentro" da escola (p. 121).

Como professora de um público jovem de segundo segmento do ensino fundamental, comecei a acompanhar as ocupações que aconteciam nas escolas no ano de 2015. Ao entrar para o Doutorado em 2016 ingressei no grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) que tem como foco das pesquisas a questão do visual e audiovisual e a relação dos sujeitos com tais visualidades em contexto de produção e consumo.

A partir da minha entrada no grupo, fui definindo meu foco de pesquisa e delimitando o tema que já era do meu interesse (as visualidades) para, dentro desse contexto, pensar nas imagens produzidas dentro da escola pública através das ocupações estudantis secundaristas. Imagens essas que percebi sendo também publicadas em páginas do *Facebook* das escolas. O contexto escolhido permitiu-me definir como objeto da pesquisa as páginas criadas por jovens de escolas públicas no Estado do Rio de Janeiro, tendo como foco do estudo as visualidades produzidas por eles.

-

² Trecho extraído do diálogo entre Regina Leite Garcia e Nilda Alves.

A escolha por este campo de investigação fez parte de toda uma trajetória de estudo e formação. Formada em Letras Português/Inglês pela Universidade Castelo Branco em 2007, já começava a pensar nos usos dos recursos midiáticos na educação. Atuando como professora em escolas particulares com o público de crianças e jovens, ainda quando cursava a graduação, já começava a observar esses usos através de computadores que vinham sendo disponibilizados pela escola, bem como o uso de notebooks, celulares e câmeras pelos alunos. Mais tarde, em 2010, comecei a atuar como professora de escola pública, em um primeiro momento na rede estadual de Educação do Rio de Janeiro e, em seguida, nas prefeituras de Mesquita e Rio de Janeiro.

Naquele tempo, eu já começava a me fascinar pelas imagens digitais das quais tínhamos acesso através de máquinas fotográficas digitais, com suas possibilidades de edição, produção e compartilhamento, bem como pelas narrativas tecidas diante da tela através das redes sociais digitais, *blogs*, sites pessoais, *wikis* e outros.

Ao pensar num tema de investigação dentro de minha experiência, saltou-me aos olhos o interesse por investigar esses usos das imagens digitais por crianças e jovens e, então, em 2008, dei início aos estudos sobre os aspectos da Cibercultura e a Educação no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação com Aplicação na Informática na UERJ, onde pude estudar sobre as possibilidades que as diversas interfaces digitais com as quais interagimos podem nos oferecer. No final do Curso, apresentei um Trabalho Final que versava sobre as possibilidades de produção textual tecidas através do recurso *wiki*³ de forma colaborativa. Mergulhada na temática das narrativas, ingressei numa possibilidade de nova investigação no Mestrado na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

Com um olhar que deve acompanhar o dinamismo das possibilidades que a rede de Internet pode apresentar, mas que, ao mesmo tempo, percebe a impossibilidade de se acompanhar a todo o custo as inovações, busquei investigar na dissertação de Mestrado as narrativas em redes sociais⁴ digitais. Nessa época, o *Facebook* era uma interface que já vinha

³ Wiki "significa extremamente rápido, veloz, no idioma havaiano, e é utilizado como diminutivo de Wikipédia, uma enciclopédia on-line. Wiki é utilizado para identificar qualquer coleção de documentos, e é esse o objetivo da Wikipédia, ser uma enciclopédia on-line, com muitos conteúdos, mas que o leitor consiga achar o assunto do seu interesse o mais rápido possível." Fonte: https://www.significados.com.br/wiki/> Acesso em 07 mai. 2017.

⁴ De acordo com Torres, redes sociais digitais são "sites na Internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação" (2009, p. 113).

se consolidando de forma crescente em nosso país e minha pesquisa de mestrado abordou o estudo de uma página.

Minha dissertação de Mestrado⁵ analisou a página no *Facebook* intitulada 'o Diário de Classe', criada por uma adolescente de 13 anos que, na época, visava fazer denúncias de problemas relativos à escola pública onde estudava, situada na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina (SC). As narrativas tecidas na página criada pela menina, bem como os recursos visuais e audiovisuais publicados, foram o alvo de investigação na *fanpage*⁶.

Analisando a página de Isadora, pude perceber a riqueza de narrativas que se construíam a partir de publicações que a criadora da página fazia. Uma rede de links, imagens, vídeos e escritas se costuravam diante da tela, estabelecendo conexões que iam além daquela *fanpage*. Narrativas outras puderam ser percebidas e acompanhadas, ao passo que eu seguia as publicações daquela página, já que, dali outras páginas com temáticas parecidas se conectavam e, de alguma maneira, apareciam para mim, navegante seguidora e observadora naquele momento dessas produções.

Foi a partir dessa experiência de pesquisa com *Facebook* que, após o término do Mestrado, mergulhada nas redes sociais digitais, acompanhando noticiários, recebendo e trocando informações presentes no contexto escolar como professora atuante, continuei a trilhar minha trajetória de pesquisa, refletindo sobre narrativas nesses espaços digitais. Aos poucos, fui me deparando, em meio a questões políticas diversas que se apresentavam com força em nosso país neste período, com variadas notícias sobre ocupações estudantis que vinham acontecendo desde 2015. Passei a seguir as narrativas tecidas nas redes sociais em páginas do *Facebook* por jovens ocupantes e, foi nesse caminhar de seguidora, que meu tema de pesquisa dessa tese se apresentou.

Sou uma professora-reflexiva, como aponta Pérez Gomez (1995), não apenas por estar na Universidade e ter um objeto de pesquisa a ser investigado. Em minha prática, penso, analiso, troco experiências, mudo minha ação, investigo a melhor maneira de lidar com uma situação. Sendo assim, devo ter o cuidado de que minha experiência possa não suscitar elementos que

-

⁵ BARROS, Raquel Silva. 2014.

⁶ A *Fanpage* é uma página que pode ser criada na rede social *Facebook* onde pode-se realizar a divulgação de um conteúdo específico para um público que se interesse pelo tema tratado sem a necessidade de fazer a exposição na página pessoal.

me ajudariam a enxergar o óbvio. Por estar tão cegamente entranhada naquele ambiente (ainda que não seja o ambiente diário de prática), posso não dar importância ao (des)conhecido. A ocupação é um desconhecido dentro do universo conhecido da escola em que já atuo há 10 anos.

Nesse contexto, como tornar o conhecido desconhecido? Na verdade, a questão já começa na escolha do tema de investigação. O que para mim pode ser considerado um tema de pesquisa nesse contexto da escola? Qual é o impulsionamento que lança meu olhar sobre os sujeitos de minha pesquisa? Por que a ocupação seria um motivo de pesquisa? Com que problemática estaria me confrontando para pensar a ocupação na escola e por que pensar esse movimento pelas redes sociais? Como delimitar um objetivo e questões para estudo e pesquisa nesse contexto? Como pensar a constituição do sujeito que pesquisa e investiga? Como direcionar este olhar? Qual seria o papel da visualidade e como perceber esse aspecto nas páginas da ocupação das escolas?

Acredito que tais indagações emergem como ponto de partida para que se possa pensar em como estar no campo. Busco perceber e acompanhar as ações dos jovens nas redes digitais, ver como refletem seus pensamentos e ações que introduzem assim o 'conhecimento na ação', tomando as palavras de Pérez Gomez, esse que seria um "componente inteligente que orienta toda a atividade humana e se manifesta no saber fazer" (p. 104).

Direcionando o meu olhar para este tema, traço a seguir algumas pistas que me fizeram pensar nas produções de narrativas imagéticas realizadas através das ocupações estudantis secundaristas publicadas em páginas do *Facebook* para pensar no objeto de estudo a ser investigado.

De onde surge o tema da pesquisa?

Por curiosidade, atentei-me às *fanpages* que estavam sendo criadas e alimentadas pelos alunos de diversas capitais sobre os movimentos de ocupação. Acessava uma e, a partir daí conectava-se a outra e mais outra, percebendo uma rede, várias, infinitas talvez, cada uma com seus anseios, premissas e, principalmente, esperanças. Quem as gerenciava? Quem as organizava? Quem alimentava? Como surgiam os comentários, as visualizações, curtidas, fotos, vídeos, links, mapas, cartilhas, docs? Quais eram as regras? Elas se fazem, são pré-

determinadas, se alimentam, se reconstroem? Essas perguntas foram surgindo conforme eu pensava sobre a pesquisa.

O jovem da nossa pesquisa se relaciona com a ocupação da sua escola produzindo e publicando imagens nas redes sociais. Como não atentar para seu olhar a partir da tela de sua câmera, com seu enfoque impulsivo e atravessador que invade, que não só observa, mas registra, que sente a necessidade de expor, de comentar, de assistir? A visualidade nessas páginas é o foco nesta pesquisa.

Hoje, com o potencial de registro, criação, edição e divulgação de imagens, podemos pensar em novas formas de produção e compartilhamento de ações. "No clima intelectual da computação social, a avaliação, a crítica, as categorizações não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas, editores), mas retornam às mãos das multidões" (LEMOS & LEVÝ, 2010, p. 11). Dessa forma, todos podem ser autores e produzir conteúdo para as redes sociais. Essa prática de registros e produção de vídeos e imagens nas páginas do *Facebook* dos movimentos de ocupação é, portanto, o interesse de investigação nessa pesquisa.

As visualidades engendradas pelos jovens nessas páginas estabeleciam uma narrativa que conduzia para uma percepção dos acontecimentos nas ocupações a partir de temas diversos. Vivendo na cultura onde as imagens circulam, cada vez com mais intensidade, percebi que ocorre uma ampla divulgação destas nas comunidades digitais on-line em forma de narrativas que veiculam informações diversas. Diante dessas narrativas, descrevo a seguir o objetivo e questões de estudo deste trabalho.

Objetivo e questões para pensar a pesquisa

Entendendo que os jovens secundaristas ocupantes são produtores e autores das narrativas que se entrelaçam nas diversas *fanpages* das escolas ocupadas que se tornam canais oficiais da ocupação, busquei investigar as temáticas abordadas nas narrativas publicadas através de visualidades que circulam nas páginas dialogando em alguns momentos com os jovens acerca desses usos. Procurei, ainda, perceber como usam as imagens e suas visualidades como parte da construção desse movimento de ocupação no *Facebook*.

Diante disso, as questões a serem pensadas no caminhar desta pesquisa são:

- Como são as *fanpages* produzidas pelos jovens das ocupações?

- Quais são as imagens que os jovens selecionam para serem publicados sobre as ocupações que participaram?
- O que dizem essas visualidades? De que temas tratam? Como tratam? Como perceber essas narrativas pelas imagens e vídeos veiculados? Quais sentidos estas têm para eles?

Capítulos da tese

A dinâmica que estabelece os laços da escrita desta tese se desenha em cinco capítulos, além dos tópicos inicial e conclusivo. Trago aqui, brevemente, uma apresentação de como foi pensada a organização da escrita da tese.

No Capítulo 1, trato do tema que envolve da apreensão primeira de pesquisa que são os processos que integram a cultura visual na contemporaneidade. Abordo o conceito de cultura visual entendendo primeiramente as perspectivas da visão e visualidade (SERVIO, 2014) como base para pensar em seu conceito. Trago os estudos de Mirzoeff (1998; 2015; 2016), Campos (2012; 2013), como base teórica para compreender o conceito, imbricando essa noção ao contexto de uso de imagens produzido pelos jovens na atualidade (CARRANO, 2012; BRENNER & CARRANO, 2014). Trata-se de uma contextualização dos estudos de imagem em seu debate teórico, pensando a juventude nesse contexto digital em rede (LEVÝ, 2010; CASTELLS, 2013).

No Capítulo 2, trago uma visão dos principais movimentos de ocupação dos espaços em diversas regiões do mundo e no Brasil. O termo espaço é trazido a partir das apreensões de Marc Augé (1994) e Hamann *et. al* (2013). Os espaços que os jovens escolhem ocupar expressam um simbolismo escolhido ao ser ocupado com o intuito de protestar por alguma questão político-social. Castells (2013) é trazido nesse diálogo para ajudar a pensar sobre os movimentos de ocupação pelo mundo. Essa perspectiva está ancorada na utilização de dispositivos móveis conectados à internet nesses processos (CASTELLS, 2013; LEMOS & LEVÝ, 2010; MALINI & AUTOUN, 2013; MALINI, 2016). Os movimentos estudantis secundaristas são apresentados nesse Capítulo trazendo o recorte do uso de imagens publicadas nas redes nas diversas escolas ocupadas pelo país.

O Capítulo 3 traz o percurso metodológico trilhado na pesquisa. Descrevo a trajetória e as costuras que aconteceram a partir de questionamentos que foram sendo estabelecidos em todo o processo da pesquisa pensando em sua itinerância. As questões iniciais que fomentaram a pesquisa foram refletidas e repensadas, entrelaçando-se as novas que surgiram no caminho.

Todas elas se faziam na tentativa de dialogar entre si, estabelecendo redes de possíveis reflexões.

Oriento a investigação desta pesquisa buscando compreender as narrativas com/através de visualidades pelos jovens ocupantes utilizando os aportes do digital em rede. Trata-se de uma pesquisa narrativa visual. Através de um olhar para a pesquisa com/através de imagens, utilizo autores da cultura visual para voltar-me aos relatos tecidos através de visualidades, compreendendo que as imagens estão atreladas aos textos e a todo o constructo que me permite compreendê-la. Este entendimento auxilia na compreensão do contexto ao qual as vivências aqui narradas estão relacionadas, assim como as questões suscitadas ao longo de todo o processo. Realizei escutas nos eventos das ocupações abertas entrelaçando através de costuras do que arrisquei compreender sobre as narrativas engendradas pelos jovens nas páginas do Facebook. Essas ações midiativistas imagéticas⁷constituem os fios que contam a itinerância desses movimentos.

Trago também para essa compreensão os fios lançados pelos autores da cultura visual (HERNANDEZ, 2007; AGUIERRE, 2013; PLA, 2013; CAMPOS, 2013), trabalhando com o campo das visualidades que estão inseridas em um contexto onde os jovens se utilizam de dispositivos móveis conectados on-line (CASTELLS, 2013) como potência para o movimento.

No Capítulo 4, trago a análise a respeito dos processos midiativistas que encontram na imagem sua forma de atuação pelo que aparecem nas páginas dos movimentos de ocupação das escolas. O *midiativismo imagético* é pensado nessa pesquisa como uma ação que se dá no contexto da cultura visual e em diálogo com ela. Para pensar o termo *midiativismo*, busquei referencia nos estudos de Castells (2013) sobre os processos ativistas que ocorrem nas redes, o midiativismo que aparece nos estudos de Braighi & Câmara (2018), Gomes (2016), Sodré (2018) e Peruzzo (2018) e o termo midialivrismo em Malini (2013) que trata das narrativas ativistas nas redes digitais.

A imagem, nessa perspectiva midiativista, é pensada utilizando o referencial do primeiro capítulo onde penso nas visualidades. O termo *midiativismo imagético* é a expressão que se apresenta como representativo das ações desempenhadas pelos jovens nas *fanpages*. Os relatos que escutava dos jovens quando estive nas ocupações em eventos abertos foram entrelaçados a este capítulo. A importância das *fanpages* para o processo de ocupação e suas dinâmicas visuais são trazidas para a investigação.

⁷ *Midiativismo imagético* – termo pensado nesta tese pela autora buscando abarcar as narrativas imagéticas produzida pelos jovens nas ocupações utilizando os aportes do contexto digital.

No capítulo 5, trato das principais temáticas que aparecem nas *fanpages* das três escolas. Realizo um levantamento, nas três páginas observadas, das visualidades que tratavam de temas em comum. Através dessas linhas temáticas, realizei um agrupamento através de tópicos a partir dos temas recorrentes. Então, seleciono algumas visualidades de cada escola a partir de cada tema, articulando estas com as escutas que eu fiz ao estar presente em alguns eventos abertos nas ocupações.

Diante das percepções aferidas nesse percurso de escuta e do acompanhamento das páginas, em busca de direções dentre as possíveis para trilhar um caminho de estudos, busquei pensar em eixos que afloraram nas conversas tecidas com os sujeitos como forma de realizar as análises. As temáticas destacadas foram: produção de cartazes; oficinas e cronograma de atividades; manifestos, pauta da ocupação, assembleias e passeatas; tentativa de desocupação; arrecadação de doações, cuidado e limpeza; oficina de grafite; evento artístico e bem-estar.

Acredito que não devemos calar, silenciar, abafar essas latências que emergem através de suas narrativas e que são reveladas trazidas nas páginas. A busca durante a pesquisa estava em perceber nessas ambiências o que o outro tinha a me mostrar. O que ele queria me dizer e não o que precisava ouvir e enxergar. Dessa maneira, esses diálogos que se fizeram, que se construíram, trouxeram uma percepção bastante inquietante do que se apresentava no dia a dia dos sujeitos, a partir de seus relatos, seus desenhos, suas pinturas, suas músicas, danças, risos, suas trocas.

Na conclusão que não se encerra, mas interpela por novas buscas, novas reflexões, novos olhares e solta novos fios de investigações e interpretações, compreendo que, mais do que nunca, é preciso dedicar um olhar para a percepção da escola como um espaço público que deve ser defendido. Essa percepção que salta a partir das observações que tive, das experiências que vivi no período da pesquisa, nas escutas, das latências pulsantes, de tudo o que ouvi nas ocupações, na minha experiência como professora de escola pública, da minha vivência na universidade, são necessárias para tecer esta escrita. Que a escola seja um espaço onde todos possam ter a oportunidade de adentrar, viver, experienciar, produzir, trocar, partilhar!

CAPÍTULO 1 – CULTURA VISUAL E JUVENTUDE NAS REDES ON-LINE: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS

Neste capítulo busco estabelecer uma reflexão sobre juventude e cultura visual em relação às ocupações estudantis secundaristas que é o foco dessa pesquisa. Sabemos que os processos que perpassam o cotidiano escolar vêm sendo gradualmente incorporados a decursos novos no cenário atual. Vemos nas formas de convivência tradicional da escola a discussão do modo como os jovens convivem e, os vínculos deles nessa vivência em redes digitais on-line produzindo, modificando e compartilhando imagens e vídeos. Observo, ainda, que os jovens vão além do espaço físico percorrendo os ambientes on-line em um hibridismo de ações estreitando laços pelas redes sociais. A cultura vem se modificando e cada vez mais o digital e o visual estão imbricados nessas transformações.

Buscando compreender essas visualidades latentes, que exprimem representações edificadas através das ações desempenhadas no contexto das ocupações estudantis secundaristas, faz-se necessário compreender os estudos sobre cultura visual e por esse motivo inicio este capítulo com esse tema que se refere ao contexto maior da pesquisa.

1.1 A cultura visual como contexto da pesquisa

Trago, nesse momento, uma apresentação dos estudos e conceitos relativos a cultura visual para explicitar o contexto maior em que a pesquisa se insere, considerando que reconheço que estamos num mundo onde, nas grandes cidades (contexto do Rio de Janeiro em que a pesquisa é realizada), a visualidade faz parte do nosso cotidiano.

Uma discussão é que os conceitos de visão e visualidade fazem parte dos estudos de cultura visual. Foster (1988, apud Sérvio, 2014) é um dos autores que nos traz contribuições acerca das relações entre a visão e a visualidade.

O autor destaca que a visão está atrelada a uma operação física em que o sujeito enxerga o mundo através de seus olhos, porém como forma de pensar o aspecto do ver biológico, onde se enxerga pelas condições que o corpo permite. Na verdade, essa visão estaria atravessada não pelo que os olhos vêem, mas principalmente através do que o cérebro processa. "Se vemos da maneira como vemos é porque o cérebro atua sobre as informações que nossos olhos conseguem codificar. Sabe-se também que nem todas as informações enviadas pelos olhos ao cérebro são conscientemente processadas (SÉRVIO, 2014, p. 197)". Portanto vemos

com o cérebro também e, não somente com os olhos. Tal fato aponta que há um conjunto de órgãos que processam a nossa experiência de ver.

Já a visualidade é entendida como dimensão cultural do olhar entendida como fazendo parte dos contextos históricos e contextuais. As duas integram o conceito de cultura visual e são mais bem explicitadas pela fala de Mirzoeff:

a cultura visual surge quando compreendemos que experimentamos o visual por meio da cultura, por meio de construções simbólicas [...] os processos que constituem as visualidades que se manifestam como práticas da cultura visual resultam de aprendizados durante o curso de nossa vida social. Portanto, pensar o contexto local no qual estamos inseridos como parte de um universo cultural torna-se indispensável para qualquer análise que almeje aprofundar-se na compreensão de experiências visuais (MIRZOEFF, 1998, p. 199, tradução nossa).

Essa relação da nossa sociedade com a visualidade em todos os lugares e, ainda, cada vez mais nas diferentes telas está imbricada na vinculação da ideia de cultura ou culturas. Geertz (2008 apud BRUNO & COUTO, 2019, p. 99) provoca-nos a pensar nas ações do homem na/com/para a cultura. O autor dá o exemplo de um piscar de olhos que pode ter sua atribuição a uma gama de significados, a depender do contexto em que esta ação ocorre. Pode-se pensar em uma piscada de olho como a confirmação de alguma situação, consentimento de ação junto ao outro ou, de outras maneiras. "O que poderia ser uma simples reação fisiológica pode também ser uma manifestação/expressão da cultura: piscar o olho na direção de alguém pode ser tão somente uma atitude mecânica – tique nervoso – quanto uma sinalização de interesse, acordo, paquera, etc." (apud BRUNO & COUTO, 2019, p. 99).

Nessa relação, a visualidade interpela pelo entendimento dos aspectos que regem sua acepção não limitando-se a caracterizá-la a partir do ponto do que é visto, mas de um conjunto de fatores que vão influenciar nossa forma de ver. Essa maneira de abordagem perpassa pelo complexo de visualidade, apontado por Mirzoeff, onde sua forma de apreensão da visão passa pela classificação, separação e estetização que, pensados juntos, caracterizam o termo atrelando a ideia da cultura visual. Para Campos (2013) a visualidade é o objeto de análise da cultura visual.

Tratando desses dois conceitos interligados, visão e visualidade, falo de uma linha de interseção que esbarra nos campos de natureza (inata) e cultural (que vem a ser adquirido). Longe de expressar uma dualidade entre os termos, o que não seria possível, devemos perceber como estão relacionados e expressam um vínculo de hibridação, ou seja, "não apenas

exploramos visualmente o mundo, como também criamos visualmente o mundo (MARQUES & CAMPOS, 2017, p. 5).

A representação que se realiza de algo ou determinada situação provém do olhar daquele que necessita retratar essa existência/imaginação através de uma forma de expressão. Essa relação que envolve as interações daquele que vê e aquele que realiza uma representação está imbricada em um sistema complexo que nossa mente realiza a todo o momento. De acordo com Ribeiro (2008), nosso sistema psíquico

realiza um duplo trabalho: transforma percepções, externas e internas, em imagens e operações mentais, integrando-as sempre ao conjunto de registros já estruturados, ao mesmo tempo que modifica suas próprias estruturas de operação em função da entrada das informações no próprio sistema. (RIBEIRO, 2008, p. 29)

A autora destaca ainda que a imagem não está dissociada de outras formas de pensamento como uma compartimentalização em uma área do cérebro. Todo esse processo compreende encadeamentos de pensamentos que, apesar dessa visão holística, não dá conta de uma visão do objeto em sua totalidade, mas se associa a outras sensações que juntos ampliam o sentido do que se está sendo observado.

Quando penso em uma pizza, por exemplo, em minha mente posso imaginar um formato quadrado ou arredondado. Posso, ainda, imaginar suas bordas, remeter-me a um cheiro e diferentes ingredientes em sua composição. Se alguém solicita que se realize um desenho dessa mesma pizza, alguns elementos já não se farão presentes dada a limitação que a representação imagética apresenta. Como destaca Ribeiro,

na relação imagem-ação, é preciso que as diferentes percepções que se pode ter do objeto se articulem à ação exercida sobre esse mesmo objeto, como a manipulação, a rotação, o que possibilita a integração de suas faces e de sua conservação. [...] O sujeito não pode reviver na falta do objeto, as sensações correspondentes, mas, pelo contrário, pode reproduzir sempre os movimentos. [...] portanto, a imagem é uma construção mental que se faz a partir de esquemas sensório-motores. Aliás, o ponto de partida do pensamento se dá exatamente através de esquemas sensório-motores que se estruturam de forma representativa no espaço psíquico, permitindo que, progressivamente, o sujeito vá organizando o seu próprio eu e organizando as representações do meio circundante sem que haja necessariamente alterações na realidade externa (2008, p. 31)

A compreensão do olhar apresenta uma acepção que atravessa o campo biológico do ver. Ela se estende aos campos da cultura e da simbologia. O olhar processa a informação interpretando, dando sentido a partir da cultura a qual estamos inseridos. Visão e visualidade estão relacionadas. Desta maneira, Campos nos alerta para três aspectos a serem refletidos quando pensamos em cultura visual:

Em primeiro lugar, não podemos esquecer que não existe cultura visual sem percepção visual. Em segundo lugar, porque se desejamos falar da visão teremos necessariamente de entendê-la no contexto de um todo orgânico constituído pelos variados receptáculos sensoriais. Por último, porque muita da discussão que se fará em torno do corpo "natural" e "civilizado" se pode aplicar de igual forma ao olhar" (2013, p. 32).

A forma de interagir com o que é visto irá depender dessa relação com o que culturalmente nos foi apresentado e da forma como nos foi apresentado. Apreendemos, aprendemos, interagimos, construímos, deformamos, fazemos juízos de valor a partir de um determinado objeto que estamos a visualizar. Uma carga semântica é atribuída ao que estamos a ver como afirmam Marques & Campos "a visualidade remete não apenas para as questões de percepção, mas também para a interpretação e significação" (2017, p. 5).

Recebemos influências as mais diversas desde quando nascemos. Nosso olhar é cultural! Nossas relações estão baseadas e estabelecidas através dos nossos sentidos e esses são afetados pela construção social da qual fazemos parte.

Constituindo uma área de estudos independente por volta dos anos 90, em grande parte, devido ao surgimento da mídia digital, os estudos de cultura visual, de acordo com Mirzoeff "preocupam-se⁸ com eventos visuais nos quais as informações são consumidas pelo usuário em uma interface com a tecnologia visual" (1998, p. 7).

O autor compreende que o estudo está atrelado à tecnologia visual onde utiliza-se qualquer forma de aparato projetado para ser visto, ampliando, reduzindo ou melhorando a visão natural. Nesse contexto, entrariam as telas de tinta a óleo, tablets, Internet ou televisão.

Para Mirzoeff uma das características que marca o campo de estudos da cultura visual na contemporaneidade está no fato de visualizarmos coisas que não são visuais em si. Não se trata de excluir outros sentidos, mas de compreender as imagens como representação do mundo e compreendido como tal. O mundo transformando-se em imagem e visto através dela.

A cultura visual não depende de imagens, mas dessa tendência moderna de retratar ou visualizar a existência. Esta visualização torna o período moderno radicalmente diferente do mundo antigo e medieval em que o mundo foi entendido como um livro. Mais importante, as imagens foram vistas não como representações, artificiais constrói buscando imitar um objeto, mas como intimamente relacionado, ou mesmo idêntico, para esse objeto (Ibid., p. 6, tradução nossa).

⁹ Original - Visual culture does not depend on pictures but on this modern tendency to Picture or visualize existence. This visualizing makes the modern period radically different from the ancient and medieval world in which the world was understood as a book.

⁸ Original – "Visual culture is concerned with visual events in which informations, meaning is souht by the consumer in an interface with visual technology".

O autor nos chama a atenção sobre as formas de mudança que a cultura visual tem proporcionado. A exemplo, ele aborda as mudanças no campo da medicina onde o diagnóstico por imagem pode ser realizado: a frequência cardíaca apresentada em gráfico, exames radiológicos e ultrassonografias auxiliando na compreensão dos sintomas do paciente. Essas formas de visualidade não representariam a substituição do discurso linguístico, porém, torna mais compreensível a observação através de um processo mais rápido e eficaz (MIRZOEFF, 1998).

Nesse sentido, pensar em cultura visual abarcaria não apenas analisar as visualidades que se apresentam, mas de que maneira elas estariam fazendo sentido para aqueles que a produzem e a percebem. "A cultura visual direciona nossa atenção longe de configurações estruturadas, formais de visualização, como o cinema e galeria de arte para a centralidade da experiência visual na vida cotidiana¹⁰" (Ibid., p. 7).

Em suma, toda essa relação mais do que fazendo parte de nossas vidas, as imagens, constituem o nosso dia a dia.

Cultura visual¹¹ envolve as coisas que vemos, o modelo mental que todos temos de como para ver e o que podemos fazer como resultado. É por isso que chamamos isso cultura visual: uma cultura do visual. Uma cultura visual não é simplesmente a quantidade total do que foi feito para ser visto, como pinturas ou filmes. Uma cultura visual é a relação entre o que é visível e os nomes que damos ao que é visto. Envolve também o que é invisível ou mantido fora de vista. [...] montamos uma visão de mundo consistente com o que sabemos e já experimentamos. (MIRZOEFF, 2015, p. 11)

Dessa forma, não apenas observamos, mas entendemos a visualidade na cultura contemporânea pela necessidade de se compreender a cultura visual como um campo de estudos (MIRZOEFF, 1998). Neste entendimento, para o autor, a pós modernidade é melhor compreendida visualmente, assim como o século XIX pode ser melhor interpretado através de sua representação através de jornais e romances.

[...] até mesmo estudos literários foram forçados a concluir que o mundo-como-umtexto foi ameaçado pelo mundo-como-uma-imagem. Essas imagens do mundo não podem ser puramente visuais, mas, da mesma forma, o visual rompe e desafia

¹¹ Original - Visual culture involves the things that we see, the mental model we all have of how to see, and what we can do as a result. That is why we call it visual culture: a culture of the visual. A visual culture is not simply the total amount of what has been made to be seen, such as paintings or films. A visual culture is the relation between what is visible and the names that we give to what is seen. It also involves what is invisible or kept out of sight [...] we assemble a world-view that is consistent with what we know and have already experienced.

-

¹⁰ Original - Visual culture directs our attention away from structured, formal viewing settings like the cinema and art gallery to the centrality of visual experience in everyday life.

qualquer tentativa de definir cultura em termos puramente lingüísticos ¹² (Ibid., p. 5, tradução nossa).

Sérvio salienta que o estudo, no entanto, não se mantém na análise das imagens por si só, mas "devido à tendência moderna de figurar ou visualizar a existência. [...] Nós, indivíduos da contemporaneidade capitalista, globalizada e tecnológica, teríamos assim uma capacidade de processar informação visual ímpar na história" (2014, p. 207).

Berlot Brecht (apud MIRZOEFF, 2016), aponta para a realidade não como sendo algo que é, porém o que está se tornando, como um processo que se estabelece através de contradições. Só é possível percebê-la, ou, pleitear uma tentativa de percepção caso se considere a existência da contradição.

Nesse sentido, a cultura visual está atrelada a um percurso onde a visualidade se encontra em seu cerne. O que é tornado visível, a partir de quem vê e de que maneira tal coisa é vista, são os eixos centrais da discussão a partir desta perspectiva. Essa prerrogativa imbrica uma relação em que o poder e o acesso ao conhecimento se cruzam para além da fronteira do olhar. "A imagem é, portanto, fator de firme envolvimento comunitário, está densamente carregada de significado simbólico" (CAMPOS, 2013, p. 12).

Mirzoeff, ao escrever sobre o direito do olhar, pauta esta discussão como aspecto importante ao se pensar no que é visto e imaginado. O campo da cultura visual perpassa pelo campo biológico, imaginário e social e desta forma, a cultura do olhar e ser visto implica em uma racionalidade do que pode ou não ser visto, em consequência.

Para o autor, a questão que perpassa o direito a olhar está imbricada em um nível onde a pessoalidade daquele que vê, enxerga no outro, através de um olhar mútuo, almejando aspectos mais sensíveis da visão com uma troca de olhares e expressa sentimentos diversos como amizade, solidariedade, ódio, amor, desejo. Essa relação se liga através de uma articulação mútua. Campos (2013) nos diz que essa relação nos possibilita pensar a imagem como veículos de comunicação.

Caso este espelho não seja refletido, ou seja, caso aquele que busca na troca do olhar com o outro não se encontre, não dialogue, a relação é irrepresentável. Nessa condição, os

¹² Original – "[...] even literary studies have been forced to conclude that the world-as-a-text has been challenged by the world-as-a-picture. Such world pictures cannot be purely visual, but by the same token, the visual disrupts and challenges any attempt to define culture in purely linguistic terms."

olhares se inventam e reinventam (MIRZOEFF, 2016). "Isso significa requisitar o reconhecimento do outro a fim de ter um ponto de partida para reivindicar um direito e determinar o que é certo. É a reivindicação a uma subjetividade que tem autonomia para organizar as relações do visível e do dizível" (MIRZOEFF, 2016, p. 746).

Pensar a visualidade é um processo em que devemos compreender os procedimentos estruturais onde determinada ação ocorre. Inúmeras situações poderiam ser pensadas. A exemplo, podemos imaginar a circunstância de uma pessoa submetida a encadeamentos que a impossibilitem nem sequer imaginar determinada situação, não apenas pelo fato de não a ter vivenciado, mas também pelo fato de não poder imaginar, já que, está subjugada a um olhar de dominação que não a permite inferir em determinado contexto.

Mirzoeff ao tratar da questão do direito do olhar, esbarra nessa perspectiva apontando que há uma autonomia de se pensar na reivindicação do direito a olhar onde é posta a autoridade da visualidade. Nesse sentido, o direito a olhar abrange um processo que "não é composto apenas de percepções visuais no sentido físico, mas é formado por um conjunto de relações que combinam informação, imaginação e introspecção em uma interpretação do espaço físico e psíquico" (MIRZOEFF, 2016, p. 749).

O direito a olhar neste sentido, perpassa por um campo onde o que pode ser visto se baliza em uma relação em que o social, político e cultural se entrelaçam em uma associação que pode determinar a relação do que é visto. Nessa dinâmica, atravesso esse pensamento voltando a perspectiva da imagem como forma de representação imbricada na ação ativista para compreender como essa dinâmica se materializa no processo de ocupação dos jovens estudantes secundaristas.

1.2 Juventude e visualidade – ativismos através de imagens

Todo esse contexto da cultura visual que apresentei é vivido pela juventude de modo constante em seu cotidiano. Adentrando os mais diversos espaços frequentados pelos jovens vemos as telas dos smartphones que se fazem presentes nas mãos dos usuários como um chip de identificação. Nas filas, nos supermercados, nas casas, ruas, praças, cinema, sala de aula, as imagens e suas informações em fotos e vídeos perpassam os diferentes modos desse público se comunicar nos múltiplos formatos e telas em diferentes interfaces e redes. Por mais que os autores ressaltem que esse convívio é próprio de todos nós, como demonstram a seguir, sabemos

que a juventude, pela sua conexão constante, tem uma relação normalmente maior com essa imagem na era da informação.

Esta notável capacidade de absorver e interpretar informação visual é a base da sociedade industrial e está se tornando ainda mais importante na era da informação. Ela não é um atributo natural do ser humano, mas, uma habilidade aprendida relativamente nova (MIRZOEFF, 1999, apud SÉRVIO, 2014, p. 2017).

Cabeças baixas, luzes refletidas sob a face, carregadores portáteis na bolsa, o aparelho não pode desligar. GPS, redes sociais, aplicativos indicando a previsão do tempo, controle de alimentação, contagem de passos diários, agenda, câmera, calculadora e os mais diversos aplicativos possíveis de serem pensados são encontrados nesses pequenos aparelhos que carregamos cotidianamente conosco. Resolve-se quase tudo ali. Paga-se conta, envia-se emails, lê-se livros, conecta-se com outros usuários. Um leque de possibilidades.

Os jovens ocupantes das escolas estão inseridos nessa sociedade em que as imagens se fazem presentes ampliando e modificando o nosso olhar sobre um determinado ponto, mesmo que saibamos que os acessos de vários deles são diferenciados pelas maiores ou menores possibilidades de conexão. Sontag (2004) já apontava a fotografia como um artefato onde se tem a sensação de termos o mundo retido, colecionado e armazenado.

Em tempos atuais, esse armazenamento pode ser visto nos diversos espaços on-line onde podemos tudo fotografar, filmar e após armazenar. Trata-se de um outro contexto do discutido por Sontag, mas, no entanto, na década de 40 ela já apontava aspectos da nossa relação com a fotografia que se assemelham aos usos feitos hoje por todos nós. Ainda mais tendo-se equipamentos cada vez mais modernos, lentes potentes, drones, smartphones que carregam consigo câmeras com capacidade de armazenamento interno e acesso a ancoragem virtuais. O poder da fotografia proporcionado pela evolução dos dispositivos apenas se potencializou.

Os ocupantes são um público jovem com idade entre 15 e 29 anos. Sabe-se que esse foi o público majoritário que esteve presente nos movimentos que ocuparam os espaços das escolas vistos nos anos de 2015 a 2017 em nosso país. Brenner e Carrano (2014) nos ajudam a compreender esse agrupamento social de jovens em idade regular que estão presentes no Ensino Médio, contexto em que se deram as ocupações a partir das quais realizo o recorte para esse estudo.

Conhecida como a PEC da Juventude, a Proposta de Emenda Constitucional de número 65 foi incorporada no ano de 2010, reconhecendo o jovem como um grupo subdividido em três subgrupos: o jovem adolescente, com idade compreendida entre 15 e 17 anos de idade; o jovem-

jovem, entre 18 e 24 anos e o jovem-adulto, entre 25 e 29 anos (BRENNER & CARRANO, 2014). Entendemos nesse estudo ser a juventude uma categoria heterogênea. São jovens que estão inseridos em diferentes contextos social, econômico, político e cultural, dessa forma, quando pesquiso jovens da ocupação, falo de uma parcela da juventude que é diversa.

Como aponta ainda Breener e Carrano, é característico das sociedades contemporâneas a velocidade com as quais as mudanças ocorrem no campo da produção e reprodução da vida social e a juventude ocupa "um lugar de significativa relevância no contexto das grandes inquietações mundiais" (p. 85). Nesse processo os jovens são "atores-chave e interagem algumas vezes como protagonistas e beneficiário das mudanças e por outras vezes sofrem os prejuízos de processos de "modernização", produtores de novas contradições e desigualdades sociais" (2012, p. 85).

No Brasil, de acordo com os dados do Censo 2010 do IBGE, a população jovem no país, com idade entre 15 e 29 anos representaria o equivalente a 27% da população totalizando cerca de 51 milhões de pessoas. Não muito diferente dos dados mundiais, esse percentual se assemelha em termos de população ¹³ mundial juvenil onde encontra-se na marca dos 28%. Ou seja, há um número significativo da população jovem que está ingressando nos arranjos sociais que vem se constituindo e se modificando.

As páginas criadas pelos estudantes das escolas ocupadas na rede social on-line *Facebook* espelha um local onde as ações e atuações são publicadas na rede. Esta forma de visualização do que acontece naqueles espaços físicos podem ser vista a partir de diversas páginas das ocupações de cada escola. Vemos que os jovens, utilizando seus dispositivos portáteis, registram as ações que são desempenhadas naquele espaço físico e publicam-nas em suas páginas na Internet. As imagens se reproduzem de forma cada vez mais acelerada. Fatos corriqueiros são registrados e publicados ali estimulados por uma cultura da valorização da imagem que pode ser observada em diversas instâncias de nossas vidas.

Crary (2016) aponta para a velocidade das ações que vem se tornando cada vez mais presente nesse contexto de conexão permanente. Sibilia salienta que isso se deve a algumas transformações:

Em menos de uma década, as tecnologias avançaram de um modo que teria sido impossível prever, com destaque para os dispositivos portáteis que agora todos levamos conosco a toda a parte, e que não só nos permitem como também nos

¹³ Fonte: < https://nacoesunidas.org/adolescentes-e-jovens-sao-28-da-populacao-mundial-onu-pede-mais-investimentos/> Acesso em 24 jul. 2018.

estimulam a estar em contato permanente com os demais através de câmeras, teclados, microfones, espelhos e redes (2016, p. 10).

Junto a cultura da posse do aparelho, soma-se a cultura de seu uso e publicação de imagens nas redes de Internet. Em 2015, de acordo com dados do Cetic, estimava-se que 90% dos jovens brasileiros possuíam ao menos um perfil em redes sociais. Através dos smartphones, os jovens produzem seus vídeos, tiram fotografias, editam, publicam em redes sociais, criam blogs.

Um balanço¹⁴ em relação à compra de *smartphones* foi realizado e aponta que no ano de 2017 houve um segundo melhor desempenho em termos de venda após declínio nos dois anos anteriores. Foram cerca de 47,7 milhões de aparelhos vendidos no país. O Instagram, rede social onde o usuário publica fotos com a possibilidade de aplicar efeitos, no mesmo ano, viu seu número de usuários crescer vertiginosamente, tendo no Brasil sua segunda maior base de usuários. São 50 milhões¹⁵ de usuários ativos por mês.

Mirzoeff (2013) nos chama atenção para o crescente uso da expressão 'selfie' nos últimos anos. Anunciada como a palavra do ano pelo dicionário Oxford em 2013¹⁶ e incluído em seu acervo correspondendo a uma fotografia que se faz de si mesmo, o uso da palavra foi 17.000% superior de 2012 a 2013. Não por acaso, o Instagram, se apresenta hoje como o principal aplicativo destinado a esse fim e continua a ter também o *Facebook* como rede social bastante difundida no país, muito embora já se esteja falando em migrações desta para outras redes sociais.

Fato é que ao se comprar um *smartphone*, uma das funções mais exigidas pelos usuários é a câmera do dispositivo. Aliás, duas câmeras, uma frontal e outra traseira. Dispositivos para iluminação do ambiente, lanterna ou flash, qualidade do foco, memória para armazenamento, lentes vendidas separadamente para aumentar o foco, lentes que modelam o visor da câmera. Full HD, megapixels, Ghz, Gb, Streaming, Mp4, @60fps, GIF, JPEG, Sépia são os principais termos que podemos observar ao realizar a compra de *smartphones* já pensando na potencialidade que a câmera pode oferecer.

¹⁴ Fonte: http://www.valor.com.br/empresas/5409615/mercado-de-smartphones-volta-crescer-no-brasil-apos-2-anos-de-queda Acesso em 17 jun. 2018.

¹⁵ Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931057-com-50-milhoes-de-usuarios-brasil-e-segundo-no-ranking-do-instagram.shtml Acesso em 17 jun. 2018.

¹⁶ Fonte: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/selfie-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.html Acesso em 23 out. 2020.

Toda essa voracidade se revela nas mais de 730 bilhões¹⁷ de fotos em média compartilhados por ano através do *Facebook*. São cerca de 2 trilhões de fotos compartilhadas em aplicativos de redes sociais. Isso apenas no ano de 2015. Já em 2017, estima-se¹⁸ que a cada 2 segundos sejam capturadas uma quantidade de imagens equivalente a quantidade de fotos clicadas durante todo o século XIX. Cerca de cinco¹⁹ milhões de vídeos são vistos todos os dias no *Youtube* no mundo. Entre a população brasileira com idade entre 18 e 35 anos usuária²⁰ de Internet, 95% assiste a um vídeo pelo menos uma vez por mês. Em média, em termos globais, o *Youtube* é visitado 900 milhões de vezes por mês sendo assistidos cerca de 3 bilhões de vídeos.

Através de telas que se multiplicam, de diversos formatos e diversos tamanhos essas imagens se impelem. Em minha mesa de estudos, olho para a tela de meu computador pessoal enquanto escrevo esta tese. Nos intervalos, vejo a tela de meu *smartphone* e busco um texto para ser consultado através do *tablet*. O leitor de livros digitais está logo ali, na prateleira, pronto para ser acionado. Enquanto isso, meu companheiro me mostra um *meme* que recebeu em conversas de *WhatsApp* e gostaria de compartilhar comigo essa visualização. Uma, duas, três, quatro, cinco telas... Eis que esqueci de uma, a televisão em que ele assiste a um episódio da série *Vikings* no *Netflix*.

Essa chuva de fotos e vídeos que se revelam em tempos atuais estão na memória dos aparelhos e circulam na Internet a todo o vapor. As fotografias revelam mais do que a ocorrência de um fato registrado, mas interpela por uma abordagem que incita na maneira a qual uma pessoa é vista e interpretada pelo outro, sendo este o principal objetivo da cultura visual global (MIRZOEFF, 2015).

Canais no *Youtube* foram criados pelos jovens de algumas escolas como forma de hospedar os vídeos realizados no período da ocupação assim como documentários sobre o processo do movimento estudantil. "Diário da Ocupação, Escolas Ocupadas a verdadeira reorganização, Por eles mesmos, Lute como uma menina", entre tantas outras produções independentes que podem ser encontradas na rede.

Ancorado nesses discursos produzidos pelos jovens, as produções imagéticas como as citadas anteriormente se apresentam nas redes em forma de ativismos através de imagens. Todas

¹⁷ Fonte: https://www.gazetadopovo.com.br/manualdousuario/quantas-fotos/ Acesso em 17 jun. 2018.

¹⁸ Fonte:<<u>https://canaltech.com.br/curiosidades/A-cada-2-minutos-o-mundo-tira-mais-fotos-do-que-todos-os-clicks-do-seculo-XIX/</u>> Acesso em 17 jun. 2018.

¹⁹ Fonte: < http://web.tecnico.ulisboa.pt/~ist178552/wordpress/estatisticas/> Acesso em 17 jun. 2018.

²⁰ Fonte: < http://tecnologia.ig.com.br/2017-07-28/youtube-usuarios.html > Acesso em 17 jun. 2018.

essas produções estão presentes em um contexto familiar aos usos e apropriações dos jovens em seu cotidiano. "As tecnologias são cada vez mais visuais como uma consequência dessa tendência de figurar e visualizar a existência" (SÉRVIO, 2014, p. 207).

Quem não se lembra de Ana Julia? Uma jovem de 16 anos, na época, que realizou um belo discurso na Assembleia Legislativa no Paraná no dia 26 de outubro de 2016. Compartilhada em diversos canais, o vídeo da jovem foi assistido por milhares de pessoas. Em seu discurso, Ana Julia, se emociona e emociona quem assiste sua fala. A jovem, rebate a crítica de um deputado, discursa sobre o processo de ocupação e fala dos sentimentos arraigados por ela e outros jovens. Por fim, a jovem convida a todos para que visitem uma ocupação estudantil secundarista.



Figura 1 - A jovem Ana Julia realiza um discurso durante uma plenária em Curitiba²¹

No dia seguinte à sua apresentação na mídia, a jovem é procurada por diversas emissoras, recebe ligações e mensagens parabenizando-a pelo feito. Dias após, a jovem concede entrevistas, participa de eventos e continua a passar sua mensagem de outras maneiras. A fala da jovem foi repercutida nas diversas *fanpages* de escolas ocupadas. Como um estímulo a

²¹ Fonte: < https://www.youtube.com/watch?v=fPGJjO-zdn4> Acesso em 12 mai. 2018.

caminhada árdua dos estudantes, eles a viam com respeito e inspiração. A imagem de Ana Julia repercutiu em todos os movimentos de ocupação e ela passa a ser exemplo de juventude engajada pelo direito a educação.

Outro exemplo de produção visual realizada por jovens nesse contexto de ocupação, agora através de música e dança, foi a realizada por jovens alunos da Escola Estadual Técnica de Teatro Martins Penna. Os jovens realizaram uma paródia da música 'Baile de Favela' e se apresentaram no centro da cidade do Rio de Janeiro. Vestidos de preto, os jovens escolheram o melhor momento para encenar durante um ato que ocorria.

Com mais de 50 milhões de visualizações, o vídeo emocionou e causou arrepio em diversas pessoas. Debaixo de chuva, os jovens exibiram suas performances de uma maneira fantásticas naquela avenida. Reivindicando melhorias em diversos setores comuns à sociedade, eles interpelavam por uma política que equalizasse as demandas sociais. Segue abaixo a imagem de um trecho do vídeo.

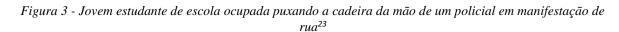


Figura 2 - Jovens encenam durante manifestação no Centro da cidade²²

_

²² Fonte:<<u>https://www.youtube.com/watch?v=fB4Ln-CZavk</u>> Acesso em 15 mai. 2018.

Outra imagem bastante divulgada nas redes foi a de uma aluna secundarista em um protesto nas ruas do Estado de São Paulo no dia 30 de novembro de 2015. Na imagem, a jovem aparece puxando a cadeira da mão de um policial militar embaixo de um viaduto durante uma manifestação nas ruas da cidade. A aluna da Escola Estadual Fernão Dias, teve a imagem divulgada nas redes onde rapidamente se espalhou 'viralizando' e sendo alvo de diversos questionamentos.





Com cadeiras típicas de salas de aula, os alunos tomaram as ruas da cidade fechando o acesso a algumas das principais vias do Estado. Uma megalópole com cerca de 12 milhões de habitantes, tal fato causou um impacto grande em seu trânsito. A atitude dos alunos foi registrada e noticiada em diversos canais midiáticos. Dando visibilidade ao movimento, a ação parece ter atingido seu objetivo. No entanto, a jovem não imaginava que sua imagem junto a

²³ Fonte: http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/cidades/estudante-fala-sobre-foto-polemica-em-ato-contra-a-reorganizacao-escolar Acesso em 12 mai. 2018.

do policial ganharia tamanha repercussão. A partir dessa manifestação com cadeiras atravessadas nas ruas, outras viriam a ser vistas pelo país. Tais como:

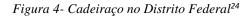




Figura 5 – 'Cadeiraço' promovido por jovens no Ceará²⁵



²⁴ Fonte: < http://ubes.org.br/category/ocupacao/feed/> Acesso em 12 mai. 2018

²⁵ Fonte: <encurtador.com.br/duwEF> Acesso em 12 mai. 2018.



Figura 6- Jovens promovem um 'cadeiraço' em Goiás²⁶

O 'cadeiraço' promovido pelos estudantes teve o propósito de ocupar as ruas com seus corpos e mobiliário estudantil utilizado em seu dia a dia. A cadeira, dura, rígida, com cores uniformes, desconfortáveis, revelavam a realidade a qual os jovens se encontravam. Em diversas situações quebradas, inadequadas onde o jovem deve permanecer sentado durante cinco dias da semana em uma jornada de cerca de quatro horas diárias. A cadeira presente no espaço da escola, acompanha os jovens nessa trajetória, assim como o caderno, o lápis, a borracha, a mochila. Não obstante, esses materiais fizeram parte das ocupações.

A essa ação midiativista que utiliza as imagens como ação imbricada Campos nos diz

não podemos descartar a capacidade que o cidadão comum ou em certos grupos mais desalinhados na produção de narrativas contra hegemônicas, na construção de espaços imaginários de resistência. No campo da arte urbana, do activismo digital ou artivismo, diversos são os exemplos de criação de imagens e de narrativas dissidentes, que desvendam e problematizam formas de desigualdade, de exploração, de violência etc. A visualidade é, por isso, uma arena política de extrema relevância para pensarmos o mundo contemporâneo (MARQUES & CAMPOS, 2017, p. 8).

²⁶ Fonte:<<u>http://www.goiasreal.com.br/noticia/2381/secundaristas-fazem-novo-cadeiraco-contra-terceirizacao-de-escolas> Acesso em 12 mai. 2018.</u>



Figura 7 - Cartaz afixado na parede de uma escola ocupada²⁷

Do mesmo modo que os vídeos e fotos foram publicados no contexto das ocupações por ações protagonizadas pelos jovens, cartazes realizados com dizeres espalhados pelas escolas através de folhas de caderno, cartolinas, canetas permanentes, tintas, e outros artefatos fizeram parte desse contexto de visualidades neste espaço também. E junto a eles, o smartphone encontra lugar com suas câmeras onde, através de suas lentes, os jovens registram todas essas situações e publicam-nas na rede, ampliando sua repercussão.

Nessa compreensão, interessa-nos entender, através das múltiplas imagens trazidas no contexto on-line das ocupações estudantis, a dinâmica do movimento através das representações que são costuradas por esses jovens ocupantes. As imagens trazidas anteriormente, chegaram até mim através de minhas redes de amizade na Internet, através de notícias e/ou acompanhamentos de páginas on-line. Em minha memória, estes eventos se reavivaram ao trazê-los aqui.

De fato, algumas imagens eu não possuía mais, ou não conseguiria achá-las em minha galeria de imagens do *smartphone*, desta forma, através de palavras-chave, realizei uma pesquisa junto a um site de busca na Internet e consegui revisitá-las. Outras imagens que não consegui achar pode ser atribuído a fatores como não estar mais disponível na rede, ou, dos mecanismos de busca que utilizei não serem suficientes para encontrá-las.

-

²⁷ Imagem retirada da página do Facebook de uma das escolas pesquisadas. Acesso em 02 mar. 2017.

O fato é que não preciso, em todo caso, ter a necessidade de memória interna do dispositivo bastando ter acesso a uma conta que me ofereça uma disponibilidade de armazenar as imagens em nuvem e revisitá-las através de minha conta particular.

Imagens e vídeos chegam até nós bastando que estejamos conectados à Internet, ou caso realizemos *login* em redes sociais ou naveguemos em sites da web. Elas são produzidas e circulam a todo o vapor. Uma imagem que esteja viralizando na rede e que eu ainda não tenha visto hoje, certamente chegará até mim em alguns dias, ainda que

ninguém se banhe duas vezes no mesmo rio informacional, a densidade dos links e a rapidez de circulação são tais que os atores da comunicação não possuem mais nenhuma dificuldade séria para compartilhar o mesmo contexto, ainda que essa situação seja ligeiramente escorregadia e muitas vezes confusa (LEVÝ, p. 121).

Essa possibilidade do encontro inesperado com essas representações que chegam até nós através de mensagens "encontra-se conectada a outras mensagens, a comentários, a glosas em evolução constante, às pessoas que se interessam por ela, aos fóruns onde se debate sobre ela aqui e agora" (LEVY, 2010, p. 120).

Como nos diz Sibilia (2016) as redes já invadiram os muros das escolas. Através das imagens, as ações dos jovens podem ser vistas a partir de qualquer lugar já que as barreiras geográficas e os muros que rodeiam as escolas deixam de se tornar um obstáculo para o campo de visão. Tais visualidades já fazem parte da rede maior e vão além do espaço físico da escola. De fato, o olhar daquele que revela a imagem traduz um foco onde a escolha do que deve ser visto/mostrado se impele, porém, essa possibilidade confere àquele que acompanha as páginas uma visibilidade que, talvez, sem a potência oferecida pelo contexto das atividades nas redes digitais on-line, não pudesse ser enxergada.

No curso desse processo, nesse estudo, buscamos compreender essas visualidades que afloraram no campo do movimento de ocupação nas escolas secundaristas observando a maneira como essas imagens e vídeos são expostos nas páginas do *Facebook*. Em uma busca preliminar, encontrei essas visualidades que trouxe anteriormente em sites de busca, páginas de noticiários de jornais, matérias independentes contendo o tema da ocupação em redes sociais digitais.

Vivendo num mundo em constante revolução, como aponta Mirzoeff (2015), as pessoas em todo o mundo estão a todo o momento buscando mudar os sistemas representativos. Nesse cenário, a juventude atua participando de diversas ações como as ocupações estudantis vistas em 2016.

Carrano salienta para a perspectiva que se apresenta diante desses jovens no que tange a movimentos como o das ocupações acontecidos aqui no Brasil e outros movimentos de ocupação pelo mundo.

Sem dúvidas, os jovens são atores-chave desses processos e interagem com eles algumas vezes como protagonistas e beneficiários das mudanças e por outras vezes sofrem os prejuízos de processos de "modernização, produtores de novas contradições e desigualdades sociais. As preocupações com a juventude se orientam em grande medida pela percepção de que as próprias sociedades se inviabilizam com a interdição do futuro das gerações mais jovens. Sobre esta juventude ameaçada se depositam também as esperanças da renovação, muitas vezes idealizando-se uma natural capacidade dos jovens para a participação, a transformação e a mudança. (2012, p. 85)

O anseio por mudança aliada a uma força enérgica que os move, faz desses jovens os protagonistas dessas histórias, pautando nas representatividades essa trajetória. Aqui os *jovens* estão sendo tratado no plural. Trata-se dessa pluralidade de indivíduos que integram as ações do movimento e é constituída por muitos. Essa ancoragem tem em Castells seu ponto de visão quando aponta que "os movimentos sociais de hoje, e provavelmente aqueles que ocorreram ao longo da história (o que está além do domínio da minha competência), são constituídos de indivíduos" (2013, p. 21).

Movimentos como esses não encontram um aporte baseado em apenas poucos ou um indivíduo, como no caso do herói, apontado por Castells, sendo uma pessoa ou poucas "acompanhados por uma multidão indiferenciada, chamada classe social, etnia, gênero, nação, fiéis, ou quaisquer outras denominações coletivas dos subconjuntos da diversidade humana (Ibid., p. 21).

Em comum aos movimentos de ocupação secundarista que ocorreram no Brasil, os movimentos que se antecederam em outros países como a Revolta Árabe, a Revolta dos Pinguins no Chile ou a Revolução das Panelas na Islândia, se guiaram por um sentimento de "afronta muitas vezes induzidos por humilhação – e esses sentimentos estimularam protestos espontâneos iniciados por indivíduos: jovens usando suas redes em que eles vivem e se expressam" (Ibid., p. 33). Essas comunicações se fazem através de redes sociais aportado no contexto das ações nas redes digitais.

Pensando nessas visualidades que se criam e se recriam nas ações dos jovens, busco no próximo capítulo estabelecer uma compreensão sobre os processos de ocupação que ocorreram pelo mundo, anteriores aos processos de ocupação dos jovens secundaristas exploraram as "ambivalências, interstícios e lugares de resistência" (MIRZOEFF, 1998 p. 8) pautando-nos nas

produções imagéticas que são realizadas através das interfaces digitais e publicadas nas redes digitais. Afinal, o que contam as visualidades produzidas pelos jovens nas ocupações das escolas e publicadas nas *fanpages*?

CAPÍTULO 2 – UM PASSADO/PRESENTE DE RESISTÊNCIAS – O LUGAR DOS MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO

Nesse momento busco trazer uma breve retrospectiva do que ocorreu nos movimentos que inspiraram as ocupações secundaristas brasileiras. Assim como ocorreu na praça Tahir, no Egito, no Occupy Wall Street em Nova Iorque, nos Indignados na Espanha, no Movimento Passe Livre no Brasil e em diversos lugares do mundo, as ocupações estudantis secundaristas que vem ocorrendo desde 2015 com força em nosso país tem como pano de fundo um espaço de mídia onde convergem-se imagens, vídeos, áudios, textos e outros recursos com narrativas que descrevem os acontecimentos, viabilizam ações e discutem-se possibilidades e desafios.

A 'primavera²⁸ secundarista', movimento que aconteceu em várias escolas do país no período de 2015 a 2017 e que recebeu esse nome inspirado na Primavera Árabe, movimento que eclodiu em 2011, contou com ocupações em quase todos os Estados do nosso país. Mais de mil ocupações se espalharam com reivindicações que colocam em pauta a revogação da Medida Provisória²⁹ 746 que impunha a Reforma do Ensino Médio e então aprovada pelo Senado com algumas modificações, o repúdio à Proposta de Emenda Constitucional 55 e também aprovada³⁰ pelo Senado e a desaprovação ao PLS³¹193/16, que apresenta o Programa Escola sem Partido, ou Lei da Mordaça, como é chamada pelos estudantes.

Abaixo segue o mapa das ocupações estudantis pelo país.

_

²⁸ In: JANUÁRIO, Adriano; CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. Revista Fevereiro, n. 9. Abr., 2017.

²⁹ A Medida Provisória que institui a Reforma do Ensino Médio foi aprovada em 09 de fevereiro de 2017 pelo Senado com 43 votos a 13. Dentre as mudanças, a flexibilização do currículo com 60% de disciplinas obrigatórias e o restante optativas, um aumento na carga horária anual, não obrigatoriedade de oferecer as disciplinas de Artes de Educação Física são algumas delas. Fonte:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/14/politica/1481746019_681948.html Acesso em 07 mai. 2017.

³⁰ O projeto de lei 55 tramitado no Senado e aprovado em 13 de dezembro de 2016 com 53 votos a 16, conhecido também como PEC 241 e aprovado anteriormente na Câmara dos Deputados prevê o congelamento dos gastos públicos por 20 anos reduzindo drasticamente investimentos em saúde e educação, prioritariamente. Fonte: https://www.cartacapital.com.br/politica/pec-que-congela-gastos-sociais-e-aprovada-em-segundo-turno-no-senado Acesso em 07 mai. 2017.

³¹ O Projeto de Lei do Senado 193 de 2016 propõe a neutralidade política, ideológica e religiosa restringindo conteúdo a serem ensinados com uma ideia de neutralidade dos conhecimentos. Fonte: https://www.cartacapital.com.br/educacao/escola-sem-partido-estrategia-golpista-para-calar-a-educacao Acesso em 07 mai. 2017.



Figura 8- Mapa ³²das ocupações estudantis pelo país publicado em 07/11/2016

O que há em comum nas ocupações que constam nesse mapa é o seu arranjo onde são utilizadas as redes sociais on-line como forma de organização e disseminação do movimento transformando as escolas ocupadas em um grande palco de lutas políticas através da convergência de diversas produções audiovisuais e sua divulgação em redes sociais digitais como forma de ativismo.

Pensando nesses movimentos, busquei compreender no próximo item o entendimento do termo ocupação e de que forma as articulações que se dão no terreno *on-line/off-line* se entrecruzam.

2.1 #Ocupa

O termo *ocupação* está atrelado a diversas nuances de definições que podem vir acompanhadas de diferentes sentidos a partir da procura por seu significado mais aproximado

³² Mapa criado pela União Brasileira dos Estudantes (Ubes) com todas as escolas e Universidades ocupadas no Brasil contra a PEC 55. Fonte:

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2016/11/07/interna brasil,673824/mapa-mostra-asecolas-e-universidades-ocupadas-no-brasil.shtml> Acesso em 07 mai. 2017.

ao estudo ao qual desejamos pesquisar. No caso da palavra 'ocupar', que vem do latim *occupare*³³– aglutinação de *ob*, à frente, mais *capare*, tomar, agarrar – sua acepção nos permite pensar nas diferentes possibilidades do termo, pensando em 'ocupações' no sentido desta pesquisa.

Poderia seu termo estar mais associado a uma definição de apoderamento ou de invasão? Teria ela uma noção de resistência? Seria uma apropriação pela força ou uma conquista por merecimento? Uma dominação? Conseguiríamos pensar em todos eles juntos? Quem sabe? Por que não?

Fato é que de uma forma ou de outra, saturado de sentidos, o termo nos provoca a pensar nessas possibilidades que são refletidas em suas práticas. Em todo caso, não estou aqui em busca de uma tentativa de estabelecer uma melhor definição para o termo, mas de entender suas diversas possibilidades que surgem e se recriam de diversas formas.

Esses movimentos com anseios diversos, mas com uma pauta unânime de luta por melhorias de condições estruturais, pedagógicas e humanitárias para que se possa alcançar uma educação de qualidade, tem como espaço de luta ambientes físicos e virtuais, já que,

a conexão entre a mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional tornou-se possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 56)

Os ambientes off-line compreendem as escolas que os alunos utilizam para demarcar simbolicamente suas lutas, fazendo deste espaço 'moradias' provisórias com o objetivo de demonstrar para a sociedade e o poder público que aquele espaço os 'pertence'. São lugares com movimentos marcados pela ação do tempo e trajetória, já que, aqueles alunos que ali estudam passarão um período de suas vidas e, ano após ano, darão lugar a outros ingressantes.

Já os ambientes on-line, são espaços que eles, normalmente já transitam, porém, neste sentido das ocupações, com um viés de luta. Abre-se, então, um ambiente a mais ou utilizando espaços já transitados por eles para que possam expor suas demandas, comentar, discutir e tomar decisões. A dinâmica de ocupação que atravessa esses lugares ocorre de forma concomitante. Os dois espaços são utilizados, um como reforço do outro.

Estes espaços on-line e off-line já são visitados, permeados, ocupados normalmente, independentemente de qualquer movimento. Porém, ao se falar em 'ocupação', depreende-se que algum movimento com algum tipo de motivação com tema instigante esteja em pauta.

_

³³ Fonte:<<u>http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/ocupar/</u>> Acesso em 02 mai. 2017.

Para entendermos melhor o que caracteriza o termo, recorro rapidamente à noção de lugar que "refere-se à demarcação simbólica de espaços, atribuindo a eles, a partir de relações estabelecidas, noções de pertencimento e identidade, orientando ações sociais e sendo por essas delimitadas reflexivamente" (HAMANN *et al*, 2013, p. 22).

Ao pensarmos no conceito de espaço, remetemo-nos ao plano físico onde podemos estar presentes de forma que visivelmente nos percebemos ali e podemos estabelecer relações físicas como um toque. Porém ao analisarmos o espaço on-line, depreendemos que a presença também pode ser percebida, bem como diversos elementos de interação e comunicação podem ser estabelecidos. Porém, há também a possibilidade de não ser visto pelo outro, mas nunca inerte na rede, já que todas as ações que desempenhamos são traçadas, formam e fazem diferença ao se pensar em conexões de rede de uma forma mais ampla.

No Facebook, My Space, Orkut, Linkedin, Xing, Pulse ou nos milhares de comunidades criadas através de softwares livres, nos meios de comunicação social – como NING, indivíduos constroem redes de contatos, de amigos, e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de marketing e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos. (LEMOS & LEVÝ, 2010 p. 12)

A possibilidade do estar junto, presente fisicamente, reforça as relações de contato entre os pares. Ainda que possamos estabelecer relações de comunicação, transpassando sentimentos e anseios, o contato físico não pode ser substituído e isso reflete em todos os vínculos. Nas relações de ocupação em que o sujeito está ali, fisicamente, preenchendo um determinado espaço no lugar, como a escola, essa relação expressa uma maneira de estar presente que transpassa os limites que o on-line não comporta.

Os lugares de trânsito, como aeroportos, praças, estações de trem, supermercados e bancos, podem parecer lugares onde as pessoas estabelecem pouca ou nenhuma relação. São lugares caracterizados por autores como Marc Augé (1994) como 'não-lugares', onde os fluxos financeiros e políticos alteram nossa percepção de tempo e dimensão espacial. A velocidade excessiva, hábitos de consumo e geração de informação estariam nos levando a um individualismo exacerbado.

De fato, ao analisarmos de perto todos esses ambientes, veremos que relações simbólicas acontecem ali, uma vez que, os prestadores de serviço, as pessoas que ali transitam expressam sentimentos e desejos ao estarem naquele ambiente.

Este movimento de registrar e apoderar-se do espaço urbano, transformando-o em lugar, está intrinsecamente ligado a esta memória dos acontecimentos, no exercício

de atribuição de sentido e significado aos acontecimentos vivenciados nos espaços. Os locais de circulação, de encontro, de manifestação, colocam-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais, conflitos, transforma o espaço em artefato cultural, em linguagem urbana. (HAMANN *et al.*, 2013, p. 24).

A comunicação que estabelecem pode se dar de forma mais ou menos ampla, mas o fato é que, ao se comunicarem, elas pertencem àquele lugar de alguma forma. Ao frequentarmos o mercado do bairro, o açougue ou a farmácia, desejamos retornar, ou não, podemos procurar outro local por afetividade, relação econômica etc. O mesmo acontece quando nos conectamos ao *Facebook*, quando utilizamos um *Chat* para falar com um atendente e ao trocarmos mensagens através de *WhatsApp*.

Ao pensarmos nos movimentos de ocupação, estes espaços elucidam estas relações da mesma maneira, seja através do contato *off-line* ou *on-line*. "Os 'ocupas' fomentam uma apropriação não apenas física, mas também simbólica de praças e ruas, estabelecendo novas relações ao afirmar identidades no convívio entre o indivíduo, o grupo e as possibilidades de "ser" na cidade atual" (HAMANN *et al.*, 2013, p. 22).

O terreno onde as relações se dão nesse contexto não caminha em direção a uma separação do que é on-line e o que é off-line, já que entendo que o virtual não é 'irreal' como aponta Levý (2014). Em suas palavras ele nos mostra que "em geral, acredita-se que uma coisa deva ser real e ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia, o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual" (Ibid., 2014, p. 49).

A tomada dos espaços públicos como um movimento simbólico de *ocupação* utiliza, no contexto das ações observadas, uma forma de organização onde "o objetivo é utilizar o potencial das ferramentas comunicacionais digitais para expressão livre dos movimentos sociais e das articulações e reivindicações político-ativistas" (LEMOS & LEVÝ, 2010 p. 28).

Em nosso país presenciamos diversas ocupações ocorrendo nas principais ruas e avenidas de grandes cidades de forma concomitante ou aleatória. Assistimos a uma retomada do sentido do termo ocupação onde o anseio dos ocupantes é ter o controle do espaço, ainda que por um curto período. Deste modo, diversas pessoas ocupam esses locais fazendo uma nova organização do espaço com seu corpo. Para Fabio Malini, os movimentos de ocupação

servem como métodos de resistência para tomada de um local ou estabelecimento no tensionamento contra um adversário específico por um determinado período. São exemplos de políticas prefigurativas, em que não há diferença entre o que se busca e a forma como se busca. As ocupações são meticulosamente executadas e não são manifestações desprovidas de planejamento (2016, p. 26).

Uma retomada do espaço público através do corpo de diversos indivíduos formava uma

tessitura transpassados por uma perspectiva de mudança no cenário local e global. No próximo tópico apresento um breve histórico do surgimento das ocupações pelo mundo e no Brasil, refletindo acerca de como esse movimento vem se fortalecendo ao longo do tempo. Por esse motivo, para me acercar das *fanpages* produzidas pelos jovens das ocupações, considero importante apresentar alguns estudos e discussões de autores já realizados nesse contexto de movimentos protagonizados por jovens.

2.2. Resistindo, ressignificando e transformando: alguns casos de resistência pelo mundo

Desde 2011 uma explosão de movimentos sociais vem ocorrendo em diversas regiões do mundo. Movimentos que trazem diferentes pautas com reivindicações por garantias de direitos elementares aos cidadãos que ali habitam. Movimentos que traduzem a ânsia e o desespero daqueles que dependem da dinâmica de uma aflição econômica, alimentada por uma insolência política, são vistos agora, por muitos, como única esperança de se poder pensar em um mínimo de dignidade humana para viver. Em comum, todos esses movimentos têm por base uma rede de diálogo que acontece através da Internet.

Nesse contexto, os que antes eram tidos como heróis, agora são interrogados e encarados como vilões. Os intocáveis estão, agora, preocupados com sua reputação. Governos estão sendo derrubados, e os meios de difusão de informação oficiais estão sendo vistos com desconfiança. O que pode parecer ainda estar longe de se tornar uma mudança pode ser o ponto chave de sua abertura. Castells aponta para os principais movimentos que ocorreram pelo mundo que nos últimos dez anos tiveram algum tipo de mudança em seus governos, bem como a criação de uma cultura mais incisiva em termos de debates sobre política e ativismo pela população.

Com tudo isso ocorrendo se percebe que a confiança foi posta em xeque assim como aponta Castells. O autor considera que "a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem a confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência" (2013, p. 11).

Impressionantemente, o movimento ocorrido na Tunísia, tendo seu início em dezembro de 2010, parece ter aberto as portas para outros movimentos subsequentes que se espalharam pela região arábica e norte da África, sendo chamados de Primavera Árabe. Antes, porém, outros movimentos sociais ocorreram tais como em Madrid quando logo após os atentados que ocorreram no país em 2004, jovens articularam-se rapidamente através de comunicação via

SMS formando o chamado *swarming*³⁴, ou 'enxame'. No Irã, mobilizações feitas através do *Facebook*, SMS e outros canais, culminaram em protestos contra o resultado das eleições presidenciais de 2009. No mesmo ano na Islândia, milhares de manifestantes se reuniram em frente ao prédio do Parlamento exigindo a renúncia do governo culpando-os pela má administração da economia e pela inépcia para enfrentamento da crise que tomou conta do país (CASTELLS, 2013).

Já em 1994, o levante Zapatista, ocorrido no México, vem oferecendo indícios da maneira como foi articulado os movimentos atuais. O Exército Zapatista de Liberação Nacional formado por mestiços e índios, habitantes de montanhas mexicanas, ocuparam o Estado de Chiapas. Com máscaras de lã e lenços vermelhos cobrindo seus rostos, os 'rebeldes' apresentaram sua declaração de 'guerra' junto ao governo e a força militar do país naquele ano.

O texto foi noticiado em diversos canais de comunicação. As reivindicações se faziam em torno do combate à corrupção na política local bem como o cessar da marginalização dos indígenas locais que são descendentes dos maias, e o fim do tratado livre do comércio entre os Estados Unidos e Canadá junto ao México e sua consequente submissão ao poderio americano. De uma forma geral, as incursões se faziam em busca do diálogo aberto junto ao governo e o reconhecimento dos povos originários nas tomadas de decisão pelo sistema democrático do país.

Embora os Zapatistas estivessem armados com vistas a uma possível truculência do Estado, a ação não incorreu em atos violentos. O manifesto se destacou nesse cenário pelo uso da Internet e da mídia televisiva para evidenciar o movimento cobrando respostas do governo. Desde então, negociações foram realizadas entre o governo e os manifestantes.

Os zapatistas tinham como base de luta a expressão "De baixo para baixo". Seus líderes se apresentavam na mídia de tempos em tempos expondo a situação à qual eles faziam suas reinvindicações. A base de luta do movimento se deu através do uso das mídias digitais. Essa forma de ativismo em contextos on-line utilizada por eles, como aponta Mirzoeff (2013), os caracteriza como precursores do *hackativismo*.

-

³⁴ De acordo com Alex Avancini, "os *swarmings* são fenômenos típicos de uma sociedade hiperconectada, que se auto-organiza em rede e não depende de uma convocação única. Elas simplesmente acontecem, por vezes inexplicavelmente, ora motivadas por algum fator político ou social" (2013). Fonte: https://www.anda.jor.br/2013/07/os-swarmings-sociais-nas-atuais-manifestacoes/> Acesso em 07 jun. 2017.

Nesse movimento, Mirzoeff chama atenção para uma nova representação que se fez presente nesse percurso. A maneira como os eventos foram delineados e as experiências se estabeleceram tiveram como formas de representação imagens e vídeos que transcenderam as barreiras geográficas físicas. A disseminação da cultura digital global possibilitou essa convergência. Malini e Autoun pontuam essa expansão dizendo que "o mundo do comum brota dessa colaboração das singularidades da multidão em suas participações e compartilhamentos" (2013, p. 58).

Em 2006 um movimento protagonizado por estudantes secundaristas no Chile tornouse notícia na mídia internacional. Organizando assembleias, realizando passeatas e ocupando o espaço das escolas, alunos daquele país protagonizaram ações com vistas a melhorias no seu sistema de ensino e reivindicação de uma escola pública de qualidade.

A Revolução dos Pinguins, como foi chamada, teve seu nome batizado em referência aos uniformes utilizado pelos estudantes. Dentre as reivindicações estavam as exigências pelos estudantes

desde exame gratuito de seleção para universidade até reforma dos banheiros em más condições, passando pelo passe escolar gratuito e melhora nas merendas. Depois de semanas de marchas de protesto pelas ruas, poucos avanços tinham sido feitos. A reviravolta veio quando os alunos do Liceu de Aplicação e do Instituto Nacional ocuparam seus edifícios no dia 19 de maio, reivindicando, além das primeiras pautas, a revogação da LOCE e o fim da municipalização do ensino, heranças da ditadura cívico-militar de Augusto Pinochet ³⁵(CARNEIRO, 2015, p. 2).

Um movimento que caminhava almejando a gratuidade no ensino no país para todos sem distinção vê sua luta ainda sendo necessária em tempos atuais. Tendo seu sistema escolar heranças de uma ditadura militar, os estudantes reivindicavam reformas em sua estrutura. Reivindicavam ainda a gratuidade no transporte público, a revogação da Lei Orgânica ³⁶promulgada pelo general Pinochet onde repassa a responsabilidade da educação pública às prefeituras causando desigualdades em regiões com maior e menor capital, e o consequente sucateamento da educação que vem devastando o país.

Em diversas cidades do país os estudantes foram às ruas protestar. Desde 1972 não se via uma manifestação com essa magnitude. Agindo com repressão, a força policial foi utilizada

25

³⁵ Fonte: < http://www.revistacapitolina.com.br/a-revolta-dos-pinguins/> Acesso em 25 mai. 2017.

³⁶ Ao término da escrita desta tese, em 2020, um plebiscito foi realizado no país tendo como votação unânime a mudança da Constituição do país. Fonte: < https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/26/chile-aprova-plebiscito-historico-por-que-e-tao-polemica-a-constituicao-que-78-dos-chilenos-decidiram-trocar.ghtml Acesso em 27 out. 2020.

acarretando na prisão de cerca de 700 ativistas. Após essa atitude, Bachelet, então presidente, se viu obrigado a demitir o chefe de polícia diante da repercussão gerada.

Algumas mudanças foram sentidas como aponta o Jornal Nexo³⁷:

Os resultados são mensuráveis. Ele menciona a aprovação de uma nova lei que aumenta as exigências para o ingresso na carreira de pedagogia, tornando a carreira mais atrativa, além de leis específicas para a melhoria de gestão das escolas públicas. Além disso, o governo impôs regras mais criteriosa para a autorização de novos cursos, pondo fim à libertinagem de mercado iniciada por Pinochet.

Após esse evento de 2006 outras ações vêm sendo vistas desde então. As conquistas que inclui ainda a eleição de líderes estudantis no parlamento repercutem em ações que se desdobram e não findam em uma perspectiva que se pauta na luta e na resistência como forma de exigir os direitos dos cidadãos e inspirando outras ocupações mundo afora.

O ano de 2011, tornou-se o marco, para muitos por conta de sua sede viral que vem demonstrando-se em potência desde então e, parece se ascender ainda mais a cada ano que passa (Ibid., 2013). A Primavera Árabe teve seu cerne de reivindicações motivado pelo agravamento da situação econômica culminada pela crise econômica e a falta de democracia que toma conta dessas regiões ano após ano. Países como a Tunísia, Egito, Síria, Barein, Líbia e Iêmen entraram na onda de protestos ocorridas no Oriente Médio e norte do continente Africano.

A derrubada³⁸ do ditador Zine El Abidini Ben Ali, na Tunísia, alavancada pela Revolução de Jasmin, assim intitulada pela mídia ocidental, mas sem o reconhecimento de seus manifestantes, deu início aos protestos dessa chamada Primavera Árabe. O descontentamento da população com o regime ditatorial ao qual o país estava submetido teve seu estopim a partir de um fato envolvendo o jovem Mohamed Bouazizi, vendedor ambulante de 26 anos, morador da cidade de Sidi Bouzid. Este, hoje, sendo mencionado por diversas³⁹ mídias como aquele que mudou os rumos do mundo árabe nesta década, ateou fogo a si próprio na manhã de dezembro de 2010 aos pés do prédio do governo.

³⁷ Fonte: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/07/H%C3%A1-10-anos-%E2%80%98pinguins%E2%80%99-marchavam-no-Chile.-Como-isso-mudou-a-educa%C3%A7%C3%A3o Acesso em 25 mai. 2017.

³⁸ Fonte: http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=116> Acesso em 24 mai. 2017.

³⁹ Ao realizar uma busca no Google, o nome Mohamed Bouazizi aparece como um herói em seu país. Vídeos, imagens e textos sobre ele podem ser visualizados e inclusive diversos adjetivos como 'O homem que acendeu a fagulha da Primavera árabe', como podemos ver na página do BBC. Fonte:

http://www.bbc.com/portuguese/ultimas noticias/2011/12/111217 primavra arabe bg.shtml> Acesso em 24 mai. 2017.

Seu ato de desespero representava sua revolta e indignação diante da humilhação de ter suas mercadorias, frutas e verduras, apreendidas pela polícia por mais de uma vez. Sua prática, no entanto, não foi vista somente pelos olhos de quem ali estava no momento. Ela foi registrada⁴⁰ por seu primo que, após, distribuiu o vídeo na Internet resultando em milhares de visualizações pelo mundo. Outros suicídios e tentativas foram registrados após seu ato simbólico alimentando a ira e suscitando a coragem em jovens tunisianos.

O fato ocorrido com Mohamed Bouazizi em dezembro de 2010 deu início a outros casos espontâneos pelo país. A diferença deste ato, no entanto, estava na circulação a partir da convergência das mídias que fizeram de um fato isolado uma situação de indignação diante dos olhos dos internautas. A polícia agiu com repressão matando 147 pessoas e ferindo centenas. Dias depois, manifestantes continuaram a se reunir nas principais localidades da cidade e logo após, a França, maior aliada do ditador Ben Ali desde que assumiu o poder em 1987, retirou seu apoio da região. Acuado, Ali se refugiou com sua família na Arábia Saudita e teve de ser substituído por um representante da elite política de seu regime.

A notícia, entretanto, não agradou a população que voltou às ruas exigindo o afastamento de todo o pessoal do comando do ditador, assim como liberdade política e de imprensa. Exigiam para isso uma votação democrática para escolha de seus representantes no poder. A convocação para retomada das ações nas ruas e todas as outras ações que antecederam, se deram por meio da Internet com a propagação de vídeos onde mostravam a truculência policial usada para repressão às manifestações que vinham ocorrendo.

A conexão entre comunicação livre pelo *Facebook*, *Youtube*, e *Twitter* e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana, prenunciando os movimentos que surgiram em outros países (CASTELLS, 2013, p. 29).

A Revolução pela liberdade e pela dignidade, assim intitulada por seus manifestantes, teve como resultado, além dos massacres e violenta repressão pela polícia, a queda de seu ditador e sua condenação a 35 anos de prisão sob a acusação de roubo e outros delitos. Seu parlamento foi reconfigurado e aprovada uma nova constituição. Em novembro de 2014, o país experimentou suas primeiras eleições livres tendo dois turnos para votação.

O que pode ser constatado desse movimento foi a participação massiva de jovens, muitos desempregados, com nível superior em seus currículos. Esses jovens estiveram na linha

⁴⁰ Fonte: http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?tag=tunisia Acesso em 24 mai. 2017.

de frente do movimento quando as taxas de desemprego no país alcançavam níveis elevados entre jovens diplomados como aponta Castells. Sendo assim, "essa mistura de educação com falta de oportunidades foi um terreno fértil para a revolta da Tunísia, como em todos os outros países árabes" (Ibid., 2013, p. 31).

A falta de acesso à informação sem dúvidas torna-se um grande obstáculo no que se refere as decisões e movimentos a serem decididos pela população naquele país. No entanto, Castells aponta para a rede Al Jazeera que, através de sua transmissão alternativa, conseguiu obter um alcance de cerca de 40% dos tunisianos em regiões urbanas transmitindo informações repassadas pelos manifestantes registradas através de seus celulares e utilizando o *YouTube* para realizar o upload de seus vídeos. Utilizando esses *feeds*, a rede *Al Jazeera* e a Internet transformaram-se num elo "essencial durante as semanas das revoltas, tanto na Tunísia quanto em todo o mundo árabe" (CASTELLS, 2013, p. 33).

A taxa de penetração da Internet e dos celulares no país, como aponta Castells, é uma das maiores no mundo árabe. Esse, sem dúvidas, foi um fator de fortalecimento para o movimento que veio a ocorrer, já que a conexão direta entre os jovens, em sua maioria os que faziam uso dessas tecnologias, aliados a fatores como alta taxa de desemprego entre essa população com grau de instrução a nível superior e uma forte presença do *ciberativismo* ⁴¹(CASTELLS, 2013), que já vinha tomando conta do país a algum tempo, tornou propícia a uma explosão culminando em diversos eventos como os vistos ainda nos dias de hoje.

Na Islândia, a Revolta das Panelas, intensificou-se em janeiro 2009, com diversas pessoas protestando em frente ao Parlamento em Reykjavik. Com uma crise econômica que acarretou, em 2009, na queda seu PIB de 6,8% para 3,4% em 2010 (CASTELLS, 2013), o país passou por uma avalanche catastrófica com a redução brutal da renda física pessoal. Com a bolha financeira⁴² estourada, a triplicação do desemprego e inclusive boatos de desabastecimentos nos mercados, as ruas logo foram tomadas por manifestantes. De início, a manifestação se deu a partir do movimento de um cantor, que com um microfone e tocando sua guitarra, se expressou em frente ao Parlamento Islandês convidando pessoas a falarem. Poucos se juntaram a Hordur Torfason neste momento, porém sua ação foi registrada através de um vídeo e publicada na Internet.

-

⁴¹ Forma de ativismo que utiliza as redes cibernéticas como forma de disseminação das ações desenvolvidas.

⁴² Fonte: < http://www.dn.pt/mundo/interior/o-pais-que-prendeu-banqueiros-e-demitiu-dois-primeiros-ministros-5465024.html Acesso em 28 mai. 2017.

Liderando os protestos que aconteciam de sábado em sábado, aos poucos mais e mais pessoas foram se juntando em um movimento que era articulado através das redes de Internet. "De acordo com observadores desse processo de mobilização social, o papel da Internet e das redes sociais foi absolutamente fundamental, em parte porque 94% dos islandeses estão conectados à Internet, e 2/3 são usuários do *Facebook*" (CASTELLS, 2013, p. 39).

Utilizando panelas como instrumentos de percussão e tambores para chamar atenção, os manifestantes atribuíam ao governo a culpa pela má administração da economia e pela ineficácia no enfrentamento da crise e exigiam que novas eleições fossem realizadas a partir da renúncia do governo. Eleições⁴³ foram feitas, uma nova coalizão foi formada por socialdemocratas, inclusive com uma líder homossexual, a primeira a ocupar o cargo de primeira-ministra, com uma bancada 50% feminina e personagens do setor bancário presos respondendo a acusações de administração financeira ilegal. Após um referendo realizado onde 93% votaram pelo não pagamento da dívida externa e com isso o enfrentamento de processos judiciais, o país se recupera de sua crise financeira.

Em comum, as revoltas ocorridas na Islândia e na Tunísia resultaram em mudanças mais incisivas institucionalmente. A Islândia, por sua pequena população de apenas 323⁴⁴ mil habitantes, seja, talvez, mais fácil e mais perceptível o poder de modificação, já que, em países maiores aumenta a diversidade étnica, religiosa e social naturalmente e em alguns há fatores que podem acentuá-las. E ainda, segundo Castells,

Em ambos os casos, telefones celulares e redes sociais da Internet desempenharam papel importante no que se refere a difundir imagens e mensagens que mobilizaram pessoas, oferecendo uma plataforma de discussão, convocando à ação, coordenando e organizando os protestos e abastecendo a população em geral de informações e debates. A televisão também teve sua função, mas sempre utilizou a Internet e os celulares para se alimentar de imagens e informações. Em ambos os casos, o movimento passou do ciberespaço para o espaço urbano, com a ocupação de praças públicas simbólicas como apoio material tanto de debates quanto de protestos, da entonação de slogans em Túnis à utilização de panelas e frigideiras como tambores em Reykjavik (2013, p. 49).

No Egito⁴⁵, precedidas por outras lutas com reivindicações que englobam questões elementares como o combate à pobreza, injustiça, desemprego e sexismo, e inspirados na revolução tunisiana, no dia 25 de janeiro de 2011, milhares de pessoas convergiram para a praça

⁴³ Fonte: Castells, 2013.

⁴⁴ Fonte: <<u>http://countrymeters.info/pt/Iceland</u>> Acesso em 28 mai. 2017.

⁴⁵ Fonte:<<u>http://guerras.brasilescola.uol.com.br/seculo-xxi/conflitos-no-egito-2011-primavera-arabe.htm</u>> Acesso em 28 mai. 2017.

Tahir (praça da Liberdade) motivados pela chamada da estudante de administração da Universidade do Cairo, Asmaa Mafhouz, de 26 anos, após realizar uma publicação num *Vlog* em sua página pessoal no *Facebook*. Carregado no *Youtube*, seu vídeo foi compartilhado por inúmeras pessoas desencadeando assim em um grande ato tornando a praça um lugar central e simbólico para as ocupações posteriores onde centenas de pessoas acamparam diariamente resistindo aos ataques da polícia. Em suas pautas, os manifestantes exigiam a queda de Mubarak aliado ao fim do regime que perdurava por mais de 30 anos.

Três dias depois, um grande corpo de policiais enfrentou os manifestantes como forma de reprimir os protestos que vinham acontecendo, o que resultou em centenas de mortes e, por outro lado, a ocupação de inúmeros prédios públicos pelos manifestantes. As redes sociais, mais uma vez, permaneceram como um canal reforçando os espaços de resistência conquistados pelos manifestantes (CASTELLS, 2013). Não apenas como forma de comunicação, mas como forma de divulgação dos ataques que aconteciam e denúncias sob diversos aspectos que aconteciam pré, durante e pós protestos.

Castells aponta para a estreita relação que possivelmente abriu precedentes para as comunicações e organizações que aconteceram no país. Estima-se que ao final do ano anterior ao janeiro de 2011, cerca de 80% dos cidadãos egípcios tinham posse de telefone celular e cerca de ¼ das residências possuíam acesso à rede de Internet. Desse número, era amplamente distribuída entre os mais jovens esse acesso.

Sem dúvidas, assim como aponta Castells,

as redes de mídia social desempenharam um importante papel na revolução egípcia. Manifestantes registraram os eventos com seus telefones celulares e compartilharam seus vídeos com pessoas do país e do mundo via *YouTube* e *Facebook*, frequentemente transmitindo ao vivo. Eles deliberavam pelo *Facebook*, coordenavam-se pelo *Twitter* e usavam *blogs* para transmitir amplamente suas opiniões e se envolver em debates. (2013, p. 54)

Após dezoito⁴⁶ dias de protestos, Hosni Mubarak deixa o poder depois de 30 anos de governo. O comando militar assume o poder anunciando uma junta militar provisória até que se realizassem novas eleições. Sem indícios de período eleitoral, os manifestantes voltaram às ruas ocupando novamente a praça Tahir, principal local simbólico dos protestos na região. Novas eleições, então, acontecem, porém com denúncias de fraudes e outras insurgências.

⁴⁶ Fonte: https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/crise-no-egito-protestos-derrubam-ditador.htm Acesso em 28 mai. 2017.

Mubarak foi preso⁴⁷ em abril de 2011, dois meses após deixar o poder, condenado à prisão perpétua sob a acusação inicial de corrupção e posteriormente de ser responsável pelo ataque e culminância de centenas de mortes de manifestantes durante os protestos naquele período. De fato, a luta dos cidadãos egípcios ainda não cessou.

Sem dúvidas, as revoluções tunisianas e egípcias desencadearam uma esperança para que revoluções semelhantes acontecessem em outras nações através de suas narrativas audiovisuais que circularam na Internet e ainda na grande mídia (em menor volume). Como aponta Karman (apud Castells, 2013), hoje, o começo de um novo mundo pode ser testemunhado na região árabe. Abaixo segue um mapa dos países que tiveram protestos no norte da África e Oriente Médio.



Figura 9 - Mapa Dos países que tiveram protestos no norte da África e Oriente Médio⁴⁸

Não irei me ater no detalhamento das revoluções que aconteceram nas outras nações da região (ainda que mereça ser descrito⁴⁹) porém, considero relevante para uma melhor

_

⁴⁷ No dia 24 de março de 2017, foi publicada uma matéria no site do G1 apontando para a libertação de Hosni Mubarak após sua absolvição no processo de acusação pelas mortes ocorridas nos protestos durante a ocupação da Praca Tahir.

⁴⁸ Fonte:<<u>https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/05/19/apos-revoltas-arabes-obama-discursa-hoje-para-sinalizar-nova-politica-dos-eua-com-oriente-medio.htm</u>> Acesso em 28 mai. 2017.

⁴⁹ Podemos destacar brevemente, como aponta Castells (2013, p. 77), a instituição "do Dia de Fúria em diversos países do mundo árabe: 7 de janeiro na Argélia; 12 de janeiro no Líbano; 14 de janeiro na Jordânia; 17 de janeiro na Mauritânia, no Sudão e em Omã; 27 de janeiro no Iêmen; 14 de fevereiro no Bahrein; 17 de fevereiro na Líbia; 18 de fevereiro no Kuwait; 20 de fevereiro no Marrocos; 26 de fevereiro no Saara Ocidental; 11 de março na Arábia Saudita; 18 de março na Síria.

compreensão desse fenômeno que vem ocorrendo em esfera global de ocupações, os principais acontecimentos que suscitaram em um inflame de revoluções ao redor do planeta.

Abaixo, segue um outro mapa apontando as principais regiões que tiveram consequências mais visíveis diante dos protestos que ocorreram:

Primavera Árabe 1 Tunísia Foi o primeiro país "contaminado" pela Primavera Árabe. O ditador Zine El Abidin Ben Ali não suportou a revolta popular e deixou o poder depois de 23 anos de reinado. Eleições para a escolha de um novo lider serão realizadas no dia 23 de outubro. Ben Ali foi condenado a 35 anos de prisão. GOVERNOS QUE JÁ CAIRAM O país sofreu uma das revoltas mais violentas vistas nesta Primave Árabe, com mais de 850 mortos. Hosni Mubarak foi 7 2 obrigado a deixar o poder, que ostentava desde 1981 – atualmente, o ex-presidente está internado, e seu estado de saúde é um mistério. Eleiçõs para presidente devem ocorrer até novembro 3 Líbia A revolta contra o ditador Muamar Kadhafi começou em março. No comando desde 1969, ele resistiu e lancou u violento ataque aos rebeldes. A situação obrigou a intervenção da Otan, que assimiu uma operação de ofensiva. As batalhas continuam e Kadhafi segue livre, embora mais enfraquecido 7 Argélia O país registrou vários protestos para tentar derrubar Abdelaziz Bouteflika, no poder 4 Síria Várias manifestações no país contra Bashar Assad, que está no poder desde 2000. O regime tenta conter os manifestantes com violência. O número de mortos é incerto – a estimativa é de cerca há 12 anos. Como resposta, o presidente promoveu o fim do estado de emergência e adotou de 1500 mortos. medidas em favorecimento do povo para tentar diminuir a pressão. Atualmente, a situação é mais O presidente Ali Abdullah Saleh está há 33 anos no poder. Ele se recupera de um ataque sofrido no palácio presidencial, em que ficou com parte do corpo queimado. O país está em crise e o futuro político é incerto. tranquila 8 Jordânia As revoltas também chegaram ao páis, que tem o rei Abdullah 2º no poder desde 1999. As revoltas começaram em janeiro. Acuado, o rei prometeu realizar reformas para um sistema parlamentarista, o que diminuiu m pouco a tensão. 6 Bahrein Manifestantes tentaram derrubar o rei Hamad Ben Isa al-Khalif, no poder desde 1999. Porém, as manifestações foram contidas pelo governo depois de reforços no número de soldados enviados pela Arábia Saudita. O rei prometeu um diálogo com a oposição para discutir reformas políticas. um pouco a tensão. Arte: Carlos Eduardo Diniz / Band.com.br

Figura 10 - Mapa das consequências da Primavera árabe no norte da África e Oriente Médio⁵⁰

Dentre os efeitos apontados por Castells em relação aos Revoltas Árabes, o mais significativo para nós, diante do foco de pesquisa, está na *criatividade político-artística* que pôde ser observado no decorrer de suas ações. Mayta Alhassen sugere a Castells que considere esse processo ocorrido e, ao nosso olhar, esse foco legitima e dá vida ao movimento uma vez que se fazem no social e demonstra, assim, toda uma cultura que vai sendo recriada diante de seus modos de vida. Nas palavras de Castells,

Os movimentos, em particular na Síria, foram apoiados pelo design gráfico inovador, que criou imagens de avatares, minidocumentários, web-séries do *Youtube* (como Beeshu), *vlogs*, montagens fotográficas e coisas semelhantes. O poder das imagens, assim como das emoções criativas provocadas pelas narrativas, ao mesmo tempo mobilizadoras e tranquilizantes, produziram um ambiente virtual de arte e significado no qual os ativistas do movimento podiam confiar para se conectar

⁵⁰ Fonte: http://www.infoescola.com/atualidades/primavera-arabe/ Acesso em 30 mai. 2017.

com a população jovem em geral, transformando assim a cultura em instrumento de mudança política (2013, p. 89, grifo nosso).

Na América Latina, além do movimento dos Zapatistas e a Revolta dos Pinguins, outros movimentos se acenderam como o 8N na Argentina. Em referência ao dia 08 de novembro, o movimento tomou as ruas com atuações de manifestantes em diversos pontos do país além de embaixadas argentinas em várias nações. O movimento ganhou força e teve grande apoio popular sendo considerado um dos maiores já vistos na América Latina.

Mais uma vez o ambiente on-line através do uso das redes sociais como forma de ativismo pôde ser observado nas ações dos sujeitos manifestantes naquele país. Não é a primeira vez que a Argentina noticia ações como estas em seu território. Diversas outras atividades puderam ser presenciadas como a manifestação que culminou com a derrubada do governo de Fernando de la Rua em 2001⁵¹.

Tendo uma taxa de penetração de acesso à Internet considerada alta para o período do movimento, as ações desenvolvidas no ambiente on-line tiveram grande impacto no evento. De acordo com Silva (2013) o descontentamento em relação ao então governo de Cristina Fernández de Kirchner culminaram nos protestos realizados na época. Dentre as queixas algumas refletiam questões como a

inflação, desvalorização da moeda nacional, restrição à compra de dólares, insegurança, corrupção, desemprego, manipulação de dados emitidos pelo Indec (*Instituto Nacional de Estadísticas y Censos*) — que alega uma inflação inferior ao da situação real, sentida pela população e, em menor escala, a liberdade de expressão e o monopólio das informações do governo por parte da imprensa aliada (SILVA, 2013, p. 5).

Embora mudanças significativas não tenham sido realizadas no período, diversos outros movimentos se sucederam diante de um desejo de mudança e descontentamento civil diante dos graves problemas pelos quais nosso país vizinho vem passando. O estímulo a maneiras outras de diálogo tendo como interface as redes sociais digitais on-line como espaço de debate culminam em ações que se espelham nas ruas. Assim como em outras nações da América Latina, o uso de artefatos digitais conectados à Internet vem potencializando ações, diálogos e debates constantes acerca de temáticas como essa.

⁵¹ Fonte: http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/10/Ciberativismo-nas-redes-sociais-no-contexto-latinoamericano.pdf Acesso em 01 jun. 2017.

Na Europa, também houve concentração de manifestantes. Na Espanha, os Indignados⁵² também conhecidos como 15-M, devido à data de sua primeira manifestação ocorrida em 15 de maio de 2011 na praça *Puerto del Sol*, uma semana antes das eleições no país, a chamada não foi diferente dos países árabes. Sem uma organização comandada por centrais sindicais, partidos políticos ou qualquer outra entidade, os manifestantes aglomeravam-se na praça simbólica em Madrid e discutiam sobre questões políticas que assolavam seu país. Através de uma convocatória nas redes sociais e na Internet, os protestos iniciados no domingo estenderam-se por mais dias, tomando praças e ruas das cidades de Madrid e Barcelona.

Acampando nas praças, as pessoas "participavam de debates, atividades e manifestações. Comissões de todo tipo brotavam espontaneamente. Algumas encarregavam-se de problemas logísticos, incluindo instalações sanitárias, água e alimentação" (CASTELLS, 2013, p. 93).

Na França, seguindo o exemplo dos Indignados, 2016 foi o ano das grandes manifestações⁵³ no país. Contrários às novas leis trabalhistas imposta pelo governo, os franceses foram às ruas em diversas cidades do país onde o movimento foi nomeado #*NuitDebout*. Ocupações também puderem ser vistas em praças simbólicas da região como as ocorridas na praça da República em Paris.

E não param por aí! Na Itália, em Portugal, na Grécia, Finlândia, Grã-Bretanha protestos com diferentes reinvindicações também foram realizados no período. Na Ucrânia⁵⁴, o movimento intitulado *Euromaidan* contou com ocupações realizadas na Praça Independência, em Kiev, devido ao não cumprimento de acordo com a União Europeia integrando a nação ao bloco de 28 países e diversos outros desdobramentos.

Nos Estados Unidos, o movimento *Occupy Wall Street*⁵⁵ iniciou-se em setembro de 2011, em Nova Iorque, com pequenos protestos que logo tomaram diversas cidades do país em poucos meses. Motivados pela indignação gerada ao ver seu sistema financeiro em um abismo resultando em milhares de pessoas que perderam suas casas devido à ambição corporativa,

⁵² Fonte: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318 951340.html > Acesso em 01 jun. 2017.

⁵³ Fonte: frank:c3%A7%c3%B5es-protestos-e-greve-geral-dc50a2b077d5#.wcz080z4y Acesso em 01 jun. 2017.

⁵⁴ Fonte: <<u>http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140123_ucrania_protestos_entenda_fn</u>> Acesso em 01 jun. 2017.

⁵⁵ Fonte: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625 impacto occupy gm > Acesso em 01 jun. 2017.

desemprego afetando milhares de jovens, redução de salário tendo em vista as inúmeras empresas fechadas, o não cumprimento da maioria das metas prometidas pelo governo Obama, a ganância, corrupção e o forte domínio das corporações sobre as ações governamentais, o movimento ganhou força e é lembrado como uma grande referência em diversas partes do mundo.

Durante dois meses, a praça Zuccotti, distrito financeiro de Wall Street, tornou-se palco de concentração de um grupo de pessoas que acamparam ali até serem retirados pela polícia em novembro de 2011. "We⁵⁶ are the 99%", slogan que acompanhou o movimento em toda sua trajetória, faz menção ao 1% mais rico do país que "apropriou-se de 58% do crescimento econômico no período⁵⁷. Na década anterior à crise, os salários reais por hora aumentaram 2% enquanto a renda dos 5% mais ricos aumentou 42%" (CASTELLS, 2013, p. 122).

O Movimento tomou força e espalhou-se por todo o país. De acordo com o site da organização⁵⁸, mais de cem cidades aderiram ao movimento e ações em 1.500 cidades do mundo foram registradas. Com um público jovem e instruído (CASTELLS, 2013), as manifestações também contaram com "veteranos de guerra, sindicalistas, pobres, profissionais liberais, anarquistas, hippies, juventude desencantada, trabalhadores organizados etc." (ALVES, 2012, p. 32).

Marcada pela espontaneidade, sem ordenamento partidário ou político o OWS⁵⁹ assemelha-se a outros movimentos e motiva novas ações como possibilidades reais para seu desenvolvimento.

2.3 Insurreições no Brasil: 2013, um marco histórico

A primavera brasileira ficou marcada por Junho de 2013. Ao nos remetermos a essa data, é quase que impossível não nos lembrarmos dos acontecimentos daquele período. Podemos até mesmo falar em antes e pós Junho de 2013. Lembro-me que no período escrevia minha dissertação de Mestrado. Na época, envolvida com o campo de estudos e a escrita, acompanhava o movimento através das redes sociais, canais de mídia alternativos e pela imprensa oficial.

⁵⁶ Tradução: Nós somos os 99%.

⁵⁷ Entre a década de 80 ao ano de 2007, aproximadamente.

⁵⁸ Fonte: http://occupywallst.org/about/ Acesso em 02 fev. 2017.

⁵⁹ Occupy Wall Street.

Com manifestações pedindo o cancelamento da Copa do Mundo de 2014 e protestos durante a Copa das Confederações, os manifestantes, na época alegavam que já não havia dinheiro para questões básicas como a saúde e educação e uma Copa do Mundo, naquele momento, não seria viável para o país. Além desse movimento, outros também aconteceram como o Passe Livre na cidade de São Paulo. Não imaginava que aquele Junho tornar-se-ia um marco na história do país.

De fato, aquele não era um movimento qualquer. Suas antecipações foram apenas uma amostra do que viria dali para a frente. Na casa de meus pais, realizando uma visita, minha mãe, impressionada, me chama: - Raquel, venha ver o que está acontecendo nas ruas do centro da cidade! Assustada, deparei-me com uma cena quase que inacreditável para aquele momento: uma multidão nas principais avenidas do país, ocupando-as, tomando com fervor e sede de luta por seus direitos mais elementares.

Através de chamadas pelas redes sociais e Internet, movimentos como o Passe Livre⁶⁰ parece ter conquistado a atenção de brasileiros de diversas cidades do país no período. De acordo com o mapa realizado pelo Grupo Máquina⁶¹ PR/Bandviewer, entre os dias 19 e 21 de junho de 2013, praticamente todos os Estados do Brasil foram impactados com temas relacionados ao que estava ocorrendo nas ruas no momento.

De acordo com a pesquisa demonstrada através da imagem abaixo, as cores em azul representam regiões com baixa adesão e o vermelho um forte engajamento. Os dados revelam que as citações sobre os eventos circularam com maior incidência pelo *Twitter*, com 49,3% e pelo *Facebook*, com 47,1%. Cerca de 80 milhões de internautas tratavam do assunto nas redes. As principais chamadas foram #vemprarua e o #ogiganteacordou, de acordo com a pesquisa.

⁶¹ Fonte: < http://exame.abril.com.br/tecnologia/ativismo-digital-atingiu-94-milhoes-de-brasileiros/> Acesso em 14 mai. 2017.

⁶⁰ "O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada." Fonte: http://tarifazero.org/mpl/ Acesso em 14 mai. 2017.

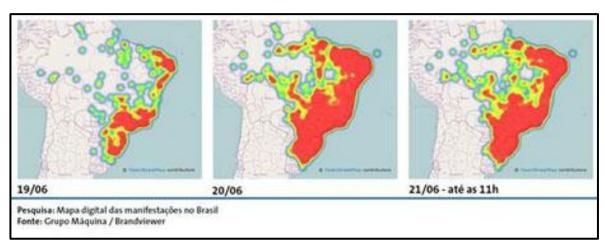


Figura 11 - Mapa digital das manifestações no Brasil em 2013⁶²

Outras chamadas ⁶³também ocorreram no período e ainda ações individuais que não se articulavam a nenhuma delas. Abaixo segue algumas imagens das manifestações ocorridas no período.



Figura 12- Manifestação Junho 2013 no Rio de Janeiro 64

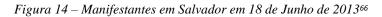
⁶² Fonte: < http://www.tribunadabahia.com.br/2013/06/23/quase-100-milhoes-de-brasileiros-sao-impactados-pelas-manifestacoes-no-pais> Acesso em 01 jun. 2017.

⁶³ As ações vistas nesse período e nos períodos posteriores contém inúmeras críticas em relação à intencionalidade e direcionamentos que foram se formando ao longo das chamadas para às ocupações das ruas. Em 2020, o país passa por uma crise financeira e política atravessada pela polarização política, históricos de corrupções e diversas outras situações que acentuam as desigualdades sociais no país.

⁶⁴ Fonte:<<u>http://marxismo21.org/junho-2013-2/</u>> Acesso em 03 jun. 2017.



Figura 13- Manifestantes reunidos no Distrito Federal em 17 de junho de 2013^{65}





Antecipado por protestos como o estimulado pelo movimento Passe Livre em SP, que reivindicava a revogação de mais um aumento nas tarifas de ônibus na cidade, e fortemente

⁶⁵ Fonte: http://www.museudeimagens.com.br/manifestacoes-2013-brasilia/> Acesso em 03 jun. 2017.

⁶⁶ Fonte: < http://esportes.estadao.com.br/blogs/selecao-universitaria/salvador-deve-ter-protestos-antes-de-uruguai-x-nigeria/> Acesso em 04 jun. 2017.

reprimido pelas forças coercitivas do Estado e a Revolta do Busão em Natal, os protestos de Junho parece ter aberto as portas para um horizonte de protestos, ocupações, discussões, debates entre outros fatores que vem se desencadeando nos últimos anos.

As manifestações que ocorreram pelo mundo influenciaram os protestos aqui ocorridos. Após alguns anos e, já à época das grandes manifestações de Junho, diversas críticas vem se estabelecendo em relação ao que caracterizou o movimento e as frentes que tomaram as ruas nesse período. Os debates acerca do assunto são intensas já que todas essas ações vêm culminando em divergências que se acirram ao extremismo e vem desenhando rumos assombrosos ao país.

A dinâmica de como os eventos se revelam e se apresentam tem uma similaridade em suas ações e as aproximo das ocupações estudantis neste trabalho. Não diferente, as ocupações, foram vistas com cada vez mais força em nosso país no decorrer do ano de 2016. Nas escadarias da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na Sede da Secretaria Estadual e Municipal de Educação, na Reitoria das Universidades, em escolas públicas e até no Palácio do Planalto. Com maior intensidade, podíamos ver ocupações em universidades e principalmente em escolas de diversas regiões.

Paralelo a todos esses eventos, milhares de imagens, vídeos, comentários e áudios foram compartilhados nas redes. Assim como aconteceu em outros países, mais uma vez a Internet e as redes sociais digitais tornaram-se aliadas a todo esse enxame de ações. Impulsionados pela mobilidade, com seus *smarthphones* em mãos, as imagens e vídeos que circulam pela rede digital tornam-se armas poderosas mostrando fragmentos reais do que vinha acontecendo em todas as formas de atuação dos protestantes, ocupantes ou manifestantes.



Figura 15- Jovem fazendo um vídeo com seu smartphone em protesto⁶⁷

Com uma taxa de penetração⁶⁸ de 70% em 2018, o Brasil vê um crescimento em termos de população usuária⁶⁹ de Internet. Na classe A, a taxa de penetração é de 92% e em contrapartida as classes DE é de 48%. No mesmo período, de acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE⁷⁰ em 2018, o país chegou à marca de 79% de uso de telefone móvel celular para uso pessoal. Crianças e jovens são os que mais utilizam o equipamento. Cerca de 90% das pessoas com idade entre 14 e 29 anos acessa a Internet. O smartphone é o principal dispositivo onde por onde eles acessam.

Os dados acima, demonstram e nos fazem pensar, a partir de meu interesse de estudo, no mar de conteúdos imagéticos produzidos e compartilhados pelos jovens durante as ocupações estudantis.

⁶⁷ Fonte: < http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340505-17770,00-COMO+FAZER+SUA+PROPRIA+TRANSMISSAO+AO+VIVO+DE+PROTESTO.html > Acesso em 10 jun. 2017.

⁶⁸ Fonte: < https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf Acesso em 21 mai. 2020.

⁶⁹ De acordo com a Teleco, "define-se como usuário de Internet aquele que acessou a Internet, pelo menos uma vez, nos 90 dias que antecederam à entrevista. Estas pesquisas são referentes a população de 10 anos ou mais de idade".

⁷⁰ Fonte: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705 informativo.pdf > Acesso em 21 mai. 2020.

2.4 Ocupações Estudantis Secundaristas: um incêndio em 2016



Figura 16 – Número de escolas estaduais ocupadas até 20 de abril de 2016⁷¹

Desde o final do ano de 2015, estamos acompanhando em nosso país movimentos de ocupações de escolas públicas secundaristas. Iniciou-se no Estado de São Paulo e em pouco tempo o movimento alastrou-se para outros Estados do Brasil. Impulsionados pela repulsa à reorganização⁷² escolar proposta pelo governo do Estado de São Paulo, estima-se que mais de 200 escolas foram ocupadas no Estado por seus alunos, logo após seu anúncio. Com idas e vindas, o movimento ocorreu em meio a anúncios de medidas, projetos de leis e outras ações divulgadas pelo governo das esferas municipal, estadual e federal. No auge das ocupações, somente o Estado do Paraná contou com mais de mil escolas ocupadas.

No Estado do Rio de Janeiro, local onde foquei a pesquisa, essa mobilização aconteceu tendo como espelho o movimento dos outros Estados. Suas pautas e reivindicações se assemelham, tendo como base, anseios que vão desde a luta por melhorias nas condições básicas para funcionamento estrutural a questões políticas que afetam o sistema educacional. Em comum, ainda, em todas elas, percebo o uso das redes sociais digitais como veículos onde os jovens ocupantes das diversas escolas publicam imagens, vídeos e textos expondo, denunciando, comentando e debatendo os fatos que ocorriam durante o movimento.

https://www.facebook.com/EscolasRJemLuta/photos/a.1513974618909027.1073741828.1513766855596470/1532565140383308/?type=3&theater Acesso em 03 jun. 2017.

⁷¹ Fonte:

⁷² Como aponta Januário, "O projeto de reestruturação da rede pública estadual de escolas em São Paulo resultaria no fechamento de quase uma centena de unidades escolares, reestruturaria outras centenas de escolas e atingiria mais de 300 mil alunos, além de suas famílias" (2016).

Abril de 2016, em meio a anúncio de movimentos de ocupações estudantis que vinham acontecendo no país, nesse período, o Estado do Rio de Janeiro contabilizava 73⁷³ escolas ocupadas. As ocupações se deram do final do ano de 2015, começando no Estado de São Paulo em Escolas Estaduais tendo fim em janeiro de 2017 com movimentos ocorrendo em Instituições Federais pelo país.

O movimento de ocupação estudantil em nível nacional parece ter tido três momentos durante este um ano e poucos meses que talvez podemos contabilizar. Um momento inicial após o anúncio do fechamento de diversas escolas no Estado de São Paulo; um segundo momento com uma pauta contrária à Reforma do Ensino Médio e a Lei da Mordaça; e um terceiro momento contra a aprovação da PEC 55 (Proposta de Emenda Constitucional que limita os gastos públicos por vinte anos). Inúmeras outras questões estão atreladas a todos esses movimentos com diversos desdobramentos e ocupações que se seguiram desde então. Esse 'marco' serviria, inicialmente, apenas como um parâmetro para pensarmos sobre as ocupações estudantis que aconteceram nesse período.

A primeira ocupação, iniciando junto à greve dos professores, sendo essa uma das mais extensas já ocorridas, teve duração de cinco meses. Estava atrelada à questões às quais especificamente o Estado do Rio de Janeiro vinha passando em meio a denúncias de corrupção, desvios de verba pública para a educação e escândalos envolvendo obras estruturais para a preparação de megaeventos que a cidade vinha sediando como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, o movimento de ocupação estudantil no Estado caminhava paralelo a demandas nacionais que já vinham sendo debatidas em outros movimentos sociais.

Inspirados na Revolta dos Pinguins, ocorrida no Chile e tratada neste capítulo anteriormente, as Ocupações Estudantis Secundaristas brasileiras possui aspectos semelhantes como demonstra um comentário realizado na página 'O mal Educado' publicado em 2015 em referência às ocupações estudantis que viriam a se iniciar em São Paulo:

A luta dos estudantes não começou agora e está longe de terminar. Em 2006 e 2011, o Chile viveu a 'Revolta dos Pinguins' um movimento imenso de estudantes secundaristas que exigia uma educação pública gratuita e de qualidade. Durante meses, as escolas do país inteiro foram ocupadas pelos alunos – que entravam, tomavam o prédio, montavam acampamentos, e ali ficavam dia e noite como forma de protesto, até as reivindicações serem atendidas.

As ocupações começaram nas escolas onde as turmas estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente quase todos os colégios do Chile foram tomados pelos alunos.

⁷³ Não soube ao certo o número de escolas ocupadas. Busquei esses dados na página Escolas do RJ em luta já que fazem um acompanhamento mais de perto junto às ocupações e funciona como uma central.

Essas ocupações serviram para pôr medo no governo e chamar atenção da mídia, mas também para aumentar a força e a organização do movimento secundarista. Nos pátios, os alunos faziam assembleias regulares para discutir os rumos da luta. Essas assembleias eram coordenadas em toda cidade, permitindo que fossem feitas manifestações simultâneas e grandes atos unificados.

Já pensou se fizéssemos igual em São Paulo? Para aprendermos com nossos companheiros de outros países traduzimos alguns trechos do manual sobre 'Como ocupar um colégio?' escrito por estudantes durante seu movimento (O Mal educado apud CAMPOS et al., 2016, p. 56).

Essa citação revela essa ligação dos movimentos antecedidos e que servira de inspiração para as ocupações estudantis ocorridas em nosso país. Ao ingressar no programa de Doutorado em março de 2016, as Ocupações Estudantis Secundaristas já estavam acontecendo. Durante todo o processo de ocupação das escolas, elas tiveram diferentes enfoques. Elas não eram as mesmas desde quando começaram. Não eram formadas pelo mesmo grupo de pessoas, mesmo espaço, mesmo ambiente virtual. Elas eram voláteis no sentido de um pertencimento e não-pertencimento ao mesmo tempo. Não tinham um caráter estático.

Realizo um recorte nas ocupações que aconteceram no Estado do Rio de Janeiro e que tiveram seus dois momentos principais. Um atrelado às ocupações nas escolas estaduais e outro, posterior, atrelado às escolas federais. O primeiro ocorreu no primeiro semestre do ano de 2016, o segundo, no semestre seguinte. Ambos com duração de aproximadamente três meses. As ocupações nas escolas, individualmente, ocorreram em momentos diferentes, sendo assim, esse tempo tem como referência da primeira escola ocupada à última a desocupar. No capítulo a seguir, elucido os caminhos metodológicos percorridos durante a escrita dessa Tese.

CAPÍTULO 3 – O CAMINHO CONSTRUÍDO NA PESQUISA

Todos os caminhos

Eu já me perguntei
Se o tempo poderá
Realizar meus sonhos e desejos
Será que eu já não sei
Por onde procurar
Ou todos os caminhos dão no mesmo
E o certo é que eu não sei o que virá
Só posso te pedir que nunca
Se leve tão a sério, nunca
Se deixe levar, que a vida
É parte do mistério
É tanta coisa pra se desvendar

Por tudo que eu andei
E o tanto que faltar
Não dá pra se prever nem o futuro
O escuro que se vê
Quem sabe pode iluminar
Os corações perdidos sobre o muro
E o certo que eu não sei o que virá
Só posso te pedir que nunca
Se leve tão a sério, nunca
Se deixe levar que a vida
A nossa vida passa
E não há tempo pra desperdiçar.

Lenine

Ouvir a canção de Lenine me convida a um despertar que exprime sentimentos que se entrelaçam no fazer da pesquisa. Um convite onde a letra parece ter sido pensada por mim de tanto que me tocou. Uma reflexão onde o compositor se enxerga e/ou enxerga o ambiente e as pessoas que o cerca e escreve sua composição, ao mesmo tempo, revela um místico onde a linha que se costura entre o indivíduo e coletivo se encontram.

Todos os caminhos, nome da música, indica a percepção que podemos tomar na vida em vários aspectos. Refletindo nos caminhos do fazer pesquisa, imagino que essa possibilidade deve permanecer como uma relação em que diversas aberturas podem se dar. Quais os caminhos a tomar? Que caminhos escolher? Qual é o ponto de chegada e de partida?

O entendimento do que vem a ser considerado a metodologia da pesquisa ajuda-nos na compreensão dos seus limites e possibilidades que acercam o campo de estudo. O caminho, o percurso, a trajetória, sem linhas de chegada ou de saída, mas o processo. Como realizei a

construção da minha pesquisa? Como cheguei a pensar nos elementos que perfazem esse caminho? Mais do que optar por esta ou aquela metodologia trata-se de compreender o campo de estudos no qual encontro-me inserida e as características atuais da sociedade ao qual pertenço.

Trago nesse texto um pouco desse percurso que faz parte do investigar, do movimento de fazer pesquisa e construir-se como pesquisadora. Durante todo o processo de escrita essa reflexão do fazer-se pesquisadora é pensada, trazida. Dessa forma, minha busca por uma metodologia de pesquisa não se encerra em acreditar em uma forma possível, mas em variantes. Permitir-se, abranger-se, ser, estar, compreender, escutar, dialogar com a produção imagética dos jovens. Essas possibilidades orientam o meu fazer metodológico que busca, através da pesquisa compreendendo a cultura visual, perceber as narrativas estabelecidas com/através de visualidades nas páginas criadas por jovens ocupantes no *Facebook*.

3.1 Escolha das fanpages e armazenamento das visualidades

As ações das ocupações que ocorreram em escolas de todo o país no ano de 2016 se deram quando iniciava meu percurso de estudos no Doutorado. Investigar o contexto das ocupações em algumas escolas se apresentava a mim como uma grande possibilidade de estudos tendo em vista a atuação dos jovens nas redes on-line produzindo e publicando imagens. O que foram as Ocupações Estudantis Secundaristas em suas produções imagéticas veiculadas nas páginas do *Facebook*? Como os jovens narram esse processo de resistência nessas páginas?

Desde que as ocupações nas escolas começaram, acompanhava as páginas criadas pelos jovens ocupantes no *Facebook*. Acompanhei as narrativas imagéticas através das páginas nos dois momentos de ocupação: das escolas estaduais no primeiro semestre do ano de 2016 e dos institutos federais no segundo semestre do mesmo ano.

A disposição na qual as informações se apresentam de forma cronológica, apresenta-se como um fator importante na escolha do *Facebook* como um canal oficial onde as interações se davam, bem como, algumas delas continuarem on-line ainda depois do término do movimento de ocupação.

Nesse percurso de acompanhamento, pesquisei páginas de centrais de escolas unificadas e páginas que contam as narrativas de algumas escolas. Como forma de preservar as identidades dessas escolas, não menciono seus nomes nessa pesquisa. São escolas localizadas no Estado

do Rio de Janeiro. O processo de ocupação estudantil ocorreu em escolas de diversas regiões do Estado. A escolha se deu de forma aleatória tendo como premissa a veiculação de narrativas se realizar de forma intensa nas páginas dessas escolas analisadas.

Dentre as páginas das escolas que percorri, seleciono três para acompanhar mais de perto as narrativas imagéticas trazidas pelos jovens. É importante destacar que se tratavam de páginas públicas, que estavam abertas no espaço digital em rede para serem visualizadas permitindo que as pessoas interagissem através dela. Nomeio as páginas investigadas como página A, B e C.

As imagens foram retiradas dessas *fanpages* e, mais uma vez, como forma de preservar a identidade das ocupações, não trago o link de suas referências e nome que as identifiquem. Realizo menção a sua publicação no *Facebook* e a data de acesso. Revisitando as páginas no momento de finalização desta pesquisa, duas *fanpages* ainda continuam disponíveis e, em outra, o conteúdo foi retirado da página. Em determinados momentos da escolha das imagens eu utilizo o recurso de desfocar a imagem como forma de não identificar os sujeitos. Em todas elas, retiro o nome das ocupações nas publicações e, em algumas, opto por descrever do que ela se trata a partir de minha leitura pelo mesmo motivo. Considero que fazendo essas escolhas ajo de modo ético de modo a não expor os sujeitos e escolas ocupadas.

Percebi durante o acompanhamento desses relatos nas páginas do *Facebook* das ocupações que a intensidade das narrativas dependiam da alimentação das pessoas que fazem as publicações. Caso a narrativa seja feita eventualmente na página, fica mais difícil acompanhar a trajetória da ocupação. Diante disso, observando diferentes dinâmicas de postagem nas páginas, percebi a necessidade de realizar momentos de imersão nos acontecimentos que ocorriam nas ocupações e que eu acompanhava on-line: as postagens impactavam diretamente no que os sujeitos vem a contar. As publicações dos jovens sobre o que acontecia no interior daquele espaço engendravam relatos que contam - de diferentes formas - a história daquelas ocupações. Elas contam, narram, descrevem através de imagens, textos, hiperlinks, letras de música, poemas.

Todas essas publicações foram vistas, observadas, olhadas, refletidas através de meu olhar de pesquisadora ao observar as trocas, comentários, compartilhamentos. A partir disso selecionei e printei o que tinha sido vivido, ouvido, sentido e interpretado pelos jovens. Uma cultura do visual. Visualidades que exprimem latências. Visualidades que a partir do olhar de quem as vê, as interpreta, dialoga, busca compreender seu contexto, seus olhares. Uma troca.

Troca de olhares daquele que narra e daquele que escuta e que vê com os olhos, ouvidos, com o corpo todo. Todos os sentidos interligados, sentindo, percebendo.

Como forma de não perder aqueles relatos, salvei as páginas através do navegador *Chrome*. Sabemos que uma página que está disponível hoje, pode não estar mais disponível amanhã. Não poderia perder aquelas imagens, aquelas narrativas. Além de observar, salvei as páginas, printei todas as imagens. Salvei em uma pasta de arquivo pessoal em meu computador e em uma conta de armazenamento virtual.

As narrativas que se estabelecem nas páginas são tecidas pelos ocupantes que viveram aquelas situações e que escolhem a maneira como farão a costura desses relatos. O objeto desta pesquisa são as narrativas imagéticas tecidas pelos ocupantes nas páginas no *Facebook* que representam a ocupação nas escolas.

Em alguns momentos da pesquisa, trago algumas apreensões de escutas que fiz quando visitei algumas ocupações indo além das observações das publicações nas páginas. A seguir relato como se deram essas minhas presenças em atividades abertas ao público nas ocupações.

3.2 Conhecer as ocupações: participação em atividades abertas

O movimento de ocupação estudantil contou com diversas ações que estavam abertas ao público. Oficinas, palestras, saraus, rodas de conversa, aulas, entre outras ações que aconteciam nos espaços das ocupações estudantis. Através de meu perfil no *Facebook*, acompanhava as atividades que eram realizadas pelos jovens nas ocupações e percebia que professores das escolas, ex-alunos, professores e alunos de universidades, alguns colegas meus da rede onde leciono, responsáveis de estudantes, e outras pessoas frequentavam diversos eventos nas ocupações das escolas.

Busquei, a partir da percepção desta abertura em relação a possibilidade de frequentar esses espaços da ocupação, conhecer essas ambiências. Estive presente em cerca de dez escolas ocupadas em diferentes eventos realizados pelos jovens ocupantes paralelo às observações das publicações no *Facebook*. Buscava estar perto daquele movimento, perceber suas ações, compreender suas vivências, dialogar com os ocupantes. Queria ainda desnudar o meu olhar. Estar diante de uma experiência outra que eram as ocupações.

Interessados em saber o que eu fazia ali, eles perguntavam se eu era uma jornalista, professora, curiosa, mãe de aluno. Eu dizia a eles que estava interessada em conhecer essa

vivência/experiência da ocupação que realizavam. Eles me contavam animados o que faziam cotidianamente. Como professora de escola pública e pesquisadora, percebia essa relação dos jovens com a escola de uma forma diferente do que acompanho em meu dia a dia. Eu dizia a eles que acompanhava suas páginas e que me senti à vontade em começar a frequentar as ocupações. Marc Augé (1994) trata da identificação dos espaços a depender da relação que se tenha com ele e a escola teria essa simbologia de espaço diferente do habitual no contexto da ocupação ocorrida. Citando Michel de Certeau, Augé (1994) nos convida a reflexão do espaço como lugar praticado. "Um cruzamento de forças motrizes", esse mesmo lugar, a escola, que habitualmente ocupam durante o ano letivo, estava sendo ressignificado.

Curiosos, os jovens me perguntavam o que eu estava achando das publicações nas páginas, como eu soube das ocupações, de que maneira eu vinha percebendo aquele movimento, se as pessoas próximas a mim estavam sabendo que aquele movimento existia. Percebia nos eventos que participava a sede de troca, de diálogo, de mostrar o que faziam naqueles espaços de ocupação. Foi perceptível ver suas formas de organização naquele lugar, como faziam para conseguir se manter ali por tanto tempo e suas muitas histórias. Aos poucos comecei a entender como as diferentes ocupações aconteciam.

Nesses eventos que estive presente, percebi que eles registravam suas ações, fotografavam e publicavam nas páginas do *Facebook*. Ao realizarem seus comentários e *upgrade* das imagens captadas de seus smartphones, eles narravam em uma ação midiativista imagética⁷⁴. Essas ações demostravam o que acontecia naqueles ambientes. Como Filé nos diz "As imagens disponibilizam possibilidades de pensarmos sobre a percepção que temos delas e das nossas ações" (2014, p. 2334). Era uma forma de mostrar para o mundo que aquele movimento de fato estava acontecendo.

Todas essas imagens fotografadas, filmadas e expostas na rede narram os acontecimentos. Como assinala Sontag, "fotos fornecem testemunhos. Algo que duvidamos parece ser comprovado através da foto [...] a foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe ou existiu" (2004, p. 16). O movimento exigia legitimidade e a Internet serviu para que isso acontecesse como eles apontavam. As imagens que eles registravam iam além de uma questão de dar visibilidade ao movimento de ocupação. Elas narravam, contavam a história do movimento.

_

⁷⁴ O termo midiativismo imagético será tratado no próximo capítulo deste estudo.

Com o foco na pesquisa em cultura visual, vislumbrei que as imagens publicadas nas páginas criadas por esses jovens poderiam ser um campo para pesquisa juntamente às escutas realizadas nos eventos que estive presente. Destaco que pesquisar com cultura visual não é analisar imagens, mas perceber as relações que as imagens trazem a partir de quem publica e o que comunica. O foco na pesquisa em cultura visual nessa pesquisa são as relações estabelecidas através e a partir das imagens. Como nos dizem os pesquisadores, as imagens produzem relacionamentos. Hernandez (2013) aponta que o estudo do visual não é somente o estudo da imagem, mas o estudo do que vemos e de como vemos. Portanto, é importante destacar a perspectiva da narrativa como de investigação na hora de dar conta das experiências relatadas e suas significações (CLANDININ, 2007, apud Hernandez, 2013).

Em relação aos não ocupantes ou aqueles que, fisicamente não estão presentes no espaço da ocupação, vários deles estavam nas redes, curtindo, comentando, se informando, compartilhando, integrando de alguma forma o grande emaranhado de narrativas.

Foi perceptível o acolhimento nos eventos das ocupações em que estive presente. Percebi ainda como apenas o fato de estar interessada em como se davam as ações já fortalecia de alguma forma aquele movimento. Percebi neles a preocupação com a repercussão que aquelas atividades estavam tomando fora daquele espaço da ocupação. Me questionava sobre os diferentes usos de dispositivos móveis e em como eles estabeleciam suas conexões em rede.

Expresso que as muitas idas em diferentes ocupações possibilitou que eu me ambientasse com o funcionamento desse movimento. Foram encontros muito ricos, pude perceber a escola de outro modo. São maneiras de ver a escola. Me afetaram enquanto pesquisadora. A lindeza de perceber o diverso, as diferenças presentes naquele espaço. Um espaço que se inspira na compreensão do coletivo.

Reconheço a importância de destacar o nome dessas escolas acompanhadas, suas localidades, suas características, suas trajetórias, seus sujeitos, suas histórias. Porém, se tratando de um movimento de ocupação com diversas questões que estão imbricadas, o fato de não destacar seus nomes não impede de contar as suas itinerâncias ricas nas narrativas. Assim como enfatizo meu lugar de fala na introdução desta escrita, procuro por meio desta pesquisa destacar a importância desse movimento em uma pesquisa acadêmica.

Geograficamente, as escolas estão localizadas no Estado do Rio de Janeiro, uma no município de Seropédica na Baixada Fluminense, e as outras duas na região da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Todas as escolas têm uma itinerância de luta e resistência tanto pelos docentes quanto pelos discentes. São escolas que possuem mais de cinquenta anos de história,

uma delas centenária, inclusive. Foram ocupações que tiveram um movimento muito forte pelos jovens e uma forte presença também de professores e responsáveis.

Fazendo uma busca sobre notícias relacionadas ao termo ocupação no Rio de Janeiro é possível vê-las presente nos noticiários. Essa relação é percebida ainda nas postagens realizadas pelos jovens nas páginas do *Facebook* o que ajudou em minha imersão em suas narrativas imagéticas. A interação constante que os ocupantes promoviam em diversas ações engendrava em visibilidades através de diversas mídias para o que ali acontecia.

Os jovens da escola localizada na Baixada Fluminense são estudantes de um instituto federal cuja forma de ingresso se dá através de uma seleção por meio de exames. Muitos jovens que ali estudam não residem na região da escola. As outras duas escolas localizadas na cidade do Rio de Janeiro possuem como forma de ingresso um cadastro dos alunos no site Matrícula Fácil disponibilizado pela Secretaria Estadual de Educação. Através do cadastro no site, os jovens escolhem, por ordem de preferência, as escolas da região próximas às duas residências para ingressar no Ensino Médio sem a necessidade de uma avaliação prévia.

É importante frisar essa relação no sentido de observar algumas diferenças em relação ao acesso a dispositivos, a conexão com a internet, a estrutura da escola, disposição de recursos e outras questões que vêm sendo trazidas com as análises. Esses jovens vivenciaram questões semelhantes de formas diferentes. As desigualdades sociais e econômicas também estão presentes nessa relação e essa questão esbarra na relação com as ações que eles desempenhavam a partir de suas possibilidades e, ainda, geograficamente.

A escola federal encontra-se afastada do grande centro urbano. As duas escolas estaduais dentro do centro urbano, na zona norte da cidade. Essa questão da proximidade com a cidade acentua ainda mais a violência que por vezes se mostrou presente nestas duas escolas. É visível a desigualdade social que grita no entorno dessas unidades da zona norte e, isso se reflete dentro da escola já que os alunos que ali estão habitam em diferentes bairros na cidade em diferentes realidades. A escola presente na região mais afastada, apesar de estar localizada em um município com baixo IDH⁷⁵ em relação a outros municípios do Estado em termos de violência urbana, sofre impactos menos severos do que as outras duas.

Estes, sujeitos, jovens, ocupantes, de onde ecoam as vozes que se produzem e são ouvidas pela pesquisadora são nada mais do que corpos que ocupam aquele lugar, a escola, as redes, atravessados por subjetividades que lhes conferem cicatrizes profundas e superficiais. O

⁷⁵ Seropédica ocupa o 41° lugar no ranking dos municípios do Estado do Rio de Janeiro poussindo um IDH de 0,713. Fonte: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/seropedica_rj Acesso em 15 set. 2020.

que via nas ocupações visitadas e nas páginas era uma forma diferente de estar na escola pelos jovens. Uma forma a qual não estava familiarizada. No entanto, o termo 'familiaridade', como questionado por Filé seria um "sentimento de intimidade, de conhecimento, de pertencimento, de costume, de hábito?" (2014, p. 2435). Algo que estamos acostumados a ver? Algo que não precisamos questionar sua normalidade. Como se não houvesse outra forma de ser visto. Jovens que estão dentro do espaço da escola, mas de uma outra forma, ocupando seu espaço. O que me diziam as imagens que eles postavam? Que relações com a escola apontavam dentro da ocupação?

A escuta, por ser um processo aberto, nos convida a lidar com o não imaginado, com o que não sabia o que iria encontrar, o que iria ouvir. O processo de ocupação pelos jovens, seus registros, suas conquistas, suas intenções, suas itinerâncias são escutas que surgiram nessas visitas que realizei. Somadas a essas escutas nos eventos que frequentei, as narrativas dos sujeitos publicadas nas páginas sobre o processo de ocupação revelam uma vivência que são deles, que só eles podem narrar. As visualidades presentes nas páginas do *Facebook* narram aquele movimento ocorrido. Através dessa abordagem, caminhei a investigação me guiando pelas observações que fiz através das visualidades e pelo que escutei nessas idas aos eventos.

Estive em eventos abertos nos dois momentos do processo de ocupação no ano de 2016, no primeiro semestre em escolas estaduais e no segundo semestre em instituições federais. Estive presente em eventos em ocupações de escolas localizadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e em regiões afastadas da grande cidade.

Estar presente nos eventos abertos que ocorreram nas escolas ocupadas me ampliaram o olhar para as narrativas tecidas pelos ocupantes nas páginas, ter a experiência de estar naquele espaço, de perceber alguns elementos através da escuta em que eu tinha de estar aberta a perceber. Muitas das impressões que trago para este texto foram registradas por mim ao longo dessas idas. Através desse percurso e das observações nas páginas, percebia jovens dispostos a estar ali, lutando, resistindo.

Os ocupantes permaneciam nesses locais à noite, receosos e ao mesmo tempo mostrando uma atitude de coragem. Porém, eles não estavam sozinhos nessa luta. Eles tinham o apoio de seus responsáveis, de pessoas que estavam dispostas a ajudar a ocupação, de professores, de pessoas ligadas a universidades. Admirei a coragem desses estudantes!

Anotei algumas observações que percebia nesses momentos. Atrelava essas escutas e visualidades que se faziam naquele espaço da ocupação ao que percebia nas *fanpages* que acompanhava. Buscava ter um olhar curioso e atento. Anotava minhas itinerâncias,

incompreensões, observações, apreensões e experiências sobre aqueles acompanhamentos. Rascunhava o que alguns ocupantes me diziam, testemunhavam. Desses escritos eu realizo as costuras na tentativa de ampliar meu olhar para o que era trazido nas páginas do *Facebook*. As imagens que enunciados nas *fanpages* traziam recortes dessa experiência. As falas deles nos eventos que frequentei traziam outros contornos e utilizando esse diálogo busco perceber a experiência dos jovens pelas imagens e o modo como contam e dão sentido ao que viveram. Costuro esses retalhos. Emprego agulha e linha atravessando essas vivências que tive nas visitas às narrativas que visualizava nas *fanpages*.

3.3 Narrativas imagéticas contadas através de categorias temáticas

As publicações realizadas nas páginas escolhidas eram inúmeras. Algumas possuíam muitos seguidores outras menos e todas com uma riqueza de narrativa imagética. Uma narrativa cronológica que, ao descer a barra de rolagem, conta o que acontecia naqueles espaços. Uma narrativa aberta, pública, disponível na rede. Ao serem realizadas as publicações nessas páginas do *Facebook*, não se tem contato com o sujeito que a faz tendo em vista que a publicação é postada em nome da página e não do sujeito que a publica.

Esse mergulho no mar de registros que se faziam nas páginas pode ser justificado pela aceleração temporal que estaria caracterizando uma nova juventude, como apontado por Leccardi (2006 apud Carrano, 2012). Um contexto de "novas alternativas de vida apresentadas pelo desenvolvimento científico-tecnológico e novos padrões culturais nos relacionamentos entre as gerações" (2012, p. 86) estariam desencadeando uma ruptura, utilizando um termo mais robusto, no que tange às formas de se relacionar no mundo contemporâneo.

Descer a barra de rolagem daquelas páginas me fazia entrar em uma ambiência narrativa imagética. Como quem mergulha nas linhas e entrelinhas que se desenham, se veiculam a hiperlinks. Percebi diversas temáticas que eram veiculadas naquelas publicações. Como escolher, selecionar o que trazer para a tese? Como expressar essas experiências nesse texto acadêmico? De que forma eu poderia narrar a experiência que eu tive visualizando aquelas imagens?

Voltando aos prints, revivendo as situações que observava, dialogando com os sujeitos, escutando seus relatos nas escolas ocupadas, busquei categorizar a partir de temas os prints que realizei das páginas públicas. Em meu caderno, anotei os principais temas que encontrava nos

prints. Numerei todos eles. Separei as imagens das páginas das ocupações em um arquivo e fui percebendo os sentidos.

Observando as imagens, anotei os temas encontrados. A cada tema, relacionava as imagens printadas de cada página. Alguns temas continham mais imagens relacionadas, outras menos. Dentre os temas, selecionei os que tinham mais intensidade de narrativa. Desses temas escolhidos, selecionei as imagens com as quais eu poderia dialogar e que fossem mais relevante para o trabalho. Não teria como trazer todas para esse texto.

Os temas trazidos foram: confecção de cartazes; oficinas e cronograma de atividades; manifestos, pautas da ocupação, assembleias, passeatas; tentativas de desocupação; arrecadação de doações; cuidado e limpeza; oficina de grafite; evento artístico e bem-estar.

Criei assim, um capítulo de análise dessas categorias temáticas trazendo as imagens dos prints e relembrando algumas situações observadas e as escutas quando estive nas ocupações. Reunir as imagens a partir de temáticas não as faz desvincular-se de um todo maior. A dimensão do olhar, imbricado em uma forma de vir a ser um olhar, que busca contaminar-se da escuta das narrativas alinhavadas pelos jovens ocupantes, vão recosturando a tessitura dos recortes feitos através das categorias temáticas.

3.4 Pesquisa narrativa visual

A partir dos estudos realizados e combinados nessa pesquisa, trago como campo de investigação metodológica a perspectiva *das narrativas visuais*⁷⁶. Atrelando a visualidade às ações engendradas através de recursos midiáticos conectados online, analiso as narrativas que se constroem nas páginas do *Facebook* entendendo-as como atos comunicativos que contam uma determinada ação, fato ou história.

O complexo de ações que integram processos comunicativos como expressão constituída por discursos, entrevistas, relatos, transcritos, inscrições imagéticas, entre outros narram acontecimentos integrando um emaranhado de fios (LACERDA, 2014). As narrativas costuradas pelos jovens nas páginas que acompanhei trazem o relato dos acontecimentos vividos no processo de ocupação das escolas.

-

⁷⁶ Trago, neste momento a descrição o enfoque das narrativas imagéticas e, no próximo capítulo, adentro a discussão das ações midiativistas imagéticas.

Essas narrativas se utilizam de um conjunto de códigos que vão desenhar a itinerância das ações desenvolvidas e vão trazer ao público os sentimentos que afloram nessas relações estabelecidas naqueles espaços ocupados. Construídas com imagens e textos, essas visualidades "constituem, no presente, alicerces vitais para a forma como comunicamos, construímos sentidos e representamos o que nos rodeia" (CAMPOS, 2013, p. 49). Não tendendo para uma busca da análise da imagem ou do texto com uma implicação onde um anularia o outro, a construção do olhar trazida a partir de autores da cultura visual estudados nesta pesquisa, revelam o que Aguierre (2013, p. 298) nos mostra sobre essa dualidade.

Em uma posição intermediária entre o textualismo puro e a procura de um protagonismo estelar para a imagem, algumas das vozes mais autorizadas no terreno da cultura visual reclamam que o mais importante é indagar sobre novas formas de encontro entre ambos os dispositivos narrativos, sob o argumento de que existe uma estreita relação da visão com o mundo verbal, auditivo, emocional, físico, intelectual, espacial e histórico (ROGOFF, 1998 apud) ou enquanto "a dialética da palavra e da imagem parece ser uma constante na fábrica de signos que uma cultura tece ao redor de si mesma" (MITCHEL, 1987).

O mostrar através das imagens, através dos relatos. Uma mistura de composição de texto e imagem. Como Berino nos revela "quase sempre a escrita será a forma principal de expressão, embora não raramente com uma recriação da linguagem em que o texto produzido é também uma composição imagética, com adoção de signos e semânticas, que equivalem a um "texto desenhado" (2018, p. 164).

Essas são as narrativas encontradas nas páginas do *Facebook* das escolas pesquisadas. Visualidades que não se determinam como uma apropriação apenas pela linguagem não-verbal, mas relacionada a todas as formas de narrar que são estabelecidas e que tem no universo da fotografia digitalizada e publicada na página uma expressão mais forte. Essa percepção vem sendo pensada e corroborada com autores que relatam usos de imagens e as visualidades às quais a narrativa vem atrelada.

A condição fluida do visual, a ubiquidade da imagem e sua capacidade para se transformar em uma ampla diversidade de meios e suportes (materiais e imateriais, analógicos e digitais) são características que levam o debate da cultura visual um passo além da mera discussão sobre qual repertório de artefatos visuais deve ser ou não considerados (PLA, 2013, p. 154).

As páginas das ocupações revelam narrativas verbais e não-verbais que exprimem desejos, repulsas, angústias, sentimentos que indicam os anseios dos jovens ocupantes fazendo parte da cultura visual. Trazendo as falas de Hernandez, Porres explicita essa relação dizendo que "nem o texto explica a imagem nem a imagem ilustra o texto" (2007). Essa costura caminha em direção um entrelaçamento entre "imagem e o texto num espaço aberto, uma brecha no

'conhecido' que convida o leitor a continuar alinhavando reverberações" (PORRES, 2007 apud HERNANDEZ, 2013, p. 89). Completando o olhar para essa relação, Aguierre nos diz que

não se trata de olhar um objeto para se apropriar dele, mas de descentrar o olhar, reconhecendo que aquilo que é visto atua como espelho do sujeito que vê, gerando espaços de encontro e confrontação com "os efeitos que produzem em nosso sentido de ser aquilo que nos vê a partir de onde nos vê" (KAPLAN, 1998 apud AGUIERRE, 2013, p. 296).

As representações que se fazem na rede mostram não somente suas aspirações, mas traduzem uma identidade aferida através de uma cultura onde as imagens se fazem cada vez mais presentes no universo ao qual estamos imersos. Essa observação pode ser corroborada com as palavras de Miller *et al*.

actualmente o poder de intervenção na esfera pública não é exclusivo daqueles que detêm capacidade econômica e técnica para produzir imagens em termos profissionais. Cada vez mais há circuitos extra institucionais, minoritários e amadores que desafiam a hegemonia de alguns. As tecnologias digitais de produção de imagem tornaram-se bastante acessíveis, o crescimento explosivo da rede de internet e das tecnologias móveis, bem como a multiplicação de softwares e plataformas digitais de comunicação tornaram bem mais complexo o panorama da comunicação (áudio)visual (apud CAMPOS, 2017, p. 6).

Os relatos encontrados são formados através de uma linguagem característica com uso de mídias, hiperlinks, vídeos, fotografias digitais, *memes* e transmissões em tempo real que, acompanhadas, relatam aqueles eventos através dos olhos de seus autores. As narrativas visuais estabelecidas nas páginas do *Facebook* das escolas ocupadas eram como Castells denomina de "núcleos de redes de comunicação com o mundo em geral e dentro das ocupações" (2013, p. 140). E essa rede se formava a partir de "híbrido de formas de comunicação, tanto digital quanto face a face, baseadas na formação de comunidades, na interação interpessoal, na constituição de redes sociais e postagens pela Internet" (Ibid., p. 140).

As imagens que eu, como pesquisadora, visualizo, se intercruzam com os diversos olhares que possuo a partir de minhas experiências e vivências. A imagem como "ferramenta de investigação e a imagem como objeto de estudo" (CAMPOS, 2013) se hibridizam em um processo onde o distanciamento e a familiaridade fazem do meu olhar um apanhado ao qual deixo-me permitir que as escutas que eu realizava nas visitas às ocupações revelem as noções que venho a contemplar.

A possibilidade de um indivíduo produzir e divulgar um conteúdo amplamente através da Internet utilizando-se de diferentes mídias se mostra como uma grandeza em potência para que ações como as desenvolvidas pelos jovens ocupantes das escolas ganhe visibilidade. Nesse

contexto, corroboramos com a passagem de Campos ao dizer que "o universo *on-line* passa a coexistir como uma realidade paralela ao mundo *off-line*, sendo que estes tendem a alimentar-se mutuamente" (2012, p. 557).

Não apenas conteúdos digitais produzidos a partir de dispositivos, mas também aqueles que são transformados em digitais, como fotografias de eventos e cartazes. Todos esses fazem parte da gama de narrativas que circulavam em um contexto de ambiência *on-line/off-line* naquelas ocupações.

O olhar da pesquisadora sofre influências nessa perspectiva de pesquisa ao qual teço olhares investigativos. Esse movimento híbrido em rede conecta o digital on-line ao espaço das escolas ocupadas entrecruzadas em diversas formas de comunicação. Assim como em diversos movimentos de ocupação ocorridos pelo mundo mencionados anteriormente, a ocupação das escolas secundaristas

é amplamente encenada para ser expressa na mídia social, conectando-se dessa forma com a sociedade em geral. Há no movimento a prática constante de contar histórias. Todos tiram fotos e fazem vídeos, depois carregam-nos no Youtube e nos múltiplos sites de rede social. Esse é o primeiro tipo de movimento que conta todo dia sua própria história, com suas múltiplas vozes, de um modo que transcende o tempo e o espaço, projetando-se na história e alcançando as vozes e visões globais de nosso mundo. (CASTELLS, 2013, p. 141).

As experiências que os sujeitos contam retratam aquilo que eles pensam, se recriam, se transformam. Narrar com/através de imagens buscando aportes na cultura visual convém considerá-la como uma abordagem em

contínua transformação, na medida em que novas situações políticas, dilemas éticos, documentos históricos, viradas conceituais e novos objetos, artefatos e mídias, assim como ambientes de cultura visual e perguntas colocadas pela cultura visual, afetam nossos modos de visão (visualidade) (HERNANDÉZ, 2013, p. 78).

Nesse sentido, busco nessa pesquisa compreender as imagens no sentido de interpretálas através do olhar que as insere em um campo de visualidades. A pretensão aqui não é analisar a imagem, mas o que "vemos e observamos" (Ibid., p. 79). O contexto ao qual a imagem está inserida, a forma como ela é abordada, os pontos que o narrador escolhe dar ênfase ou não configuram o olhar que busco ter ao investigar essas visualidades. Considerar a cultura visual "como objetos e artefatos visuais que nos rodeiam e com os quais interagimos" (Ibid., p. 80) enfatizando as relações que mantemos com eles é o foco desta pesquisa.

O texto articulado a essas publicações não "fala sobre a imagem, mas a partir delas" (Ibid., p. 81) elucidando as marcas que proponho rastrear nessa pesquisa. Um estudo que não

se limita a analisar a imagem ou que pretende apenas falar sobre ela, mas, através delas. Através do que visualizo, do que enxergo, do que compreendo, dos olhares que estabeleço nas idas aos espaços ocupados, do que meu olhar interpreta, do que escuto, do que sinto.

O olhar para essas visualidades se misturavam ao "trabalho de memória" (HERNANDEZ, 2013) onde buscava contextualizar as publicações aos contextos sociais e políticos em que as atividades da ocupação estavam se desenhando. Trago nesta escrita o contexto das ocupações estudantis, suas demandas, suas mobilizações, suas pautas, suas motivações. Realizo uma articulação no segundo capítulo aos processos de ocupação ocorridos pelo mundo. Destaco os principais acontecimentos, engendro algumas ações e narrativas realizadas por jovens em outros contextos de ocupações. Trago no capítulo quatro o termo midiativismo como forma de perceber essas relações que ocorrem com/através do uso das mídias digitais em rede. Essas são as formas que busquei, através desse processo de acionar a memória desses eventos, essas relações que contextualizam esse processo vivido pelos jovens.

Relaciono ainda a minha memória. A memória dos eventos que pude presenciar, as escutas que realizei nas ocupações em que estive. Minha memória, a partir de minha leitura como pesquisadora. A partir dessas escutas que, aqui trazidas, me ajudavam na tessitura da narrativa que eu estabeleço nesse texto engendradas às narrativas visuais dos jovens ocupantes. Meu caderno de campo, minha memória escrita, que utilizo como auxílio para essa retomada dos fatos que vivi, que me faz reviver eventos, acionando as longínquas observações que realizei e que talvez não me lembrasse. Os áudios que gravava contando a minha percepção através de minha oralidade através do aplicativo instalado em meu dispositivo móvel. Meu 'áudio de campo', essa voz digitalizada, um recurso prático que acionei em alguns momentos tendo em vista que o narrar, por vezes, impele uma velocidade maior de contar os eventos. Essa foi uma das maneiras encontradas para realizar esse registro de memória.

Entrelaçando-me ao objeto de estudo, busco a forma de narrar desses jovens através das visualidades e perceber que a imagem e seus dizeres podem revelar "aquilo que permaneceria oculto e que tem a ver com o sentido da experiência e do aprender (ou não) a ser" (Ibid., p. 90) naquela vivência do espaço ocupado. Compreender o jovem através do estabelecimento de relações que estão além do currículo escolar. Jovens que se mostram no espaço das escolas, mas a ocupam de outra maneira a qual estamos habituados. Os relatos publicados nessas páginas são geridos por eles, através deles sobre eles. As narrativas aqui analisadas com/através de visualidades exploram as vivências desses sujeitos a partir do que eles relatam na interface digital on-line pesquisada.

As publicações das imagens, objeto de estudo de minha pesquisa, encontram-se em plataformas digitais atreladas a narrativas textuais tecidas pelos participantes: as páginas de *Facebook* públicas das ocupações. É preciso compreender o indivíduo e/ou seu grupo social no contexto em que estão inseridos (KOZINETS, 2014). É necessário estudá-lo incorporando seus usos de Internet e as comunicações mediadas por computador em seu contexto cultural, já que os sujeitos utilizam a informação em suas ações pessoais, para a tentativa de responder a problemas específicos de seu dia a dia, participam e se posicionam em diversas comunidades on-line.

As tecnologias digitais, afirmam-se como protagonistas inquestionáveis de novas dinâmicas sociais e culturais que marcam decisivamente os contornos da visualidade contemporânea. O uso crescente das novas tecnologias digitais tem incentivado a produção individual de bens de natureza visual e audiovisual a uma escala até aqui desconhecida (CAMPOS, 2012, p. 554).

Através dessas redes os jovens elaboram "narrativas visuais, por processos e meios diversos, nas quais se evidenciam a capacidade de resistência, autoria e ação [...] construindo experiências de saber que lhes permitam não somente interpretar o mundo, mas também atuar nele" (HERNANDEZ, 2013, p. 91).

Os caminhos que atravessam a pesquisa passam por um processo de investigação que incorre a pesquisadora estar aberta às surpresas, às escutas, aos interstícios, aos sentidos, ao não pensado, ao incontrolável, aos achados. Nesse caminhar, acompanhando as publicações nas páginas e visitando os eventos nos espaços ocupados pelos jovens, percebi algumas questões que surgem em seus dizeres em todas as ocupações em que estive. Realizo, então, esta pesquisa observando as publicações nas páginas do *Facebook* e através das escutas que estabeleci quando estive nos eventos abertos das escolas ocupadas.

A conectividade, em tempos atuais, tornou-se um fator que promove transformações nos nossos modos de vida. A utilização de dispositivos móveis digitais conectados em rede torna-se elemento fundamental nesses processos. Estabelecemos laços a partir da comunicação que costuramos através das redes sociais digitais, já que, produzimos, divulgamos e compartilhamos informações emaranhando uma teia de significações nesses pontos costurados. Produzimos sentidos, deixamos rastros através de nossas interações. O *Facebook* é uma rede social que propicia que essas interações sejam realizadas. No capítulo seguinte trago essa percepção sobre o uso das mídias digitais conectadas em rede que engendram narrativas imagéticas ativistas.

CAPÍTULO 4 – MIDIATIVISMO IMAGÉTICO: O *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE REPRESENTATIVIDADE E LUTA

"Mesmo sentado o corpo atravessa fronteiras" (CANCLINI, 2013, p. 44)

Nesse capítulo abordarei o *Facebook* como espaço de representatividade dos jovens ocupantes das escolas. E é dentro desse contexto que surge o termo midiativismo imagético ainda não tratado anteriormente e que apresento a seguir. O fenômeno da midiatização impele por discussões de seu conceito em torno das mudanças das novas configurações que a sociedade vem vivenciando.

Entendo a midiatização a partir dos estudos de Gomes como "um marco de possibilidades comunicativas" (2016, p. 16) que se constituem a partir dos meios eletrônicos. Dentro do contexto da midiatização várias mídias participam de diferentes maneiras nas práticas sociais. Nessa pesquisa o *Facebook* apresentou-se como uma mídia social digital utilizada pelos jovens e seus movimentos de ocupação na escola. Por esse motivo trago, nesse capítulo um olhar ampliado para esse espaço do *Facebook* como espaço de representatividade dos jovens, entendendo-o como um local de visualidade dentro do contexto da cultura visual, sendo também espaço de ativismo através das redes digitais on-line.

Os discursos de militância acompanham essas novas formas de abordagem de comunicação e ganham novas dimensões e cenários. As estruturas de poder se veem ameaçadas pelas mobilizações que são articuladas através das redes por diferentes usuários. Os discursos são interpelados pelas diferentes demandas que surgem no contexto social, político e econômico contemporâneos. Debates em torno de temas como justiça, direitos, legalidades, identidade e representações atravessam os discursos ao redor do mundo.

O debate sobre o ativismo se torna cada vez mais necessário. Não apenas o ser ativista, mas os canais pelos quais a comunicação ocorre entram na discussão. O termo midiativismo é interpelado como discussão mais específica sobre o assunto. Como nos aponta Peruzzo "a temática é super atual diante do avanço do midiativismo em termos de Internet, a qual amplia as possibilidades de atuação e de participação cidadã" (2018, p. 44).

O ativismo é caracterizado pelo "conjunto de investidas com propósito de alteração da realidade social estabelecida. Estas são empreendidas por sujeitos que, juntos, compartilhando sentimentos acerca de uma determinada conjuntura pública, evidenciam esforços num sentido comum." (JORDAN, 2002, apud BRAIGHT & CÂMARA, 2018, p. 33).

O ativismo ganha maior visibilidade e potencialidade através do uso da Internet. As redes sociais digitais possibilitam os indivíduos interagir de diferentes formas. As notícias que

não podemos acessar através do modelo de comunicação um-todos como a TV e o rádio, quando desejamos, assim como o centro de emissão das informações veiculadas, podem ser visualizadas através de plataformas digitais. Essa visualização não se dá apenas através de notícias veiculadas pelas grandes mídias tradicionais. Hoje, há diversas interfaces⁷⁷ onde podemos acessar uma informação que tenha sido registrada e redigida por pessoas comuns. O acesso não se restringe a visualizar, se amplifica com as diversas outras possibilidades de comunicação, interação, reformulação, criação e transformação que as plataformas digitais oferecem.

Quando reflito sobre os movimentos de ocupação estudantil ocorridos no Brasil no ano de 2016 e outros movimentos ocorridos pelo mundo, penso em um uso de mídias como *smartphones* e *tablets* como artefatos utilizados em tais ações. O termo midiativismo (ativismo + mídia), nos conduz a um pensamento de ações que se viabilizam tendo como premissa a utilização de tais dispositivos em seu contexto, sendo, portanto, movimentos recentes que se dispuseram desses novos usos.

É interessante refletir sobre o conceito de midiativismo, entender suas nuances de compreensões, não aqui no sentido de delimitar uma melhor definição para a terminologia, mas uma possível abordagem conceitual mais próxima ao que busco depreender no processo de investigação deste trabalho e posteriormente compreender a escolha da investigação de páginas do *Facebook* como canais onde as ações midiativistas imagéticas se davam nesse processo.

4.1 Mídia e midiatização

O conceito de mídia e midiatização trafega em diferentes estudos sobre as transformações que o uso de diversos artefatos vem trazendo nas sociedades contemporâneas. O termo mídia, no entanto, é empregado de maneira duplicada em sua acepção. Uma delas diz respeito ao termo mídia como apenas um artefato ou meio e, outra, atribuindo o plural ao seu sentido. Mídia como um conjunto de artefatos onde estaria estabelecida uma convergência deles.

Recorrendo ao estudo de Gomes sobre a conceitualização do termo, "medium" é a palavra em latim de origem significando "meio". Já o termo "mídia" se trata da pronúncia equivalente a media, em inglês e que, todavia, se propagou como sinônimo de cada meio em sua unidade. Aprofundando seu estudo, Gomes vai nos dizer que o termo estaria relacionado

⁷⁷ Utilizo a expressão interface pautando-nos no que Levý considera por "todos os aparatos que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário" (2010, p. 39).

em sua estrutura originária ao campo da Física, e neste caso, relacionando-se ao termo *ambiência*. Nesse contexto, a ambiência estaria relacionada ao conceito de midiatização.

Os artefatos ou os meios de comunicação seriam os *medium* e se relacionam com os *media*. O *medium*, nesse cenário, seria equivalente a cada aparato individualmente como a televisão, o computador, o rádio e já os *media* seria o conjunto destes artefatos interligados como alguns autores vem a chamar de convergência midiática ou multimídia. Gomes salienta que, na realidade,

o termo mídia foi assumindo outra acepção significando a totalidade dos meios. Por conseguinte, esse termo deu origem ao conceito de midiatização. Com ela, avançaríamos para o conceito de midiatização para além da consideração dos meros dispositivos tecnológicos de comunicação. Mesmo que alguns pesquisadores, tendo em vista essa discussão, preferem trabalhar com o termo mediatização e outros, ainda, utilizem-se indistintamente dos dois termos, considerando que significam a mesma coisa (2016, p. 4).

A confluência de mídias complexifica os processos culturais e sociais. Para compreendermos esse enredamento, McLuhan (apud GOMES, 2016) nos faz pensar na teia de mudanças após o advento da energia elétrica e incorporação na vida dos indivíduos. As transformações que se dão em virtude desse fenômeno interferem radicalmente nas formas de interação das sociedades atuais. Viver sem o consumo de energia elétrica, hoje, implicaria em mudanças na forma de alimentação, transporte, vestuário, e diversos outros setores importantes de nossas vidas, especialmente na comunicação em rede.

Como pensar, atualmente em não utilizar o refrigerador? Como manter os alimentos frescos por mais tempo? Como pensaríamos em utilizar um transporte público como trem ou metrô? Ou até mesmo, como poderia, no momento de escrita deste texto, compô-lo sem a utilização de um artefato ligado à tomada de energia elétrica? Como fazer pesquisa sem acessar as páginas das revistas acadêmicas e sites de pesquisa ou mesmo redes de pesquisadores online? Imaginar essas situações em relação à eletricidade nos convida e pensar em termos de comunicação. Que transformações são sentidas cotidianamente a partir da utilização de diferentes mídias⁷⁸ em nossas vidas? O contexto de pandemia que chega nos últimos meses de finalização da tese mostra o quanto o digital já se tornou parte de nossa vida em sociedade e como a nossa comunicação fica limitada sem ele.

Assim como refletimos nas hibridizações acometidas pela utilização da energia elétrica e que McLuhan nos desafia a imaginar, ele também nos incita a pensar sobre essa convergência em termos de possibilidades comunicacionais através de seus meios.

⁷⁸ Mídia, neste estudo, é caracterizado pelos diversos meios de comunicação com a finalidade de transmitir e trocar informações como jornais, revistas, rádio, computador, Internet, *smartphone*, *tablet*, entre outros, em sua unidade.

Os meios, como extensões de nossos sentidos, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam. O rádio alterou a forma das estórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas. (MCLUHAN, 1996, p. 72 apud GOMES, 2016)

Mergulhando em uma reflexão mais profunda, McLuhan afirma que as influências são tão intensas que os sentidos se intercruzam quando abordo a tessitura que envolve o uso das mídias.

O sistema inteiro é que muda. O efeito do rádio é visual, o efeito da fotografia é auditivo. Qualquer impacto altera as "ratios" de todos os sentidos. [...] Nenhuma sociedade teve um conhecimento suficiente de suas ações a ponto de poder desenvolver uma imunidade contra suas novas extensões ou tecnologias. Hoje começamos a perceber que a arte pode ser capaz de prover uma tal imunidade (McLuhan, 1996, p. 84, apud Gomes, 2016).

Gomes nos provoca a pensar, indo além de McLuhan em relação ao seu tempo, sobre as modificações que o digital vem trazendo contemporaneamente como uma mudança equivalente a transformação após o advento da energia elétrica em termos de potencialidades nos diversos campos de conhecimento humano.

A Internet como um meio, estaria atravessando neblinas, lagos, mares, oceanos, nuvens e geleiras, todos esses sendo compostos por água em sua essência química, o H2O. "Pode-se perguntar sobre os efeitos da Internet em nossos sentidos, já que é um meio que envolve tanto a audição quanto a visão. A humanidade centrou as suas tecnologias principalmente entre os sentidos auditivo e visual" (GOMES, 2016, p. 13).

A ampliação dos nossos sentidos, no que tange a esse cruzamento de perspectivas, faz parte deste processo de hibridização de utilização das mídias como defende o autor. Tangenciando para a comunicação humana, o uso das mídias provoca pensarmos em uma ampliação de um processo que é natural em nós. A partir da comunicação que estabelecemos uns aos outros, refletimos sobre situações, trocamos informações, indagamos, buscamos soluções em conjunto. O primeiro contato que temos em termos comunicacionais é com nossa mãe. Comunicamo-nos com o olhar, com o choro, com o afeto, com palavras, através de meios, geograficamente distantes e presencialmente.

Histórias se interligam por meio de linguagens, imagens, vídeos, charges, gestos e diversas outras formas de comunicação possíveis. Nessa direção, "o resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. O processo comunicacional possibilita os avanços progressivos da sociedade, sempre em níveis cada vez mais complexos" (GOMES, 2016, p. 14).

A importância da mídia nesse decurso está na "dinâmica de processos socioculturais" (GOMES, 2016). Essa articulação tem sua possibilidade de construção a partir da "liberação do polo da emissão" (LEVY, 2013), já que os processos interacionais são oportunizados pela comunicação "todos-todos" (SILVA, 2010). Nesse sentido, informação não é apenas recebida por um usuário de mídia, mas ressignificada, trocada, reestabelecida.

A hibridização da utilização de diferentes mídias perpassada, em especial, pela conexão com a rede de Internet traz uma potência na comunicação. Uma pessoa pode se conectar a outra sem a necessidade de um polo de emissão e recepção que estabeleça essa mediação. O ponto de partida, chegada, cruzamento e interconexões se dá a partir de cada indivíduo que utilize uma mídia conectada a uma rede de comunicação de Internet. Essa conexão vai estabelecer um complexo processo de circulação de mensagens através da midiatização resultando numa crescente estruturação da sociedade, fomentando o desenvolvimento comunicacional humano. A esse respeito Gomes aponta que:

A circulação de mensagens acontece de forma imediata entre o polo da emissão e o polo da recepção. O mesmo processo acontece midiaticamente. A mídia se apropria de conteúdos e os trabalha por meio dos processos de significação e socioculturais. Esse movimento complexo acontece dentro dos contextos dos processos midiáticos. A circulação também se estrutura em conexões e interconexões que se desenrolam no marco das relações que a sociedade engendra para que a comunicação aconteça com rapidez e eficácia. Os conteúdos transmitidos chegam à sociedade e seus resultados retornam para o processo de comunicação, via processos midiáticos, gerando, assim, um ambiente comunicacional mais amplo que influencia e é influenciado pelos seres humanos (2016, p. 16).

A nova ambiência propiciada pela tecnologia digital torna essas relações ainda mais complexas potencializando vínculos através da aceleração e desempenho eficaz nas interações comunicativas. Essa relação possibilita que sociedades se organizem e se estruturem buscando uma "nova forma de ser e estar no mundo" (GOMES, 2016). Além disso ampliando-se e/ou modificando-se através de "uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente distinta em relação ao modo de ser na sociedade até então" (Ibid., p. 18).

4.2 Midiativismo imagético

Os movimentos sociais que se utilizam de diferentes mídias conectadas à Internet propiciam que novas configurações sejam introduzidas em seu ativismo. Busco pensar no termo e suas nuances de compreensões que nos ajudam a refletir sobre o midiativismo desses movimentos atravessados pela Internet.

Dado o conjunto de mudanças que as novas configurações da vida contemporânea, atravessada pelo uso de Novas Tecnologias e acesso à Internet, vem apresentando, compreendemos que há uma dinamicidade nas relações ativistas. Essas caminham junto a

transformações sociais e requerem formas de se pensar sobre o midiativismo de diferentes perspectivas.

Não irei me ater ao termo como uma palavra que seria definida como a escolhida para ser trazida neste texto. Há outros termos existentes como webativismo, ciberativismo e ativismo na rede que se assemelham, porém o escolho diante do diálogo com a discussão trazida aqui com o uso das mídias. O termo midiativismo vem sendo discutido em diversas interfaces massivamente nos últimos tempos e, por isso, busco nessas relações compreender como esse fenômeno acontece pensando nas visualidades que se vinculam a esse processo.

Braighi e Câmara buscam descrever o midiativismo através de uma proposta conceitual. Em seus estudos encontro algumas aproximações e distanciamentos em relação ao termo que nos ajudam a compreender as principais características que o envolve atualmente. Eles salientam que o conceito "está em constante (re)construção, frente sobretudo às mutações das tecnologias" (2018, p. 25).

Nesse sentido, penso o midiativismo como um acontecimento recente, marcado pelo uso de tecnologias digitais em rede, extenua a história que o termo abarca em seu entendimento mais amplo. Não se trata de um termo que se refere às práticas da atual sociedade onde utilizamse as plataformas digitais como artefato, mas um termo antigo que se relaciona a outras mídias e outras formas de comunicação.

Nos casos das ocupações estudantis secundaristas, o fenômeno "sem maiores limitações de idade biológica, parece pender para as novas gerações, essas que sabem combinar o poder mobilizador das redes com a força presencial das ruas" (SODRÉ, 2018, p. 21). As mídias digitais nos ativismos que temos presenciado recentemente, integram esses movimentos. São ativismos que utilizam as mídias como aporte para tomada de atitudes.

Diante das inúmeras ações que vem sendo tomadas nos espaços públicos, o termo midiativismo se integra muito bem a nossa questão de estudo que perpassa pelo uso de mídias. As mídias digitais utilizadas mais recentemente se conectam em rede viabilizando que conteúdos visuais circulem tecendo um emaranhado de narrativas. Essas ações buscam através da visibilidade costurar discursos que envolvem diversos temas que integram as demandas de reivindicações.

Permeados por transformações requeridas e advindas de um processo interpelado por mudanças conflituosas, as ações tomadas por indivíduos e coletivos vem crescendo expressivamente. Essa relação se dá devido a um processo de capitalismo voraz que vem a esgarçar as contradições já existentes em nossa sociedade no que tange às desigualdades sociais. Como aponta Peruzzo, "as contradições geram desigualdades, conflitos, violência e, também,

movimentos sociais de resistência tanto à ordem geral do modo de produção, quanto aos problemas específicos no âmbito dos vários sistemas que estruturam a sociedade" (2018, p. 45).

As raízes que se estendem na terminologia da palavra midiativismo podem abarcar sentidos os mais diversos sobre o uso das mídias e a tomada de ações provenientes dos anseios daqueles que a utilizam. Buscando nuances que integram os sentidos mais utilizados ao pensar no termo, acredito que a análise trazida por Braighi e Câmara feito a partir dos apontamentos de Alice Mattoni sobre o ativismo, condensam três principais acepções sobre o midiativismo. Segundo ela, o ativismo de dá 'in' (na), 'about' (sobre) e 'through' (pela) mídia. Vejamos:

O "activism⁷⁹ in media" evidencia-se quando se usam as tecnologias de informação como espaço de criação de conteúdo para promover mudanças. Além disso, trata-se das mudanças na representação midiática, servindo como divulgação dos pontos de vistas daqueles que foram silenciados pela grande mídia. A autora considera o movimento da contracultura exemplo dessa forma de ativismo, já que procura questionar e combater a cultura dominante, atualmente impulsionada pelas novas tecnologias, que facilitam tal processo. A Adbuster Media Foundation é um exemplo disso. A associação, fundada no Canadá em 1989, mantém uma revista e se define como espaço de resistência contra a cultura do consumo ao qual o mundo está inserido, realizando, portanto, o "ativismo na mídia".

O "activism about media" pode ser considerado o movimento social em si, objetivando a reforma política da mídia. Além disso, a mídia pode ser um meio de conexão entre esses movimentos, com a participação efetiva nesses processos, e o fornecimento de informações, conteúdos e infraestruturas. A autora cita o site Wikipédia como exemplo, já que permite a produção de conteúdo público on-line, em que todo internauta pode criar e editar informações que lhe são caras.

Já o "activism through media", o que mais nos interessa e dialoga melhor com o tipo de midiativismo que visamos trabalhar, seria um processo de mobilização, que alude em como cada ativista usa as mídias de maneira diferente para atingir seus objetivos e servir aos seus movimentos (dos quais faz parte, efetivamente ou não), com ações que extrapolam as redes sociais digitais e ganham as ruas. A autora destaca a facilidade que as novas tecnologias de informação trouxeram para esse registro e produção de conteúdo, principalmente com os smartphones e o acesso à Internet e redes sociais digitais, independente do local, o que leva o usuário a praticar o midiativismo – ainda que não se considere um ativista. (2018, p. 31)

Os autores acreditam que a última acepção seria a mais conveniente ao pensarmos em midiativismo. Eles complementam ainda a ideia quando agregam o valor da Internet como meio de comunicação nesse processo contemplando, assim, através desse uso, potencialidades outras. Os autores baseiam-se em Meikle quando apontam que o conceito de interação entre os interlocutores ficaria superada quando a internet é utilizada, já que os usuários da rede têm a possibilidade de (re)criar conteúdo, solucionar problemas e gerenciar tarefas. Complementando as características do *activism trough media* apontado acima, ele ampara o conceito de ativismo através da rede baseando-se em quatro aspectos:

-

⁷⁹ Grifo nosso.

textos, táticas, estratégias e redes. Os textos são releituras ou subversões de conteúdos já existentes; as táticas abordam a desobediência civil eletrônica, podendo culminar em novas formas de protesto; as estratégias baseiam-se na mídia alternativa, centrada no sujeito participante; as redes referem-se à Internet propriamente dita e às conexões que ela permite realizar em fóruns, interações e campanhas, criando, então, um novo modelo de mídia. (MEIKLE, 2010 apud BRAIGHI & CÂMARA, 2018, p. 32)

As outras duas formas destacadas pela autora (activism in media e actvism about media), não estariam, no entanto, desconectadas do sentido do ativismo. O fato de não se ir para as ruas não estaria imbricando uma posição menos ativista. A questão que se integra nessa perspectiva de pensar o midiativismo estaria nessas diversas nuances que compõem o termo. Elas estariam relacionadas a uma transformação de um determinado quadro da demanda apresentada pelos ativistas.

As mídias estariam a serviço do ativismo lhe oferecendo outros contornos, implicando em sua transformação. Assim, a posição que adoto, sem esquecer das questões que cercam o processo de midiatização (de maneira horizontal nos modo de agir dos ativistas ajudam a conformar modos específicos e estratégicos de fazer), é a de uma soma entre as perspectivas ativistas (expostas anteriormente) e do processo clássico, básico e didático de mediação.

Indo além dessa percepção, nessa pesquisa, penso no termo *midiativismo imagético* como forma de refletir nas atividades desenvolvidas no processo de ocupação das escolas. Ações rodeadas pelo visual e não-visual. As ideologias, as crenças, as interações, as leituras e releituras, as experiências, a sensibilidade, a troca, como nos afirma Mirzoeff (1999) são relações que estão imbricas em um contexto em que a cultura visual está inserida. Nesse sentido, a percebo como parte indissociável dessa relação estabelecida pelos jovens com viés onde a luta e a representatividade foram a pauta deles.

As imagens, como já trouxe no Capítulo 1, fazem parte de nosso dia a dia. Ela está em todos os lugares, elas nos rodeiam e se perfazem de diferentes formas. Nesse processo refletir em uma distinção entre mídias, unitariamente, cede lugar ao constructo de uma abordagem onde se pensa nas intersecções dos diferentes artefatos.

O instantâneo fotográfico se encontra na interseção de vários processos e tecnologias: desde o novo jornalismo realizado por pessoas comuns, utilizando câmera dos seus celulares para registrar – e veicular – acontecimentos bem antes da grande mídia institucional, até o registro da rotina familiar, [...] criando novas conexões entre imagem fotográfica e cotidiano (ARAÚJO &PAULA, 2008, p. 9).

Ainda recorrendo à percepção de Mirzoeff, essa compreensão de imbricamento é corroborada pelo autor como característico da cultura visual, "uma tática para estudar as funções de um mundo interpelado mais por imagens e visualizações do que por textos e palavras (1999, p. 38). E a essa relação ele segue questionando:

Se a interação entre imagens e textos é algo constitutivo do processo de representação, onde toda mídia é mixagem e toda representação é heterogênea, não seria mais importante desconstruir a potencial oposição binária texto/imagem, uma vez que a nossa relação com a mídia é sempre de uma experiência híbrida? (Ibid., p. 39)

Essa questão me fez refletir nas produções encontradas nas publicações dos jovens na pesquisa onde imagens e textos se imbricam. Textos que misturados às imagens publicadas dão sentido ao todo encontrado nas *fanpages* pesquisadas. Diferenciar o que é visual e não visual perde o sentido diante da mistura que integra, na verdade, o campo da cultura visual, ao qual dialogo nessa pesquisa.

Nessa construção, "as tecnologias digitais de registro em imagem apenas vêm fortalecer este campo de expressão, oferecendo novas possibilidades para a comunicação visual entre jovens" (CAMPOS, 2012, p. 559). Dessa forma, as narrativas dos jovens destacadas nesse estudo são compreendidas na relação entre os diferentes artefatos de mídia e suas produções atrelados à Internet. Através dessas interfaces os jovens compartilham imagens, protagonizam ações, produzem sentidos nas relações pelas quais se estreitam e se reforçam laços em uma ação que entendo ser um *midiativismo imagético*.

O midiativismo imagético reforça o processo de produção e divulgação da imagem como cerne das ações ativistas nos *media*. O narrar através das imagens se destaca como uma característica marcante do movimento estudado. Conforme trago à frente, as imagens retratam o cotidiano daquelas ações denunciando, mostrando, trocando e dialogando através da rede de comunicação da Internet.

Quando trato da imagem, a partir da percepção que vem sendo costurada nessa tese, a percebo com o entendimento que Mirzoeff aponta, como um constructo onde não se delimita em termos definidos o que estaria caracterizado como visual e não visual já que, como veremos nas postagens dos jovens nas páginas do *Facebook* e através das visualidades encontradas ao visitar as ocupações, as imagens se encontram permeadas de textos, ditos, falas, encontros, gestos, que fazem parte de toda a sua construção e dão sentido à sua existência.

Busco adjetivar o termo midiativismo como forma de destacar essa forma de atuação que se pauta nas visualidades como a mola propulsora das ações que vinham sendo desenvolvidas nas ocupações nas escolas estudadas. Sem a pretensão de criar um conceito, mas de buscar direcionar o nosso olhar sobre as investigações que vendo sendo costuradas na pesquisa. A seguir, trago o espaço do *Facebook* como interface onde essas narrativas eram construídas como um canal oficial de comunicação nas ocupações estudadas.

4.3 O Facebook como espaço de luta e representatividade

Costurando narrativas na rede, descobri logo no início da pesquisa que os jovens de escolas ocupadas realizavam publicações em diversos espaços digitais on-line dentre eles o *Facebook*. Não é de se espantar que uma interface como essa tenha sido escolhida como um canal oficial por onde os estudantes teceriam narrativas imagéticas. No início da minha pesquisa, o *Facebook*⁸⁰ ainda era bastante usado pelos jovens. Hoje os usuários vêm migrando para outras interfaces como, por exemplo, o *Instagram*⁸¹.

Sendo a quarta página mais visitada do Brasil, de acordo com a Alexa⁸², empresa que divulga informações de Internet, em meados de 2017, o *Facebook* alcançou a marca de dois bilhões de usuários cadastrados⁸³. Em cinco anos, a página dobrou seu número de usuários. Introduzido na rede em 2004, em média 316.455 pessoas se cadastram⁸⁴ por dia.

Com a possibilidade de criar uma página pessoal ou sobre temas específicos conhecidas como *fanpages*, o *Facebook* é uma rede social on-line que possibilita o usuário fazer publicação de textos, imagens e vídeos. Através de um registro simples, uma pessoa após se cadastrar, pode trocar mensagens com outros usuários e visitar suas páginas. Por meio de notificações, ele se atualiza acerca de novas publicações, curtidas, comentários e compartilhamentos realizados por outros indivíduos que estejam relacionados às suas redes.

Através dessa página de relacionamento, os usuários podem debater temas comuns através de grupos de interesse, sendo possível o grupo ter a característica de ser fechado ou

⁸⁰ O *Facebook* vem sendo alvo de reportagens em diversas mídias em referência a esquemas de vendas de dados dos usuários e sendo pressionado em relação aos termos de uso de imagens e dados fornecidos pelos usuários. Diversas discussões vem sendo estabelecidas sobre a segurança dos dados digitais e implicando em mudanças em legislações que versam sobre a questão. Uma das notícias que pode ser encontrada sobre esse assunto encontra nesse site: https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/19/facebook-compartilhou-mais-dados-com-gigantes-tecnologicos-do-que-o-revelado-diz-jornal.ghtml Acesso em 15 set. 2020.

Esta Lapa e Giradello apontam que "há diferenças qualitativas nos diversos espaços de internet. Por exemplo, o Twitter denota um uso mais público do que Facebook e Instagram, porque a participação ali se dá por indivíduos (@-perfis) que se conectam em torno de um tema (#-hashtags) e não apenas em torno de pessoas. A configuração do Facebook é um pouco diferente, favorecendo a polarização, o fechamento de grupos em bolhas de autorreferência que criam a ideia de um mundo de discurso único e de um indivíduo padronizado. Apesar de o Facebook permitir mais espaço para exposição de conteúdos (o Twitter se limita a 140 caracteres, o Instagram a imagens), a interação não se dá a partir de temas de interesse, mas de vínculos particulares" (2020, p. 31).

⁸² Alexa (2018). Os 50 sites mais acessados do Brasil. Alexa. Disponível em:

<haction | https://www.alexa.com/topsites/countries/BR | Acesso em 05 mai. 2018

⁸³ Fonte: < https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml > Acesso em 05 mai. 2018.

⁸⁴ Fonte: < https://pt.linkedin.com/pulse/facebook-04-de-fevereiro-data-da-sua-funda%C3%A7%C3%A3o-da-silva> Acesso em 05 mai. 2018.

aberto. Além dos grupos de interesse ou páginas de comunidades, páginas pessoais também podem ser criadas. Páginas como essas foram criadas pelos jovens ocupantes de escolas secundaristas no período das ocupações em questão nessa pesquisa (2016). Em sua maioria, as páginas eram públicas, ou seja, possibilitando que qualquer usuário participasse da discussão e visualização de publicações realizadas.

Essas páginas, possuem características de comunidades on-line como apontado por Robert Kozinets (2014). O termo comunidade on-line vem sendo utilizado em meio a diversos debates sobre o que caracterizaria de fato o vocábulo. Para compreendê-lo, Kozinets (2014) relembra-nos sobre a primeira fase da Internet, no início dos anos 90, a também chamada Web 1.0, termo popularizado a partir de 2004, onde se tinha uma experiência em que a publicação e o compartilhamento de informações se davam através de sites em unidades isoladas. Os usuários não podiam editar um determinado conteúdo disponibilizado permanecendo restrito seu acesso como espectador. O acesso à informação representou um avanço, mas no que tange à interatividade era uma questão limitada. Diante desse esforço, a experiência que se tinha era semelhante à leitura de um livro, ou seja, a comunicação que ocorre como em uma conversa praticamente não existia. Nesse contexto, a troca de informações se daria de maneira estática. A comunicação nos grupos on-line acontecia de maneira transitória e "frequentemente, de natureza informacional ou funcional" (KOZINETS 2014, p. 15).

Com o advento da Web 2.0 as formas de compartilhamento e publicação das informações se diferenciam do modelo de Web 1.0. No primeiro modelo de Web, a aquisição e programação de softwares era mais limitada além da necessidade de se pagar por um espaço na rede para publicação de conteúdo. A Web 2.0 facilita esse processo já que há uma mudança como os usuários e desenvolvedores atuam através de um ambiente mais dinâmico em uma desenvoltura onde os usuários colaboram para a organização dos conteúdos. Nas palavras de Weissböck:

A segunda geração de serviços online passa a ser chamada de Web 2.0. É baseada em modelos RSS (Real Simple Syndication), sistema de assinaturas no qual o internauta pode escolher quais informações deseja receber em seu software agregador. Ele faz o download de todos os conteúdos publicados recentemente, permitindo assim, uma fácil atualização sobre os assuntos que interessam ao usuário em um mesmo local, para consulta no momento que mais convier. Ou seja, o usuário é o próprio gerenciador do site. A Web 2.0 utiliza-se da rede global de forma colaborativa onde o conhecimento é compartilhado de forma descentralizada de autoridade, com liberdade para utilizar e reeditar os conteúdos dispostos na rede.

Para o criador do termo Web 2.0, Tim O'Reilly, suas principais características são: interfaces ricas e fáceis de usar; o sucesso da ferramenta depende do número de colaboradores; disponibiliza grande quantidade de softwares gratuitos; maior facilidade de armazenamento de dados e criação de páginas online; vários usuários

podem editar o mesmo conteúdo; as informações mudam quase que instantaneamente; sites e softwares na forma de plataforma (união de vários aplicativos). A Web 2.0 deu origem ao que foi batizado de desktop móvel, tornando desnecessário ter um computador pela possibilidade de se manter o conteúdo online, acessando-o e editando-o a qualquer momento e de qualquer máquina, incluindo aplicativos e mesmo sistemas operacionais. É neste sentido que a chamada arquitetura de participação de muitos serviços online pretende oferecer além de um ambiente de fácil publicação e espaço para debates, recursos para a gestão coletiva do trabalho comum (2011, p. 3800)

Apoiando-se em Rheingold (1993), Kozinets define comunidades on-line como sendo "agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço" (2014, p. 16).

Em todo caso, as interações baseiam-se em laços formados por um grupo de pessoas em um espaço comum com certo de laço de permanência na rede on-line. Esses laços, levariam ao reconhecimento de uma identidade dos indivíduos que integram aquela comunidade como no caso das comunidades das ocupações estudantis que se formaram no contexto híbrido, on-line e presencial.

As ocupações estudantis estavam cercadas de comunidades on-line que se faziam presentes em diferentes plataformas, além do *Facebook*, em comunidades abertas ou fechadas via *Twitter*, *WhatsApp*, fóruns de discussões em jornais e *Blogs*. Era possível ver debates em diferentes locais com diferentes finalidades.

Em jornais on-line, por exemplo, podíamos ver comentários e discussões ocorrendo logo abaixo das notícias veiculadas por diferentes perfis. Fóruns específicos de discussão se entrelaçavam em diversos locais. Páginas mais abertas veiculadas a páginas mais restritas podiam ser vistas nas redes. *Blogs* com considerações pessoais e canais alternativos midiáticos veiculavam informações sobre as ocupações, bem como mantinham uma comunidade onde se teciam diversas narrativas sobre o que acontecia.

Os jovens ocupantes do espaço híbrido teciam seus laços em comunidades afins onde discutia-se diversas questões como os próximos passos da ocupação, demandas por resolução de questões de higiene, limpeza, alimentação, organização e articulação e alternância de tarefas rotineiras, divulgação, privacidade, diálogo, entre outros. Eles compartilham cultura através de suas criações e produções artísticas.

Havia ainda aqueles jovens que não ocupavam o espaço físico, mas somente o on-line por questões como permissão dos pais, medo de represálias, questões pessoais que os impediam,

necessidade de uma observação afastada do movimento e outros aspectos. Ainda que seu corpo não fosse um material concreto naquele espaço físico da ocupação, eles se faziam presentes no espaço on-line com seus comentários, divulgações, articulação de doações, apoio, reconhecimento que dão autenticidade aos movimentos que ali aconteciam.

Seja para desmitificar, encorajar, informar, debater questões, relatar casos, todas essas comunidades que se interligam, vinculam-se às ocupações ocorridas levando aos indivíduos que ali participam um "reconhecimento das identidades dos indivíduos e ao termo subjetivo de que 'eu pertenço a este grupo específico" (KOZINETS, 2014, p. 17).

As comunidades para muitos são consideradas indispensáveis e tornam-se "lugares de pertencimento, informação e apoio emocional sem os quais as pessoas não ficam. Bater papo e conferir com os membros de sua comunidade *on-line* antes de uma compra, uma consulta médica [...] está se tornando algo instintivo" (Ibid., p. 21).

As comunidades das ocupações estudantis retratam questões sociais amplas que fomentam diversos grupos de interesse em comunidades on-line. Debates sobre a legalidade das ocupações, direitos que abrangem a luta em suas causas, curiosidades sobre as atividades que se dão naqueles espaços, comunicações entre os integrantes das ocupações por questões diversas, entre outras ações podem ser vistas nas redes. De fato, aquele que navega por uma comunidade acaba tendo acesso a diversas outras comunidades que talvez nem se podia ter ideia que existisse. Esse entrelaçamento imbrica em uma relação não apenas de participação, mas de sentimento que se ascendem em cada um.

Kozinets aborda essa questão como sendo o aspecto mais revelador. Os sentimentos que se expressam pelos membros das comunidades são factuais, uma vez que "as comunidades são reais povoadas por pessoas reais, o que explica por que muitas acabam se encontrando em carne e osso" (2014, p. 22). Dessa forma, as consequências decorrentes das participações nas comunidades on-line têm efeitos semelhantes aos grupos sociais que encontramos fisicamente.

Sobre isso Levý discorre dizendo que "quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes', se desterritorializam⁸⁵." As fronteiras do real e on-line não se perfazem com muros ou bolhas às quais não se é possível

_

⁸⁵ Levý trata do termo desterritorialização como uma "espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde" (2011, p. 21).

ultrapassar ou romper. Para esse entendimento é notável nos atentarmos à compreensão de que a tecnologia não determina a cultura, mas

que elas são forças codeterminantes e coconstrutivas, tem importância crucial. Com nossas ideias e ações, escolhemos tecnologias, as adaptamos e moldamos. Para esse entendimento, também é essencial acrescentar que nossa cultura não controla inteiramente as tecnologias que nós usamos. O modo como a tecnologia e cultura interagem é uma dança complexa, um entrelaçamento e um entretenimento. Esse elemento da mudança tecnocultural está presente em nossos espaços públicos, em nossos locais de trabalho, em nossos lares, em nossos relacionamentos e em nossos corpos - cada elemento institucional mesclado com todos os outros. A tecnologia constantemente molda e remolda nossos corpos, nossos lugares e nossas identidades, sendo também moldada para nossas necessidades (KOZINETS, 2014, p. 28).

Quando uma pessoa se interessa por uma determinada comunidade na Internet, ela o faz por diversas razões. Algum objetivo ela tem que a faz se aproximar, participar, espreitar aquele coletivo. Diversos aspectos que perpassam por suas discussões serão incorporados àquele que se integra a ela "em paralelo com a linguagem especializada da comunidade on-line e com conceitos sensibilizados, normas, valores, rituais, práticas, preferências e identidades" (KOZINETS, 2014, p. 33).

O sentimento de acolhimento ao grupo se instaura quando um indivíduo participa desse coletivo. Relatos pessoais são compartilhados entre os participantes, frutificando a compreensão e respeito pelos depoimentos prestados. Uma estrutura acaba por se formar em torno daquelas narrativas que começam a ser retratadas, de início, muitas vezes sem essa intenção.

Kozinets aponta para outros caminhos existentes de afiliação às comunidades. Em busca, de uma página na Internet, por exemplo para se ter acesso a uma receita, o usuário pode encontrar um tópico onde discute-se ideias sobre aquele determinado alimento e mergulhar na discussão daquele assunto. O objetivo dele, inicial, não era de fazer parte de uma discussão em uma determinada comunidade, porém os caminhos que fizeram o sujeito se ver compondo um depoimento se deram a partir de percursos que encontramos na malha da Internet.

Este caminho pode ser também aberto por este usuário onde na busca por um tópico de discussão que trate do tema, ao não encontrar, pode dar início a um novo debate sobre o assunto. A partir de então, o participante que vir a interagir naquele tópico de discussão virá a estender suas relações sociais e poderá trocar normas culturais que perpassarão por ali.

Kozinets ressalta que as comunidades on-line revelam mudanças nas relações humanas, de trabalho e de poder, bem como promovem transformações culturais nas relações que se

estabelecem na rede já que "as comunidades *on-line* são fenômenos abundantes, e suas normas e rituais são moldadas pelas práticas de Cibercultura e dos grupos culturais gerais que a utilizam" (Ibid., p. 41).

Nessas relações estabelecidas, os laços que se criam nas comunidades podem se estreitar ou não e, essas imbricações podem se dar através de diversas estratégias e práticas que são utilizadas para se criar um senso de comunidade. Além disso elas também nos "ensinam sobre as variedades e a substância da participação, dos membros, dos estilos de participação e das formas de comunicação eletrônicas" (Ibid., p. 44).

Navegando em diferentes páginas, fazendo uso de inúmeros endereços eletrônicos, navegando em diversas comunidades, os indivíduos envolvidos nas atividades de colaboração e interativas da Internet participam "recolhendo, filtrando, redistribuindo, fazendo circular a informação, a influência, a opinião, a atenção e a reputação de um dispositivo a outro" (LEMOS; LEVÝ, 2010, p. 12).

Tecendo suas narrativas na rede social *Facebook*, os jovens ocupantes encontram uma maneira de tornar pública as ações registradas e publicadas nessas páginas. Realizando filmagens, publicando fotografias, editando vídeos, escrevendo depoimentos, fazendo comentários, montando cartazes, criando *memes*, gravando áudios, alunos de escolas secundaristas ocupadas, em geral um público jovem, realizam suas narrativas sobre o que acontece diariamente nas ocupações.

Ao publicarem na rede, os autores dessas narrativas buscam através de seus relatos construir um ambiente de luta em prol de reivindicação de questões inerentes às suas demandas escolares. Nesse contexto, eles buscam "rivalizar, subverter, contrapor com diferentes estratégias as narrativas produzidas pelos grandes conglomerados de comunicação" (MALINI, 2013, p. 12). Essa forma de atuação em rede baseia-se na prática de "hackeamento" sendo uma estratégia utilizada por grupos através das redes de Internet demonstrando resistência, porém não se recusando a dialogar.

Nelson Pretto salienta a ideia de produção colaborativa e compartilhada com sua forma de atuação que vem se desenhando desde o século passado com o desenvolvimento da computação. Códigos abertos e *softwares* livres, desde então possibilitaram uma gama de conhecimentos que alavancou os caminhos da ciência da computação. A linguagem binária que possibilita o digital, não nasceu apenas de um planejamento e estudo horas a fio dentro de um laboratório em uma Universidade.

Como aponta Pretto, estudantes se reuniam também em garagens e porões de suas residências supervisionados ou não por seus professores. Confeccionando suas primeiras máquinas pessoais, "boa parte desse movimento tinha como princípio uma intensa lógica de partilhamento, inerente à própria cultura daqueles que passaram a ser conhecidos como hackers" (PRETTO, 2010, p. 311).

Os grupos que se articulavam para trabalhar no desenvolvimento de artefatos tecnológicos sustentavam as bases de suas empreitadas em seis princípios que orientam o código de ética hacker, tais quais (LEVÝ, 2001 apud PRETTO, 2010): primeiro, acesso total e ilimitado aos computadores; segundo, toda e qualquer informação livre; terceiro, procedimentos pouco burocráticos; quarto, julgamento dos hackers a partir de suas qualidades em seus trabalhos; quinto, articulação entre arte e os artefatos; e, sexto, fazer a vida melhor com isso.

Foi com esse conjunto de elementos éticos que os hackers trabalharam (e isso nos inspira a pensar nas necessárias transformações na educação!) de forma coletiva e aberta, criando os computadores, expandindo as redes de computadores e promovendo o nascimento da Internet. (PRETTO, 2010, p. 312)

Pretto aponta para a ideia de uma ampliação das características da atividade hacker para o campo da educação, assim como também ressalta PekaHimanen, citada por ele, onde indica uma ampliação desse sentido em "todos os campos da atividade humana" (Ibid., 2010, p. 312). Diante disso, emergem possibilidades de se pensar em pedagogias, como aponta Pretto, e aqui em especial

pedagogias que tenham na hipertextualidade, possibilitada pela Cibercultura, o fortalecimento de uma rede não-linear de diferenças. As transformações necessárias apontam para um ritual de passagem da porta da sala de aula que represente o fortalecimento do "eu" e a aprendizagem da convivência com a diferença. Assim, quando essas diferenças existirem e formarem parte viva dos processos, perderá sentido a porta da sala de aula, uma vez que, através das redes e conexões, o diferente estará interagindo com o de dentro e com o de fora, instantânea e constantemente. O que vai importar será exatamente esse movimento de interação e troca (2010, p. 314).

Entrelaçando-se nas redes, investigando, observando, comentando, buscando, costureime nas *fanpages* das escolas ocupadas buscando perceber suas nuances e *hiperlinks*. Para começar a perceber como funcionam as *fanpages* das escolas ocupadas realizei uma busca através do *Facebook* sobre páginas de escolas ocupadas. Tive acesso à página de uma ocupação e sem precisar fazer uma outra busca, dentro desta mesma página acessada, pude ter acesso ao *@EscolasRJemLuta* que se trata de uma das centrais das escolas ocupadas no Estado. Acessando essa última pude ser direcionada a outra, e outra e mais outra. Uma infinidade de páginas. Uma infinidade de links.

Fabio Malini aponta para um material⁸⁶ histórico que ele conseguiu catalogar sobre algumas dessas páginas, assim como ele também indica alguns grafos mostrando as relações que essas páginas estabelecem entre si. Uma acaba por seguir a outra e assim podemos ter uma dimensão da quantidade de páginas existentes a partir de assuntos relacionados⁸⁷.

Assim como eu tive acesso a essa rede de páginas relacionadas, todos aqueles que visitam alguma dessas páginas também o tem. Eu clico no link daquela que mais me interessa assim como cada um que visita uma determinada página. Nessa entrada teremos acesso a uma infinidade de links que se conectam. E a partir daí, tem-se o grafo abaixo que Fabio Malini publicou em maio de 2016.

⁸⁶ Material disponível em <<u>https://www.facebook.com/fabio.malini/posts/10153802878086151</u>> Acesso em 14 mai. 2017.

⁸⁷ No anexo I consta uma lista de escolas estaduais ocupadas bem como o endereço das páginas no *Facebook* de algumas delas.

GAPP - Grupo de Abaso do Procesto Populario de 1830 para districipa dos atunes do se Grenne Estadores I AD Cres 448 Politica Pre-Union Estádio - Godánia Escolas do RJ em luta Ocupação Surly Hachado OCIPA DAN PERSONAL ALISP CHIP DE Rockio 321 Double Ultras Galangario de Luía Jornalistas Livres Não fechem minha escola Octopur do S.E. Benedita Nibas Escola de Luta Fernão Dias Paes 0 Mal Educado Ocupação E.E. Salvador Allende Secundaristas em Luta de São Paulo E.E. Prof" A la yan Maria Vicente Escola de Lura F.E João Kopke Ocupação Ana Rosa Ocupação EE Prof. Dysanias dep fiviria Compos- la anglama Ocupação E.E. Prof Martin Egido Bany Ocupação E.E. Par Clotist e Petero FEC familia Escola de Luta Rani Forseca Ocupação na E.E. Senador Vergueiro

Figura 17- Rede⁸⁸ de páginas do movimento #Ocupatudo que se seguem no Facebook

Malini nos apresenta uma introdução a esse grafo como podemos ver a seguir:

No grafo é possível ver qual página segue qual página. As páginas "Não fechem a minha escola" (205 mil fãs) e a "Mal Educado" (75 mil fãs) são as duas *fanpages* mais seguidas pelos Ocupas. Ambas funcionam como uma central única midiativista dos secundaristas, distribuindo com mais rapidez informações para um público mais diversificado. Com a entrada em cena das ocupações estudantis no Rio de Janeiro, a página "Escola do RJ em Luta" (37 mil fãs) se tornou a principal fonte de notícias no radar das escolas ocupadas cariocas. Essas três páginas, junto com Jornalistas Livres (382 mil fãs) e Mídia Ninja (750 mil fãs), formam as páginas com mais seguidores presentes no *feed* do movimento #*OcupaEscola*.

Dentre todas as ocupações que aparecem nesse mapa meu olhar se volta para as localizadas no Estado do Rio de Janeiro, mas também podemos ver que elas estão emaranhadas com várias outras escolas ocupadas de outras regiões do país. Esse emaranhado de nós se cruza e se integra numa grande rede. Este é um exemplo dos rastros que deixamos ao curtir, comentar, compartilhar ou seguir uma determinada página ou ter acesso a um link na rede social do *Facebook*. Vamos deixando rastros que constroem a nossa rede.

Esses rastros puderam ser registrados em mapas como esse a partir das narrativas estabelecidas por aqueles que navegam na rede. Uma narrativa é caracterizada justamente por fatos, acontecimentos ou uma cadeia de fenômenos relatados em um universo onde constituem-se personagens de uma situação real ou imaginária. Nos protestos ocorridos em 2013, por exemplo, o Mídia Ninja fez a cobertura das manifestações que aconteceram em diversos Estados através de narrativas realizadas colaborativamente. Essas produções, independentes, utilizaram a rede de Internet para divulgação de imagens, vídeos e relatos a partir daqueles que estavam nas ruas. Os *streamings*⁸⁹ popularizaram uma forma de estar a par de acontecimentos sem necessitar da mídia oficial para fazer sua transmissão.

A Mídia Ninja⁹⁰ fez emergir e deu visibilidade ao "pós-telespectador" de uma "pós-TV" nas redes, com manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de "ninjas" e midialivristas em todo o Brasil. (MALINI, 2013, p. 15)

89 **Streaming** "é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas". Fonte:https://www.significados.com.br/streaming/ Acesso em 22 jul. 2017.

⁸⁸ Fonte:kmedium.com/@fabiomalini/o-ecossistema-s%C3%B3cio-midi%C3%A1tico-do-ocupatudo-cf589a0781af> Acesso em 20 jul. 2017.

⁹⁰ Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede independente que realiza a transmissão de vídeos através de um portal de notícias. A rede ficou famosa fazendo a cobertura nos protestos de Junho de 2013 no Brasil.

O público que lê uma publicação na página, atenta-se, a todos os elementos que a integram. Em geral, as publicações vêm acompanhadas de descrições, imagens, reações dos seguidores e comentários realizados abaixo. Dessa forma, os relatos do que cada um vivencia, publicados a partir de seus perfis pessoais, trazem à cena os protagonistas daquela situação e dão legitimidade ao que vem ocorrendo.

De fato, a *fanpage* criada pelos jovens ocupantes torna-se o canal oficial para que se possa entrar em contato com os ocupantes, porém suas narrativas pessoais formam um todo com uma multiplicidade de vozes onde as intertextualidades se ligam e se misturam aos links e situações publicadas. São criadas com os textos e especialmente as imagens que geram as narrativas que contam um pouco dessa história da ocupação em cada *fanpage* da escola, uma ação midiativista imagética.

Narrativas ou histórias sempre foram **muito importantes para manter as pessoas unidas em uma organização, pois elas podem exprimir o sentido de identidade e pertencimento** – elas são capazes de dizer quem somos, porque estamos juntos e o que nos faz diferentes dos outros. Elas podem igualmente comunicar um sentido de causa, propósito e missão, exprimindo objetivos, métodos e disposições culturais – o que acreditamos, o que queremos fazer e como. A história certa pode manter as pessoas conectadas à rede que por sua flutuação não consegue antecipar a defecção. Pode, também, gerar pontes entre diferentes redes e a percepção de que o movimento tem um momento vitorioso. (MALINI, 2013, p. 74)

Para trazer um exemplo mais específico de como essas histórias se interligam e vão construindo as identidades dos jovens, trago outro gráfico publicado por Fabio Malini em que ele aponta uma relação entre as *fanpages* das páginas de escolas ocupadas em São Paulo construindo um repertório e tendo como relação os protestos ocorridos em junho de 2013.

Todas essas páginas representam frentes que estão voltadas com movimentos sociais que ocorreram em nosso país, alguns tendo como auge de atuação as manifestações ocorridas em 2013. Fato é que a maioria dessas lutas têm em comum anseios de liberdade de expressão, abertura de dados e divulgação de acontecimentos reais. Se atentarmos para as reivindicações que as ocupações estudantis se orientam, veremos que elas seguem uma base de contestações de todas essas manifestações que já vinham ocorrendo.

Na imagem abaixo, mais uma vez percebemos a página 'O Mal Educado' (em azul mais abaixo) dentre as mais visitadas. Trata-se de uma página que busca registrar experiências por jovens de diversas ocupações. Outras páginas igualmente mais acessadas são: as Advogados Ativistas, coletivo que presta assistência jurídica durante manifestações de rua; Mídia Ninja, uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informações em movimento, agindo e

comunicando; Passe Livre São Paulo, grupo de pessoas comuns que se juntam para discutir e lutar por um outro projeto de transporte para a cidade; Território Livre, uma forma de grito de combate pelo futuro, a favor de territórios em que se possa realizar debates livres de repressão Estatal, entre outros.

Trazendo uma combinação de sentimentos, interpretações e ações, essas páginas com suas narrativas trazem uma construção de diferentes discursos que expressam singularidades já que "a narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade" (MALINI, 2013, p. 124). Ao mesmo tempo, essas narrativas destoam da comunicação massiva justamente quando expressam suas singularidades como aponta Malini. É um material que vai sendo produzido e está em constante processo em que

'fórmulas prontas para uso', aprendidas como uso correto da gramática, dos códigos de conduta, dos códigos jornalísticos, etc., convivem e são descartadas pelas maneiras de dizer, de escrever, de criar, de estabelecer relações e vínculos, desenvolvidas por cada uma das pessoas ou de coletivos que produzem e se reproduzem na blogosfera, a ponto de compor – junto com as listas de discussão, os fóruns, os wikis, as redes P2P, etc. – um campo de energia cuja força se concentra em produzir curto-circuito no monopólio que a imprensa tem da opinião pública. (MALINI, 2013, p. 124)

Podemos ver a seguir essas relações:

GAPP - Grapo de Apoio ao Protesto Popular Jornal A Nova Democracia Advogados Ativistas território livre Passe Livre São Pau O Mal Mucado

Figura 18 - Repertório de mídia das escolas ocupadas⁹¹

Dessa forma, a 'mídia de multidão' (MALINI, 2013) com seus pequenos relatos, imagens captadas através de celulares, vídeos sem alta definição de imagem, áudios com ruídos

91

 $Fonte: < \underline{https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153802855571151\&set=pcb.10153802878086151\&type=3\&theaterAcesso\ em\ 03\ set.\ 2017.$

de fundo vão sendo produzidos cada vez mais com seus produtos finais exibidos e distribuídos de forma pública e livre para um público cada vez mais amplo. Os jovens utilizam, nesse campo, recursos que já lhe eram familiares como forma de expressão e ação midiativista imagética.

Ao acessarmos as páginas e publicações dos jovens estudantes ocupantes, percebemos um leque de imagens e vídeos que, mais do que retratar o que acontece naquele ambiente, parecem buscar através da imagem transparecer suas formas de vivência, identidades que são construídas e reconstruídas ali. Uma cultura visual que reverbera o que o sujeito é, reinventando-se, compreendendo-se, buscando com/através/junto ao outro construir sua imagem. Dessa maneira, não apenas tornaram visível as ações que aconteciam naquele ambiente, mas, ainda, buscaram através das visualidades ali presentes construir suas representatividades.

4.4 A importância das imagens nos movimentos de ocupação na visão dos jovens

A ampla visualização que as visualidades que circulam nas redes sociais digitais oferecem torna-se um fator decisivo, para a escolha do *Facebook* como espaço onde as produções de imagens e vídeos eram publicadas. Eles precisavam desse veículo para além de se comunicar, expor denúncias, compartilhar angústias, e pedir ajuda para o movimento. A página ajudava a reforçar a identidade do movimento e dava credibilidade ao que estavam fazendo, divulgando as ações que estavam sendo feitas. É como se através da imagem o fato ocorrido ganhasse uma maior vivacidade como se precisássemos dela para de alguma forma acreditar no que é realizado. O ditado popular 'só acredito vendo' parece se encaixar perfeitamente neste pensamento. A essa questão está atrelado ao mar de notícias falsas presentes em nosso cotidiano e que vem ganhando força. Para combater esse tipo de desinformação, as imagens narradas nas páginas oficiais contribuíam para informar as pessoas sobre o que realmente acontecia, como eles diziam.

O movimento de ocupação traz em seu bojo uma tomada do espaço físico através de uma reação política, não partidária, a respeito de demandas não alcançadas ou negligenciadas. Desta forma, a tomada do espaço pelos estudantes não implicaria em um poder de decisão que caberia a uma instância superior legitimar ou não.

Em relação às imagens os jovens revelam sua importância para o processo de ocupação nas vezes em que estive nos espaços observando algumas ações. Como Mirzoeff aponta, o texto

também é importante para compreendermos o contexto em que a imagem está inserida. Sobre esse aspecto Aguirre também irá nos dizer que

em uma posição intermediária entre o textual ismo puro e a procura de um protagonismo estelar para a imagem, alguma das vozes mais autorizadas no terreno da cultura visual reclamam que o mais importante é indagar sobre novas formas de encontro entre ambos os dispositivos narrativos, sob o argumento de que existe uma estreita relação da visão com o mundo verbal, auditivo, emocional, físico, intelectual, espacial e histórico (ROGOFF apud AGUIRRE,2013, p. 298).

O registro das atividades e publicação na rede tornou-se um fator importante para que pudessem organizar o que vinha sendo realizado. A publicação das imagens na *fanpage* ajuda os jovens nessa trajetória onde eles, ao publicar o que faziam, mostravam que eles eram protagonistas de ações ativistas que visavam a troca entre os pares, a transformação do espaço da escola e das práticas cotidianas. Mais do que realizar um registro, compartilhar as ações, publicá-las na rede era uma forma de construção do movimento. Percebi que eles utilizavam esse canal como uma forma de mídia alternativa. A imagem pode ser um mecanismo de defesa e ataque, uma dimensão política do olhar,

para além da dimensão puramente estética, não podemos ignorar a dimensão política presente nos processos de comunicação visual e de produção de imagens. A dimensão política, está, desde logo, presente no facto de considerarmos que a imagem tem poder, é uma "arma" determinante para influenciar pessoas (MARQUES &CAMPOS, 2017, p. 6).

Os jovens relatam que as imagens e vídeos publicados tinham um teor mais de denúncia, não importando sobremaneira na escolha e filtragem nas publicações. Decerto, com a possibilidade de captura de inúmeras fotos possibilitada pelos aparatos tecnológicos modernos, acabam que uma determinada seleção tenha que ser feita, mas esse não era o foco do movimento como apontam. A motivação maior era a informação.

O registro das informações era feito através de smartphones, laptops e tablets. Em algumas ocupações eles acessavam a Internet através do *wifi* da escola, em outras através de planos de internet 3G. A maioria das publicações eram realizadas pela comissão de comunicação. Nas escutas realizadas nesses eventos, os jovens relatam ainda que nem todos possuíam *smartphones*. O artefato, embora com preços mais módicos a cada ano que passa, ainda não é uma realidade onde todos podem possuí-lo. Quando o tem, muitas vezes contam com uma baixa memória ou qualidade de câmera inferior. Os jovens que possuíam um dispositivo com uma boa memória e funções disponíveis melhores que possibilitavam a realização das imagens acabavam por ajudar na comissão de comunicação.

Esse aspecto da posse de aparelhos e acesso à Internet foi observado como uma questão ainda um pouco distante dos jovens das escolas ocupadas. Nem todos possuem os dispositivos e os planos de Internet móvel são ainda caríssimos. Eles não dispõem de renda fixa e seus familiares não conseguem arcar com esses custos para manter esse tipo de despesa. Sabemos que o serviço de telecomunicação se configura como um recurso essencial em tempos atuais, mas, ainda é um serviço extremamente caro.

Em minha realidade escolar onde leciono, percebo essa dificuldade da mesma forma. Poucos jovens dispõem de um dispositivo móvel em suas mãos. Lecionando para jovens do segundo segmento do Ensino Fundamental, talvez por serem bem jovens, não se trata de uma realidade tão presente, ao menos na escola. Os que tem, possuem um aparelho com qualidade mais inferior e alguns poucos possuem um aparelho equiparado ao que possuo, por exemplo. Um aparelho não dos melhores, mas com uma memória um pouco mais generosa de 32 GB e uma câmera de 8MP.

Percebo em minha sala de aula que os jovens se aglutinam junto àqueles que possuem e levam o artefato para a escola. Quando solicito alguma atividade em sala utilizando os dispositivos, muitos dizem não possuir ou usar o smartphone de seus responsáveis em casa ou familiares. Outros por medo de perder ou serem furtados, não o levam para a escola.

O custo da Internet para mim, considero bem alto. Penso nesses jovens que utilizam esses serviços. Como mantê-los? A realidade social em que se encontram não os favorece a manter um alto custo por esses serviços. Há semanas em que eles fazem a recarga de seu telefone pré-pago e na outra semana não. Uma alternância. Eu escuto deles algumas solicitações: - Liga o roteador do telefone aí para mim? E outro: - Qual é a senha do wifi? O que ouço muitas das vezes a generalização de pessoas dizendo: 'Os jovens têm acesso à Internet!', como se todos o fizessem da mesma forma. O que há são foram formas de usos diferenciados onde um dispositivo é utilizado de forma compartilhada. Nesse contexto, percebi através das publicações nas páginas, uma busca por representação nas ações que eles vinham realizando no movimento. Nelas, poderíamos sentir suas angústias, seus medos, seus desejos, seus atos de coragem, sua resistência.

Em uma das ocupações, os jovens me dizem que no começo da ocupação a página não era muito usada, mas que no decurso ela foi bastante útil para publicar o planejamento das ações realizadas no espaço como um canal informativo. Em suas falas os jovens atribuem um peso no que tange à utilização da Internet no processo de ocupação. Em especial, eles destacam o espaço

do *Facebook* como um canal oficial onde eles podiam se comunicar. Diziam que foi a rede social do momento sendo o maior veículo de divulgação.

As imagens publicadas, mais do que apenas expunham situações e realizavam denúncias, exprimiam em relatos o que eles eram e no que acreditavam. Era ali que eles estavam se formando, se recriando nesse movimento de fazer a ocupação. Percebi como processos inacabados em permanente vida e construção. Não se trata de uma exposição do ser, porém de uma busca pelo que tinha sido para eles esse processo de ocupação. O coletivo perpassa pelo individual e o individual pelo coletivo.

Nessas comunicações que se fazem através de redes sociais, eles expunham através de suas narrativas uma busca por uma autogestão, autorregulação e alternância de responsabilidades, buscando não se aprisionar nas formas convencionais de funcionamento das escolas em que os papeis dos atores sociais se dão de forma rígida calcadas em comandos e submissões.

Essa prerrogativa pode ser observada na fala dos jovens ocupantes e em suas ações realizadas e publicadas nas páginas. Havia os responsáveis mais diretos em responder as demandas das *fanpages*, mas eles se alternavam nessa tarefa, inclusive, utilizavam suas páginas pessoais para realizar publicações e marcavam a página das ocupações como podia ser visto ao visitá-las.

O espaço escolar ao qual eles reverberam suas ações estão relacionadas à uma busca por experiências democráticas que incluem este espaço como lugar comum onde se dão suas práticas. Sobre o registro através de imagens, um jovem de uma ocupação disse que a imagem foi tudo para eles e que a ocupação foi uma experiência para a grande maioria. Alguns diziam que ao mostrar o que eles estavam realizando através da página para seus responsáveis, eles ficavam mais tranquilos em deixá-los permanecer no espaço.

As narrativas nas páginas relatavam não apenas o que ali acontecia, mas mostrava o que os caracterizavam. Que escola eles almejavam e quem estavam representando. Como eles mencionaram em suas falas, eles reconheciam a escola com um espaço de trocas, onde a partir do ensino eles se reuniam e não só assimilavam conteúdo. Mais do que isso, significa estar ali e "aprender para construir-se, aprender para viver com outros homens, com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo e para participar de um mundo pré-existente" (CHARLOT, 2000, p. 58).

A página criada por eles seria uma espécie de mídia alternativa como forma de informação, denúncia, de voz, como alguns ocupantes me disseram no caminho de escuta nas visitas. Essa forma de utilizar as mídias como um canal alternativo tem uma similaridade com outros movimentos que aconteceram em outros momentos. Em 2013, esse cenário foi bem evidenciado nas manifestações de Junho como aqui já mencionado no segundo capítulo.

Como responder por ações que são publicadas nas grandes mídias responsabilizando os jovens por ações violentas? Os jovens encontram em seus smartphones o poder do registro e propagação na rede em tempo real de imagens e vídeos realizados. Ainda que o poder coercitivo, como eles relataram, os retirasse à força daquele espaço, a posse de seus aparatos tecnológicos, a imagem captada e já direcionada à rede os permite que após, possíveis denúncias que sejam de teor falso, sejam rebatidas. Como aponta Toret "quando você tem um monte de gente enviando notícias, há um relato coletivo do que está acontecendo. As pessoas podem acompanhar os acontecimentos via *streamings*, on-line, pela TV, ao vivo (2012 apud CASTELLS, 2013, p. 99-100).

Além do *Facebook*, os jovens dizem que utilizavam bastante o *WhatsApp* e o *Twitter*. O primeiro estava mais relacionado a conversas entre eles. Eles mantinham grupos para decidir questões relativas à organização. Já o segundo eles utilizavam para chamar atenção do público em geral sobre questões do movimento de ocupação. Algumas ocupações promoveram twitaço para chamar atenção para as ocupações.

O objetivo do twitaço era chamar a atenção para as questões relativas à ocupação. Nessa passagem eles reafirmavam o uso das mídias como o grande potencial para o movimento. É importante pensarmos nessas questões e em outras que aqui aparecem como uma reflexão sobre o poder que a comunicação mediada pelas mídias digitais conectadas à Internet aferia ao movimento. Frases como 'A internet é a nossa conquista!' e 'A gente sempre usava as mídias!' foi ouvida nessas visitas. Desta forma, os jovens utilizam as redes sociais como forma de ampliação da área de "intervenção territorial e mobilização social. Produziam sinergias sociais em rede, tecendo estratégias de luta territorial num cenário de crise social ampliada" (ALVES, 2012, p. 33).

CAPÍTULO 5 – NARRATIVAS IMAGÉTICAS NAS OCUPAÇÕES: PRINCIPAIS TEMAS ENCONTRADOS NAS FANPAGES

A escolha por analisar as interações através do *Facebook* se dá pela disposição das informações pelos jovens ocupantes nas páginas. Os espaços onde as publicações estão postadas nas páginas estão abertos sendo possível a observação das imagens e vídeos veiculados. As páginas criadas por eles, representando a ocupação, eram seguidas por milhares de indivíduos, sendo suas ações compartilhadas, curtidas e comentadas.

A ambiência on-line daquelas narrativas se fazem costuradas às escutas nas ocupações. Buscava nesses relatos compreender os processos que possibilitaram os jovens realizar as ações trazidas naquelas imagens retratadas nas páginas. Para isso, categorizo algumas imagens retiradas das páginas através de *prints* e as elenco nos tópicos abaixo. Apresento as visualidades tecidas pelos jovens que engendram suas narrativas no processo de ocupação junto às escutas que realizava nas ocupações que frequentei. Trago, nesse capítulo as seguintes categorias temáticas: confecção de cartazes; oficinas e cronograma de atividades; manifestos, pauta da ocupação, assembleias, passeatas; tentativas de desocupação; arrecadação de doações, cuidado e limpeza; evento de grafite; evento artístico e bem-estar.

5.1 Confecção de cartazes

Encontramos cartazes no nosso dia a dia referentes as manifestações, nos protestos, em empresas, escolas, bancos, supermercados. Visualmente, o cartaz é uma ótima forma de chamar atenção daquele que pretende que se visualize uma determinada informação. Quem nunca parou para prestar atenção no anúncio de um cartaz de supermercado ou em um cartaz sendo segurado por um manifestante na rua? O que dizem em suas mensagens? O que pretendem? Um ato simples, com articulações diretas em seus dizeres, mas que interpelam por uma questão que pode causar um grande impacto.

Não diferente, as ocupações estudantis se utilizaram desses artefatos para chamar atenção para suas demandas. Fotografados e afixados no âmbito do espaço físico e através do digital em rede, os cartazes com suas letras manuscritas e desenhos ganham seu espaço. Nas ocupações em que realizei a pesquisa esse fato estava presente em abundância como os apresentados aqui.

A imagem abaixo mostra atividades comuns no processo de ocupação. Cartazes confeccionados e após expostos nas dependências das escolas ou em atividades externas à ocupação. Elementos comuns em movimentos em que se interpela por alguma questão que põe em xeque determinadas ações que os jovens realizavam nesses espaços.



Figura 19 - Cartazes 92 sendo realizados por jovens na fanpage ocupação B93

Utilizando artefatos do cotidiano escolar, os cartazes são elementos realizados constantemente pelos ocupantes. Canetas de hidrocor, cartolinas, tintas, letras esculpidas à mão, se desenham nos papeis e faixas das ocupações. Ali, eles demonstram suas apreensões, sentimentos e anseios.

Nas manifestações cívicas, os cartazes constituem uma expressão de cidadania que se refletem em exposição mediática. A manifestação é uma das principais atividades da maioria dos movimentos sociais enquanto grupos organizados. A prática discursiva das mensagens políticas destas formas de expressão das massas torna colectivo o individual, numa expressão conjunta de valores, ideais comuns ou apenas de

⁹² Na página das três escolas ocupadas que trago para análise sempre havia uma foto de perfil com o nome da ocupação ou fazendo alusão à ocupação do espaço da escola e por esse motivo busquei retirar essas referências em todas as imagens.

⁹³ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 25 set. 2019

indignações partilhadas, já que é frequente a motivação para a realização de uma manifestação ser uma situação que se deseja contrariar (ALVES, 2013, p. 130).

Figura 20 - Cartazes com exposição das ações no hall de entrada publicado na fanpage da ocupação C94

fotos.

13 de jun de 2016 às 17:30 · 😯

Exposição sobre a ocupação que fizemos no hall de entrada da escola. Mostrando a luta, as atividades que fizemos e os eventos que ocorreram durante este período.



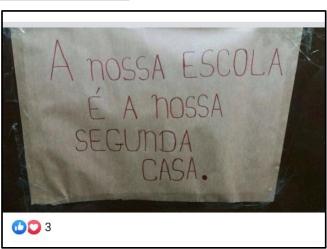
A imagem acima retirada da *fanpage* C mostra um mural no hall de entrada da escola ocupada com cartazes que remetem às ações que vinham sendo realizadas no movimento. Um dos jovens com quem conversei nos eventos de ocupação que frequentei chegou a me dizer que o simples ato de afixar um cartaz nas paredes já se configura uma forma de protestar, de reivindicar. Na imagem abaixo, cartazes realizados pelos jovens da ocupação C, fotografados e disponibilizados na página on-line, podemos ver algumas dessas apreensões dos estudantes em relação a ocupação através de uma ação midiativista imagética.

_

⁹⁴ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 20 jul. 2019.



Figura 21 - Cartazes afixados nas dependências da ocupação C95



A primeira delas, da esquerda para a direita, os jovens se remetem às novas regras que são estabelecidas a partir de um movimento de ocupação. Uma regra que não se relaciona com o que vem sendo apresentado no cotidiano dos jovens, mas uma regra que eles acreditam que devem ser pensadas através do diálogo. O dizer 'meu colégio, minhas regras' remete-me à passagem "meu corpo, minhas regras⁹⁶", frase bastante difundida no movimento feminista que se refere à liberdade da mulher em relação ao seu corpo.

⁹⁵ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 22 jul. 2019.

⁹⁶ Gomes e Sorj fazem alusão desse slogan e outros utilizados no movimento feminista, em especial, ao evento que ocorre anualmente intitulado 'Marcha das Vadias' correspondendo a um apelo pelo "artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza (2014, p. 438).

Essa frase possui um forte sentido para o movimento já que os jovens entendem que esse é um movimento feito por eles, partindo deles. Além disso, esse é um desejo que eles possuem para além do período de ocupação. Eles desejam participar das tomadas de decisões e não sofrer as resoluções que foram tomadas para eles sem que estivessem participado das discussões.

A segunda imagem faz uma alusão a visitas que as pessoas podem fazer à ocupação. Esses cartazes estavam afixados no portão de entrada da ocupação. Os jovens dizem que sentem a necessidade do apoio da população para o movimento. Eles reforçam essa ideia de ocupação aberta quando estive presente nesses espaços. Sobre o papel das imagens no movimento, eles reforçam que através delas foi possível dar visibilidade às ações realizadas por eles. De acordo com os jovens, a imagem era uma forma de buscar esse apoio ao evento. Através de cartazes, publicações em páginas e manifestações que eles realizam fora do ambiente escolar eles conseguiam chamar atenção para o que realizavam. Para que eles pudessem ter o apoio para o movimento as narrativas publicadas eram imprescindíveis. A partir das divulgações, as pessoas poderiam se sentir mais à vontade para visitar a ocupação.

As imagens tiveram papel de extrema importância para chamar atenção para o que acontecia nas ocupações como mencionados no capítulo anterior. A partir dessas publicações eles conseguiam cada vez mais apoio para manter a ocupação viva. A esse fato eles dizem que quando publicavam fotos das palestras, cronograma de ações e outras atividades que ali desempenhavam, eles escutavam dos pais que eles não estavam à toa naquele espaço. Estavam se dividindo para que conseguissem desempenhar as ações nas ocupações. Os responsáveis colaboravam levando alimentos, dialogando e questionando de que forma poderiam auxiliar em outras ações. Alguns responsáveis de jovens até assistiam as atividades.

A terceira imagem demostra uma afeição que eles possuem com a escola. Como os jovens passam bastante tempo neste ambiente, cinco dias por semana, cinco horas por dia, eles consideram esse espaço uma segunda casa. A característica de uma casa se dá, entre outros aspectos, pela relação afetiva com o ambiente e com as pessoas que se relacionam nesse espaço. Os colegas de classe, os professores, a direção, a equipe administrativa, os servidores são pessoas que eles têm contato toda semana e que desenvolvem uma relação afetiva nesse período. Essa relação, proporciona a ocupação, em específico, um elo ainda mais estreito.

Cuidando deste espaço, considerando-o como sua segunda residência, os jovens mantêm cautela com suas dependências, mobiliário e limpeza. Não era difícil circular nesses espaços e encontrarmos cartazes como esse abaixo, fotografado e publicado na página da ocupação C.

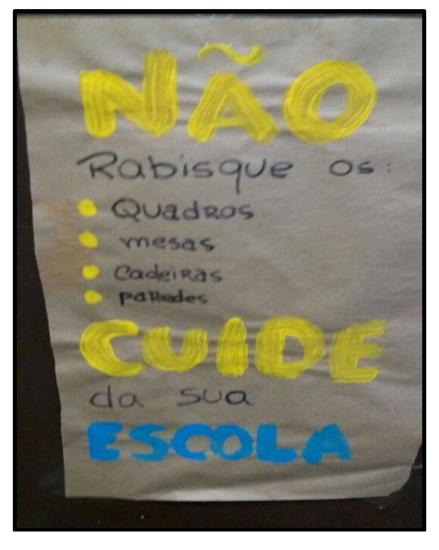


Figura 22- Cartaz afixado nas dependências da ocupação C⁹⁷

A questão da organização está articulada a outras demandas já que a convivência no espaço deve se dar de forma satisfatória visto que, mais do que nunca, a escola passa por uma gerência de seu espaço tomada totalmente pelos jovens nesse período.

Reflexões e pensamentos são os elementos mais presentes nos cartazes feitos por eles. No cartaz abaixo, segue alguns dos dizeres que podemos encontrar em relação ao processo vivido pela ocupação nesse período e ao movimento decorrente das suas demandas.

_

⁹⁷ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 22 jul. 2019.

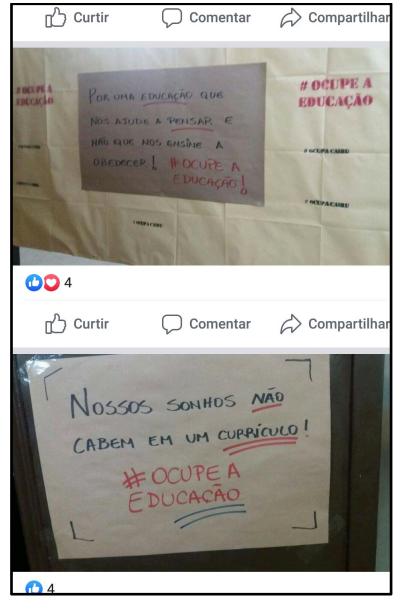


Figura 23 - Cartaz afixado nas paredes da escola C⁹⁸

Os jovens salientam a perspectiva de uma educação que pense sobre os processos em que estão inseridas as pessoas que pensam e vivem nessa dinâmica. Não apenas frequentar a escola e tirar boas notas como um processo onde o resultado se espelha como um fim em si mesmo, mas sobre como a escola é uma instância formadora que integra diferentes perspectivas em suas ações. De que escola estamos falando? Como a escola está inserida na sociedade? Que espaço é esse? O currículo comporta as necessidades daqueles que por ela passam? Refletir nessa perspectiva adotando uma postura de pensar nas imagens junto às suas narrativas, concepções e posturas se torna relevante.

⁹⁸ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 23 jul. 2019.



Figura 24 - Cartaz confeccionado por jovens da ocupação B⁹⁹

Interessante refletir sobre essa questão que aparece na imagem acima. Ela interpela para um pensamento onde o currículo entra na pauta de discussão pelos estudantes. Quem deve ocupar a educação? Como essas questões as quais eles estão vivendo nesse momento se inserem nos debates sobre currículo? Entrariam? Estariam se desenhando como uma perspectiva que venha a romper com a lógica hegemônica? Respostas a essas perguntas não se fazem necessárias, uma vez que, é justamente na ação de pensar sobre as interrogações que trilho um caminho onde o engessamento e rigidez se esvaem.

As ocupações não aparecem como meras ferramentas através das quais se busca exigir certos direitos (uma escola melhor no futuro) ou barrar certos retrocessos (a "reorganização" imposta por Alckmin), mas como concretização imediata de uma outra forma de vida, uma outra forma de participação democrática, uma outra maneira de aprender e de ensinar (MAGALHÃES, 2017, p. 223).

Essa é justamente a proposta da ocupação: o fazer pensar, o pensar na ação, o pensar no fazer, no ser e se conhecer. Essa instância não cabe em um currículo, e essa prerrogativa pode ser afirmada tendo por base as diversas discussões que se acirraram à época das ocupações. A legitimidade, a origem, o poder fazer, a menoridade, o fazer sozinho, o coletivo, o quem está responsável por isso tudo, o partidarismo ou apartidarismo, entre tantas outras questões.

_

⁹⁹ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 25 jul. 2019.

Nesse sentido "não era suficiente preservar a escola que se tinha, ou melhorá-la dentro de padrões já institucionalizados. Era preciso devolver a escola aos estudantes, e isso implicava em inventar uma escola diferente" (MAGALHÃES, 2017, p. 226).

Todas essas ações registradas através de fotografias e vídeos, editadas, reconfiguradas, (re)criadas encontram-se publicadas no espaço digital em rede. Mirzoeff (2015) salienta que todas essas produções imagéticas são nossa forma de busca em ver o mundo. Criando imagens e compartilhando-as com outras pessoas, reforçamos nossa experiência de compreender o mundo que não está estático em nossa volta bem como a nossa posição dentro dele.

5.2 Oficinas e cronograma de atividades

O movimento de ocupação tem como característica a realização de atividades integradas durante o seu percurso. No contexto das ações que vinham se realizando nos movimentos, um caráter educativo era percebido nas ações diárias das escolas ocupadas. Podemos perceber como essas atividades aconteciam nas publicações nas páginas e na fala dos jovens. A produção de saberes evidencia o caráter de uma perspectiva onde a transformação do contexto das práticas educacionais estava sendo construído.

As atividades que os jovens desempenharam no dia a dia da ocupação demostram essa preocupação com questões que historicamente são debatidas e criticadas no que tange às práticas ainda engessadas e que carregam um viés hegemônico que não dialogam com as perspectivas e demandas que a população necessita.

Embora durante o período de ocupação as escolas estivessem sem aula regular, ações eram realizadas pelos jovens como oficinas, palestras e encontros. Alguns docentes da escola se dispuseram a ajudar em algumas atividades com os ocupantes. A aula nesse contexto tem uma significação diferente. A disposição estrutural, a questão da obrigatoriedade de estar em sala de aula, a disposição de espaço e de tempo se recriaram nesse contexto.

As imagens das páginas retratam essa busca por uma educação que se alicerce nas questões que tem por base o cotidiano em que os estudantes vivem. Oficinas, aulas, encontros, conversas, saraus, rodas de conversa. Todas essas são palavras que podemos encontrar nas publicações nas páginas. A palavra 'aula' sendo desdobrada e ressignificada.

Outros termos adentram esse cotidiano. Um novo encontro com práticas que talvez, antes, nunca tinham sido experimentadas através de ações que eram desenhadas e redesenhadas

por eles. Como nos aponta Magalhães "a própria mudança na configuração do espaço gera a possibilidade de novas formas de relação entre os participantes" (2017, p. 241).

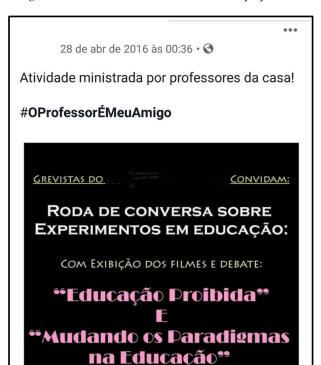


Figura 25 - Atividade desenvolvida na ocupação A¹⁰⁰

A imagem acima demonstra essa demanda por uma discussão sobre essa questão. Uma aula que habitualmente poderia ser considerada uma atividade 'diferente' como já ouvi falar muitas vezes nas escolas pelas quais já atuei como docente. Uma aula que não está prescrita no currículo escolar. Aula que os documentos oficiais de educação não incluiriam na redação do documento. O fator principal seria a disposição a qual essa maneira de ministrar essas atividades se dão. Um movimento de ocupação que transgride as imposições, rompe com uma dada normatividade, que não se detém aos parâmetros previstos.

Uma aula que ocorre por si só. Que acolhe os mais diversos pontos de vista. Uma aula que articula demandas dos jovens discutidas por eles em conjunto com os professores. Essa aula que eles anunciam acima, foi uma atividade desenvolvida na escola em articulação com professores de diferentes disciplinas. A disciplina, nesse contexto, não exerce uma função determinante. Como caracterizar uma função disciplinar onde conteúdos são ministrados?

¹⁰⁰ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 30 jul. 2019

Quais conteúdos devem ser ensinados? O que deve ser aprendido? Será que essas questões cabem nesse processo?

A hashtag #oprofessoremeuamigo traduz uma relação que entende a importância do elo entre o professor e o aluno para a educação e, a provocação sobre o debate do filme retrata uma busca por pensar nesses nós que estão amarrados emoldurando um aspecto rígido ao processo educacional. Essa imagem acima nos convida a pensar no afrouxamento desses nós e na rearrumação desses pontos que não precisam estar presos.



Figura 26 - Roda de leitura com professores da UERJ na ocupação A¹⁰¹

Professores de Universidades se disponibilizaram a estar presente nas ocupações e ministrar atividades junto com os jovens. Digo neste caso 'junto com', uma vez que, as pessoas que se disponibilizavam a ir à ocupação não levavam consigo uma bagagem a qual deveriam ministrar aulas prontas com um tema determinado para os ocupantes. Uma atividade pensada *junto* e realizada *com* é justamente uma das prerrogativas desse processo que eles estavam vivendo.

Romper com o trazido, o colocado, o imposto, o moldado. Não quer dizer que uma atividade não tenha sido pensada, não esteja sendo ministrada por pessoas que possuam um conhecimento em determinadas situações abordadas. A questão é: por que não pensar junto?

¹⁰¹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 01 ago. 2019.

Pensar nas demandas, no que é preciso, no que é possível. Aprender com, no cotidiano das ações. Aprender junto, caminhar junto. Essas eram as propostas das atividades.

A ação acima proposta na imagem, menciona uma roda de leitura junto aos jovens do Ocupa B e Uerj Resiste¹⁰². Além da proposta há uma solicitação também de doações para a ocupação. Podemos perceber que se trata de uma ação conjunta onde a universidade resiste junto à ocupação. Dois segmentos que se completam junto à atuação de professores da Uerj. Há também a parceria com estudantes da própria universidade. Uma atividade em colaboração onde o que está em jogo é a busca pela autonomia, conhecimento e respeito. Assim como na imagem abaixo onde um grupo de poetas se dispõem a promover um Sarau na ocupação.



Figura 27 - Sarau realizado na ocupação B¹⁰³

Somando conhecimentos, dizendo poemas, lendo trechos de livros, cantando, filosofando, escrevendo, compondo, desenhando, esses jovens caminhavam rumo a um universo de possibilidades nesse encontro. A literatura encontra esse lugar como uma abertura para perspectivas outras. Jovens escreviam seus poemas, treinavam nas folhas de seus cadernos a dança das palavras. Tornavam-se também poetas e recitavam suas obras. Um poema escrito por um jovem de outra ocupação 104 nos mostra esse processo de autoria de escrita.

104 Trata-se de outra escola ocupada que não estava no foco de nossa pesquisa. Set.

-

O movimento Uerj Resiste é um ato de à Universidade que vinha sofrendo com o sucateamento da universidade por parte do Governo do Estado com o corte de verbas e repasse financeiro. Fonte:

https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/uerj-e-o-futuro-do-rio-de-janeiro/> Acesso em: 22 set. 2020.

¹⁰³ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 01 ago. 2019.

.Olha pra gente¹⁰⁵!

Olha pra cá, olha pra ocupação
Estamos gritando
Mas não temos os ouvidos da nação!...
Olha pra cá, olha pra ocupação
Tomamos o que é nosso
E ninguém vai nos roubar
A menos que passem por cima dos nossos destroços

Querem tirar o pouco de quem não tem nada Afinal prioridade nunca foi essa molecada

Em tempos de crise somos os primeiros a sofrer Para assegurar a tranquilidade dos homens de terno Que detêm o poder, que não querem temer Que só se importam em ter

Olhem pra cá, pra lá, olhem para as ocupações Não finja que não há problema só porque Somos nós que lotamos os busões

O seu protesto na zona sul É mais legítimo que o meu na periferia?! Por que ouvem os murmuros do branco de olho azul E ignoram os gritos da minha mistura de minorias?

> Olhem pra cá, olhem pra ocupação Não tirem a nossa água e nosso pão Só pra adicionar caviar Na mesa de quem já come salmão.

Esse poema revela a extensão das necessidades e anseios desses jovens, embora não tenha sido escrito por um dos ocupantes das páginas pesquisadas. A obra revela esses dois lados do que seria o lado de cá e o lado de lá. Ele pede para que se olhe para cá, para o lado da ocupação. Que as pessoas atentem para esses anseios dos jovens que estão pedindo socorro. Remeto esse poema às aberturas para as visitas nas ocupações das escolas. Ver de perto, presenciar, experienciar, conhecer.

¹⁰⁵ Autoria de um ex-aluno de uma escola ocupada, 2016. Disponível em: https://partidopirata.org/poema-de-ex-aluno-do-colegio-/ Acesso em 28 fev. 2020.

Figura 28 - Oficina de música nas ocupações A 106 e C107

Nunca tivemos uma aula de música! Precisamos ocupar a escola e receber a visita de um grupo de professores para ter a nossa primeira experiência deste tipo! Muito Legal! Conversamos, experimentamos e criamos uma música! Valeu!

#Ocupa #OcupeSuaEscola #OcupaTudo

Uma experiência que certamente os deixou radiantes de alegria. Estudar música é uma atividade que inspira, que nos renova, nos dá energia. A música está presente nas mais diversas situações em nosso dia a dia. Esse depoimento na publicação acima demonstra que atividades relacionadas à educação musical é de extrema importância na vida do estudante.

Como eles mencionam, somente através de uma oficina eles puderam ter acesso a esse tipo de atividade. Através de uma oficina realizada em um período de ocupação. Habilidades que se fazem no dia a dia. A composição de uma música, a alegria de celebrar e estar com os amigos. A reconfiguração do espaço da escola, do espaço público, proporcionada pelo empenho dos jovens.

reunir-se e formar uma comunidade para além de suas diferenças. Um espaço de convivência. Um espaço de debate, onde se passava da contestação de um sistema injusto à reconstrução da sociedade de alto a baixo. Em suma, um espaço de autonomia. Pois só sendo autônomos eles podiam superar as múltiplas formas de controle político e ideológico e encontrar, individual e coletivamente, novos modos de vida (CASTELLS, 2013, p. 132).

¹⁰⁶ Como forma de preservar a identidade dos jovens, cortei a imagem.

¹⁰⁷ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 01 ago. 2019.



Figura 29 - Visita do Orquidário Rio na ocupação C¹⁰⁸

O projeto Orquidário Rio visitou a ocupação da escola C. O projeto é bem interessante uma vez que demonstra diversas espécies de orquídeas bem como a cautela que se deve ter para cuidá-las. Eu já havia participado de uma oficina como essa na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro durante uma exposição que acontece semestralmente. De acordo com um dos participantes do projeto, eles costumam aceitar convites e levam amostras para realização das oficinas até o local.

Essa atividade mais do que sendo uma ação mais voltada para o campo da Biologia, encara o respeito à natureza, sua relação com a vida cotidiana e a atenção que devemos dar a essa relação. Mais uma vez, saindo do âmbito da sala de aula, buscando nas formas de aprendizado através da interação que vai para além do que o currículo escolar que eles estavam acostumados.

¹⁰⁸ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 02 ago. 2019.



Figura 30 - Debate sobre democracia na ocupação A¹⁰⁹

Um debate sobre questões democráticas em nosso país ocorreu na ocupação A, à época, o Deputado Estadual e candidato à Prefeitura do Rio de Janeiro Marcelo Freixo, o ator e humorista Gregório Duvivier e o professor Cyro. Outros representantes¹¹⁰ políticos também estiveram em outras ocupações como no caso do Deputado Federal Alessandro Molon que visitou a ocupação B. Embora as ocupações se considerem apartidárias e sem ligação a atividades políticas coligadas, eles se demonstram abertos à troca e ao diálogo com representantes da área.

É importante deixar claro que tal fato não está associado a uma partidarização da ocupação, pelo contrário, o diálogo é o aspecto primordial nesse cenário e como todos os que entram em contato com eles, buscam na troca de ideias uma relação de crescimento e amadurecimento de diversas questões. Assim como eu pesquisadora e professora tive acesso à ocupação, outros também o tiveram já que não se tratava de um movimento fechado, mas aberto a entrada de interessados nas temáticas em debate.

¹⁰⁹ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 02 ago. 2019.

¹¹⁰ Os nomes dos representantes não constam na publicação e não há outras evidências de que seriam Marcelo Freixo, Gregório Duvivier e Cyro. Na fala dos jovens na imagem publicada na página da ocupação A há a menção aos dois primeiros que fizeram fala no evento, mas o terceiro não se sabe quem seja.

Figura 31 - Cronograma de atividades na ocupação A¹¹¹

Cronograma de atividades (Segunda e Terça)

02 de maio:
14:00- Aulão de Biologia
15:30- Aula de violão (semanal)

03 de maio:... Ver mais

10 ○ 67 28 comentários • 6 compartilhamentos

Figura 32 - Cronograma de atividades na ocupação C^{112}

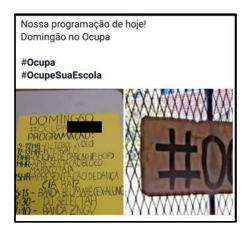


Figura 33 - Cronograma de atividades na ocupação B¹¹³



As três imagens acima estão relacionadas a cronogramas de atividades das três páginas pesquisadas. As imagens mostram diferentes formas de dialogar com o público sobre as oficinas e atividades que aconteciam. A ocupação B, em seus cronogramas, desenvolve um *layout* realizado em aplicativos. Já a ocupação A costumava escrever as demandas na *timeline* da

-

¹¹¹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 set. 2018.

¹¹² Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 07 jul. 2018.

¹¹³ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 02 ago. 2018.

página. A ocupação C costumava fotografar os cartazes feitos à mão e expostos nas dependências da escola e publicar na página. Não é uma regra a maneira como se davam essas publicações, mas demonstra algumas características. Podemos perceber na ocupação B essa relação quando os jovens, em uma dessas idas as ocupações, me disseram que havia uma comissão que montava os cronogramas de atividades. Era a comissão de comunicação. Eles me informam que boa parte dos ocupantes possuíam smartphones com uma boa câmera para realizar os registros.

O *smartphone* foi o artefato principal utilizado por eles para fazer esse registro. O *laptop* também era utilizado, como eles disseram, mas a mobilidade que o telefone apresenta torna mais prático o processo de registro, já que eles o carregam em seus bolsos, em suas mochilas, quando o possuem.

A situação dos jovens da ocupação B, em relação à conectividade e porte de dispositivo móvel, era diferente das duas outras ocupações em que fiz o mesmo questionamento nos eventos frequentados. Esse aspecto é um fator que pode influenciar na interação on-line, qualidade de imagem, som, transmissão e técnicas de uso dos artefatos. A conexão influencia na interação. Quando os jovens dependem de uma conexão 3G para navegar e, além disso, precisa comprar pequenos pacotes de dados para acessar a internet, a interação se torna mais complicada.

A página da ocupação B é a que possuía menos informações em termos de disponibilização de imagens, vídeos e textos. Pelo que percebi analisando as três páginas, o critério de seleção de imagens e publicações também parece ser diferente em cada ocupação. Em outro espaço que frequentei, ouvi de alguns jovens que eles realizavam uma 'vaquinha' para colocar créditos no telefone de um dos ocupantes e, que, após, roteava a Internet para o *laptop* e outros celulares. Eles não possuíam uma Internet *Wifi* liberada na escola para que pudessem utilizar. Esse custeio era pessoal.

A sensação de quando navego pela página da ocupação A e C é que de fato, através da quantidade de imagens e *posts* realizados, a ocupação parecia tecer uma narrativa imagética quase que diária. Não que essa sensação não pudesse ser sentida na página da ocupação B, mas pelo teor informativo que ali se apresentava nas outras duas páginas, era possível ter uma sensação de imersão naquele ambiente.

Castells aponta essa prerrogativa como característica atual dos movimentos de ocupação já que "num mundo conectado ao vivo pela Internet, cidadãos comprometidos ficaram imediatamente a par de lutas e projetos com os quais podiam se identificar" (2013, p. 123). Como salienta Rose (2001 apud Campos, 2013) "as imagens produzem efeitos pois são

elementos poderosos" (p. 51). Nesse sentido, acompanhar o diário das ocupações A e C reflete ainda a intensidade do movimento nesses dois locais. Esse fato pode ser visto nas situações em que essas ocupações, localizadas no coração da grande metrópole do Rio de Janeiro, sofreram diversos ataques de movimentos desocupa. Nesse sentido, as imagens eram utilizadas não apenas como forma de narrar os acontecimentos, mas como uma arma onde os jovens poderiam se defender e pedir auxílio.

Em um contexto em que vemos um crescente "aumento da audiência enquanto agente produtor de significado" (CAMPOS, 2013, p. 51), essa relação se constrói na contemporaneidade de forma cada vez mais consolidada. E nesse cenário de exposição há que se considerar

a existência, num mesmo recorte sociocultural, de uma cultura visual hegemônica convivendo com diversas micro ou subculturas visuais representando propostas estéticas ou ideológicas alternativas, formas singulares, não necessariamente antagonistas, de olhar e retratar visualmente o mundo. (Ibid., p. 54).

Estudantes de cursos de graduação também estiveram presentes nas ocupações estudantis secundaristas promovendo atividades e ajudando em questões necessárias. Como mostra a imagem abaixo publicada por jovens da ocupação B, uma atividade sendo desenvolvida por estudantes de graduação que recebem bolsa PIBID¹¹⁴. Nela mostra jovens realizando experimentos de física durante a ocupação.



Figura 34 - Jovens da escola observam experimentos de física de estudante do PIBID¹¹⁵

¹¹⁴ De acordo com o portal da CAPES, o PIBID é "uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas.

O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino". Disponível em: https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> Acesso em 26 jan. 2020.

¹¹⁵ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 20 ago. 2019.

Um assunto¹¹⁶ que aparece nas ocupações que visitei são os debates em torno da questão da mulher. Um debate sobre os dez anos da Lei Maria da Penha¹¹⁷ se deu na ocupação B. A mulher aparece como um tema bastante importante nesse cenário atual que não deixa de ser tema presente nas ocupações. Há inclusive um documentário realizado durante as ocupações estudantis onde meninas dão os seus relatos durante o movimento chamado 'Lute como uma menina'.

O documentário produzido com direção de Flávio Colombini e Beatriz Alonso traz essa ideia do protagonismo feminino nas ocupações secundaristas. Entrevistando alunas que ocuparam escolas em São Paulo, as jovens relatam os momentos que viveram durante a ocupação incluindo casos de repressão pela Polícia Militar e confronto com as autoridades.

As imagens 1 e 3 trazidas aqui anteriormente demonstram casos de jovens que ficaram conhecidas por suas atuações durante as ocupações estudantis. O protagonismo dessas jovens pôde ser visto em manchetes de notícias e suas imagens e vídeos compartilhados nas redes por milhares de pessoas. Esses dois casos são apenas exemplos de como essa questão da mulher, que vem sendo cada vez mais debatida ultimamente, aparece nesse movimento. No tópico em que trato do evento que frequentei com grafite feito pelos jovens ouvi relatos sobre essa questão.

Em uma das publicações das ocupações, há o registro de uma reunião com responsáveis retratando o cuidado em informá-los sobre o que acontecia no espaço e envolvê-los no movimento de ocupação. Na reunião, pautas e as principais questões que permeiam o movimento são trazidas e debatidas com eles. Os responsáveis dos estudantes têm papel significativo para o movimento já que muitos deles são menores de idade e ainda estão sob a tutela de responsáveis. Além do apoio ao movimento permitindo que eles possam¹¹⁸ participar da ocupação, muitos contribuem com doações, ajuda, participação e outras ações. Percebi esse envolvimento no evento de grafite em uma das ocupações frequentadas. Alguns responsáveis dos jovens estavam presentes no movimento ajudando em algumas ações. Ouvi dos jovens que essas manifestações de apoio dos professores, dos responsáveis, de pessoas que se interessam

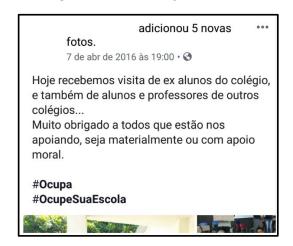
116 Não trago a imagem relacionada a essa publicação para preservar a identidade dos jovens.

¹¹⁷ Entrando em vigor no dia 07 de agosto de 2006, a Lei nº 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, é uma lei que tem o objetivo de punir atos de agressão doméstica contra a mulher. Na página do Conselho Nacional de Justiça eles informam que "a Lei passou a ser chamada Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que desde então se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres". Disponível em: https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/> Acesso em 26 jan. 2020.

¹¹⁸ Alguns jovens relataram nas conversas sobre a permissão em participar do movimento. Muitos responsáveis não permitiram que seus filhos se envolvessem no movimento. Alguns permitiram que participassem apenas durante o dia. Outros permitiam dormir algumas noites. Doações de alimentos, colchões, roupas de cama, material de limpeza, higiene entre outras eram em sua maioria fornecidos por seus familiares.

pela questão e visitam a ocupação, que seguem a página e que dialogam com os ocupantes acabam por fortalecer o movimento. A imagem abaixo retirada da página da ocupação C traz um agradecimento às pessoas que visitam o espaço e aos donativos arrecadados.

Figura 35 - Os ocupantes da escola C agradecem as visitas¹¹⁹



Percebi que dinâmica de ocupação de cada escola tem algumas características que fazem o movimento se fortalecer. Dentre as características percebidas por mim e trazidas por eles nesses encontros, a organização e o engajamento na forma como eles desempenhavam as ações retratavam uma característica que resultava em um olhar positivo para o movimento.

A ideia de narrar através das imagens as ações que aconteciam naquele espaço, quase que diariamente, através das páginas, ajudava na compreensão da ocupação como um ato importante para se debater e reivindicar melhorias. E era justamente a ideia de contrapor um pensamento de invasão e depredação do espaço ocupado que eles tinham ao publicar as imagens nas páginas.

5.3 Manifestos, pauta da ocupação, assembleias, passeatas

Para pensar na construção dos manifestos e na pauta do movimento, trago abaixo um quadro realizado por Eduardo Serrano citado no livro Redes de Indignação e Esperança de Manuel Castells (2013) para que possamos visualizar o contexto das principais premissas das ocupações. Embora ele faça referência ao movimento acontecido na Espanha o 15 M, ele retrata perfeitamente os principais aspectos observados também nos movimentos de ocupação secundarista das escolas pesquisadas a partir do que foi observado e através das escutas que realizei nos eventos abertos. Vejamos:

-

¹¹⁹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 24 ago. 2019.

Quadro 1 – Glossário de termos (CASTELLS,2013)¹²⁰

Termos	Implica	Suprime
Comum	Autoadministração da comunidade, espaço compartilhado.	Propriedade restrita, dicotomia público/privado, apropriação do poder por poucos.
Consenso por assembleia	Decisões resultam da interação entre diferentes propostas, do respeito a todas as ideias, de um processo não linear de tomada de decisão não do voto, mas da síntese do resultado qualitativamente superior do processo de tomada de decisão.	Oposição consenso/dissenso, proposições medíocres, tomada de decisão linear, resultado inferior à qualidade das propostas originais debatidas.
Qualquer um	Singularidade, cidadãos anônimos.	Todos, totalidade.
Sem futuro	Agora mesmo.	Realização adiada, separação entre meios e objetivos.
Sem chefes	Autorregulação, rede distribuída, pleno envolvimento de todos (tal como na interação pela Internet), anonimato.	Atribuição de papeis sociais rígidos, predefinição de temas.
Não representação	Participação, democracia direta, políticas de expressão.	Delegação.
Não violência	Legitimidade, exemplaridade, verdadeira autodefesa, campo de força intangível pela deslegitimação da violência dos outros.	Eficácia da violência, tirania da testosterona.
Respeito	Reciprocidade, dignidade, autolimitação, verdadeira cidadania.	Segurança, inimigo.
Sem dinheiro	Riqueza não é monetária, desconexão do sistema financeiro, moedas locais, descomodificação.	Economia da escassez, tirania financeira, austeridade inevitável, jogos de soma zero.
Sem medo	Juntos nós conseguimos, você não está sozinho, a crise pode ser superada, criatividade.	Fatalidade, paralisia.
Lentidão	Coevolução, processos de maturação gradual.	"Vida rápida", subordinação da vida ao ritmo do capital.

Para que os ocupantes pudessem pensar nas ações a serem tomadas e como eles viriam a ocupar aquele espaço, essas premissas deveriam ser observadas. Diversas destas questões foram trazidas aqui no Capítulo 2, nas ocupações que ocorreram nas ruas e praças de diversas cidades do mundo e vem sendo costuradas nas análises aqui trazidas sobre as ocupações

¹²⁰ Fonte: Eduardo Serrano. El poder de las palavras: glossário de términos del 15M. In: CASTELLS (2013).

secundaristas investigadas. Optei por trazer o quadro neste tópico para dar ênfase aos pontos que devem ser observados para confecção dos manifestos e pautas e que são incorporados no dia a dia do movimento.

O exercício da horizontalidade e democracia eram fatores chaves das ocupações estudantis secundaristas. As decisões tomadas, as ações desempenhadas e os caminhos trilhados eram levados a discussão com todos aqueles que ocupavam a escola. Dispor a viver juntos em um espaço ocupado por um período indeterminado requer algumas ações baseadas nos princípios do diálogo e autogestão.

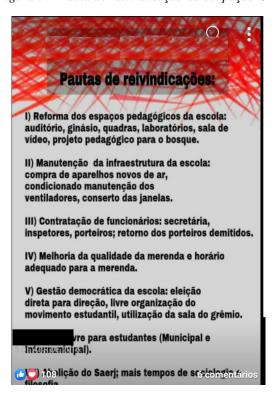
Campos et al. apontam a dificuldade para trilhar o caminho para a autogestão horizontal afirmando que não existe um modelo perfeito nessa trajetória onde os desafios do percurso são inúmeros já que somos

seres humanos que cresceram e foram socializados em uma sociedade hierárquica, e estruturas de poder profundamente enraizadas não podem magicamente desaprendidas. Porém, ficou claro que os secundaristas conceberam as ocupações como espaços democráticos e horizontais, não apenas pelas orientações do manual "Como ocupar um colégio?", mas também por um simples desejo de que ali fosse um espaço diferente do que costumavam viver na escola (2016, p. 128).

Dentre as diversas questões que são trazidas nas ocupações das páginas analisadas, o manifesto e a pauta da ocupação são pontos centrais do movimento em todas elas. A pauta da ocupação exprime as principais demandas do movimento, pontua suas reivindicações deixando claro para todas as pessoas as suas motivações.

Os manifestos circulam nas redes através de um documento redigido pelos ocupantes divulgando notas e informes sobre a ocupação. Não era difícil achar os manifestos nas fanpages. Era possível ainda visualizá-los afixados em cartazes pelas dependências das escolas ocupadas como podemos ver a seguir:

Figura 36- Pauta de reivindicação da ocupação C¹²¹





121 Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 02 out. 2019.

Figura 37 - Motivação para ocupação B publicada na página¹²²

Receber, sem diálogo, a imposição de uma dita reforma educacional acovardada através da burocracia de uma Medida Provisória não é a maneira pela qual os estudantes brasileiros esperavam começar uma verdadeira reforma. Para nós, alunos deste Colégio , transformar o sistema de educação exige, indissociavelmente, a participação de toda a comunidade que o compõe. Como podem os burocratas de gabinete definirem as diretrizes daquilo que nós vivemos?

Adendo à imposição da "reforma", a Proposta de Emenda Constitucional de número 55 de 2016, tramitando no Senado Federal, prevê um reajuste ínfimo nos repasses à educação, à saúde e a outras áreas. O congelamento dos investimentos e, consequentemente, o gradativo desmantelamento da educação data para durar 20 anos. Enquanto, em autarquia federal, justifica-se a medida como essencial à

para durar 20 anos. Enquanto, em autarquia federal, justifica-se a medida como essencial à recuperação e ao crescimento do país, a evolução do pilar educacional é completamente ignorada e dispensada frente aos interesses oligarcas que ocupam 513 cadeiras na Câmara dos Deputados e outras 81 no Senado.

Em resposta a este tipo de ação, nós, alunos do tomamos nossa posição: contrários à "reforma"; opositores à PEC citada. A fim de demonstrar nossa opinião e para lutar pelo que acreditamos, optamos, democraticamente, por paralisar nossas atividades e interromper o calendário letivo a partir do dia 09 de novembro de 2016, por meio de uma ocupação.

Nossa luta requer a ativa e contundente participação da comunidade discente para

Nossa luta requer a ativa e contundente participação da comunidade discente para manter, durante o período no qual queremos encher o espaço de um lugar propriamente nosso e de um tempo investido para o engrandecimento dos alunos, movimentos culturais, informativos e participativos que ajam para integrar ainda mais a comunidade discente

Dispensando falas utópicas, sustentaremos nossa mobilização pelo tempo que nós mesmos permitimos, até onde julgarmos necessário. Até lá, e além, reiteraremos nossa postura diante do total descaso e falta de diálogo que nos é apresentado.

Corpo Discente

#Ocupa #OcupaEResistir #OcupaTudo

¹²² Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 11 out. 2019.



Figura 38 - Pauta de reivindicação da ocupação A¹²³

O manifesto e pautas apresentados pelo corpo discente dessas ocupações possuem características semelhantes às reivindicações da Revolta dos Pinguins no Chile já que defende a não desvalorização da Educação a partir de medidas que viriam a afetar ainda mais esse sistema. O manifesto surge no momento de aprovação da PEC 55, aprovada mesmo após todas as reivindicações de diversos setores. Essa PEC, na época, previa o congelamento dos gastos públicos da saúde e da educação pelos próximos 20 anos. Revoltados com a decisão do governo após a tramitação no Congresso, ocuparam a escola e convocaram uma assembleia para decidir os rumos da ocupação. Decididos por ocupar a escola após votação, os jovens registram o momento que vem a fazer parte de um período histórico onde escolas de todo o Brasil tem seus espaços ocupados por estudantes como forma de reivindicação a diversas questões.

Reforma, melhora, gestão democrática, diálogo, luta, democracia, participação, comunidade, espaço, tempo. Todas essas são palavras que apareceram nas imagens acima. Pensar na pauta da ocupação exigia deles um debate para discutir os principais pontos a serem observados e trazidos a público. Mais uma vez o cartaz sendo trazido como forma de se comunicar, bem como essas mesmas reivindicações sendo trazidas de forma digital em rede para que se amplie a visualização das reivindicações. Este artefato material que se expressa no movimento de diferentes formas, o cartaz, abre espaço para que suas demandas e anseios sejam partilhados para a comunidade. Campos nos ajuda nessa percepção dizendo que

a cultura visual de uma comunidade, poderá ser examinada a partir de tudo o que isto envolve, ou seja, as gramáticas visuais e respectivos formatos de comunicação, bem como, as relações sociais, culturais e simbólicas que se estabelecem no âmbito da criação e partilha dos bens visuais (2012, p. 552).

-

¹²³ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 out. 2019.

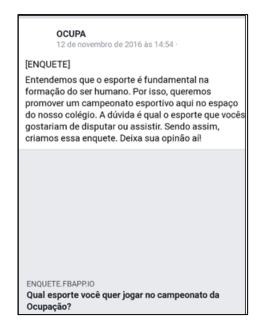
O autor nos chama atenção ainda para a percepção da vinculação existente entre "a cultura visual e as dinâmicas acentuadas de globalização, tecnologização e digitalização do quotidiano" (Ibid., p. 552). Atravessando os processos sociais cotidianos, as tecnologias digitais estão entrelaçadas à visualidade. Nesse sentido, o tráfego de imagens não se resume ao espaço físico, ela também circula através do digital em rede. A imagem do cartaz contendo a pauta do movimento de ocupação que podemos ver afixado no portão da escola também pode ser vista a partir de sua digitalização e compartilhamento nas redes através de fotografias digitais. Esse cenário anuncia assim uma

importância crescente que o conceito de cultura visual tem alcançado recentemente, parece decorrer, então, desta ideia em voga que atribui à visão, ao olhar e às tecnologias visuais uma grande centralidade na forma como se estruturam as dinâmicas culturais contemporâneas (Ibid., p. 554).

Ao atentarmos para os manifestos da ocupação publicados, as chamadas nas páginas para participar das assembleias e rodas de conversas realizadas entre eles e, através do que ouvia dos jovens nos eventos em que participei, compreendia essa relação com as características trazidas no quadro anteriormente apresentado. Sobre as assembleias realizadas, jovens de algumas ocupações diziam que havia um representante de cada comissão nas ocupações. Havia comissão de limpeza, de comunicação, de segurança, de alimentação, entre outras a depender do modo de organização da ocupação. Eles chegavam a um consenso com a maioria dos representantes e repassavam as orientações aos demais. A cada nova decisão a ser tomada, uma nova assembleia era feita.

O anúncio era realizado através das páginas e cartazes afixados informando a data da assembleia e a pauta de discussão. Um jovem de uma ocupação me disse que eles chegavam a marcar uma assembleia por semana, o que se tornava cansativo muitas vezes. A imagem abaixo mostra uma enquete publicada na página da ocupação C como forma de saber deles o esporte que gostariam de competir. Essa é uma forma de democratização das ações desempenhada por eles.

Figura 39 - Enquete publicada na página da ocupação B¹²⁴



Pensar em uma ocupação, ou qualquer outro movimento social buscando que a aceitação seja unânime e que diariamente se tenha uma assembleia para tomada de decisões é uma utopia. Como nos diz Magalhães

ao ser postas em prática por uma minoria, uma vez que não representariam um todo dos interessados. Uma ocupação não opera, de forma alguma, a partir da representação daqueles que estão ausentes do espaço ocupado, mas que de alguma forma se relacionam a ele. Ela não depende, tampouco, do consenso unânime sobre seus fundamentos. Uma ocupação é uma intervenção concreta, contingente, para destruir uma certa ordem de justificação e não para justificar-se. Ela coloca em questão as próprias condições de possibilidade de um consenso, justamente para abrir espaço a uma situação de igualdade que, longe de implicar em homogeneidade, tem a ver com a igualdade entre os diferentes, com a multiplicidade em jogo (2017, p. 243).

Castells também nos fala sobre essa abordagem:

É por isso que assembleias ineficientes são importantes, pois são as curvas de aprendizagem da nova democracia. É por isso que as comissões existem e morrem, não dependendo de sua eficiência, mas do comprometimento das pessoas que contribuem com seu tempo e suas ideias. É por isso que a não violência é uma prática fundamental, pois um mundo não violento não pode ser criado pela violência, muito menos pela violência revolucionária. (CASTELLS, 2013, p. 120)

Percebi a atuação de alguns jovens nas ocupações que já faziam parte de grêmios estudantis. Em algumas ocupações que estive presente, o Grêmio já existia antes da ocupação e em outras havia a necessidade de discussão de sua implementação. Isso aparecia na pauta de reinvindicação de algumas ocupações em suas páginas. O que de fato seria um Grêmio? Quais

_

¹²⁴ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 11 out. 2019.

as suas atribuições? Onde esbarra os limites e barreiras em suas atuações? Como estabelecer uma dinâmica de agremiação na escola? Na Educação Básica, o Grêmio estudantil possui uma atuação importante no espaço escolar. Buscando suas características junto à União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), podemos perceber essa importância. O Grêmio tem por objetivos:

- I Representar condignamente o corpo discente;
- II Defender os interesses individuais e coletivos dos alunos do Colégio;
- III Incentivar a cultura literária, artística e desportiva de seus membros;
- IV Promover a cooperação entre administradores, funcionários, professores e alunos no trabalho escolar, buscando seus aprimoramentos;
- V Realizar intercâmbio e colaboração de caráter cultural e educacional com outras instituições de caráter educacional, assim como a filiação às entidades gerais UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) etc.;
- VI Lutar pela democracia permanente na Escola, através do direito de participação nos fóruns internos de deliberação da Escola.

Os jovens reconhecem a importância de um Grêmio Estudantil na escola. Me pareceu que havia por parte deles a demanda de uma organização que permitisse um diálogo mais *institucionalizado*, contemplando a necessidade de serem ouvidos, de terem seus representantes e poder falar para um público mais amplo sobre suas demandas e aspirações.

Percebe-se que a existência prévia de um corpo discente envolvido em agremiações contribui para pensar o movimento de ocupação, no entanto, esse fator não é determinante para que um movimento como o da ocupação estudantil ocorra. Nas ocupações que acompanhei somente uma delas tinha relação com o grêmio estudantil.



Figura 40 - Assembleia com ocupantes publicada na página C¹²⁵

Os diálogos entre os ocupantes por meio de assembleias era um ato base para o movimento. Corroboro com a visão de Magalhães e Castells quando salientam sobre a participação dos jovens nos atos políticos recentes. No estudo ele diz que "há alguma ironia em que o processo político mais interessante e inovador do Brasil atual nos tenha sido oferecido por adolescentes, considerados muitas vezes pelo padrão do direito posto, como incapazes de participação política (MAGALHÃES, 2017, p. 247).

Ouvindo os jovens nesses espaços, eles dizem que eles eram motivados por diversas demandas que iam desde questões externas à escola como a Reforma do Ensino Médio, o repúdio à aprovação da PEC 55 e Escola sem Partido, à reivindicação de participação na tomada de decisões em ações dentro das escolas participando das reuniões. O diálogo com a gestão da escola era um processo difícil e eles gostariam de ampliar esse processo de participação e intervenção.

Segundo eles, esse é um problema constante. Eles revelam que gostariam de manter uma relação de horizontalidade nessas relações. Revelam que as pessoas dizem que são muito jovens, que não estão preparados para lidar com questões que envolvem a escola e que as decisões tomadas pelos 'adultos' contemplariam suas necessidades. No Capítulo 1 trouxe a

¹²⁵ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 15 out. 2019.

discussão que Carrano apresenta sobre protagonismo juvenil e que é uma questão que vem sendo apontada também nos estudos de Magalhães (2017), Nery (2018) e Castells (2013).

Dayrell (apud NERY, 2018, p. 140) trata de algumas características que devem ser desconstruídas em relação ao jovem, tais quais:

- a) Juventude na sua condição de transitoriedade, em que o jovem é um "vir a ser" adulto, um projeto ainda inconcluso de futuro, sendo visto, assim, em sua negatividade, no que ele ainda não é ou no que deverá ser.
- b) A visão romântica da juventude, cristalizada principalmente após o crescimento de uma indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens dos anos 1960, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos.
- c) A noção de moratória, ou seja, a juventude como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade.
- d) O jovem reduzido apenas ao campo da cultura, "como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais.
- e) A juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade.
- f) O processo de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora. Ainda segundo o autor, "precisamos colocar em questão essas imagens se quisermos compreender como os jovens constroem suas experiências" (Ibid., p. 114-115).

Carrano nos traz uma abordagem sobre o sentido de participação que vem sendo observados em diferentes movimentos e o cuidado em relação às suas possíveis "imprecisões e ambiguidades capazes de diluir a compreensão sobre seu real significado e importância na vida social e política" (2012, p. 86). Inundado de encenações que simulariam uma participação verídica estariam, na verdade, excluindo "os cidadãos do exercício efetivo da tomada de decisões" (Ibid., p. 88). O autor nos alerta em relação a carga de atuação que o processo de participação juvenil pode estar esbarrando. Uma classificação simplória sobre se eles *poderiam* ou *não* participar de um determinado "processo ou estado político, mas sim buscar perceber até onde esses como indivíduos ou coletivos podem chegar com sua participação no sentido de influenciar decisões" (Ibid., p. 88).

A tomada do espaço pelos estudantes naquele período representava, em si, não apenas uma ocupação física como forma de requerer melhorias na qualidade do ensino oferecido ou questões estruturais, mas antes de tudo, uma necessidade de se manter um diálogo como um fator de conquista que se perdurasse para depois do movimento de ocupação.

Para confirmar suas ações e expressar suas demandas, eles utilizavam-se das redes para trazer ao mundo as ações que vinham se passando naquele espaço/local ocupado em uma ação midiativista imagética. "Por serem, em grande parte, menores de idade, considerados incapazes

de agir politicamente e no que tange à questão pedagógica – por serem alunos, e não professores, supondo-se que seu papel é o de aprender, e não o de pretender ensinar" (MAGALHÃES, 2017, p. 248).

Muito se ouvia falar sobre o que realmente os jovens vinham fazendo nas ocupações. Se eles estavam apenas ocupando os espaços sem promover ações contundentes que promovessem diálogos, como uma ocupação forçosa do espaço ou uma espécie de invasão. Porém, através das publicações realizadas e das ações que poderiam ser vistas de perto ou acompanhadas através das páginas, tais afirmações não se fortaleciam. Como dizem no manifesto retirado da ocupação C:

Figura 41 - Esclarecimento publicado na página da ocupação C^{126}

5 de abr de 2016 às 07:13 · 🔇

ESCLARECIMENTO

O Ocupa é um movimento dos alunos pela melhoria das condições da escola e que luta pelas nossas reivindicações.

Não precisamos de nenhum estímulo externo para lutar. Nós estudantes, não temos direito à educação, vivenciamos vários problemas em nosso dia a dia e sabemos que a escola chegou a uma situação crítica: sem porteiros, sem secretaria, com vários espaços degradados, nenhum uso de laboratórios e salas superlotadas. Por isso, decidimos ocupar a escola em protesto e, durante esse período, estaremos fazendo várias atividades de denúncia com estudantes, professores e

salas superlotadas. Por isso, decidimos ocupar a escola em protesto e, durante esse período, estaremos fazendo várias atividades de denúncia com estudantes, professores e responsáveis. A escola estará aberta a todos que desejarem integrar o movimento.

Os estudantes não serão prejudicados, não correm o risco de perder o ano e nem de ficar sem a nota do bimestre. Quem diz isso está espalhando boatos para atacar o movimento e não tem nenhum interesse na melhoria da escola.

Entendemos a demanda dos alunos do 3o ano para manter as atividades pedagógicas no ano do vestibular. Por isso, estaremos organizando a partir de amanhã aulões com resolução de questões de vestibular. Já tem vários professores dispostos a participar e estaremos

¹²⁶ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 27 dez. 2019.

Aqueles que dizem que os estudantes não vão conseguir nada porque o estado "está em crise" tem que procurar outras fontes e informação além dos grandes jornais e canais e televisão. Nos últimos anos, o governo concedeu bilhões para grandes empresas e para os grandes grupos políticos do estado. Não vamos aceitar que nossa escola fique precarizada, que nossos porteiros sejam demitidos enquanto as grandes empresas e os políticos faturam às nossos custas!

Agrademos todo o apoio que temos recebido e com ele nos sentimos mais fortes para a luta que vamos travar!

Todo apoio ao movimento estudantil e às ocupações do Rio de Janeiro!



133 12 comentários • 32 compartilhamentos

Os ocupantes por diversas vezes recorriam à página para dialogar com o público a respeito de possíveis notícias falsas que poderiam estar se espalhando entre as pessoas como a mensagem deixada através da página da ocupação C na imagem acima. Sem chefes, como uma das características trazidas no quadro de Castells, eles afirmam não precisar de um estímulo externo para ocupar.

Além disso eles pedem que as pessoas procurem outras fontes de informação, não apenas as grandes mídias para saber o que realmente acontece no interior das ocupações. Na imagem abaixo, a mensagem revela notas sobre verdades e mentiras sobre o que o Secretário de Educação e a emissora de TV brasileira Rede Globo estariam veiculando.

Figura 42- Questões esclarecidas pela ocupação C127

9 de mai de 2016 às 08:19 · 🔇

VERDADES E MENTIRAS SOBRE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLA NO RIO DE JANEIRO

O secretário de educação e a Rede Globo vêm espalhando uma série de mentiras sobre as ocupações de escola no Rio de Janeiro. Isso vem sendo feito para confundir, enganar e colocar estudantes uns contra os outros, dando a entender que o movimento de ocupação das escolas prejudica os alunos. É bom lembrar que professores e funcionários da Rede Estadual estão em greve, com adesão de mais de 70%, por melhores condições de trabalho nas escolas públicas sucateadas.

1 O ESTLIDANTE DE LIMA ESCOLA OLIF

Há algumas publicações como essas acima esclarecendo algumas questões que vão sendo repassadas, segundo eles, de forma equivocada e que não condizem com a postura que vinham sendo tomadas nas ocupações. Para eles, essas notícias falsas que circulavam nas redes e que eram disseminadas em páginas não oficiais estariam buscando acabar com o movimento. Os manifestos publicados nas páginas do *Facebook*, que seriam as páginas oficiais da ocupação, noticiariam o que de fato os ocupantes estavam vivendo durante as ocupações.

Além de expor suas demandas eles aproveitam e deixam uma mensagem para possíveis colaboradores externos ao movimento dizendo se tratar de uma ação que é construída pelos jovens ocupantes. A imagem abaixo traz a ideia contida no quadro que cito sobre as características de movimentos de ocupação. Visitando a ocupação e observando as narrativas estabelecidas por eles nas páginas e em outras redes, não identifiquei qualquer ligação que os prendesse a algum movimento externo ou demanda que estivesse com interesses partidários de qualquer tipo.

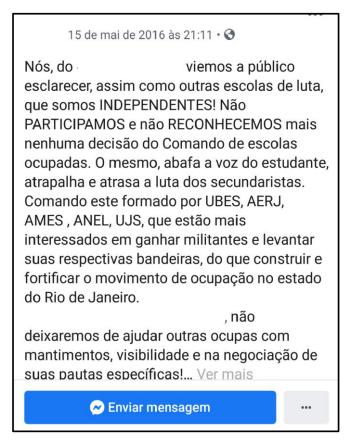
Escutei dos jovens que as ocupações se ajudavam com mantimentos, visibilidade e na negociação de suas pautas específicas. A visibilidade era um fator chave para as ocupações,

-

¹²⁷ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 20 out. 2019.

principalmente as que estavam iniciando. Algumas páginas continham um número maior de pessoas acompanhando suas narrativas midiativistas imagéticas. Estas publicavam informações que pudessem fortalecer outras escolas que estavam iniciando seu processo de ocupação.

Figura 43 - Manifesto da ocupação A¹²⁸



As pessoas visitavam a ocupação seja ministrando palestras, participando de rodas de conversa ou aulas com os ocupantes. Os jovens buscavam a todo o momento estabelecer uma relação de troca, de aprendizado e não estavam preocupados com decisões externas que pudessem influenciar o movimento. A experiência que os ocupantes tiveram naquele momento é de aprendizado. Um dos jovens me disse, em um dos eventos, que a ocupação foi a *maior experiência de sua vida*. Em outra ocupação ouvi de um dos jovens que era como se *agora eles soubessem que eles tinham voz e que antes não estavam acostumados a falar*. Antes do processo de ocupação, outro jovem me disse que eles se viam em pequenos grupos de gostos e interesses. Durante o processo de ocupação, eles estabeleciam uma *relação de comunidade* e para esse jovem, esse aspecto já é uma *conquista*.

¹²⁸ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 22 out. 2019.

A experiência da escuta, da interação, do diálogo, do convívio, da troca, dos erros e acertos. Um descobrir-se. Pensar em sua relação individual e/junto/com o coletivo. Essa interação que eles relatam, e que pode ser percebida nas imagens e relatos trazidos nas páginas, são a maior riqueza da ocupação. Como bem aponta Magalhães

nas escolas ocupadas, a mudança na forma como se dava o ensino ocasionou, naturalmente, uma mudança no seu conteúdo. Verificou-se, por exemplo, uma maior ênfase no corpo, na música, nas atividades coletivas e de diálogo, nas práticas democráticas, no pensamento crítico, nas questões minoritárias e de alteridade. O que não significa que não houvesse nenhuma preocupação com o português, com a química ou com a matemática, mas a hegemonia tradicional e naturalizada dessas disciplinas, com um aprofundamento muitas vezes dispensáveis para a vida dos estudantes, foi abandonada em prol da experimentação com novas possibilidades de aprendizado (2017, p. 244).

E não apenas no espaço da escola, a ocupação transpassou seus muros, indo nas ruas, nas redes, na Secretaria Estadual de Educação e até em Brasília. Os ecos das reivindicações atravessaram a cidade, tomaram conta de seus espaços através de uma ação midiativista imagética. As publicações a seguir retratam os atos e ocupações ocorridas em outros espaços. Vejamos nas imagens abaixo:



Figura 44 - Ato nas ruas da cidade do Rio de Janeiro 129

¹²⁹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 dez. 2019.





Diversos atos marcaram os movimentos de ocupação. Os ocupantes dialogavam com outras centrais de várias escolas e se encontravam com jovens de outras ocupações da cidade. Os atos eram unificados. Cada ocupação com suas demandas específicas e uma pauta única

onde a defesa da educação e de uma escola pública de qualidade alicerçavam seus gritos e ecos de reivindicações.

Na cidade do Rio de Janeiro, podíamos ver chamadas para atos em diversos bairros. Atos espalhados em locais como praças localizadas no entorno das escolas, no Palácio Guanabara em Laranjeiras, na Sede da SEEDUC na região Portuária do Rio e na ALERJ no centro da cidade. Os jovens se juntavam a outros atos, a professores grevistas, todos voltados por uma escola democrática e uma educação onde a valorização da qualidade de ensino atravessavam as lutas como mostram os registros abaixo.



Figura 45- Ocupantes da escola A realizam uma chamada para a ocupar o prédio da Seeduc 130

¹³⁰ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 nov. 2019.



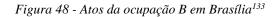
Figura 46- Jovens da ocupação A realizando Ato no Palácio do Governo e na Alerj¹³¹

¹³¹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 nov. 2019.

Na Baixada Fluminense ocorreram atos unificados com jovens de escolas ocupadas. Uma das ocupações em que acompanhava a página retrata algumas ações em algumas cidades da região. São atos que, na Baixada Fluminense, região afastada do centro da grande região metropolitana do Rio, são difíceis de se ver. Atos que mostram a força dos estudantes, da educação, do que o conhecimento pode proporcionar. Uma força transformadora, motriz, que instiga seus habitantes, que inunda as ruas de esperança, que aguça na população local um desejo de transformação através da educação.



Figura 47 – Atos unificados na Baixada Fluminense¹³²





Ecoando um grito de resistência diante das questões que atravessam a educação percebo a esperança das pessoas que residem nessas regiões onde as ocupações ocorreram verem seus

¹³² Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 12 nov. 2019.

¹³³ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 12 nov. 2019.

filhos ingressar em uma Universidade. Que vê que nos atos dos ocupantes secundaristas e universitários uma esperança para o futuro. Ações que não se resumem ao espaço da escola e da universidade. Nesse período, municípios dessa região do Rio de Janeiro estavam bem movimentados pelos turbilhões e motores que a ocupação das escolas secundaristas, que não se resumiram às imediações das escolas, promoveram. O ato realizado em Brasília contou com organização de jovens de diversas ocupações dos Estados. Como os jovens das diferentes ocupações interagiam entre si, esses atos se unificavam e se fortaleciam.

As imagens acima revelam a riqueza desse movimento. As ações midiativistas imagéticas que se percebem no movimento "matizam e unem as pessoas conforme os interesses e a receptividade de cada um, fazendo acreditar, pela forma como se expressam através das emoções e dos desejos, que as imagens são a própria realidade e não uma ilusão" (SILVA, 2013, p. 8).

A pauta da ocupação não se detém a pensar nas demandas individuais de cada escola, mas se revela em um propósito maior que abarca o todo. O pensamento se expande para a transformação do presente e futuro e se faz em ações diversas que não são predeterminadas.

5.4 Tentativas de desocupação

O movimento de ocupação secundarista, nesses três meses de ocupação que cada escola pesquisada em média passou, teve seus momentos de conflito. Um conflito que transpassava a barreira da convivência, da dificuldade de estar ocupando um local por um longo período como uma moradia, um lar. Assim como em qualquer relação que se estabeleça em que o convívio social se constrói, a ocupação também era um espaço de trocas conflituosas.

Esses atritos, contudo, não eram um problema que eles encaravam como um empecilho, como um desgaste. O desgaste maior, para eles, foi a situação de invasão por pessoas vindas de fora do movimento. Os desocupas, como eles denominam em uma das páginas, são aqueles que vão de encontro às ideias dos ocupantes das escolas. Estes estariam promovendo uma desordem e provocando uma situação de extrema insegurança entre eles.

As três ocupações pesquisadas relataram momentos de pânico. Duas delas relataram esses ataques de forma mais brutal. É natural que eles sentissem medo de permanecer na escola ocupando principalmente no período da noite. Eles sabiam da existência de pessoas contrárias ao movimento e que nem toda a comunidade escolar aprovava a situação de ocupação. A

ocupação em si, dos atos que eles já realizaram, era uma medida mais enérgica como ouvi de um jovem em uma ocupação.

Eles não imaginavam que uma situação de violência pudesse acontecer em um movimento como esse, mas, de qualquer forma, estavam preparados, ou melhor, estavam de olhos abertos para o que pudesse acontecer. A própria Secretaria Estadual de Educação esteve presente em uma das ocupações com representantes, e até o Conselho Tutelar para averiguar o que acontecia e tentar mediar a situação de decisão de ocupação do prédio. A imagem abaixo publicada na página da ocupação A revela uma dessas situações.



Figura 49 - Conselho Tutelar buscando estabelecer diálogo com os ocupantes da escola A134

Eles relatam que uma comissão de segurança foi montada para monitorar a entrada e saída das pessoas que frequentavam o interior da ocupação e faziam vigília durante a madrugada enquanto os outros ocupantes dormiam. Essas ações eram revezadas entre eles, mas, ainda assim não impedia que atos de invasão e vandalismos pudessem acontecer. Os ataques aconteciam de várias formas percebidas nas publicações: pedras arremessadas em vidraças, objetos lançados no interior das escolas, invasão pulando grades ou muros, depredação de objetos, agressão verbal, ameaças, carros passando buzinando em frente ao colégio, entre outros.

A página da ocupação C pede ajuda para que pessoas se direcionem a outra escola para ajudar em uma tentativa de invasão como mostra a imagem abaixo:

¹³⁴ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 13 mar. 2018.

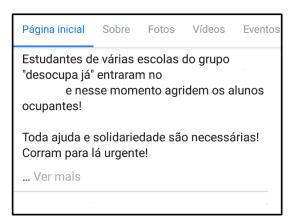


Figura 50 - Pedido de ajuda na página da ocupação C¹³⁵

Essa situação de vigília acontecia em diversas ocupações. As ameaças também eram comuns através das redes sociais. Por conta desse receio, os jovens se revezavam durante as noites para que os outros ocupantes pudessem dormir mais tranquilos, como um jovem me disse em uma das vezes que estive na ocupação. Eles temiam também a ação coercitiva do Estado. Uma tentativa de desocupação forçada acabando com o movimento.

E nessa pressão para desocupar, eles pedem auxílio para saber sobre a legalidade das ações. Se eles não poderiam realmente ser tirados à força dos prédios e se a situação poderia ser encarada pelas autoridades como uma situação de invasão. As ocupações, conseguiram algum tipo de suporte, de ajuda, de consultoria em relação a algumas questões através de pessoas que iam visitá-los, além de professores da escola e da Universidade que se dispunham a ir até o local ajudar e sanar algumas dúvidas sobre questões como essas.

O fato de os jovens receberem visitas durante o movimento ajuda no fortalecimento das ações. Eles se sentem mais seguros. Embora determinados e sabendo que a ocupação é legítima, por vezes eles se sentem receosos com algumas ações tomadas bem como notícias que se espalham, como *fake news*, com vistas à desestabilização da ocupação.

A página de uma das ocupações acompanhadas contém inúmeras imagens que mostram momentos de invasão, confronto e confusão durante esse período. Confronto que se deu não apenas através dos 'desocupas', mas também através de ações com policiais militares. Essa ocupação foi a que mais sofreu com esse tipo de atuação de tentativa de desocupação 136. Castells

¹³⁵ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 13 mar. 2018.

¹³⁶ Não trago as imagens aqui como forma de preservar a identidade dos jovens e por se tratar de imagens fortes.

narra essa situação frequente em movimentos de ocupação dizendo que a maior violência, de uma forma geral

está no sistema, está na costumeira brutalidade policial contra os jovens; está na tortura que, segundo algumas sentenças judiciais, a polícia ocasionalmente pratica; está na recusa em oferecer aos jovens empregos decentes e moradias acessíveis; e está na irresponsabilidade do governo e dos parlamentares em relação às graves queixas dos cidadãos" (CASTELLS, 2013, p. 112).

Essa ocupação, em específico, era constantemente invadida. Um estado de medo e confronto pairava no ar. Não era uma situação confortável e esses canais funcionavam para que eles pudessem pedir ajuda e revelar o que de fato acontecia naquele espaço. Em uma dessas ocupações que estive, quando questiono se eles publicavam fotos de tudo o que acontecia ou se selecionavam, um jovem me disse que a seleção era dinâmica. Dependia do dia e das situações que ocorriam. As publicações eram realizadas com mais intensidade, como percebi nessa ocupação que sofria mais ataques, quando ocorriam os atos de tentativa de desocupação. Além do confronto no interior da escola. As repressões também puderam ser vistas nos atos realizados nas ruas, nas manifestações e na ocupação do prédio da Seeduc.

Figura 51- Tentativa de desocupação publicada por ocupantes da escola A¹³⁷

compartilhou um

vídeo.

10 de mai de 2016 às 21:52 · 🚱

Ser jogado para fora da escola, isso é democracia?

Ser agredido e ameaçado por colegas, isso é ter educação?

Hoje foi um dia em que fomos hostilizados e expulsos de sua própria escola, onde a polícia fechou os olhos e não fez nada. E nesse momento impede, junto com alunos do Desocupa, a entrada de alunos na escola.

Não apenas nas ocupações das escolas, nos atos que eles realizavam nas ruas, nos protestos, na ocupação do prédio da Seeduc. Em suas páginas eles demonstram essa ação truculenta pelo poder público. Na página de duas ocupações os jovens contam as ações que sofreram. Preferi não trazer essas imagens aqui. Nelas, eles denunciam a ação arbitrária da

-

¹³⁷ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 22 mar. 2018.

polícia nos atos. No primeiro dia de ocupação da escola A, representantes da Secretaria de Educação estiveram no local buscando uma negociação de desocupação.

Essa foi apenas uma das tentativas de desocupação por meio institucional. Essa forte pressão, no entanto, não os levaram a desocupar o colégio. Eles se mantiveram ali por cerca de dois meses. Um clima de preocupação em relação à segurança plainava a partir dessa decisão. Em algumas ocupações que voltei no final de seus processos, percebi um número reduzido de jovens. Eles disseram que no início das ocupações elas contavam com mais pessoas ocupando, mas por conta do desgaste devido ao tempo decorrido e ataques muitos estavam desistindo.

Em uma das ocupações um jovem me informa que eles não queriam narrar imageticamente através de uma seleção os acontecimentos mais tranquilos. Os tensionamentos também deveriam ser expostos. Eles gostariam de narrar o que de fato acontecia naquele espaço, em alguns momentos até em tempo real. Na página da ocupação A e C percebi essa dinâmica. Os smartphones permaneciam em suas mãos. A qualquer momento acionavam a câmera e divulgavam on-line, como diziam. Em uma cartilha¹³⁸de recomendações para ocupar uma escola compartilhada por jovens ocupantes de escolas do Estado de São Paulo percebi esse aspecto como uma demanda imprescindível. Câmera e internet! Registro, narrativa, compartilhamento. Essas são algumas das principais palavras destacadas na cartilha. Narre, diga, exponha, dialogue, não se cale!

É importante pensarmos que a ação de narrar através das páginas exerce um vínculo importante em relação à comunicação com as pessoas que não estão presentes na ocupação. Para que as ações ali realizadas obtivessem um crédito relacionado à sua veracidade, as narrativas dos sujeitos se faziam importantes nesse momento através de um canal oficial onde poderiam expor esses relatos. A respeito dessa relação Aguirre nos diz que "as interações que se produzem entre os jovens usuários/produtores de cultura visual com as formas comerciais da mídia, da cultura popular ou das tecnologias digitais constituem um lugar crucial para analisar as formas de geração e circulação de poder" (2013, p. 296).

Torna-se evidente que há relações de poder nesse processo. A produção e divulgação dessas imagens propicia que as ações aconteçam com um pouco mais de tranquilidade já que a denúncia e a exposição do que ocorria no interior da ocupação se dava através das câmeras dos dispositivos conectados à Internet. Essa relação de quem pode estar nesse local realizando uma

¹³⁸ Disponível em: <<u>https://www.facebook.com/mal.educado.sp/posts/720004191466662/</u>> Acesso em 20 jul. 2020.

ocupação, que não se encontra sozinho naquele espaço, sendo amparado por toda uma rede de conexão entre pessoas, fortalecia o movimento dos jovens. Nessas páginas eles mostravam que a ocupação não era uma bagunça, como um jovem mencionou, bem como um espaço que expunham suas reivindicações.

A ação de registrar é um fator forte para o movimento. E não basta registrar, a Internet deve estar atrelada ao dispositivo para em tempo real publicar os acontecimentos. Uma ação midiativista imagética que se torna recorrente na ocupação das escolas. Além disso um desejo de "opor-se à violência, em todas as suas formas, e independentemente da origem, que é um princípio básico da nova cultura da paz e da democracia que o movimento deseja propagar" (CASTELLS, 2013, p. 112).

As páginas criadas serviram para dar esse aporte aos ocupantes nesse momento, já que, como um canal oficial, diversas pessoas recorriam a elas para saber o que de fato pode ter acontecido e as imagens acabam que retratam parte do que ali ocorria. De fato, como já mencionado aqui anteriormente, as imagens selecionadas exprimem o ângulo de visão daquele que registrou tal ação, a temporalidade e o foco. As imagens por si só podem não revelar o que ocorre naquela situação, porém, se torna mais um caminho que engendra a narrativa. Nas palavras dos estudantes 'uma poderosa arma' de se poder revelar o contexto de uma situação.

Bem característico na ação dos jovens, a imagem aparece como um fator cultural em seu dia a dia como nos aponta Campos "os termos cultura juvenil, tribo urbana e subcultura carregam uma forte carga imagética, revelando quer a forma como são recorrentemente retratada pelos media, quer o uso táctico que fazem da imagem enquanto dispositivo de comunicação" (2011, p. 15). Mesmo com todas essas dificuldades, os jovens conseguiram ocupar o espaço nas três escolas por cerca de três meses. Por vezes desanimados, cansados, exaustos, sem saber se aquela era a melhor escolha e o melhor momento. Mas como nos revela Castells em relação a esse tipo de atuação:

Haverá momentos: momentos de crise, momentos de luta, de dor, de heroísmo e de alegria, em que se abrem novas avenidas e milhões se reúnem a partir de seu próprio desejo, não porque alienaram sua liberdade e alguma bandeira erguida em seu nome. Para uma corrente profundamente autorreflexiva do movimento, o que importa é o processo, mais que o produto. Não que o produto final (uma nova sociedade) seja irrelevante. Todavia essa nova sociedade vai resultar do processo, não de um projeto preconcebido daquilo que o produto deveria ser. Essa é a verdadeira transformação revolucionária: a produção material da mudança social, não a partir de objetivos programáticos, mas de experiências conectadas aos atores do movimento. (CASTELLS, 2013, p. 119)

Desta forma, resistir mais do que nunca é preciso! Essa afirmação que consta na introdução dessa pesquisa se torna cada vez mais pertinente em tempos atuais e acredito que

nos tempos que virão. Assim como sempre foi, uma luta constante por garantia e aquisição de direitos. Por uma educação livre e democrática!

5.5 Arrecadação de doações, cuidado e limpeza

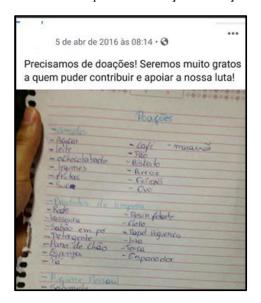
As ocupações estudantis necessitavam de doações para que o movimento pudesse se manter. Materiais de limpeza, alimentação, higiene, colchonetes, entre outros. Os jovens, nas vezes em que estive nas ocupações, disseram que muitos deles, levavam materiais de casa. Professores e funcionários ajudavam na arrecadação, e eles realizavam pedidos na página do *Facebook*.

Os jovens, realizavam campanhas de arrecadação de materiais diversos como destacado na imagem abaixo, publicada na página da ocupação C e A.

Figura 52 - Lista de material para arrecadação de doação - Página A



Figura 53 - Lista de material para arrecadação de doação – Página C¹³⁹



Na escola C, não apenas para os jovens que estavam na ocupação, mas houve também uma arrecadação de alimentos para funcionários terceirizados que estavam sem receber salários

¹³⁹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 20 nov. 2019.

há alguns meses. A página dessa ocupação estabelecia uma narrativa constante sobre as ações que ocorriam na ocupação. Sobre a página, jovens diziam que era uma forma de se comunicar com as pessoas, para, inclusive, pedir essas doações. As campanhas eram publicadas nessas *fanpages*. Por várias vezes percebia essas ações.

Figura 54 - Arrecadação de alimentos por ocupantes da escola B^{140}

[AGRADECIMENTO]

Agradecemos imensamente a todos que vem nos ajudando com doações. Ajuda de vocês é fundamental para darmos continuidade ao nosso movimento. Em breve, postaremos nossa lista de necessidades atualizada.

Estamos aceitando doações a qualquer hora!

Muito obrigado!

A imagem acima mostra o agradecimento pela ajuda na arrecadação de alimentos e o que conseguiram de doação pelos ocupantes da escola B. Essa prática de fotografar as doações arrecadadas são comuns nas páginas das ocupações onde demonstram agradecimento e a conquista através dos pedidos realizados. Sem a doação dos produtos a ocupação poderia não ter ocorrido. Castells demonstra essa prática nas ações ocorridas nos movimentos ao redor do mundo em seu livro Redes de Indignação e Esperança. Os acampamentos feitos pelos manifestantes dispunham de materiais doados e/ou advindos das residências dos ocupantes. Essa ação é comum em movimentos de ocupação já que uma das características, como apontada no quadro trazido no tópico 5.3 desse Capítulo, é a não administração com base em dinheiro.

Nenhuma organização vive sem recursos alimentícios e básicos de higiene, além de outros utensílios. Não vemos movimentos como esse arrecadando dinheiro para que pudessem

¹⁴⁰ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 02 dez. 2019.

realizar suas ações. Dessa forma, através das redes sociais da Internet era possível que essas necessidades fossem "divulgadas e amplificadas, trazendo o mundo inteiro para o movimento e criando um fórum permanente de solidariedade, debate e planejamento estratégico" (CASTELLS, 2013, p. 133).

Nas páginas das escolas era possível observar uma relação de troca entre as ocupações. Eles trocavam materiais de higiene e alimentação entre eles como forma de equilibrar as doações recebidas. O apoio, a acolhida, o compartilhamento constante de informações fortalecia esse processo. Por vezes uma ocupação possuía demais alguns alimentos e outras estavam precisando de donativos e vice-versa. Como já destacado anteriormente, havia centrais de Ocupação que eram páginas criadas como forma de se ter uma rede de conexão entre as diversas ocupações que aconteciam pelas escolas do Estado do Rio e de outros Estados do país.

Essa era uma forma de permanecer conectado em uma interação onde se podia ver uma prática de "solidariedade expressando-se numa variedade de práticas sociais, de autogerenciamento da logística da vida cotidiana durante as ocupações" (CASTELLS, 2013, p. 51).

Familia ocupa resiste nesse momento precisamos de doações de comidas e colchonetes e cobertores , visto que toda nossa comida foi roubada e nossaa coisas levadas !
Improvisamos uma janta e o ocupa esta dormindo no chão ! Mas resistir e lutar até o fim !!!!

#ajuda #doem #familiaOcupa

Figura 55 - Novo pedido de doação na página da ocupação A¹⁴¹

Uma ação de movimentos contrários a ocupação acabou por incorrer em um novo pedido de doações pelos jovens da ocupação A. Como eles mencionam na postagem acima, o

¹⁴¹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 20 dez. 2019.

processo de resistência é contínuo e para que eles conseguissem seguir na luta, eles precisavam das doações constantemente.

Nessa situação que ocorreu acima na ocupação da escola A, o clima era de tensão já que essa ocupação sofreu várias tentativas de desocupação como destaquei no tópico anterior. Como eles disseram na postagem acima, os ocupantes acabaram tendo que dormir no chão da escola e improvisar a alimentação até conseguirem uma nova arrecadação. Essa ocupação passou por fases muito difíceis, mas ainda assim conseguiram resistir por bastante tempo.

Não apenas materiais para utilização em seu dia a dia, os jovens também pediam doações para que pudessem revitalizar a escola. Materiais de limpeza, artefatos de obra, materiais de pintura e conservação eram arrecadados pelos jovens como forma de promover uma mudança no visual da escola. Era comum ver nas páginas postagens em que eles, de alguma forma, buscavam transformar esses ambientes. Nas três páginas pesquisadas, essa relação de cuidado com aquele espaço era intensa. As imagens abaixo revelam essa interação com o ambiente.



Figura 56 - Jovens da ocupação B cuidando das dependências da escola 142

Os jovens dessa ocupação promoveram ações de limpeza e reutilização de materiais na escola. Pude ver essas produções quando estive na ocupação em 2016. Os jovens aproveitavam bastante a área externa ao prédio. Plantio de mudas, cuidado com o jardim, manutenção do

¹⁴² Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 02 dez. 2019.

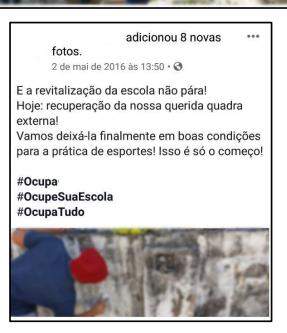
gramado, entre outras ações. Nas três páginas das escolas ocupadas eles sempre publicavam imagens dessas ações de limpeza. Nesse período de ocupação eles faziam a gerência desses espaços. Havia muitas salas de aula, área externa, cozinha, banheiros e outras dependências nesses espaços. Ou seja, muitas ações a serem feitas.

Ainda assim, os jovens decidiram ocupar a escola sabendo da dificuldade que teriam. Gerir todo aquele ambiente era difícil, uma vez que, uma escola precisa de vários funcionários para manter o espaço. Além da questão do espaço havia a problemática da diversidade. Em uma escuta que realizei de um jovem, ele me disse que as pessoas são muito diversas, com hábitos e costumes diferentes. Nesse encontro com as diferenças, muitas relações eram estabelecidas. Em sala de aula, os jovens passam normalmente um turno juntos todos os dias e voltam para suas casas. No movimento de ocupação, esse encontro era diário, mas integral, por vários dias. Alguns diziam que voltavam para casa no fim de semana, outros todas as noites, outros de dois em dois dias. Uma relação diferente do habitual. Ocupar esses espaços com autogerência, determinação, sem medo, sem regras estabelecidas, por eles mesmos.

Essa experiência dos jovens realizarem as ações foi importante para que eles pudessem entender essa dinâmica mais de perto, como disseram em uma de suas falas já aqui anteriormente apresentadas, valorizar o espaço e estar mais perto da escola como um espaço de pertencimento. Uma relação outra onde a escola torna-se sua segunda casa, onde suas ações darão significado à vivência escolar.

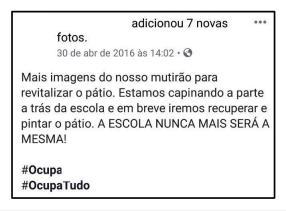
Figura 57- Trabalho de revitalização do pátio e quadra pela ocupação C^{143}

adicionou 18 novas fotos. 14 de jun de 2016 às 13:17 · • Nessa semana continuamos com as atividades de revitalização recuperando um jardim que estava abandonado e que servia de depósito de entulho em nossa escola. Contamos com a ajuda e liderança nessa tarefa: tiramos o lixo, os galhos entulhados, limpamos, podamos as árvores e no momento estamos pensando na ornamentação e utilização do espa... Ver mais



Imagans ratiradas da suas páginas no Eggabook Ao

¹⁴³ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 15 dez. 2019.





As imagens acima mostram os jovens da ocupação C revitalizando a dependência externa da escola. Os jovens fizeram um mutirão onde realizaram diversas ações, dentre elas: a limpeza do entorno da escola, manutenção do jardim que, como dizem, estava abandonado, realizaram a poda de árvores e a pintura da quadra.

Os jovens apontam para o estado de abandono que a escola se encontrava e realizaram denúncia de diversos materiais que estavam amontoadas nas dependências da escola, como cadeiras e mesas, livros didáticos que não foram entregues aos jovens, materiais para realização de experimentos de química que não estavam em locais apropriados e sem utilização.

Todas essas ações foram feitas em diversos momentos da ocupação. Eles contaram com o apoio de visitantes para execução dessas ações. Em um evento que participei em uma ocupação, um jovem me diz que ele, por exemplo, era ex-aluno. Ele me disse que tinha várias

pessoas ajudando na ocupação. Ele aponta para pais de estudantes e professores que estavam no local. Percebia que eles fotografavam as ações que realizavam ali. Circulando pela escola no dia do evento, percebi jovens varrendo, capinando, pintando paredes, entre outras atividades. Entre uma ação e outra os jovens se divertiam ouvindo música e dançando. A alegria era nítida nesse movimento. Sobre esse encontro, eles diziam estar sendo um sucesso pelo alto-falante que havia sido levado para o evento. Pergunto a um jovem que fotograva o evento se aquele registro era importante. Ele me diz que todos que possuem smartphones registram esse processo. Essa, segundo ele, era uma forma de *mostrar que a escola não estava abandonada*.

Os eventos mostrados acima nas imagens da ocupação C tiveram uma repercussão muito positiva em relação ao cuidado que os jovens mantinham com a escola. Nesse processo, cada vez mais pessoas estavam dispostas a ajudar de alguma forma. O apoio que os jovens receberam nesse período pelos ex-alunos, professores, responsáveis e pessoas externas à comunidade escolar fortaleceu o desenvolvimento de ações como essas.

Na imagem abaixo, os jovens aparecem consertando o reboco de uma parede externa. Os jovens não só varriam, lavavam e arrumavam os espaços como também faziam alguns trabalhos mais complexos. O debate sobre como a mulher atua em atividades consideradas como destinadas aos homens fazia parte dessa relação.

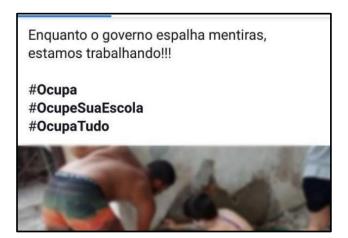


Figura 58 - Jovens consertando o reboco de uma parece na ocupação C¹⁴⁴

A questão feminina apareceu nos diálogos das ocupações. Internamente, presenciei alguns debates durante esse evento. Um grupo feminino estava sentado em círculo conversando sobre as ações que aconteciam na oficina. Me aproximei dizendo que gostaria de saber delas o

¹⁴⁴ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 21 dez. 2019.

que estavam achando daquelas atividades. Nesse diálogo, uma delas comenta sobre o coletivo 'Respeita as Minas'. Andando pela escola eu vi alguns cartazes afixados nas paredes com esse termo além de um grafite com essa frase que tinha sido realizado em uma parede. Elas relatam sobre a importância desse coletivo que trata de questões femininas.

Elas me dizem que de quinze em quinze dias um coletivo feminino se reúne para dialogar sobre situações que envolvem a questão da mulher. Temas como autoestima, violência, solidariedade, doridade e diversidade são trazidos para debate. Esses diálogos vêm ajudando na forma como eles se relacionam. Elas possuem um grupo no *WhatsApp* para diálogo com as participantes. Além desse grupo, outros debates podem ser vistos sobre outras questões como o combate ao racismo e à homofobia. Mais uma vez destaco a presença das jovens. Mulheres, que ocuparam o espaço da escola protagonizando ações diversas nesses espaços.

São ações que visam a transformação das regras de 'normalidade'. São traçados que costurados mostram que essas ações devem ser replicadas no dia a dia do fazer da escola. Essas pautas ganharam visibilidade devido à crescente discussão e produção de material nos últimos tempos.



Figura 59- Cartaz afixado na parede da ocupação C¹⁴⁵

¹⁴⁵ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 21 mar. 2018.

A imagem acima retrata essa questão do respeito de uma forma mais ampla aos grupos considerados 'minorias' e que são alvo de preconceitos em nossa sociedade. Essas e outras ações são desdobramentos desse movimento de ocupação que deixou seus fios para que outras tessituras sejam costuradas.

Quando destaco as ações realizadas através das imagens nesse capítulo, busco compreender, a partir das imagens, o sentido das ocupações pela escolha das imagens que eram registradas e postadas pelos jovens tendo em vista que elas se repetem nas páginas das três ocupações que analisei. Essa convergência aponta modos de ver pelas escolhas das imagens feitas por eles. Para aprofundar a reflexão acerca do sentido desses registros por imagens trago a seguir o relato de uma oficina de grafite que vivenciei numa das ocupações.

5.6 Oficina de grafite

Uma das ações desempenhadas pelos jovens nas ocupações era a realização de oficinas de grafite. Acompanhei um desses dia de ações em uma das ocupações que acompanhava através da página no *Facebook*. A partir de chamadas na página para participar do evento que era aberto ao público, optei por acompanhar esses movimentos que se desenvolviam naquele espaço de ocupação. A minha escolha por trazer este pequeno tópico foi por ser um evento em que os jovens produziram ações voltadas para visualidades. O dia de evento consistia em realizar imagens relacionadas ao cotidiano dos estudantes e que de alguma forma expressasse representações juvenis. Pensava que num evento como esses, perceberia melhor os sentidos da produção de imagens como o grafite. Imagens sendo produzidas que os representassem e que falassem deles. Estar num evento desses poderia ampliar meu entendimento acerca dos sentidos dessas imagens para eles.

Frequentando a oficina, percebi que o intuito maior do evento consistia em realizar grafites no interior da escola utilizando doações com materiais arrecadados. O *grafite* é uma expressão de natureza comunicativa transgressiva. Sua manifestação ocorre de formas múltiplas em ambientes urbanos. Como aponta Lima

A origem dos graffiti remonta à pré-história, das pinturas rupestres aos escritos e desenhos das civilizações antigas (Grécia, Roma, Egito, Pompéia, Monumentos Maias e Astecas etc.), passando pelas inscrições corporais (escarificações e tatuagens) encontradas em diversas tribos indígenas (Riout et al., 1985). Sua etimologia deriva do Grego graphein, verbo que significa escrever, desenhar. O conceito moderno de graffiti vem do Italiano graffito (no plural graffiti). Esse tipo de manifestação artística atravessou séculos, mostrou-se uma prática presente nas mais diferentes civilizações e vem ganhando novas formas, estilos e suportes (2018, p. 25).

Atualmente, quando nos referimos ao termo *grafite*, expressamo-nos como uma comunicação artística que se manifesta em espaços públicos inscrita em paredes e muros da cidade. Manifestações como estas podem ser encontradas ainda em trens de circulação, ônibus, recipientes de lixo, prédios, paredes e em diversos outros objetos como forma de ressignificar e inscrever uma manifestação artística no local ou objeto. A forma mais recente de *grafite* a qual temos acesso atualmente tem sua configuração onde estudiosos da área o inscrevem na literatura como surgido nos Estados Unidos na década de 70 em Nova York.

O grafite norte-americano, segundo Campos (2013), deriva da cultura hip-hop emergente no período, a qual correspondia à manifestação visual de um movimento composto igualmente pela vertente musical (Dj e MC) e de dança (Breakdance). Este movimento é o veículo de comunicação usado para expor a realidade das ruas. No Brasil (SPINELLI, 2007; VENTURA, 2009; CAMPOS, 2013), o graffiti começou a se fixar no final da década de 1970, em São Paulo. Os artistas brasileiros, não satisfeitos com o graffiti norte-americano, começaram a incrementar a arte com um toque brasileiro. E hoje, o estilo do graffiti brasileiro é reconhecido entre os melhores de todo o mundo (LIMA, 2018, p. 26).

Expressão marcadamente realizada por jovens, o *grafite* na cidade do Rio de Janeiro se apresenta nos mais diversos espaços. Basta circular pela cidade para não demorarmos de ver algumas dessas marcas inscritas nos seus mais diversos estilos. Nas escolas também é possível observar essas marcas nas paredes e muros. Andando por essa cidade, tenho em minha mente a imagem dessas inscrições em diversos espaços por que passei e passo diariamente.

Nas escolas ocupadas essa marca é também comum. Em diversas páginas às quais eu observei nesse tempo de pesquisa, pude identificar essas inscrições presentes nos espaços, fotografadas e publicadas na rede. São marcas presentes e que não aparecem em função do movimento de ocupação apenas, mas uma expressão marcadamente característica dos jovens.

O interessante foi perceber a riqueza encontrada no evento que os sujeitos de uma escola organizaram e a potência que essa marca artística representa para esses jovens. Presenciar esse evento promoveu em mim, pesquisadora, um sentimento onde pude compreender, naquele momento, essa vibração. Sabendo do teor do evento e da possibilidade de poder estar presente enquanto ele acontecia, ver como tudo aquilo se dava e as ambiências formativas às quais eu poderia estabelecer seria de uma riqueza enorme.

Para minha surpresa, a ocupação estava cheia. Música alta, animação, estudantes, professores, ex-alunos, responsáveis de alunos e funcionários estavam presentes. Logo, um jovem me recebe para mostrar o espaço e o que estavam realizando. No caminho, subindo as

escadas, vejo um grupo de jovens fazendo alguns desenhos. Pergunto a eles se esses desenhos serão grafitados, eles dizem que sim.

Subi as escadas e entramos no refeitório. As merendeiras preparavam o almoço. Nesse momento, elas faziam um relato sobre as expectativas delas em relação ao evento. Nesse caminho, percebo que havia uma câmera direcionada ao que elas realizavam. A câmera tinha um aspecto de um modelo profissional. Eu questiono, então: - "Vocês estão fazendo o registro das atividades?" Ele responde que sim. Eles pretendem fazer um documentário sobre esse dia.

Logo saí e me direcionei ao fundo da quadra de esportes. Lá, jovens capinavam o mato que estava alto. Em outro local, um mutirão estava carregando livros pelas escadas transportando-os para outro lugar. No caminho para o corredor, alguém realizava riscos de grafite em uma parede externa. Eu percebi que aquelas visualidades ali grafadas, no decorrer daquele dia, exprimem impulsionamentos, desejos, demandas, calores, discussões, anseios, repulsas, inspirações e caminhos.

O pai de um jovem, grafiteiro, se ofereceu para ministrar a oficina junto a um amigo. O rapaz ajudava os jovens no contorno do desenho, nas linhas, nas nuances, na escolha das cores. Ele dava dicas de como sombrear, como dar destaque e ao final, eles expressam sua marca. Conversando com esse pai ele me disse que já esteve presente em outras ações acompanhando as atividades do filho nas ocupações.

Dentre as imagens que eu via grafitadas nas paredes havia temas que tratavam de questões de gênero, racismo, preconceito, respeito a mulher, resistência, luta, desigualdade social, entre outros. No final do evento realizado, os jovens publicaram o dia de oficina na página do *Facebook*. Acessando a página, observo que havia apenas seis fotos publicadas daquele dia que vivenciei. As imagens não pareciam revelar todo aquele fantástico momento que eu havia presenciado.

Foi um momento único com diversos elementos que poderiam ser retratados. Parecia que todo o evento se resumia a seis publicações realizadas, porém o movimento não foi apenas esse. As publicações traziam o resultado que eram os grafites, tema da oficina proposta, mas ali, naquele dia, eu percebi muito mais do que isso. Como dar destaque para um ou outro fato? Como fazer essa seleção? O que poderia ser considerado importante para mim, poderia não ser para os outros. E então, mais uma vez percebia que observar somente a página não abarcaria o entendimento das experiências ali vivenciadas. O que mostrar? Por que mostrar? Quem pode

ver? Que olhos verão? O que escolhem deixar visível e o que está por trás dessas invisibilidades?

É muito mais do que um registro em imagens. Fato é que aqueles que vivenciaram aquela experiência podem perceber que outros elementos ficam de fora desse contexto. Esses jovens que exprimem seus sentimentos através da arte possuem uma singularidade em suas experiências individuais e coletivas que somente eles podem nos anunciar, ou não. O silenciamento é muito presente e ele diz, e diz muito.

A escuta interpreta e imagina diferentes e diversas variáveis que eu não tenho a competência para descrever. Somente eles, através de seus relatos o podem fazer. É um sentimento do estar presente no movimento. O estar presente que a oficina de grafite, neste dia me proporcionou. Naquele espaço, com um propósito, o simbólico, onde a representatividade vem sendo dialogada e discutida com o coletivo.

Escutar essas vozes, ouvir o meu 'caderno de campo' e navegar em minha memória sobre o que vi, senti e ouvi nesse espaço constituem os passos de minha pesquisa registrados aqui através de suas ações midiativista imagéticas. Em suas falas e em suas narrativas imagéticas, o evento se desdobrou em uma ação artística integrando e promovendo ações entre os sujeitos com vistas à autonomia, criação e transformação. Essa expectativa se revela em algumas imagens publicadas na página.

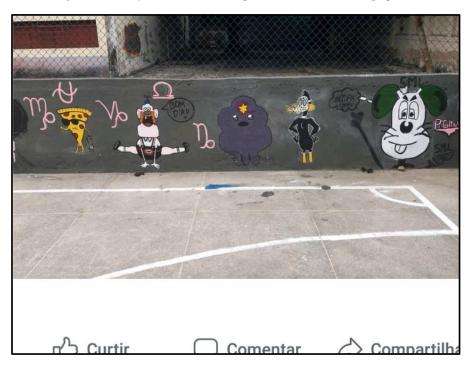


Figura 60 - Grafites realizados na quadra da escola da ocupação C

Essas imagens estão inscritas na parede da quadra. Os jovens grafitaram na parede da quadra o nome da escola. Não trouxe a imagem com o nome da escola aqui como forma de preservar sua identidade. No momento em que eles têm um espaço, como uma parede livre para expressão, eles reproduzem suas habilidades.

Na imagem acima, eles decidiram, por meio do grafite, inscrever os desenhos animados que eles assistem na mídia. Os desenhos atuais que passam em canais fechados, no *Youtube* e outras interfaces, são vistos pelos jovens e eles, por algum motivo, escolhem grafitá-los na parede.



Figura 61 -Parede da quadra grafitada na página da ocupação C^{146}

A temática dos desenhos vem abarcando questões diversas e personagens que exprimem sentimentos, diálogos e situações que em minha época não existia. Como afirma Lourenço em sua dissertação:

Existem princesas com características masculinas e até um personagem masculino que decidiu, enquanto criança, que seria uma princesa quando crescesse (como quem escolhe ser bombeiro ou astronauta). Aliás, gênero e orientação sexual são assuntos bem recorrentes nos desenhos animados atuais (2017, p. 23).

¹⁴⁶ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 fev. 2018.



Na imagem acima, os jovens demonstram os outros desenhos grafitados e deixam uma mensagem que diz: "Onde houver injustiça, haverá resistência!". O grafite principal segue assinado pela pessoa que grafitou a mensagem. Bem característico do gênero, os grafiteiros, após expressar sua arte, assinam a obra como nos revela Pereira (2010). Eles não assinam seu nome, mas expressam uma grife que seria do grupo ao qual pertencem. Assim como na pichação¹⁴⁷ em que um jovem realizava na parede durante o evento.

Pergunto a ele o que aquela inscrição significa e ele me diz que ela representa um grupo de jovens, mas não todos eles. Pergunto a ele que se poderia explicar mais detalhadamente o que representaria. Ele me diz que seria um tipo de símbolo de amizade, um símbolo de integração, um emblema. As pessoas quando o veem identificam que se refere aquela ocupação.

As imagens nem sempre irão representar todo o movimento. Observei enquanto estive presente no evento de grafite que os jovens faziam discussões sobre quais imagens representariam determinadas questões, quais deveriam ficar de fora e em que local poderiam ser inscritas. Nem sempre a escolha agradava a todos, porém, na maioria das vezes, a situação era respeitada. Presenciei uma discussão onde uma jovem questiona um ex-aluno dizendo que

(p. 146). Esta estaria inscrita dentro de uma modalidade do grafite como aponta o autor.

¹⁴⁷ De acordo com os estudos de Pereira (2010), pixação (o autor grafa com x propositalmente) "é uma manifestação estética de parte da população jovem das periferias. Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pichador individual. Essa pixação possui um formato bem peculiar: com traços retos e angulosos, ela diferencia-se do que seria o estilo norte-americano de pixação cujo formato arredondado lembra mais uma rubrica"

ele não deveria ter inscrito uma imagem com grafite sem ter perguntado aos outros se concordavam. Ele explica que nenhuma imagem que estava sendo inscrita o representava e, então, resolveu grafitar a que o representava. Ela disse que aquela ação era coletiva e não individual e, ainda assim, ele insistiu em manter a imagem na parede.

A jovem me pergunta o que eu havia achado daquela situação tendo em vista que eu havia presenciado o debate. Eu disse que eram questões deles e eu não gostaria de interferir. Ela desabafou dizendo que ele era um ex-aluno e sua ação foi arbitrária. O interessante foi perceber essa relação de preocupação com o coletivo que a todo o momento era visto. Por outro lado, havia a questão da invisibilidade, já que, a escolha de não inscrever uma determinada imagem pode incidir em uma invisibilidade de uma determinada questão identitária como foi argumentada pelo jovem.

Antes de qualquer imagem no evento ser grafitada na parede, uma discussão em torno de quais seriam as cores e quais imagem os representavam aparecia. Como afirma uma jovem em relação a uma imagem grafitada com o símbolo da resistência (uma mão fechada) pintada com as cores da bandeira LGBTQI+. A imagem foi grafitada em uma parede por onde todos devem passar para ter acesso à quadra e ao refeitório da escola. Ela diz que eles gostariam de, através daquele desenho, falar de suas lutas. Ela diz que eles lutam muito e que essa imagem representaria a força deles, a luta, a resistência.

Eles queriam que todos vissem essas representações. Eles dizem que queriam que quando as aulas retornassem, todos vissem essas inscrições na parede. Um jovem diz que é como se fosse o sangue escorrendo. O sangue da luta dos jovens reivindicado nos movimentos. As cores da bandeira LGBTQ+, que como diz o jovem, deve ser mostrada como *forma de lembrar a todos que eles estão naquele espaço que não devem ser ignorados nem sofrerem homofobia*. Outra imagem grafitada contava com a inscrição "Revolução LGBTQ". Mais uma vez a questão de gênero aparecendo nas demandas representatividade pelos ocupantes.

Infelizmente não consegui trazer para esse texto essa imagem já que ela não foi publicada na página da ocupação. A maior parte das visualidades e ações registradas pelos jovens não foram publicadas na página. Os temas que não apareciam nas postagens, mas eram visíveis nos grafites dentro da escola, eram temas relacionados a questões de gênero, homenagem à Mariele Franco, preconceito racial e desigualdade social.

Eu me perguntava por que determinadas imagens identitárias tão importantes para eles não eram publicadas? Que questões estão imbricadas nessas escolhas pelas imagens a serem expostas? São questões que pensava, mas que somente eles poderiam me responder. Tempos depois que havia salvado as imagens e as páginas como mencionado no capítulo três, todo o conteúdo da página foi removido. Algumas postagens que gostaria de revisitar não pude ter acesso através de seu link off-line.

Outro grafite que gostaria de ter trazido ao texto, mas que não foi publicado na página se trata de uma imagem inscrita acima da porta do banheiro dos estudantes com palavras que fazem alusão ao processo de ocupação vivido. Lutar, resistir, conquistar. São termos que eles querem deixar inscritos nas paredes para que ninguém se esqueça desse período. Lembrar que essas são palavras que devem estar em mente a todo momento, já que, é sempre preciso estar atento, lutando e resistindo. O ataque à escola pública é constante. Essa luta, nesse sentido, deve ser contínua. Não devemos fechar os olhos para ações que visam torná-la precária. Essa é uma luta de todos!

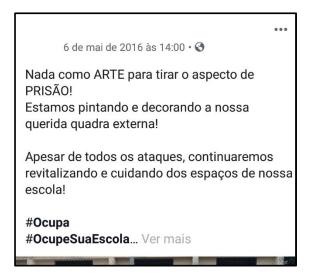
A pesquisa de Campos (2012) realizada em Lisboa mostra que o grafite com suas convenções e códigos estilísticos vem se constituindo, de uma forma cada vez mais sólida, através da "integração dos mecanismos e estratégias de comunicação online na prática do grafite e na constituição e hierarquização deste campo social" (2012, p. 544). Ainda segundo o autor, é característico do grafite urbano a sintonia que se perfaz de "hibridismos de linguagens visuais, da mistura de técnicas e tecnologias expressivas, da criatividade e inovação" (Ibid.).

O grafite se hibridiza com os processos tecnológicos de registro de imagens articulados à internet. As ocupações que pesquisei também se mesclaram a essas abordagens onde as ações ativistas utilizam-se de imagens através da comunicação digital em rede.

5.7 Evento artístico e bem-estar

A produção de material artístico esteve presente nas ações dos jovens durante a ocupação. Assim como no tópico trazido acima sobre a oficina de grafite outras atividades artísticas e de bem-estar puderam ser vistas nesse período também nas outras ocupações. Em cada página acompanhada, selecionei algumas imagens que representam as ações dos jovens através deste tipo de manifestação. Começo este tópico com a apreensão dos jovens da ocupação C sobre a arte.

Figura 62- A arte no processo de ocupação 148



Algumas palavras presentes nessa publicação são chave para compreendermos como a arte é importante para os jovens nesse movimento. ATAQUE, PRISÃO, ESCOLA, ARTE. Palavras carregadas de significados. As palavras ataque e prisão poderiam ser classificadas como antagônicas, nessa publicação, à arte e escola. Essa relação, por si, já consegue transmitir o que esse movimento revela sobre o dia a dia. O que eles almejam, o que desejam, no que acreditam, o que percebem. Essas e outras imagens destacam suas apreensões sobre o hibridismo arte e educação. Elas revelam a potência que a arte e educação trazem consigo.

Pensar na arte nesse contexto que eles trouxeram me remeteria a outra palavra que seria o oposto de prisão, mas libertação. Eles chamam a quadra onde praticam atividades físicas com carinho. Querida quadra. Um local onde se encontram, interagem, um potencial de libertação. Visitando algumas ocupações, percebo que esse é um local que os jovens gostam de permanecer.

Carregando pequenas caixas de som, de pernas cruzadas sentados à beira da quadra, observando quem ali jogava, ouvindo hip hop, funk, rock e outros gêneros musicais. Lanchando, realizando uma pintura no caderno, deitados, conectados. Os jovens estabeleciam suas conexões de diferentes formas naquele espaço. Um espaço juvenil, onde além das atividades diárias, eles realizavam uma ação de tomada do lugar pelo reconhecimento da escola como um espaço de formação, um espaço marcado por diferentes trajetórias e experiências. Em

¹⁴⁸ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 20 fev. 2018.

um evento de revitalização de uma escola, um jovem me diz que eles estavam deixando a escola mais a cara deles. Ele dizia que *queria ver o horizonte e que os estudantes valorizariam muito mais a escola vendo essas* mudanças. Estava acontecendo ainda, uma maior aproximação também entre aqueles que estavam se distanciando. Todas aquelas modificações realizadas por eles os representavam. Eram atores daqueles processos.

O horizonte que o jovem menciona se revela como o além, para além do que eles estavam acostumados. Eles queriam experimentar o novo, ter contato, troca, diálogo. Percebo em sua fala uma busca por representação nas imagens que eles veem na escola e que eles buscam representar através de desenhos, fotografias, perfis, grafites, memes, vídeos, em suas roupas, em seus dizeres.

Em suas palavras, essas ações que vem sendo desenvolvidas *aproxima os jovens da escola por se reconhecerem nesse ambiente*. Percebi que nesse evento havia estudantes, exalunos e outros jovens que ficaram sabendo do evento que ocorreria na ocupação e decidiram ver de perto o que acontecia e participar. Na publicação abaixo, percebemos que eles assumem essa postura ativa de participação e convocam a comunidade discente a continuar participando das ações desenvolvidas na ocupação.

O comentário da imagem que trago abaixo corrobora com o que o jovem disse acima. O engrandecimento, a valorização de suas ações. Em suas palavras na imagem: "queremos encher o espaço de um lugar propriamente nosso e de um tempo investido para o engrandecimento dos alunos, movimentos culturais e participativos que ajam para integrar ainda mais a comunidade discente".

Eles realizam muitas ações, e o que eles fazem deve ser valorizado, deve ser exposto, deve ser dito. Como um jovem me diz em outra ocupação, que *os alunos são a escola*, fazem parte dela. Um deles disse que *queriam um espaço "nosso" e não de "outros"*. A escola tem que ser um lugar onde eles sintam que seja para eles e não para um modelo de estudante que não condiz com suas realidades, vivências e experiências.

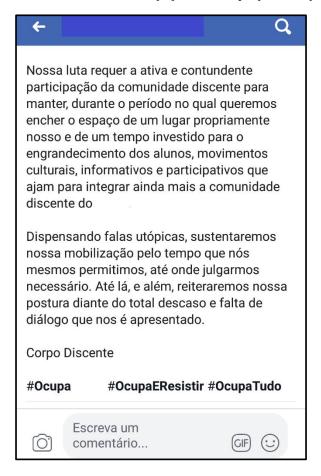


Figura 63 - Atividades culturais na ocupação B, destaque para a importância 149

Os jovens da ocupação B realizaram uma atividade em uma cidade de Minas Gerais. O colégio possui um grupo de arte que atua realizando encenações misturando dança e tratando de temas cotidianos. Em uma apresentação durante a ocupação, eles encenaram retratando o desastre acontecido em Mariana-MG, causado pelo rompimento de uma barragem que atingiu parte de sua cidade. Na publicação, eles dizem que a luta não é de agora.

Antes da escola ser ocupada outras ações vinham sendo feitas como forma de militância. Como já dito em outro momento, a militância dos jovens se faz de diferentes formas. A ocupação é uma dessas forma de atuação ativista. Em comum, as imagens ganham destaque nesse cenário em que vivemos já que, a cultura atual é caracterizada por uma cultura do visual.

¹⁴⁹ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 fev. 2018.

A LUTA NÃO É DE AGORA!
O grupo é uma prova da militância dos jovens Criado em pelos próprios alunos, junto ao professor o grupo tem como objetivo principal trazer o jovem... Mais

Figura 64 - Grupo de arte da ocupação B se apresentando nas ruas de uma cidade de MG¹⁵⁰

Os jovens da ocupação A realizaram uma programação cultural em um dia de ocupação. Houve uma oficina de grafite e apresentação musical de bandas. Nessa relação que eles estabelecem naquele espaço, a arte é uma forma de aliviar a tensão que um movimento como esse provoca. Pequenas bandas se apresentaram na ocupação criando um clima descontraído entre os estudantes. Bem característico dos jovens eles se reúnem, tocam algum instrumento, cantam e utilizam seus dispositivos móveis conectados à internet para registrar e publicar nas redes que estão conectados.

No dia a dia dos estudantes nas escolas de Ensino Médio, quando ministrava aulas, percebia essa relação constante entre eles. Um jovem tocando violão no canto da quadra ou do pátio da escola e colegas ao redor cantando, improvisando um artefato como instrumento de percussão. Reuniam-se por questões afins, e voltados para diferentes gêneros musicais como rock, funk, rap, gospel, sertanejo, assim como pude presenciar na ocupação. A ocupação possibilitou uma maior integração entre esses grupos, que por afinidades acabam por se distanciar. Cotidianamente, os jovens só têm mais contatos uns com os outros durante o intervalo das aulas ou na entrada e saída do colégio.

¹⁵⁰ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 fev. 2018.



Figura 65 - Ocupação Cultural na ocupação A¹⁵¹

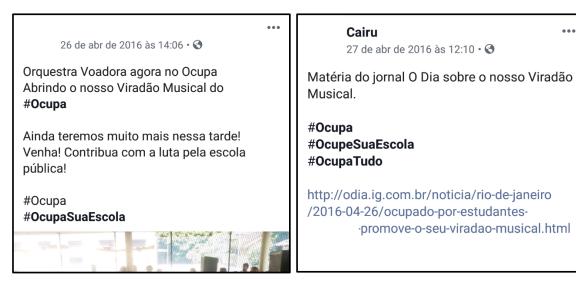
A ocupação era um espaço onde essa integração era vista. Os diferentes pensamentos, gostos, sentimentos, modos de ser e fazer continuam a ser diferentes, mas na ocupação eles passam pelo processo de uma convivência que deve estar para além dessas questões. Elas não são erradicadas, pelo contrário, os atritos eram constantes, porém a potência desse processo se revela na interação entre os sujeitos, na descoberta, na troca, nas ações.

Muitas mensagens circularam ameaçando os jovens, bem como o duro processo de presenciar aprovação das tão temidas Reforma do Ensino Médio, PEC 55, impeachment da presidenta Dilma Rousseff, posse do vice presidente Michel Temer, eleições conturbadas onde uma oposição de ideias pode ser vista de forma clara acirrando os ânimos. Todo esse clima de tensão, de insegurança, de incertezas, tempos líquidos como nos diz Bauman (2009) gera sentimentos que deixam os jovens aflitos.

Dessa forma, as oficinas, as produções artísticas, as diferentes maneiras de reduzir o estresse também é um fator relevante nesse processo. Evento semelhante a esse evento que ocorreu publicado na página da ocupação A também foi visto nas outras duas ocupações. Vejamos:

¹⁵¹ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 11 fev. 2020.

Figura 66 - Viradão cultural na ocupação C^{152}



Há relatos de vários artistas famosos e bandas presentes no Viradão Cultural publicado na página da ocupação C. A recepção de pessoas midiáticas e divulgação do movimento em grandes canais de mídia multiplica o olhar sobre o movimento. Essa interação é de extrema importância para eles, embora, ainda assim, em diversos momentos, dispensarem determinadas alianças já que o espírito do movimento repele envolvimentos partidários e ideológicos.

Essa rede de apoio fazia com que a ocupação ganhasse ainda mais visibilidade como a matéria ao lado da imagem acima mostra. Vários jornais noticiavam as ocupações nesse período. Fazendo uma busca¹⁵³ no site de busca do Google com o termo 'ocupação estudantil secundarista 2016', 54.300 resultados foram apresentados. Dentre as citações há artigos, páginas, editoriais, reportagens, entre outros. Na aba Google imagem não apareceu para mim a quantidade, mas os principais temas relacionados que foram: colégio estadual, primavera secundarista, Ana Julia, Ubes, gestão democrática, Ensino Médio, movimento estudantil, PEC-241, manifestação, educação, nas escolas.

Todas essas palavras apareceram nessa tese em algum momento. Pensar sobre esses termos é importante já que corroboram com o que vem sendo observado desde o início. Pensar também na visibilidade que a ocupação obteve e ações como o Viradão Cultural ocorrido na ocupação C traduz uma sensação de ocupação que busca articular-se nas mais diferentes linguagens, que busca na imagem representar-se. Uma atitude onde o midiativismo se revela através de imagens.

¹⁵² Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 11 fev. 2018.

¹⁵³ Busca realizada no dia 17/03/20.

Uma imagem publicada na página da ocupação B traz um pouco dessa necessidade de pausa, de baixar os níveis de agitação que o dia a dia da ocupação acaba por exercer. Um profissional se dispôs a estar com os jovens nessa relação realizando a atividade. Uma atividade de Yoga e meditação para aliviar a tensão.

A questão da mulher mais uma vez aparece na ocupação, desta vez, um coletivo de mulheres visitou a ocupação trazendo uma abordagem onde atrela a oficina de como montar um turbante com tecido e debate sobre o racismo. Essa interação é importante, já que, mais uma vez, o bem estar se relaciona a questões de troca, diálogo e desaceleração em relação às demandas cotidianas.

As questões sobre a cultura negra e os debates sobre o racismo são temas que devem fazer parte de nosso dia a dia, uma vez que, as questões estruturais que envolvem o racismo estão entranhados em nossa cultura. Como nos diz hooks "a cultura negra de resistência que surgiu no contexto do apartheid e da segregação foi um dos poucos lugares que abriu espaço para o tipo de descolonização que torna possível o amor pela negritude" (2019, p. 47). Nesse sentido, essas oficinas e debates realizados na ocupação culminam em uma

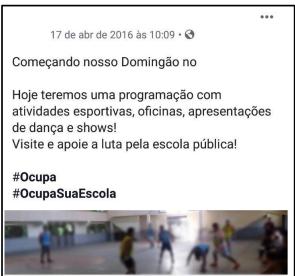
integração racial, em um contexto social em que os sistemas da supremacia branca estão intactos, solapa os espaços marginais de resistência ao divulgar a premissa de que a igualdade social pode ser obtida sem mudanças de atitudes culturais em relação à negritude e as pessoas" (Ibid., p. 47).

O diálogo sobre essa temática não deve esgaçar-se. Esse movimento que tem por característica a luta e a resistência mais do que nunca precisa debater o alicerce das estruturas que estão balizando o racismo. Assim como outras temáticas que se intersecionam e que não são menos importantes devem estar na pauta desse diálogo que deve ser permanente.

Como podemos ver nas imagens abaixo, essas atividades que dialogam com o fazer artístico no movimento estão presente nas páginas da ocupação C de diversas maneiras. Se atentarmos para a data das publicações veremos que elas ocorrem em diversas ocasiões, não se resumindo a um evento único durante toda a ocupação. Ou seja, a escola estava recebendo os jovens com atividades desenvolvidas pelos jovens.

Figura 67 - Coletivo de mulheres negras na ocupação C¹⁵⁴





Os jovens com seu potencial de organizar e desenvolver ações em parceria não se limitavam às ações pensadas para eles. As ações eram feitas por eles, com eles, através deles e junto com eles. Um híbrido que só reforça a ideia de que a escola deve ser pensada por todos. Os jovens, para quem se destina as ações dentro da escola, devem ser também protagonistas das ações desenvolvidas nesse espaço.

¹⁵⁴ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 10 fev. 2018.

Figura 68 - Oficina Relatos de um quarto de despejo e cine-debate sobre beleza negra na ocupação C 155

Fala ai galera, se liguem só no que estamos preparando para sexta!
Oficina: Relatos de um quarto de despejo.

E teremos também um um Cine-debate em seguida sobre beleza negra.

*Sobre o Cine, gostariamos de pedir que garotos e garotas mandem fotos próprias para nós. Estas fotos serão mostradas durante o debate e nos ajudarão no bate-papo . Mande fo... Ver mais



Quarto de despejo uma obra célebre escrita por Carolina Maria de Jesus também esteve presente nas ocupações estudantis. Falar de questões que envolvem o racismo trazendo autores e obras criadas e protagonizadas por pessoas negras são de extrema importância para serem pensadas. Não basta falar sobre, mas pensar a respeito dessas questões com autores que retratam questões cotidianas pelas próprias pessoas que a vivem. Assim como os jovens da ocupação.

¹⁵⁵ Imagens retiradas de suas páginas no Facebook. Acesso em 10 fev. 2018.

A juventude deve ser pensada no contexto de suas ações, dos espaços que circulam, dos dispositivos que utilizam, das redes que estabelecem. Pensá-los como sujeitos que sim, são atores, protagonistas, recebem, produzem e trocam saberes e fazeres em seu cotidiano. Dialogar com os jovens, saber o que pensam, o que fazem, como fazem, pensar nessa juventude que não é e nunca esteve inerte, é de extrema importância.

A ideia de que o jovem é inerte a ações que ocorrem politicamente atravessa os meus ouvidos há algum tempo. Relatos do tipo 'desde os caras pintadas não se vê os jovens militando energicamente' e 'os jovens brasileiros lutaram somente na época da ditadura militar' são exemplos das afirmações que venho escutando ao longos dos anos, bem como o clichê 'vocês, jovens, que são o futuro da nação". Porém, como Carrano acertadamente salienta,

Uma mistificação facilmente encontrada, principalmente nas mídias, é a de que os jovens "de hoje" seriam menos participantes do que os jovens do passado. Há carência de estudos comparativos que possam confirmar a hipótese acima. É preciso dizer, contudo, que jovens de diferentes estratos sociais dão expressivas evidências de rejeição ao ofício da "política profissional" e seus agentes: os políticos. Esta é, sem dúvida, sinalização preocupante, pois, a baixa confiabilidade na política fragiliza a institucionalidade democrática que se organiza na base da representação partidária (2012, p. 95).

A surpresa, no entanto, se deu pelo fato de os estudantes serem considerados "jovens demais" para tomarem esse tipo de postura. Buscando mudar esse cenário de falta de diálogo, os jovens recorriam a tomada de ações que promovessem a conversa, a troca, a interação entre os ocupantes para que no dia a dia da ocupação eles fortalecessem esses laços e aprendessem com as demandas que surgiram.

É interessante perceber nesses diálogos e os efeitos nos sujeitos a partir de ações que se revelam transformadoras no ato de ocupar aquele espaço. Essa vivência permite a percepção de "compreender e nos compreender o que nos permite ser" como bem nos fala Aguirre (2013, p. 296). Na página da ocupação B há a publicação de uma imagem de um cadeado e o seguinte dizer:

[FINITO]

Chegamos ao término da PRIMEIRA ocupação do nosso colégio. O colégio foi trancado, e suas chaves entregues ontem. Foram dias de muita luta, suor, brigas e abraços. E por todas as lágrimas que usamos para trancar o portal principal do colégio, prometemos que a luta vai continuar, pois o colégio nunca mais vai ser o mesmo.

Quando eu, pesquisadora, vejo a imagem do cadeado¹⁵⁶, imagino que esteja relacionada ao término da ocupação. Tenho essa impressão ao analisar todo o conteúdo da página e os rumos que aquela situação estava tomando no período. Agora, observando o texto que está vinculado à imagem, percebo que não é apenas o comunicado do fim da ocupação, mas toda a emoção, o envolvimento e o carinho que esses jovens viveram nesse período.

Em diálogo com um dos ocupantes ele diz que que *precisa do ensino para ser alguém na vida*. Quantas vezes ouvimos essa afirmação? Essa frase que se repete em vários lares todos os dias. Já ouvi em meu seio familiar várias vezes. Em reunião de responsáveis a ouço. A ouço ainda reproduzido nas falas dos estudantes nas escolas em que trabalho. Qual é o lugar da escola nessa dinâmica? Permanece a questão no ar para reflexão.

Em um dos relatos mais emocionantes dessas visitas, um deles revela sua satisfação em ter recebido a visita de um ex-professor do Ensino Fundamental já que o professor se mostrou orgulhoso em vê-lo naquele papel de ator social no movimento. A relação dos jovens com a escola se estreita nesse cenário. O sentimento que os cercam orientam suas ações. Como não sentir satisfação em receber a visita de quem por anos o lecionou. Que viu seu crescimento, que acompanhou parte de sua trajetória.

Eu como professora do segundo segmento do Ensino Fundamental, e, também já tendo lecionado no Ensino Médio, me emocionei ao ouvir esse relato. Eu pensava em quantos estudantes que já passaram por mim que poderiam estar vivendo um movimento de ocupação estudantil. Por onde caminham esses jovens? Onde estariam escrevendo suas histórias? Que marcas têm desse período e como eles se inspiraram em nossas falas para a tomada de decisões em suas vidas.

Um sentimento estranho ocorreu dentro de mim. A alegria que aquele jovem expressou ao dizer que recebera a visita mais importante na ocupação. O olhar daquele professor diante das ações ali desenvolvidas e o afeto retribuído no momento. Pensei que podia ter feito o mesmo. Um sentimento de não ter acompanhado esses caminhos. Inúmeras situações podem ser listadas, mas o fato é que esse relato me marcou profundamente como professora há dez anos.

Nesse caminho, além das visitas que recebiam, eles destacam, mais uma vez, a criação da página como fator de fortalecimento para a ocupação ter continuado. Assim como aconteceu em outros movimentos já mencionados aqui anteriormente, o movimento de ocupação estudantil secundarista que acompanhamos, teve como característica um movimento onde a

-

¹⁵⁶ Imagens retiradas de suas páginas no *Facebook*. Acesso em 06 mar. 2018.

Internet foi um fator de fortalecimento. Como aponta Castells sobre os movimentos que acompanhou pelo mundo e descreve em relatos em seu livro Redes de Indignação e Esperança:

Embora a ocupação do espaço público fosse essencial para que o movimento se tornasse visível, assim como para fornecer apoio a suas principais formas organizacionais, a origem do movimento e sua espinha dorsal durante os protestos devem ser procuradas nos espaços livres da Internet (2013, p. 98).

A pesquisa é um caminho de aprendizados. Os sentimentos nos perseguem. Um momento de escuta, de necessidade do distanciamento e de aproximação ao mesmo tempo. Perceber os entrelaçamentos entre o que se revela e o que se escolhe não revelar. Compreender as visualidades além de seus limites e desafios. Esses momentos caminham por fios delicados. Me sentia, por vezes, como quem caminha em cordas bambas. Refletir sobre nossa prática é uma necessidade diária! Trago abaixo um quadro síntese dos tópicos apresentados aqui nesse capítulo.

Quadro 2 – Síntese dos temas tratados no capítulo 5

TEMA	OBJETIVO	ARTEFATOS	O QUE ELES DIZEM
Confecção de cartazes	Através de algumas palavras escritas e desenhos buscam chamar atenção para alguma reivindicação. Buscam ainda informar e marcar visualidades identitárias.	Materiais do dia a dia utilizados na escola como tintas, pincéis, cartolinas, folhas de caderno, canetas de hidrocor além do uso de artefatos digitais online produzindo, divulgando e interagindo nas redes.	Afixar um cartaz na parede já se configura como uma forma de protesto. Através das imagens foi possível dar visibilidade às ações. Digitalizar, divulgar, compartilhar.
Oficinas e cronograma de atividades	Através de atividades desempenhadas no cotidiano das ocupações as oficinas eram realizadas com uma característica educativa e as ações sendo divulgadas através de cronogramas.	Voluntários que se dispunham a estar com os jovens oferecendo atividades (responsáveis de alunos, estudantes de universidades, professores etc.) Atividades realizadas em diversos espaços da escola tratando de diversos assuntos.	A escola também é lugar de poesia. A música é uma das nossas maiores armas contra aqueles que nos tiram direitos. Criamos, conversamos e experimentamos. Estabelecer redes de contatos. O apoio dos responsáveis e pessoas que buscam conhecer o

Manifestos, pauta da ocupação, assembleias, passeatas	Promover um diálogo horizontal junto aos ocupantes. Expor as reivindicações e demandas do movimento em diálogo com outras ocupações que estavam ocorrendo. Demandas e conquistas que estão para além da luta de cada escola ocupada. O coletivo é entendido como uma união de forças em conjunto incorporando questões específicas.	Gramáticas visuais que através de diferentes formatos ajudam na promoção das reivindicações. Cartazes, faixas, microfones, dispositivos móveis conectados, autofalantes, carros de som, passeatas, atas e pautas. Indivíduos e coletivos formando um grande corpo que ocupa ruas, avenidas e escolas. O diálogo como ponto principal que atravessa as decisões e ações a serem tomadas.	movimento fortalece a ocupação. Deixar claro as motivações para as pessoas. Preconizavam participação de toda a comunidade escolar para pensar a educação. Dispensam grupos externos manipulando as atividades pensadas e desenvolvidas. Necessidade de ampliação do debate utilizando os aportes da comunicação digital em rede. Eram motivados por diversas necessidades regidas principalmente pela ampliação da participação e intervenção nas tomadas de decisão.
			Maior experiência da vida e agora nós sabemos que temos voz.
Tentativas de	Momentos	Diálogo institucional	O pior momento são
desocupação	conflituosos	ou falta dele na	os ataques dos
	promovidos por	condução da	'desocupas'. São
	pessoas não ligadas à ocupação (não-	ocupação junto aos estudantes. Invasão	momentos de pânico. Preparados para o
	institucional -	de pessoas não	que pudesse
	pessoas externas à	ligadas ao	acontecer.
	escola e/ou alunos	movimento e	Mantinham uma
	descontentes com a	desconhecidas à	pessoa do grupo de
	situação de	comunidade escolar	vigília durante a
	ocupação, e	com ataques verbais,	noite e dia. Comissão
	institucional –	ameaças e tentativas	de segurança
	Secretaria de Educação, Conselho	de confronto físico – os chamados	monitorando a entrada e saída das
	Tutelar e outras	'desocupas'. Alunos	pessoas dentro do
	entidades que	que não	espaço. Conseguiam
	citiadaes que	que nao	espaço. Conseguiani

buscavam dialogar de maneira a fazê-los desocupar o espaço). Através das narrativas nas páginas mostravam o que realizavam ali dizendo que seus movimentos eram legítimos. concordavam com a situação de ocupação e que seja através das redes ou tentativas de diálogo buscavam retornar à 'normalidade' da escola. Através dos seus dispositivos móveis conectados em rede, filmavam, fotografavam e distribuíam as imagens de forma a mostrar o que acontecia em relação aos ataques, de preferência, em tempo real.

suporte através de pessoas que iam visitar a ocupação e se sentiam mais seguros com os apoios recebidos. A seleção das imagens a serem divulgadas eram mais dinâmicas principalmente quando se tratava de uma movimentação de desocupação e situação que colocassem suas integridades físicas em risco. Os tensionamentos também deveriam ser expostos nas publicações.

Arrecadação de doações, cuidado e limpeza

Através de campanhas pedindo ajuda para o movimento, os jovens realizavam listas e as publicavam nas páginas do Facebook com o objetivo de arrecadar doações para conseguir se manter ocupados e para realizar melhorias na escola.

Limpando, organizando e recriando os jovens mantinham o espaço e mostravam a todos, através de fotos publicadas nas páginas, como eles conseguiam se manter de forma autônoma e transformando esse espaço com criatividade. Movimento que não

Materiais de limpeza e cuidado, em muitas vezes levados de casa pelos próprios jovens ou arrecadados através de doações com pedidos publicados na rede social. Imagens fotografadas das ações desenvolvidas através de dispositivos móveis e publicadas nas páginas do Facebook.

O contato através da página criada no Facebook era uma forma de conseguir fazer uma campanha de doação. Além de publicar imagens de lista de doações estavam preocupados em dar o retorno sobre as doações que conseguiam arrecadar. Troca de materiais entre as ocupações. As pessoas são muito diversas com hábitos e costumes diferenciados. Valorizar a escola e endente-la como um espaço de pertencimento. Através de suas ações registradas eles dizem que a escola não estava abandonada e o cuidado poderia ser

	se faz através de administração com base em dinheiro, mas através de doações.		feito por eles através de uma ação de autogestão naquele movimento.
Oficina de grafite	Ações voltadas para expressão do cotidiano do movimento, demandas, anseios e representatividade. Através de grafites, os jovens se expressavam. A essência do grafite está na expressão transgressiva através de inscrições em paredes e muros da escola. Expressão marcadamente característica dos jovens digitalizada e compartilhada nas redes. Emaranhado de narrativas que se dá como mais do que uma mera representação simbólica, mas como uma marca de integração, ressignificação, representação e transformação.	Arrecadação de materiais como tintas, sprays, pincéis e outros artefatos de pintura através de doações. Voluntários, responsáveis de alunos, professores, visitantes e exalunos ajudando na construção de um ambiente de integração, expressão e transformação através de ações artísticas. Registro das atividades, digitalização das inscrições em grafite nas paredes através de dispositivos portáteis. Compartilhamento nas redes sociais. Narrativa descrita na página da ocupação no Facebook. Temas diversos representados através de inscrições e cores.	A inscrição os representa. Nem sempre representa todo um grupo, mas um determinado coletivo. A imagem tem uma intencionalidade. Discussão entre quais imagens podem ser inscritas nas paredes e quais devem ficar de fora. Imagens representativas de um coletivo. Invisibilidades sentidas por alguns indivíduos. Falar de suas lutas através do midiativismo imagético. A resistência, as questões identitárias eram situações imprescindíveis a serem abordadas por eles nessas ações. É preciso estar atento, lutando, resistindo.
Evento artístico e bem-estar	Através de eventos artísticos e atividades que promovessem o bem-estar, os jovens se reuniam e abriam o espaço da ocupação para desenvolver atividades. Militância que se faz de diferentes formas, incluindo a artística. Mais uma vez as	Música, canto, instrumentos musicais, grafites, pinturas, oficinas, aulas de yoga, teatro, relaxamento, meditação, visita de artistas, capoeira, literatura, jongo, palcos improvisados, caixas de som trazidas de suas casas e outros artefatos.	A arte retirando o aspecto de prisão da escola com suas inscrições e marcas características da juventude. Queriam ver o horizonte através das mudanças. Jovens atores do processo de mudança. Aproximação dos jovens na escola por

visualidades se destacam nas ações ativistas dos jovens.

Trazem atividades que tratam ainda de temas diversos como diversidade e inclusão.

Com muitas cores, estilos e performances os jovens buscavam na libertação e autonomia transformar o espaço ocupado. Os jovens que antes faziam parte de diferentes grupos se juntam nesse movimento já que o processo de convivência está para além das questões de grupos e/ou bolhas que se distanciam. Os atritos eram constantes, mas encarados como inerentes ao processo de convivência.

se reconhecer nesse ambiente. Queriam um espaço deles e não dos outros. Tempo investido no engrandecimento dos alunos. Movimentos culturais, informativos e participativos que ajam para integrar a comunidade discente.

COSTURANDO ENREDOS, TRAÇANDO CAMINHOS, AMARRANDO OS PONTOS: A ESCOLA COMO UM ESPAÇO PÚBLICO



Figura 69 - Nuvem de palavras da tese¹⁵⁷

O medo de amar é o medo de **ser** Livre para o que der e vier Livre para sempre **estar onde o justo estiver**

O medo de amar é o medo de ter De a todo momento **escolher** Com acerto e precisão a **melhor direção**

O sol levantou mais cedo e quis Em nossa casa fechada entrar pra ficar

> O medo de amar é não **arriscar** Esperando que façam por nós **O que é nosso dever**

> > Beto Guedes

¹⁵⁷ Nuvem criada pela autora do texto através do site <<u>https://www.wordclouds.com/</u>>

_

Em um dia de domingo, escrevendo esse texto, escuto a canção de Beto Guedes que ecoava bem baixinho na varanda de minha casa. Admiradora de seus trabalhos, já ouvira esta canção outras vezes, mas, desta vez com mais atenção e, inspirada ou não, porém certamente tocada pelos sentimentos que me tomavam naquele instante, respirei profundamente e a ela escutava e refletia. Como soou bem naquele momento essa escuta. Uma escuta que não se dá em qualquer momento. Ela se dá em um momento específico, sem predefinições.

Arriscar, o ser, a melhor direção, o estar junto, o que é de nosso dever, essas palavras proferidas sobre o termo 'amar' se assemelham ao que os jovens buscavam nas ocupações das escolas. O amor ao local onde frequentavam. Amor, palavra tão forte. Exprime um desejo de partilha, de ganho, de fazer e ser. Em relação aos movimentos de ocupação, fazer e ser diferente.

O processo de escuta que realizei através de recriações, ressignificações a partir do lado daquele que se atenta, interpreta e seleciona tais diálogos se percebe através de um movimento contínuo por parte da pesquisadora, eu, Raquel. Essa busca pela ressignificação deve ser infinita, uma vez que, o meu processo de escuta está repleto de subjetividades que me atravessam a todo o momento. Como um movimento em que sons intercalados por pausas se encontram e ecoam.

Caminhos de escuta, lugares de fala: reconhecimento dos caminhos por onde transito, de onde venho e até chegar aqui. Cotidiano em sons: ouvir os sons e lugares. Pensar em meu próprio lugar de fala e explorar suas histórias, pontos de vista, colocações e os entrelaçamentos do agora-memória. O que vem daí? Para onde vai? Como flui? Como é este movimento e sua impermanência? Que som traduz estes lugares, pensamentos e sensações sobre isto? A voz é o estar no mundo. Fazer ouvir sua voz é a metáfora para participação, para existência, e ao mesmo tempo para a singularidade. O timbre que faz reconhecível a pessoa. Forma de onda imbricada com presença. Uma existência através da voz. (NOGUEIRA, 2017, p. 7).

Os diálogos são perpassados por caminhos que oscilam entre a narrar, escutar, ver e interpretar. Uma via de mão dupla. Uma estrada que encontra bifurcações em seu caminho, que interpela por um continuar, pausar ou cessar. O que pode ser falado, visto e entendido irá depender das percepções que se encontram naquela relação. A narrativa é tecida por vozes e visualidades que se atravessam, respondem, questionam, exaltam, interpelam.

O atravessamento dessa leitura me fez despertar um sentimento que ainda não havia experenciado. Ou talvez sim, mas não pensado sobre ele, não de fato abstraído ou concretizado. O texto convida o leitor a sentir o embaraço que as diversas sensações que ao ler um texto,

interpretar uma imagem ou realizar uma escuta possam ter causado nós, nos atravessando. Esse atropelamento, esse fragmentar-se só é possível quando se está aberto à imersão.

Os rascunhos que realizava em meu caderno de campo, as escutas que fazia da gravação de minha voz relatando o que não conseguia escrever, os registros que não fiz, as imagens que não registrei e que apenas pude relatar me faziam reviver aqueles momentos. O descobrir que realizei naquele instante, ainda que buscasse através de registros digitalizados ter acesso, não se materializaria novamente. Aquela experiência que ali se fazia, ficou no passado, mas presente em minha memória e na memória dos sujeitos que estavam participando daquelas ações.

No percurso de minha escrita deparo-me com os dizeres e não-dizeres que integram o texto. Difícil é conseguir adentrar em uma construção onde as brechas não me escape. Como as brechas existentes nos telhados. Pássaros, insetos adentram seus espaços, preenchem seus vazios. As contradições ocupam esse papel na escrita. Assumir essa prerrogativa, ao final de um longo texto, parece-me um tanto quanto plausível. No entanto, uma pergunta me inquieta: É possível a contradição não existir? Conseguirei dar conta de respostas às questões que interpelei? É preciso respostas?

Ao final desta escrita, vejo sua integralidade, sua lindeza, sua latência e percebo que mais questões hão de surgir. Mais revisões, mais pensamentos, mais diálogos a serem feitos. A escrita que não está finita. O infinito tampouco é o que almejo, mas reconheço a inexistência de limites, barreiras. O fim está em nós. O quanto nossa interpretação nos faz transbordar as beiradas de um copo cheio ou limita-nos a enchê-lo até sua borda.

Uma intencionalidade que, por vezes, nos trai. Como não pensar nas amarras que uma escrita em sua linearidade não nos faz cair? Como pensar nas amarras onde seus nós devem ser desfeitos um a um permitindo-nos enxergar além do que vemos? Como permitir-nos a contradição? Arriscar e assumir são palavras que venho ouvindo nesses quatro anos da construção da tese. Tão simples em sua escrita, mas tão complexas em seu significado. Assumir e arriscar parece-me uma tarefa que nos convida ao novo, ao desconhecido. Uma viagem sem rumo, sem direção, mas que ao mesmo tempo, em sua itinerância, os percursos se abrem, as bifurcações emergem, as trilhas se fazem, os caminhos são traçados.

Acredito que a lindeza de um texto esteja exatamente nesse desconhecer, nesse caminhar, no deixar ser e aparecer, nos atropelos, nas errâncias, nos achados, no fluir, nas desamarras. E assim espero que possa ser, que possa transparecer. No caminho da escrita, muitas vezes não encontrei uma possibilidade de retorno. Uma busca ao que esqueci ou que não me ative, ao que passou e não percebi, ao que ficou para trás, propositalmente ou não. Entendo

ao final desta escrita que o que faço é fruto do que foi experenciado, do que pode ser feito. Esse texto diz sobre mim, faz o leitor conhecer-me em minhas linhas e entrelinhas. Conhecer-me ou perder-se em minhas ideias. Perder e achar-se novamente. Um confronto, uma busca, uma aproximação.

Nesse caminho de aproximação com os sujeitos da minha pesquisa, percebi que as ações ocorriam em forma de ativismo utilizando aportes do contexto do digital conectado em rede como potência. Era a forma de interlocução que eles buscam através da relação daquele que está presente nas ocupações junto aqueles que navegam pelas interfaces de suas páginas.

Essa forma de ação dialoga com o que Castells (2013) define como comunicação. Esse processo, segundo ele, constitui um compartilhamento onde a troca de informações opera com o objetivo de partilhar significado. Esse processo de produção social de significado encontra no espaço público a possibilidade de comunicação socializada.

Buscando compreender essa relação de interações entre os sujeitos envolvidos com seus artefatos tecnológicos, relacionando seus usos às práticas vistas nas ocupações, percebi que os diálogos construídos com os jovens e as ações realizadas mediadas pelo digital em rede são ações desenvolvidas por pessoas que não estão de um 'outro lado'. Elas permeiam os ambientes em que as ações se dão. O artefato utilizado pelos sujeitos é um dispositivo que se mantém nas mãos dos jovens para que realizem suas interações em rede.

Nesse contexto, a investigação aqui presente, se pauta em um entendimento nas relações que se dão num composto homogêneo. Ao realizar ações através da rede, o indivíduo não se virtualiza. Ele é o mesmo sujeito que estabelece uma interação face a face. O que muda nesse contexto é o ambiente onde a ação ocorre. Tendo essa noção em mente, mesclando as ações observadas nas redes digitais atreladas ao contexto de escuta das experiências dos jovens na escola, realizei o do caminho da pesquisa. A pesquisa narrativa midiativista imagéticas desenhada nesta tese buscou compreender, a partir dos estudos da cultura visual e interações em redes digitais, as temáticas das visualidades produzidas/compartilhadas pelos jovens nas ocupações.

Registrando e publicando as imagens os jovens teciam suas narrativas em uma perspectiva de pensar no registro como uma forma de guardar a história, de tomada de ação a partir de suas publicações. Um jovem de uma ocupação traz esse relato dizendo que "as imagens trazem as histórias... os retratos". O que esse retrato destacaria? O retrato como que anuncia uma ação ocorrida. Congelada, ela retrata um pedaço daquela ação processada. Muito tem a dizer seus atores. Muito tem a imaginar quem as vê.

A cultura visual aqui é entendida como uma relação nossa com as imagens e estas, por sua vez, afetam e constroem as "percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, influenciando nossas ações" (SERVIO, 2014). Essa relação foi estudada e focada em nossa pesquisa.

Os temas trazidos a partir das análises das páginas das escolas ocupadas estabeleciam narrativas que contavam o que acontecia nas ocupações. As escutas que realizava nos eventos abertos me ajudaram a compreender as visualidades construídas no movimento. A visualidade compreendida como o entendimento do contexto que envolve o que estamos vendo.

Nesse enredamento, os temas das visualidades se mostravam abrangentes. O primeiro deles, os cartazes feitos com materiais que são utilizados cotidianamente na escola são elementos riquíssimos e muito utilizados nas ocupações através de uma articulação direta chamando atenção para as demandas do movimento. De diversas formas e formatos os cartazes apareciam em todas as páginas das ocupações. Eles eram fotografados e publicados nas páginas. Os jovens chamavam a atenção para esse artefato como um poderoso recurso utilizado em passeatas, nas escolas ocupadas e diferentes atos realizados por eles. Como um dos jovens trouxe em um diálogo e já trazido aqui no capítulo de análise, o simples fato de afixar um cartaz em uma parede já é uma forma de protesto.

Além de protestar, os jovens buscam ainda, através desse artefato, informar os ocupantes e pessoas interessadas na ocupação sobre determinado assunto além de marcar visualidades identitárias nesse processo. Conforme eles realizavam os cartazes, eles personalizavam a seus estilos identificando a ocupação à qual faziam parte e, ainda, demonstravam os aspectos que caracterizavam a juventude localizada naquele lugar, naquela época em sua pluralidade e diversidade.

Seus desejos, emoções e anseios também puderam ser vistos nessas relações. O carinho pela escola que eles estavam ocupando, a relação que eles buscavam estabelecer de respeito mútuo, a maneira de se organizar, os pensamentos que se expressam em textos escritos, reflexões que visavam tensionar questões, as citações de escritores que eles admiravam, os desenhos animados que assistiam e reproduziam inscritos à mão, tudo isso pôde ser encontrado nesses cartazes publicados nas páginas.

Nessas visualidades que ali se desenhavam, percebo debates sobre a legitimidade de suas ações, a questão da menoridade, as ações desempenhadas por eles mesmos, 'sozinhos' nesse processo e o apartidarismo em suas ações. Essa relação era percebida nas falas dos jovens e nas inscrições que se revelavam nessas formas de visualidades.

Nas oficinas eles demonstravam o caráter educativo das ações desenvolvidas no dia a dia do movimento. Produzindo e trocando saberes, os jovens participavam, organizavam e promoviam atividades as mais diversas culminando em um pensar sobre a possibilidade de transformação do contexto de práticas educativas. O conservadorismo presente no currículo que é desenhado para eles vinha se quebrando nessas ações que eles organizavam naquele momento. Uma nova agenda de possibilidades com novos coletivos construídos em uma ambiência de formação.

O espaço da escola sendo utilizado de forma diferente através de ações que são desenvolvidas para além das salas de aulas de diferentes formas. Salas de aulas que são transformadas em dormitório, cozinha, locais de armazenamento. Oficinas realizadas em quadras esportivas, pátios, corredores. A aula sendo ressignificada nesse contexto do movimento. Ações redesenhadas pelos jovens com movimentos articulados que encaram em diversas expressões, maneiras de formações que integram o escopo educativo. O tempo e o espaço são transformados. Aquele tempo de aula com duração cronometrada, aquela sala de aula como o lugar comum, corriqueiro deixam de fazer parte da rotina desses jovens.

Práticas nunca experimentadas, assuntos talvez jamais tratados e debatidos, pautas que são pensadas e elaboradas por eles. As barreiras, normatividades e as imposições são transpassadas. Os códigos e regras quebrados trazendo à tona as criações e recriações. Os pontos de vistas sendo ressaltados em sua diversidade e debatidos em coletivo. Os campos de conhecimento são atravessados, costurados, transpostos. Na prática as disciplinas tiveram uma função determinada rompida. Suas características tradicionais em que o conteúdo integra a pauta principal se esvaem dado lugar a conhecimentos múltiplos e entrecruzados.

A relação estabelecida entre professor e aluno acontece de forma diferente. Professores de outras unidades escolares, de universidades, pesquisadores, oficineiros, promovem encontros tratando de assuntos com temas variados nesses espaços. O movimento de ocupação sendo um momento de encontro entre diversas vozes que juntas almejam formar, trocar, dialogar através de um caráter transformador e criativo.

A autoria dos jovens encontra-se presente em todas essas ações. Produções artísticas como letras de músicas, poemas, pinturas, grafites, bem como revitalização de espaços organização de eventos, manutenção de hortas e tantas outras atividades. Abrindo o espaço da escola para atividades abertas e visitas, era possível ver essas ações sendo desempenhadas de

perto. Para além das barreiras geográficas, as narrativas estabelecidas em suas páginas contavam o percurso realizado por eles através dos canais digitais.

As ocupações secundaristas tinham uma semelhança aos movimentos acontecidos anteriormente em diversas regiões do mundo. São movimentos que se inspiram em outros acontecimentos e situações como no caso da primeira ocupação estudantil ocorrida em São Paulo em que os ocupantes assumem terem se inspirado na Revolta dos Pinguins que ocorreu no Chile. Realizando aproximações, veremos que eles se assemelham em aspectos como os apontados por Castells (2013) em sua obra Redes de Indignação e Esperança e trazidos aqui no decorrer deste texto.

No decorrer da escrita desta tese, muito temos visto e ouvido através de mídias, documentários, estudos científicos e outros meios sobre as dimensões que atravessaram esses movimentos. Como nas jornadas de Junho, em 2013, no calor das emoções, dentre as inúmeras chamadas para a população ir até as ruas reivindicar pautas as mais diversas. Passado algum tempo do movimento ocorrido talvez possamos compreender melhor e juntar os fatos sobre os rumos que vão sendo desenhados nessa trajetória.

As ocupações estudantis parecem ter feito parte de uma grande onda marcado por um período de inquietações e reivindicações. No Rio de Janeiro tendo seu início após estourar a greve dos professores do Estado (que durou cinco meses, a maior realizada pela categoria) as ocupações marcaram a história dos movimentos estudantis no Brasil. O maior movimento de ocupação estudantil secundarista. Uma itinerância que não surge do nada, que tem história, caminho formada por indivíduos e coletivos. Uma história que se liga a outras histórias e que inspira novas demandas, novos anseios em busca de transformações.

Além de se relacionarem a outras ações estudantis, as ocupações também dialogavam, por suas características, com os movimentos sociais narrados anteriormente no capítulo dois. Estes, por sua vez, se relacionam a outras ações ocorridas em outros contextos históricos. Quando realizamos uma busca sobre cada movimento, percebemos que eles se relacionam em suas características sócio-políticas. O ponto está no entrelaçamento dos nós que não se fazem de maneira autônoma. O grafo contido na figura dezoito, apresentado no capítulo quatro, revela essa relação de correlação. Os acontecimentos estão interligados e os fatos estão atravessadas de histórias e trafegam por caminhos que cruzam por pessoas e locais.

As ações tomadas pelos indivíduos não são neutras. Elas são transpassadas de saberes, de seres, quereres. Os jovens, nesse movimento, reconhecem a importância da troca através da

comunidade que eles promoveram. Uma troca de saberes que os permite pensar na potência das ações. Pensar nas vozes que precisam ecoar. Um movimento que está para além do espaço da escola. Movimento que atravessa seus muros reverberando reivindicações, expondo suas demandas.

O movimento veio a fortalecer o Grêmio estudantil. A discussão sobre as características do Grêmio, a importância de uma representação formalizada para atuação constante nas escolas se tornou um tema que perpassou pelas ocupações. Podemos pensar que as ocupações invocaram um novo ritmo àqueles ocupantes, um ritmo que não pode se dar apenas no espaço físico da escola, mas deve estar presente e atuante nas redes. As atividades da escola nem sempre eram vistas nas redes antes das ocupações e, muitas passaram a ser vistas depois.

Em suas palavras, alguns jovens disseram que não faziam sequer ideia de qual seria a necessidade de um Grêmio Estudantil. As ações realizadas ali, na ocupação, a partir de um movimento crescente e que vinha se propagando pelas escolas do país, estabeleceram uma nova conexão entre a atuação dos jovens naquele espaço escolar.

O contato era realizado entre as escolas ocupadas como forma de manter uma central única de diálogo, troca de informações e rede de apoio. Essa relação era de extrema importância, já que, através da unidade o coletivo se constrói e vice-versa. Essa relação é a base para o movimento de ocupação. Encontramos essa rede que se constrói em um movimento interconectado que possui características que se assemelham, mas com suas especificidades.

O encontro com a diferença foi outra questão que os jovens viveram com intensidade nesse período. Marcadamente, a escola é um lugar onde os indivíduos se encontram em sua diversidade. No caso da ocupação, essa diferença é vivida de forma mais forte. No dia a dia da escola, os jovens permanecem algumas horas no local, convivem, dialogam no intervalo das aulas, assistem aulas, trocam experiências em sala e após o término das aulas, eles em geral retornam para suas residências e voltam à escola no dia seguinte.

No convívio da escola não é difícil encontrarmos os agrupamentos por afinidades e gostos, ainda que esse convívio não se restrinja aos mesmos grupos. O trânsito, em uma situação cotidiana escolar, torna-se diferente do contato diário que eles possuem entre eles no dia a dia das ocupações. A ocupação como uma casa, com diversas demandas a serem executadas, cada indivíduo com suas maneiras, culturas, formas de convívio que muitos estavam acostumados a ter com a família e que é ressignificada nessa nova forma de convivência. Coabitar com o outro, o diferente, sim, ainda jovens. Essa relação trouxe com eles um desafio que se somava ainda às

ideias e ideais que cada um tinha acerca do momento que eles estavam passando. Suas demandas individuais e coletivas deveriam dialogar nesse convívio.

A militância desses jovens se fazia, durante todo o processo de ocupação, através de atividades artísticas como forma de manifestação. A diversidade sendo pensada por todos e todas nesses espaços dialogando com questões identitárias e seus diferentes atores sociais. As imagens ocuparam esses cotidianos com seus relatos. Um repositório onde várias imagens compuseram o narrar de suas ações.

Assim como presenciamos as cenas urbanas em nosso dia a dia atravessadas por pessoas com suas telas e câmeras conectadas produzindo novas imagens. Uma imagem de uma cena real sendo retratada de forma enquadrada com seus diferentes modos de olhar em telas as mais diversas. Essas imagens fazem parte desse transcurso viabilizando novas formas de ver/ registrar/olhar/codificar/interpretar as nossas vivências. Assim era o dia a dia dessas ocupações: um convívio que se fazia relacionado às suas culturas de imagens digitais conectadas.

Nessa ambiência formativa que foi sendo construída nas visitas que realizei às ocupações, percebia que quando os jovens tinham a oportunidade de se expressar em muros, paredes, folhas de caderno, mesa, quadro, faixas, portas de banheiro, lixeiras e outros recursos, eles exteriorizavam, através de inscrições características da juventude, seus anseios, desejos e impulsionamentos.

Grafites, desenhos, riscos, rabiscos, pichações, cores, recortes e formas fazem parte desse cotidiano de expressões desses jovens. Quantas vezes visualizamos essas manifestações inscritas nos mais diversos locais públicos que frequentamos dentro ou fora da escola? Na verdade, esse dentro e fora da escola se misturam em uma realidade que não dissocia o que está ou não dentro de seus muros. Como os dispositivos portáteis que esses jovens utilizam cotidianamente. As barreiras, ou os muros, são sim, também, transponíveis nesse cenário. Eles carregam consigo essas experiências e subvertem as proibições.

A situação de pandemia atual, que estamos passando ao término desta escrita em 2020, traz uma nova discussão que nos faz pensar em toda essa preocupação que tínhamos com a utilização desses artefatos no cotidiano escolar. Na situação da ocupação e da pandemia, essa dicotomia proibição/permissão, dispositivo vilão/mocinho tem uma grande oportunidade de ser repensada no cotidiano educativo da escola. Como pensar o uso do dispositivo dentro destas perspectivas? Que situações novas/velhas ou não encaradas elas nos trazem? Como as visualidades são pensadas nesse processo do digital em rede de forma a problematizar diversas

questões que podem visibilizar/invisibilizar o sujeito, uma prática, uma situação de troca/aprendizagem?

Essas situações 'atípicas' as quais venho pensando no decorrer da escrita desta tese sobre a escola, seus espaços, seus muros (visíveis e invisíveis) me fez e eu convido o leitor a pensar sobre as inquietações que ela pode provocar em nós educadores. Percebi a questão da invisibilidade de algumas imagens registradas que não eram publicadas. Imagens que percebia nas idas às ocupações e que por algum motivo não eram divulgadas. Conteúdos retirados da rede. Páginas que foram apagadas. O que esse silêncio pode nos revelar? Que relações essas imagens outras estabelecem, engendram para esses jovens? Que percepções eles possuem sobre elas? O que ver? Quem pode ver? O que visibilizar e invisibilizar nas escolhas que entrarão nas postagens? Ao que dar destaque? Essas são questões que surgiram enquanto tecia esta escrita e que ainda me pergunto.

Temas diversos perfazem as narrativas dos jovens. Nas visualidades encontramos temas como diversidade, feminismo, combate à homofobia, gordofobia, conversas sobre machismo e patriarcado, identidade, entre outras. As ocupações tratavam de questões que englobavam diversos 'dilemas'. O espaço da escola ocupado se revela em visibilidades e que irá ser compreendida a depender dos olhos de quem a vê, da situação em que se esteja inserido, e das escolhas das situações a serem narradas nas páginas do *Facebook*.

Escolher o que deve ou não ser mostrado atravessa o olhar daquele que registra, que está com o dispositivo em mãos. O compartilhamento poderá reduzir ainda mais a seleção destas visualidades. Os canais os quais as imagens são compartilhadas e narradas também irão influenciar nessa seleção que passa pela questão do que pode ser ou não visto e/ou invisibilizado. Essa escolha passa por condições que são estruturais em nossa sociedade.

Uma imagem, pode causar uma grande inquietação. Há a questão do impacto por conta de estigmas e convenções sociais que permitem que uma imagem seja vista. Essa situação influencia na tomada de decisão do que se pode expor. O que fica de fora nesse processo existe e acontece, mas ao mesmo tempo não ela é inexistente por conta desse processo de invisibilização.

Inúmeros aspectos edificam essa condição/situação/opção/questão do olhar e do que é visto. O que se escolher ver e mostrar engloba aspectos que exprimem desejo, repulsa, vergonha, anseio, estigma, preconceito, entre outros. Uma determinada ação mostrada pelos

jovens que poderia exprimir, aos seus olhos situações cotidianas, pode soar estranho, duvidoso, estigmatizado pelo outro que assiste/interpreta essa visualidade.

A visualidade, assim, está para além do que os olhos veem (MIRZOEFF, 2013). Ela é interpretada, narrada, discutida, pensada, invocada e sentida. Ela perpassa por todo um constructo social e histórico que a envolve. Uma imagem não é a-histórica e a-social.

Dessa forma, as escolhas das imagens feitas pelos jovens das ocupações a serem publicadas, como bem pude ter a experiência quando estive, por exemplo, na atividade de oficina de grafite na ocupação C, revelam as ambivalências que elas possuem ao serem interpretadas. Mais do que o registro de uma imagem. Mais do que um compartilhamento. Mais do que a escolha aleatória de um canal de comunicação.

Esse canal, no caso, o escolhido a ser o canal oficial de comunicação, o *Facebook*, não por acaso foi selecionado. Era uma interface, na época em 2016, em potencial para que as visibilidades pudessem surtir um efeito que eles desejavam ao publicar as imagens. Ou seja, uma escolha que não foi aleatória. Houve uma intencionalidade. Assim como as imagens que eles compartilhavam em outras interfaces como *WhatsApp*, *Instagram* e outras. A escolha dependia do nível de interação, visualização que eles buscavam. Entre eles em pares, em grupos fechados, entre os amigos da rede ou públicas. A quantidade de pessoas que iriam buscar aquele espaço como forma de observar essas narrativas e a interação que poderia ser feita.

O que eu percebia como potencial a ser apresentado nas páginas quando ia até as ocupações, como atividades, ações e outras situações, aos olhos deles não era, por vezes, sequer pensado, ou até refletido, mas escolhido por diversas situações já citadas aqui permanecer apenas como registro sem visibilidade. A partir desse movimento, como pensar na escola como uma instância formativa que integre as necessidades dos jovens? Como pensar as visualidades que atravessam a escola?

Este espaço por onde muitos de nós estivemos presentes, onde partilhamos hábitos e costumes por um bom período de nossas vidas, tornou-se local de ação e participação embalados por uma autogestão onde novas maneiras de fazer política se fizeram presentes. Através do movimento de ocupação, os estudantes expressavam suas indignações e revoltas como forma de protesto.

Percorrer algumas ocupações em atividades realizadas foi de grande valia para minha pesquisa e me fizeram repensar na direção em que deveria seguir. Os caminhos não se apresentaram de maneira fácil. Através das narrativas que ainda se encontram em algumas

páginas, percebo que o movimento não acabou com o término da ocupação. Outros desdobramentos e ações vem sendo desempenhadas.

O processo de escuta, o silêncio, o vazio, os sentimentos que se mesclaram foram necessários para que eu pudesse enxergar em uma rua sem saída, na verdade, uma imensa estrada que estaria interligada a diversas outras. O caminho a percorrer, só eu poderia decidir.

Nesse trajeto, percebi que nem todos os jovens possuíam um aparato tecnológico com acesso à rede para manter-se on-line e nem por isso deixavam de estar conectados. Descobri que eles se revezam em suas interações on-line através de aparelhos de colegas e de familiares. Quais são as formas de conexão existentes?

Como disse no início deste texto, percebi uma crescente demanda por uso de diversos e diferentes recursos tecnológicos interligados à rede de Internet que os possibilitava desempenhar diversas ações. Porém, nesse caminho, encontrei também descompassos em relação à universalização dessa utilização. Ela não se dá de forma unânime e tão pouco sem tensões.

O acesso a esses recursos ainda é muito custoso e se observarmos o contexto dos jovens em que se dá essa pesquisa, um contexto de escola pública situada em região periférica, essa relação se dá de forma tênue. Como eles mesmo afirmam, em suas falas, não é um artefato que todos possuíam.

Observei nas ocupações estudantis que tomaram conta do país em quase dois anos, um decurso que demonstra uma participação e engajamento dos jovens com o coletivo. Movimentos organizados pelos jovens que se engendravam longe dos partidos políticos na tomada de decisões, uma desconfiança da mídia, uma não existência de lideranças e uma organização não formal. Essas e outras considerações se fizeram presentes nas ocupações das escolas. Além disso, o combate às notícias falsas e ainda a percepção de discursos negacionista engendradas pela atual chamadas 'pós-verdade' 158.

Uma ação engendrada nas imagens como forma de propulsão no movimento. Um narrar que não se resume ao uso de uma linguagem verbalizada. A imagem, antes por mim pensada

_

¹⁵⁸ Escolhida a palavra do ano em 2016 pela revista Oxford, a pós-verdade trata-se de um "adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais. Nos jornais de grande circulação, sua publicação passou a ser recorrente em notícias para significar eventos ligados ao debate político. Os fatos, a comprovação de dados e estatísticas teriam pouca influência na formulação do sentido e na interpretação dos leitores e de eleitores". (SIEBERT & PEREIRA, 2020, p. 241)

como uma fotografia, um meme, um desenho ou um grafite transborda em um complexo de composição onde gráficos, textos, prints, e todo o aparato que os olhos se fixam, enxerga e interpreta perfazem uma cultura do visual.

Todos esses movimentos realizados pelos jovens no decorrer desta pesquisa constroem o que venho a chamar de **narrativas midiativistas imagéticas**. Esse termo busca abarcar as narrativas que se utilizam das imagens compondo diferentes linguagens que a contextualiza de maneira ativista e atreladas às mídias digitais. Esse movimento como diversos outros que ocorreram em todo o mundo demonstrou o estabelecimento de uma

conexão entre mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional que se tornou possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano (CASTELLS, 2013, p. 56).

Assim como as páginas que se criam e se excluem; os navegantes que aparecem e não as visitam mais; os jovens que incialmente ocupam e desistem de fazê-lo, pode-se pensar em uma fagulha que se acende como um ato impulsivo onde diversas imagens se propagam nas páginas dessas ocupações e, algumas delas, resistem e convocam novos rumos e novos universos formativos.

Em consonância com um grupo, ou através de uma escolha mais individualizada, esses recortes podem realçar, nessas trocas, a profundeza de mostrar o que acontece naquele espaço, através de imagens, vídeos, textos e outras linguagens, do estar ali participando, daquele que está presente, engajado na luta. E revela ainda uma expressão por "desejos de partilha, de expressão e de participação, oferecendo uma imagem menos redutora do indivíduo contemporâneo comparado ao consumidor fanático" (Ibid., p. 79). Estas ações implicariam, desse modo, em 'interações múltiplas' (Ibid.), onde a busca por expressão e participação se apresentam na rede. Nas palavras de Sibilia, esses jovens estariam lutando para adquirir

novas armas, ou seja, estratégias capazes de opor resistência aos cada vez mais ardilosos dispositivos de poder, criando interferências ou "vacúolos de não-comunicação, interruptores", na tentativa de abrir o caminho do possível para desenvolver formas inovadoras – e mais libertárias - de ser e estar no mundo (2016, p. 17).

Ancorando-se através da Internet para estabelecer comunicação, os jovens não apenas comunicavam-se entre si, mas expunham imagens, elaboravam denúncias, realizavam assembleias para debates em coletivos, tomada de decisões em relação aos próximos passos sobre aquele espaço que eles estavam ocupando. A *hashtag* (#) #ocupa aparece em diversas imagens trazidas. Além dessa o #ocupatudo e #ocupesuaescola aparecem também nas

visualidades. O ocupar sendo narrado através de uma *hashtag* está atrelada ao potencial do uso de mídias digitais on-line em sua composição.

As ocupações seguem caminhos outros. Elas se desdobram em diferentes ações. Como disse no decorrer desse texto, o movimento de ocupação ocorreu paralelo à outras ações como passeatas, atos, assembleias, cartazes pendurados pela cidade, protestos, agremiações, debates sobre gênero, democracia, raça e feminismo, eventos na escola e, todos eles utilizando os aportes do contexto digital. Como todo ciclo que se encerra para que outros possam começar ou dar continuidade aos que já se foram, finalizo a escrita deste texto com uma música e com as imagens publicadas pelos ocupantes nas páginas A, B e C respectivamente¹⁵⁹. Resistir, lutar, perseverar, SEMPRE!!!

O Trono do Estudar

Ninguém tira o trono do estudar Ninguém é o dono do que a vida dá

Ninguém tira o trono do estudar Ninguém é o dono do que a vida dá E nem me colocando numa jaula Porque sala de aula essa jaula vai virar E nem me colocando numa jaula Porque sala de aula essa jaula vai virar

A vida deu os muitos anos da estrutura Do humano à procura do que Deus não respondeu Deu a história, a ciência, arquitetura Deu a arte, deu a cura e a cultura pra quem leu Depois de tudo até chegar neste momento me negar Conhecimento é me negar o que é meu

Não venha agora fazer furo em meu futuro Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu Vocês vão ter que acostumar

> Ninguém tira o trono do estudar Ninguém é o dono do que a vida dá

Ninguém tira o trono do estudar Ninguém é o dono do que a vida dá E nem me colocando numa jaula Porque sala de aula essa jaula vai virar

_

¹⁵⁹ Imagens retiradas das páginas das escolas pesquisadas.

E nem me colocando numa jaula Porque sala de aula essa jaula vai virar

E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo E perder o sono mesmo pra lutar pelo o que é seu Que neste trono todo ser humano é rei Seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu Pra ter escolha, tem que ter escola Ninguém quer esmola, e isso ninguém pode negar Nem a lei, nem estado, nem turista, nem palácio Nem artista, nem polícia militar Vocês vão ter que engolir e se entregar Ninguém tira o trono do estudar Dani Black

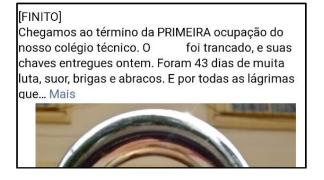
Figura 70 - Agradecimento dos alunos da ocupação A

Viemos aqui agradecer a todos aqueles que tem manifestado apoio ao Ocupa

Temos recebido a visita de artistas, grupos de teatro, estudantes de universidade, mídias alternativas, coletivos comunitários, pais e mães de alunos da escola, moradores do bairro, entre muitos outros! Todos tem trazido doações e procurado nos apoiar nas atividades!

É muito bonito ver que a luta pela escola pública está mobilizando tanta gente nesse Rio de Janeiro!

Figura 71 - Agradecimento dos alunos da ocupação B



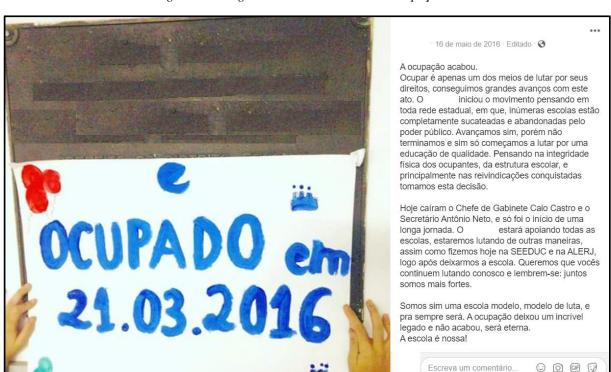


Figura 7264- Agradecimento dos alunos da ocupação C

REFERÊNCIAS:

AGUIERRE, Imanol. Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, p. 291-320, 2013.

ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, David. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, p. 31-39, 2012.

ALVES, Teresa Costa. Média, movimentos sociais e democracia participativa: As mensagens políticas nos cartazes da manifestação de 15 de setembro de 2012. **Estudos em Comunicação**, Lisboa, n. 14, p. 123-136, dez. 2013. Disponível em:

http://www.ec.ubi.pt/ec/14/pdf/EC14-2013Dez-06.pdf> Acesso em 02 mar. 2020.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818> Acesso em 10 mar. 2019.

_____. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da escola de Comunicação**, Curitiba, n. 06, p.1-12, 2008. Disponível em: http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/viewFi le/60/59> Acesso em 26 ago. 2017

ARAÚJO, Camila; PAULA, Silas de. Cultura Visual e Imagens do Cotidiano. **Passagens**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1 – 9, 2010. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/1161 Acesso em 07 nov. 2018.

ARAUJO, Marcelo Castañeda de. **Ambientalização e politização do consumo e da vida cotidiana**: uma etnografia das práticas de compra de alimentos orgânicos em Nova Friburgo/RJ. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado) — CPDA/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010. Disponível em:

https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/tede/611/1/Marcelo%20Castaneda%20de%20Araujo.pdf Acesso 25 dez 2017.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares** – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BERINO, Aristóteles. A escola vivida no YouTube: Imagens, presenças e fulgurações juvenis. In: VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs). **Educação e audiovisualidades**. Curitiba: Appris, 2018. p. 159-172, 2018.

BRAIHI, Antonio Augusto; CÂMARA, Marco Tulio. O que é midiativismo: uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antonio Augusto; LESSA, Claudio Humberto; CÂMARA, Marco Tulio (Orgs.). **Interfaces do midiativismo**. Belo Horizonte: CEFET – MG, p. 25-42, 2018. Disponível em: https://interfacesdomidiativismo.wordpress.com/> Acesso em 02 ago. 2018.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Revista Educação e Sociedade**, v. 35, n. 129, p. 1223-1240, 2014.

Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01223.pdf Acesso em 24 jul. 2018.

BRUNO, Adriana; COUTO, João Luiz Peçanha. Culturas contemporâneas: o digital e o ciber em relação. **Revista Educação e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 43, v. 16, 2019. Disponível em: http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/5848> Acesos em 16 nov. 2018.

CAMPOS, Ricardo. A pixelização dos muros: grafitti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 543-566, mai./ago. 2012. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12338 Acesso em 07 dez 2019.

______. **Introdução à Cultura Visual**: abordagens e metodologias em Ciências Sociais. 1 ed. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.

______. Identidade, imagem e representação na metrópole. In: **Uma cidade de imagens**. 1 ed. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

_____. A cultura Visual e o olhar antropológico. **Revista Visualidades**, Goiânia, v. 10, n.1,

< https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083 > Acesso em 12 nov. 2019.

p. 17-37, jan./jun., 2012. Disponível em:

_____. Juventudes e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Revista Sociologia, problemas e práticas**, n. 63, p. 11-17, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292010000200007> Acesso em 08 jan. 2020.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A participação social e política dos jovens no Brasil. **Revista O social em questão**, v. 15, n. 27, p. 83-100, 2012. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf> Acesso em 10 nov. 2019.

_____. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **Revista O social em questão**, Rio de Janeiro, n. 27, v. 15, 2012. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf> Acesso em 06 mar 2019.

CARNEIRO, Barbara. A revolta dos pinguins. **Revista Capitolina**, 2015. Disponível em: http://www.revistacapitolina.com.br/a-revolta-dos-pinguins/> Acesso em 05 fev. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da Internet. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CETIC BR. **TIC Kids On-line Brasil 2015**. Disponível em: < http://cetic.br/tics/kidson-line/2015/criancas/C1/ Acesso em 10 jan. 2018.

CHARLOT, B. Da relação com o saber. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CORREIA, Rafaela; ALPERSTEDT, Graziela Dias; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. O uso do método Netnográfico na Pós-Graduação em administração no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, v. 19, n. 47, p. 163-175, abr. 2017. Disponível em: http://coloquioepistemologia.com.br/site/wp-content/uploads/2017/04/ANE-2020.pdf Acesso em 26 ago. 2017.

COSTA, Alice Maria; COLACIQUE, Rachel; OLIVEIRA, Valeria de. Do Ciberativismo às produções autorais: as pessoas com deficiências sensoriais estão nas redes sociais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa; OSWALD, Maria Luíza; COUTO, Edvaldo (Orgs.). **Pesquisa e Mobilidade na Cibercultura**, v. 1. Salvador: EDUFBA, p. 227-252, 2015. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19293/1/Pesquisa%20e%20mobilidade%20repositorio.pdf> Acesso em 24 fev. 2018.

CRARY, Jonathan. 24/7 **Capitalismo tardio e os fins do sono**. 2 ed. São Paulo: Ubu Editora, 2016, Kindle Edition.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura visual e infância. In: **Reunião da ANPED**. 31., Caxambu. Anais. p. 102-132, 2008. Disponível em: https://www.ufrgs.br/gein/wp-content/uploads/2016/10/Cultura-visual-e-infancia.pdf > Acesso em 25 ago. 2018.

ESCOBAR, AUTURO. Bem-vindos à cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean; Rifiotis, Theophilos (Orgs.) **Políticas Etnográficas no campo da Cibercultura**. Joinville: Editora Letradágua, p. 21-66, 2016. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Cibercultura.pdf> Acesso em 20 ago. 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2° sem. 2009.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista Famecos,** Porto Alegre, n. 1, p. 163-178, 2013. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/13640 Acesso em 02 fev. 2018.

FILÉ, Valter. Novas Tecnologias, Antigas Estruturas de produção de desigualdades. In: FREIRE, Wendel (Org.). **Tecnologia e Educação**: as mídias na prática docente. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

FILÉ, Valter. **Imagens, formação de professores e relações etnicorraciais**. In: Endipe: UECE. (ebook) 2014. Disponível em: http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/276%20IMAGENS,%20FORMA%C3%87%C3%87%C3%95ES%20ETNICORRACIAIS.pdf Acesso em 20 jul. 2020.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversas sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora-pesquisadora** – uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1973.

GOEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: A formação do professor como profissional reflexivo. In: NOVOA, Antonio (Org.). **Os professores e sua formação**. 2 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, v. 13, n. 2, mai./ago. 2016. Disponível em:

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/22253/1417
6> Acesso em 25 set. 2018.

GOMES, C.; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447. Mai./Ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf Acesso em 05 out. 2019.

HAMANN, Cristiano *et al.* Movimentos de ocupação urbana: uma integração teórica através do conceito de happening. **Revista Diálogo**, Canoas, n. 23, p. 19–33, 2013. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/929 Acesso em 12 jan. 2018.

HERNANDÉZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, p. 77-95, 2013.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a Internet: transformações e novos desafios. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 167-173, jul./dez. 2015. Disponível em: www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/856/638> Acesso em 26 ago. 2017.

hooks, bell. Olhares negros, raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

JANUÁRIO, Adriano *et al.* As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro**, São Paulo, v. 9, p. 1-26, abr. 2016. Disponível em:<http://www.revistafevereiro.com/pdf/9/12.pdf>Acesso em 15 jan. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo quotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Revista Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 49-75, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/03.pdf Acesso em 20 jul. 2020.

LAPA, Andrea; GIRARDELLO, Gilka. Gestão em rede na primavera secundarista. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (Orgs.). **Whatsapp e Educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador: Ilhéus: Edufba, Editus, p. 29-49, 2017.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da Internet. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, F. R. B. **O graffiti como patrimônio cultural material**. 2018. 113 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências/ Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/lima_frb_do_mar.pdf> Acesso em 02 set. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MAGALHÃES, José Antonio Rego. Notas sobre as ocupações escolares de São Paulo como manifestações de uma outra educação possível. In: SANTOS, Joana Ribeiro dos; ROSA, Rebeca Brandão (Orgs.). **Ativismo, movimentos sociais e educação**. Rio de Janeiro: Dicto, p. 223-252, 2017.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A Internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARQUES, Sandra C; CAMPOS, Ricardo. Políticas de Visualidade, práticas visuais e a construção de espaços de imaginação. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Lisboa, n. 2, v. 5, p. 5-10, 2017. Disponível em: https://journals.openedition.org/cadernosaa/1250> Acesso em 25 abr. 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. What is visual culture? In: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **The visual Culture Reader**. London: Routledge, p. 3-14, 1998.

An Introduction to Visual Culture . New York: Routledge, 1999
--

Que es la cultura visual? In: MIRZOEFF, Nicholas. Una introducion a la cult visual. Barcelona: Paidós, p. 17-61, 2003.	tura
How to see the world . 8 ed. Penguin Books, 2015. Kindle Edition.	
O direito a olhar. ETD – Educação Temática Digital. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315060754 O direito a olhar Acesso em 04 fev. 2019.	
MONTARDO, Sandra Portella; ROCHA, Paula Jung. Netnografia: Incursões metodológic na cibercultura. Revista E-compós , Brasília, v. 4, p. 1-22, dez./2005. Disponível em: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro200:ula_sandra.pdf > Acesso em 26 ago. 2017.	

NERY, Sarah. #Ocupa: uma experiência educativa. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

NOGUEIRA, Isabel Porto. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.5, n.2, p.1-20, 2017. Disponível em: http://vortex.unespar.edu.br/nogueira v5 n2.pdf> Acesso em 25 mar. 2018.

PAULA, Lucília Augusta Lino de. Movimento estudantil e cultura: a ocupação do MEC. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação**. 2., Anais, p. 1-12, 2004. Disponível em: http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/136.pdf Acesso em 19 dez 2019

PESCHANSKI, João Alexandre. Os "ocupas" e a desigualdade econômica. In: HARVEY, David. *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, p. 27-31, 2012.

PERUZZO, Cicilia. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHT, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, p. 43-61, 2018.

PLA, Alfred Porres. Conversações na aula de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em educação**. Editora UFSM: Santa Maria, p. 154-178, 2013.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia?

Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. Esferas, Brasília, n. 3, p. 61-17, jul./dez. 2013. Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf Acesso em 03 out. 2019.

PRETTO, Nelson. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 305-316, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a15.pdf Acesso em 02 nov. 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Flavia Nizia da Fonseca; PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo; MAMEDE-NEVES, Maria Apparecida Campos. Jovens em jogo: jogando para construir e refletir. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 17, set./ dez. 2015. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4515> Acesso em 25 jul. 2018.

ROLNIK, Raquel. Apresentação – As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1 ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, p. 7-13, 2013.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educative. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 128, maio/ago, p. 451-472, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf Acesso em 02 nov. 2018.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.) **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. 1 ed. Brasília: Editora ABA, 2016. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Cibercultura.pdf Acesso em 03 dez. 2017.

SERVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos de cultura visual. In: **Revista Digital do Lav**. Santa Maria, v. 7, n.2, p. 196-215, mai./ago.2014.

SIBILIA, Paula. O show do Eu. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020.

Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322020000200239> Acesso em 22 out. 2020.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Rogério Paulo Batista da. **A imagem como representação do mundo e objeto de uma arqueologia visual**. 2013. Disponível em:

https://www.academia.edu/5489646/A Imagem como representa%C3%A7%C3%A3o do Mundo_e_objecto_de_uma_Arqueologia_Visual> Acesso em 25 ago. 2019.

SILVA, Michele Santos da. Ciberativismo nas redes sociais no contexto latinoamericano: um estudo sobre o movimento argentino 8N. **Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. 9. Curitiba, Anais, 2013. Disponível em: http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/10/Ciberativismo-nas-redes-sociais-no-contexto-latinoamericano.pdf Acesso em 01 fev. 2018.

SODRE, Muniz. Prefácio. In: Interfaces do midiativismo. BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 21-23. Disponível em: https://interfacesdomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/e-book-interfaces-domidiativismo1.pdf Acesso em 23 jan. 2019.

SONTAG, Susan. **Na caverna de Platão**. In: Sobre Fotografia. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-35, 2004.

TORRES, Cláudio. A bíblia do marketing digital. São Paulo: Editora Novatec, 2009.

WEISSBÖCK, Lara Pires. A difusão informacional no ciberespaço e as mudanças paradigmáticas educacionais na era digital: um estudo sobre a Web 2.0. **Congresso Nacional de Educação** – EDUCERE. 10., Anais, p. 3796 -3809, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4444_2807.pdf Acesso em 04 fev. 2019.

Páginas do Facebook:

ADVOGADOS ATIVISTAS. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/ Acesso em 13 jan. 2017.

MAL EDUCADO. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/mal.educado.sp/> Acesso em 13 jan. 2017.

FABIO MALINI. Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/fabio.malini/posts/10153802878086151 Acesso em 10 jan. 2017.

MIDIA NINJA. Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/MidiaNINJA/about/?ref=page_internal Acesso em 13 jan. 2017

MALINI, F. A multiplicidade do Eu no #OcupaEscola. Disponível em:

https://medium.com/@fabiomalini/o-ecossistema-s%C3%B3cio-midi%C3%A1tico-do-ocupatudo-cf589a0781af#.yidghb786 Acesso em 02 jan. 2017.

MALINI, F. Ocupação. Disponível em:

https://medium.com/@EAtivismo/ocupa%C3%A7%C3%A3o-3255b14a56a5#.f1ohj28hh Acesso em 02 jan. 2017.

PASSE LIVRE. Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/passelivresp/about/?ref=page_internal Acesso em 02 jan. 2017.